

## AS PRIMEIRAS MISSÕES JESUÍTAS

*This is a MBS Library best viewed by Micro Book Studio.  
You may download it at*

<http://www.microbookstudio.com>

***René Fullop Muller***

- **SOB MIL**  
**MÁSCARAS**  
**DIVERSAS: A**  
**HISTÓRIA**  
**DAS**  
**PRIMEIRAS**  
**MISSÕES**  
**JESUÍTAS**

***Pero Rodrigues***

- **VIDA DO PADRE JOSÉ DE ANCHIETA.**

## René Fullop Muller

### SOB MIL MÁSCARAS DIVERSAS -A História das Primeiras Missões Jesuítas-

#### Índice Geral

COMERCIANTE COM O COMERCIANTE, SOLDADO  
COM O SOLDADO

ENTRE OS PESCADORES DE PÉROLAS E OS RAJÁS

O SONHO DE CHYNQUINQUO

JUNTO AO GRANDE VOO

“DEUS” CONTRA “DAIMITCHI”

DIANTE DAS PORTAS DA CHINA

JESUÍTAS COMO BRAHMANES E YOGIS

NA CORTE DO GRÃO-MOGOL

DA CERIMÔNIA DO CHÁ AO MARTÍRIO

PADRE RICI – DOUTOR LI

CONVERSÃO POR MEIO DE RELÓGIO E CALENDÁRIO

COMO PROFESSORES E DIPLOMATAS NA CORTE DE  
PEQUIM

A ORDEM DOS JARDINEIROS E PINTORES EXPEDITOS

**TRIUNFO DOS CHAFARIZES E DOS LEÕES  
MECÂNICOS**

**PROFANAÇÃO OU TOLERÂNCIA**

**O APOSTOLADO DOS ANZÓIS**

**OS AMIGOS DOS HOMENS DE COR**

**O ESTADO MUSICAL DOS JESUÍTAS**

**A DITADURA DA BRANDURA**

**OS PADRES COMO ESTRATEGISTAS**

**A UTOPIA NA FLORESTA VIRGEM**

- 
- ***Índice Anterior***

# VIDA DO PADRE JOSÉ DE ANCHIETA

ESCRITA POR PERO RODRIGUES, SEU CONTEMPORÂNEO

## Índice Geral

- LIVRO PRIMEIRO. DA VIDA DO PADRE JOSÉ DE ANCHIETA, DA COMPANHIA DE JESUS, QUINTO PROVINCIAL QUE FOI DA MESMACOMPANHIA NO ESTADO DO BRASIL
- LIVRO SEGUNDO. DAS VIRTUDES DO PADRE JOSÉ DE ANCHIETA
- LIVRO TERCEIRO. DO ESPÍRITO DE PROFECIA QUE PARECE QUE TEVE O PADRE JOSÉ DE ANCHIETA
- LIVRO QUARTO. DOS MILAGRES QUE DEUS OBROU PELO PADRE JOSÉ DE ANCHIETA

---

■ *Índice Anterior*



**René Fullop Muller**

**SOB MIL MÁSCARAS DIVERSAS  
-A História das Primeiras Missões Jesuítas-**

**COMERCIANTE COM O COMERCIANTE, SOLDADO COM O  
SOLDADO**

**De novo tiveram os romanos curiosos um pretexto para se precipitar nas ruas em grandes turbas; pois, em uma manhã da primavera do ano de 1515 movimentava-se um cortejo fantástico por sobre a ponte do castelo Santo Ângelo, ao longo da “ via real” do Borgo Nuovo, em direção ao Vaticano; mulas ajaezadas de brocado, dromedários de marcha oscilante, elefantes que levavam sobre seus dorsos panteras enraivecidas e toda uma cavalgata de magníficos corcéis, envoltos, das orelhas aos garrões, em pérolas luzentes. Uma multidão de fidalgos metidos em vestes suntuosas formava a cauda do cortejo, e, bem no meio deles cavalgava com a sua cabeça altaneira, os pés em estribos de ouro puro, o embaixador do rei de Portugal. Hoje a sua missão era entregar ao Santo Padre, em nome de seu soberano, esses tesouros e raridades do Império Índico recém conquistado, como testemunho dos sentimentos cristãos da corte de Lisboa.**

**Ainda muito tempo depois, quando os protestantes já haviam induzido inúmeras almas à separação da Igreja católica, quando chegavam da Alemanha, da Inglaterra e da Suécia notícias cada vez mais contristadoras sobre a perda de países inteiros com seus príncipes e sacerdotes, em Roma ainda recordavam com prazer essa procissão. Podiam os herejes luteranos ainda levar para o Inferno muitos transviados: em compensação lá na Índia longínqua florescia para a Igreja católica um novo império, muito maior do que a Europa toda junta.**

**Pois desde que as naus de Vasco da Gama, com grandes cruces vermelhas nas velas, haviam alcançado as costas da Índia, cada palmo que os navegantes portugueses conquistavam, tornava-se um pedaço de novo país católico; por toda a parte, junto com**

**um soldado, ia aparecendo também, dentro em breve, o sacerdote, afim de batizar os vencidos, e o solo que os conquistadores haviam arrebatado aos indígenas era imediatamente santificado pela ereção de igrejas.**

**No ano 30 do século XVI, a obra de cristianização da Índia começada iria ser continuada com forças duplicadas. Se até então dominicanos, franciscanos e padres seculares haviam pregado o Evangelho nas novas regiões coloniais, em compensação, o rei João III resolveu, agora, convencer o Papa de que devia mandar alguns homens da Companhia de Jesus recém em organização. O rei já por várias vezes ouvira louvar a atividade desses padres e nutria a esperança de que eles trabalhariam com zelo ainda maior do que os demais eclesiásticos na propagação do cristianismo entre os pagãos.**

**De fato, essa decisão do rei iria iniciar uma época inteiramente nova para a atividade missionária católica, mas também para a Sociedade de Jesus: aquilo que os jesuítas haviam realizado como pregadores apostólicos, fazia sombra a todos os sucessos das outras ordens missionárias, e, somente, graças à sua atuação nas missões, foi que a Sociedade de Jesus granjeou a sua fama universal propriamente dita.**

**Justamente o primeiro jesuíta que partiu para a Índia, evidenciou-se como o missionário mais dotado e mais cheio de êxito, que a Igreja Católica jamais produziu; e comove de maneira tanto mais estranha a circunstância de que somente um acaso tivesse evidenciado a vocação de Francisco Xavier para essa tarefa. A princípio Ignácio designara a Bobadila para essa viagem às Índias, mas esse adoeceu no último momento; um outro discípulo da ordem deveria ocupar o seu lugar, e como Francisco Xavier se encontrasse então em Roma, resolveu Ignácio incumbi-lo dessa missão.**

**Xavier aproveitou a última noite que lhe restava para remendar, às pressas, a sua sotaina rasgada. Já na manhã seguinte encetou ele a viagem ; a roupa que levava no corpo, o breviário e algumas provisões de boca constituíam todos os seus haveres, quando partiu para Lisboa por terra, em companhia do embaixador português. Depois de uma estadia de um ano ali, Xavier tomou o veleiro que, contornando o cabo da Boa Esperança, deveria levá-lo às Índias; outros longos meses se**

**escoaram, antes que ele pudesse ter à vista, por fim, essa terra milagrosa, da qual deveria ser conquistado um novo mundo “para maior glória de Deus” .**

**Entre as margens do anlo Mandovi, orladas de umbrosos coqueirais, ia navegando o navio, corrente acima, até que, por fim, foi avistada na margem direita Goa, a capital do império índico português. Muralha de fortalezas européias, estaleiros e arsenais, o edifício do convento dos franciscanos, assim como as altas torres da Catedral e das outras igrejas, permitiam reconhecer, ao primeiro olhar, que o cristianismo já conquistara ali uma poderosa vitória sobre os pagãos.**

**Cheio de surpresa contemplou Xavier, depois de seu desembarque, a multidão variada, que rodopiava pelas ruas, gritando e cantando, entre elefantes e vacas sagradas: silhuetas brancas, morenas e pretas metidas em longas vestimentas e caftans; lavradores e comerciantes, árabes, persas e hindus de Guzerat e Ormuz; entre eles, debaixo de guarda-sóis enormes, caminhando por ali, os conquistadores, os fidalgos portugueses, em suntuosas vestes de tafetá, seda e tecidos preciosos; pagens numerosos e tropas inteiras de escravos cafres de pele negra formavam o seu séquito. Por toda a parte, nas paredes, grandes cartazes indicavam o lugar e a época em que se poderiam ganhar indulgências, e em que dias do ano se realizavam as diversas festas da igreja.**

**O primeiro caminho tomado por Xavier levou-o à frente da Catedral, e, somente agora, iria se manifestar a ele, em toda a sua grandeza, o triunfo do catolicismo nesses países remotos. Ali viu os ricos e ilustres da cidade transportados em seus palanquins; suntuosas liteiras abriam caminho por através do burburinho da multidão, e baixavam delas damas de pele morena, recamadas de pedras preciosas, com os rostos pintados, os pés metidos em sandálias de salto alto. Rápidos se precipitavam os pagens à frente para a Catedral, e enquanto estendiam os tapetes que haviam trazido, colocavam as cadeiras douradas e traziam para ali os livros de orações, encaminhavam-se as damas, seguidas pelos filhos e criadas, solenemente, em direção aos seus lugares. Mas apareceram também em multidões aqueles homens estranhos, os quais se deixavam reconhecer, graça ao vestuário e à cor das peles como nativos. Também eles traziam grossos rosários em torno**

**do pescoço e, quando transpunham o portal da igreja inclinavam piedosamente a cabeça.**

**Orgulho e ventura inundaram o missionário, quando ele, após uma viagem tão longa de muitas milhas, julgou encontrar agora no país dos pagãos uma segunda capital do cristianismo. Alegre escreveu Xavier, baseado nas primeiras impressões que teve nesses seus giros pela cidade: “Goa se encontra inteiramente povoado por cristãos... Devemos dar graças a Deus nosso Senhor pelo fato do nome de Cristo estar em tão grande florescimento neste solo distante e entre essas massas de incréus!”**

**Mas esse entusiasmo iria durar pouco tempo, pois, quando Xavier teve oportunidade de conhecer mais de perto o país, os seus dominadores cristãos e os seus nativos, teve de perceber, dentro em breve, que havia se deixado induzir em erro pelas altas muralhas de fortalezas européias, pelas catedrais e pela afluência de fiéis à frente do portal da igreja.**

**Quando o Papa Alexandre VI estabelecera no Extremo Oriente a linha de demarcação, que deveria abranger o império colonial português, ordenara ele ao rei “de mandar para os continentes e ilhas recém descobertas, homens dignos e tementes a Deus” , que estivessem em condições “de instruir os habitantes dessas regiões na fé católica e nos bons costumes”. Mas os europeus, que se haviam encaminhado para as Índias, eram, quase que sem exceção, aventureiros e especuladores cúpidos, que não pensavam em outra coisa mais a não ser em ganhar dinheiro rapidamente e de maneira inescrupulosa.**

**Na verdade podia se ouvir falar, diariamente, de muitas conversões de pagãos, mas quando se atentasse mais detidamente nessas coisas, dever-se-ia duvidar se nesse caso, as coisas tinham se passado em boa forma; pois os sacerdotes portugueses batizavam, na verdade, turbas inteiras de nativos, mas, dado que não compreendiam a língua deles, renunciavam a todo e qualquer trabalho preparatório de catequese. O povo, por sua vez, se sujeitava, abulicamente, ao processo do batismo e depois, voltava a freqüentar tranqüilamente os seus templos, afim de, ali, adorar seus elefantes, leões, macacos e outros ídolos semelhantes.**



**Todavia o mais entristecedor de tudo isso deveria ser a conduta dos funcionários coloniais portugueses; esses se arrastavam, literalmente, diante dos ricos pagãos, reservavam-lhes, em troca de indenizações correspondentes, as posições de maior influência na administração e permitiam-lhes toda a sorte de opressão sobre os nativos recém batizados.**

**Por toda a parte, para onde Xavier viajasse na Índia cristã, era sempre o mesmo quadro que se oferecia aos seus olhos: por sobre as cabanas de junco e os casebres de madeira das cidades indígenas erguiam-se, em toda a parte, igrejas poderosas, palácios de governadores e postos fiscais, e, constantemente, podiam se encontrar multidões de europeus e hindus à frente da Catedral. Mas também os nativos, onde quer que fosse, adoravam seus ídolos dos templos de elefantes a macacos, e, onde quer que fosse também os funcionários coloniais eram igualmente corruptos.**

**Quando Xavier pode conhecer suficientemente a atuação dos funcionários portugueses com respeito à cristianização da Índia, escreveu ele ao rei em Lisboa: “Se vós não ameaçardes os vossos funcionários com rilhões, cárcere e confiscação de bens e se não executardes, de fato, essa ameaça, então todas as vossas ordens relativas à propagação do cristianismo na Índia serão baldadas. É uma verdadeira tortura o ter-se de assistir, pacientemente, a maneira por que os vossos capitães e outras classes de funcionários maltratam os neófitos!”.**

**Nessas condições o missionário jesuíta, dentro em breve, foi forçado a considerar como parte importante da sua tarefa, primeiro que tudo, o converter ao cristianismo os cristãos que viviam na Índia; mas na Europa já ele tivera de testemunhar, suficientemente, o quão difícil era conquistar cristãos para Cristo.**

**Não obstante já aprendera ele, ao mesmo tempo, como a gente, muitas vezes tem de agir com “santa astúcia”, para atingir um piedoso objetivo; por isso, logo depois de sua chegada, tratou ele o clero já estabelecido ali com aquela prudente submissão, que seu mestre Ignácio tinha, as mais das vezes, posto em prática em tais casos. Muito embora levasse consigo um breve papal, que lhe assegurava a posição de legado e com isso o**

**colocava por cima de todo o clero da Índia, resolveu assim mesmo fazer a sua visita ao bispo, humildemente, e diante dele prostrou-se de joelhos, pedindo-lhe que o considerasse o mais modesto dos colaboradores na obra de catequese cristã e dispusesse dele a seu bel prazer.**

**E, enquanto os demais sacerdotes de Goa residiam em casas confortáveis, ele, legado do papa, fixou residência em um modesto quatinho do hospital. Não poderia ele, entretanto, ter encontrado um alojamento mais adequado aos seus intentos, pois ali, desde o primeiro dia, entrou em contato com todas as camadas de povo e teve oportunidade de aprender a conhecer as criaturas humanas na situação em que elas estavam, mais do que nunca, aptas para receber assistência espiritual. Todos eles, soldados brutais, funcionários cúpidos, supersticiosos, idólatras, orgulhosos comerciantes e pobres escravos, mostravam-se ali no hospital inclinados a conversar com o amável sacerdote e se deixar consolar por ele em suas dores. Mesmo quando depois haviam regressado já restabelecidos aos seus lares, permanecia em seus corações, quase sempre, uma recordação das prédicas edificantes de Xavier.**

**Especialmente para os escravos humilhados e maltratados tornaram-se os piedosos diálogos mantidos com o missionário, muitas vezes, em significação total da sua existência ulterior. O cristianismo de que lhes falava o sacerdote estrangeiro, soava aos seus ouvidos como uma promessa de felicidade extraterrena, a qual lhes iria trazer uma compensação magnífica para todas as dores sofridas na existência terrestre. Xavier, que se aproximara deles metido em sua roupa singela, que lhes falara com palavras brandas e simples e se introduzira junto a eles cheio de interesse pelos seus pequeníssimos cuidados, pareceu-lhes, dentro em breve, como um dos seus.**

**Por esse motivo eles lhe prestaram também a ajuda cabível na medida das suas forças, em seus trabalhos e informaram-no, secretamente, do gênero de vida, dos atos, vícios e falhas de seus senhores. Xavier teve, dessa maneira, oportunidade de adquirir conhecimentos exatos sobre a natureza, o caráter, os interesses e as qualidades dessas pessoas a quem pretendia converter. Assim é que ficou inteirado, antes ainda de transpor uma casa na qual ele tinha que se haver com homens que viviam em poligamia com mulheres nativas, com aqueles que**

**praticavam agiotagem, cometiam atos de violência, exerciam as suas funções para realizar com elas extorsões vergonhosas, ou então entrar em contato com aqueles que maltratavam os seus escravos.**

**Se, então, um ou outro, dentre eles, o hospedava em sua casa, a impressão que se tinha sempre era de que Xavier agia inteiramente a favor dos interesses do seu anfitrião. Se era um comerciante, o que fazia era discutir com o mesmo, ardorosamente, a marcha dos negócios e todas as possibilidades de novos ganhos monetários; no lar do onzenário desdobrava uma admirável perícia em todas as espécies de negócios crediários e sabia efetuar os mais complicados cálculos de juros ; mas se o seu hóspede era um marinheiro, então entretinha-se com ele a respeito de questões náuticas e astronômicas, de sorte que o anfitrião se confiava imediatamente a ele. Os oficiais, por sua vez, admiravam-se da maneira por que esse padre simples discorria sobre problemas militares e das questões técnicas que ele sabia formular. Interessados e presos à sua sedução escutavam-no todos, e a cada instante recebia novos convites.**

**Mas não se esquecia, também, nem mesmo da criadagem: louvava a criada que trazia a comida, depois da refeição pedia licença para conversar com a cozinheira e entretinha-se com ela a respeito de receitas culinárias, e quando o criado, à hora da partida, o conduzia a porta, informava-se ele cheio de interesse dos seus embaraços pessoais, desejos e queixas.**

**Somente depois de um longo tempo, quando senhores e criados já o tinham bem fechado no coração, chegou ele, cautelosamente e sem precipitação, falando-lhes então de maneira alegre acerca de suas verdadeiras intenções. Ao onzenário, procurava então convencê-lo de que havia outros negócios também que eram, ao mesmo tempo, menos censuráveis e mais rendosos; ao explorador sem entranhas explicava ele como os escravos trabalhavam melhor e mais espontaneamente, quando a gente não os tratava de maneira tão desumana; cautelosamente, ia expondo as desvantagens da poligamia, traçando, ao mesmo tempo, um quadro ameno das delícias de um matrimônio organizado moralmente. Assim estabeleceu ele a sua obra de catequese, ficando fiel aos ensinamentos de seu pai Ignácio, de que tudo era para todos,**

**afim de a todos conquistar.**

**Também não recuou diante do fato de ir ter às espeluncas de marujos, mais mal afamadas. Muitas vezes sucedia que os farristas quisessem terminar o seu jogo, por respeito ao sacerdote; mas ele os incitava, amavelmente, a que não se incomodassem, pois, soldados e marinheiros não são obrigados a viver como os monges; ele mesmo se sentava junto aos jogadores e beberrões, seguindo com interesse, os seus divertimentos.**

**Aquilo que um sectário rigorista nunca iria conseguir junto a essa gente rude, alcançou-o o jovial conanheiro de farras sem nenhum trabalho: eles se habituaram de tal maneira a comunicar-lhe seus cuidados e suas esperanças, que, dentro em breve, já estavam também se confessando a ele, espontaneamente.**

**Durante uma viagem marítima de Goa para a Índia Meridional ouviu ele contar de um marinheiro que perdera todos os seus haveres ao jogo: foi encontrar o mesmo vomitando blasfêmias e maldições de todo o tamanho. Xavier aproximou-se dele, ofereceu-lhe algumas moedas de ouro e instigou-o a que fosse tentar a sorte mais uma vez com esse dinheiro. De fato o marujo conseguiu ganhar dessa vez, e Xavier não se privou de aproveitar a alegre disposição de ânimo do jogador, para fazer-lhe uma prédica edificante, de maneira absolutamente idêntica à de Ignácio outrora, o qual entregara uma partida de bilhar para forçar um estudante à prática dos EXERCÍCIOS.**

**Nas instruções que Xavier, mais tarde, legou ao seu auxiliar e sucessor Barzeus, descreve ele mesmo o método que costumava aplicar na Índia. Concita a Barzeus a tratar qualquer pessoa com habilidade e com presença de espírito e, assim, conquistar o prestígio necessário em todas as classes e camadas sociais: “Se os argentários percebem que a gente é tão experimentada nas causas da vida diária, como eles mesmos, então sentem admiração e confiança; de outra maneira as advertências do sacerdote só serão ridicularizadas.”**

**“Esforce-se, desde o primeiro dia,” continua Xavier, “por saber que espécie de negócios são praticados nos diferentes lugares,**

**quais os usos e costumes adaptados na região e arredores... Informe-se também dos pecados em que o povo vive, e de como a prédica e a confissão deverão ser postas em prática... Assegure-se, depois, dos casos judiciais mais freqüentes, dos embustes, perjúrios e corrupções...”**

**“Fale com os pecadores a respeito de suas faltas a sós; e faça-o sempre com semblante risonho, sem violência, em tom amigável e carinhoso. De acordo com a personalidade, abrace um ou se humilhe diante de outro... Se quiser colher bons frutos em sua alma e na alma do próximo, então trate sempre os pecadores de maneira que eles lhe abram o coração e depositem confiança em você; Esses são os livros vivos, mais eloqüentes do que todos os livros mortos, e nos quais você deverá estudar...”**

---

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **ENTRE OS PESCADORES DE PÉROLAS E OS RAJÁS**

**No extremo sul da Índia Gangética vivia a casta dos Paravars, uma tribo que abrangia mais ou menos umas vinte mil almas. Esses Paravars foram, por volta do ano 1530, atacados por uma tribo maometana selvagem e, tangidos pela sua situação difícil, resolveram clamar pela ajuda dos portugueses.**

**Uma deputação de pescadores de pérolas encaminhara-se para Goa e declarara ali que se os portugueses lhes arrancassem os maometanos dos costados, estariam dispostos a se converter todos à religião dos europeus. O governador real entrou de acordo com essa proposta, gostosamente, e estabeleceu ainda como mera condição um tributo anual de duas barcas carregadas de pérolas.**

**Dentro em breve fundeou diante do Cabo Comorim uma frota portuguesa, a qual expulsou os maometanos saqueadores; em seguida a isso desembarcaram os sacerdotes católicos que tinham vindo junto, entrando no país sob a direção do vigário geral, afim de efetuar o batismo da tribo inteira. De toda a parte afluíram os Paravars e foram se colocando por ordem em fileiras: depois os sacerdotes proferiam algumas palavras em latim, coisa que os pescadores de pérolas não entendiam e cada paravar respondia algumas palavras em tamil, coisa que os padres, por sua vez não entendiam também. As cerimônias indispensáveis foram realizadas apressadamente; logo depois distribuíram cédulas de papel onde havia escritos nomes portugueses de batismo, entre a população, e a frota pôs-se a caminho de regressar para Goa, levando o vigário geral, e os demais sacerdotes. As autoridades coloniais portuguesas, porém, puderam informar com orgulho ao seu rei de que se lograra salvar vinte mil almas da condenação eterna, conduzindo-as ao seio da Santa Madre Igreja.**

**A partir daí, os Paravars foram entregando, anualmente, o seu tributo, e os brancos, do seu lado, cuidaram em troca de que os piratas maometanos se mantivessem afastados do litoral das pérolas. Mas, de resto, os Paravars puderam continuar na observância pacífica de seus tradicionais costumes; nunca mais apareceu um sacerdote cristão nessas faixas de terra e, assim,**

**aqueles pedacinhos de papel sobre os quais estava traçado um nome incompreensível em caracteres não menos incompreensíveis, ficaram sendo a única lembrança que ligava os Paravars com a sua conversão religiosa.**

**Quando Francisco Xavier entrou em Goa, já oito anos haviam decorrido desde essa cristianização dos pescadores de pérolas; oito anos havia também que um sacerdote estivera ali no sul entre a comunidade neófitas.**

**As cabanas miseráveis, cobertas com folhas de palmeira, nas quais residia essa gente, estavam situadas logo atrás do Cabo Comorim, em uma faixa litorânea deserta e safara, em cujas dunas ardentes só esporadicamente cresciam sebes de espinheiros e leques de palmeiras. Ali viviam os Paravars, gente musculosa e esbelta, de um tom de pele escura carregado, esparsos em pequenas aldeias. Dia trás dia, já ao roner da aurora, punham-se eles a caminho do alto mar, metidos em barcas exíguas, com velas em forma de cauda de andorinha, e, ao por do sol, regressavam às suas cabanas de junco, trazendo a presa de pérolas conquistadas.**

**Em Tuticorin, a localidade principal dessa região, continuavam existindo ainda os antigos templos pagãos com ídolos coloridos, montes de argila pintada de branco e vermelho vivo, cavalos feitos de marga, tábuas de pedra com serpentes sagradas, touros, vacas e macacas, e até mesma nas pequenas aldeias, encontravam-se símbolos obscenos e grotescos, numerosíssimos, de toda a espécie, representativos do culto tradicional, ao qual os pescadores de pérolas pertenciam desde séculos.**

**Os Paravars batizados freqüentavam, às turbas, esses santuários, e quando se sentiam atemorizados diante dos gênios do fogo(que, pressagiando desgraças, dançavam à noite sobre o mar) então, davam-se pressa em ir oferecer às suas divindades a oblata de peixes, ou em construir novos templos de barro e junco.**

**Eis que um dia apareceu Xavier no meio deles, com os pés "descalços, levando sobre o seu corpo, uma vestimenta de mil remendos, trazendo a cabeça coberta por um miserável capuz**

**de lã preta. Mantinha uma caninha na mão, repicava-a sem cessar e os convocava, com algumas palavras tamílicas de sotaque estrangeiro; isso soava mais ou menos: “Vinde, quero vos anunciar uma boa nova!”.**

**Ainda em Goa Xavier fizera com que os intérpretes lhe traduzissem algumas prédicas e orações em tamil e se pôs, com grande esforço, a decorá-las. Quando, agora, já nessa, já naquela aldeia dos Paravars, conseguira atrair com o tilintar de sua caninha os filhos dos nativos, passou a explicar-lhes o catecismo, ensinou-os a rezar e a cantar o AVE; os pequenos se entregaram, as mais das vezes, à tarefa, como se houvera tratado de aprender um novo brinquedo.**

**Foram as crianças também que lhe prestaram a mais importante ajuda em sua luta contra os ídolos pagãos. Sentiam-se alegres e felizes, quando sob a direção do padre branco, tinham permissão para destruir as estátuas das diversas divindades, na medida de seus desejos. Satisfeito escreveu Xavier nessa ocasião ao seu irmão que se encontrava na pátria: “Quando alguém me informa de culto aos ídolos, então o que faço é reunir as crianças do lugar e dirigir-me com elas para o ponto em que se encontram os ídolos. Os insultos que o demônio recebe das crianças são maiores do que as honrarias que os pagãos adultos lhe tributam, pois os pequenos agarram os ídolos, reduzem-nos a pó mais fino do que cinza, escarram sobre eles, calcam-nos aos pés e injuriam-nos de outras maneiras ainda piores.”**

**Em breve os pensamentos todos das crianças se concentraram em entusiasmar os seus pais também pelo homem estranho, e, tal e qual se dera na cidade com os senhores portugueses e seus escravos, aconteceu agora também com os pescadores de pérolas: Xavier conquistou-lhes a afeição, eles depositavam uma confiança cega nele e consideravam-no como um ser superior; pois, desde a noite em que a sua caninha tilintara e as suas estranhas palavras acerca de um Deus invisível, de um reino dos bem-aventurados no céu e de um lugar de condenação haviam ressoado profundamente no seio da terra, por sobre as costas, desde então os pescadores não viram mais os temidos gênios do fogo bailarem sobre as ondas. Tinham a impressão de que o som de sua caninha houvesse esconjurado dali o estranho fantasma.**



**Depois que a missão realizada nas costas de pesca fora iniciada com tanto sucesso, Xavier foi visitando, uma depois da outra, todas as regiões do império colonial português. Ora trilhava ele ao longo das costas, por através de desertos de areia, nos quais os pés mergulhavam no solo aquecido, ora, caminhava por através de inenetráveis florestas virgens. Seu admirável talento lingüístico permitira-lhe aprender, pouco mais ou menos, o malaio, idioma que era geralmente compreendido na Indochina.**

**Para onde quer que o seu roteiro o conduzisse, procurava ele fazer os seus sermões e, então, se utilizava de todos os pontos de contato, para tornar sensíveis em seus ouvintes os perigos da condenação eterna e o poder de Deus. Assim é que explicava ele com relação à ilha Homoro, coberta de vulcões, que essas crateras eram as chaminés do Inferno, e que ali em baixo de onde brotava a fumaça venenosa, os idólatras eram fervidos durante toda a eternidade.**

**Naqueles tempos a conversão em massa ao cristianismo, levada a cabo pelos Paravars, em troca de ajuda militar portuguesa, tornara-se um costume predileto na Índia. Assim é que o príncipe de Candy, ameaçado por povos vizinhos, pediu a ajuda de tropas portuguesas e prometeu em troca a conversão de todo o seu povo. Com isso estabeleceu ele exigências militares bem importantes, pois podia invocar o fato de que em seu principado estava a famosa rocha, sobre a qual ainda se tinha ocasião de ver claramente a pegada de Buda, e que em um pagode da capital era conservado um dente do PERFEITO. Dentro de tais circunstâncias resolveu o príncipe abrir mão da crença de seus maiores só em troca da remessa de um forte contingente militar.**

**Com os soldados brancos haviam entrado em Candy também os tradicionais padres, os quais, ao mesmo tempo, haviam batizado o príncipe e o povo. Mas depois, quando as tribos maometanas inimigas foram escorraçadas e o corpo expedicionário português deixara Ceilão de novo, o príncipe também retornara à antiga religião e mandara abrir, novamente, o templo que guardava o dente de Buda.**

**Um ano mais tarde, justamente durante a estadia de Xavier na Índia Meridional, o soberano viu-se envolvido outra vez em um**

**conflito militar e necessitou, de novo, de urgente auxílio das armas portuguesas. A fama de Xavier já penetrara também em Ceilão; por isso o príncipe pediu-lhe a sua mediação junto ao governo de Goa. Xavier aceitou essa incumbência com alegria e, pessoalmente, dirigiu-se em companhia das forças militares portuguesas a Candy e ali procurou levar a cabo a nova cristianização.**

**Também nesse caso lançou mão ele, outra vez, das crianças, para dar cabo, uma vez por todas, da idolatria. As crianças, a seu comando, irroneram no famoso templo, arrebataram o dente de Buda, e, em zeloso trabalho, puseram-se a esfregar a rocha sagrada até que não se pudesse mais perceber vestígio da pegada do PERFEITO.**

**Também outros príncipes do país chamaram o missionário, o qual soubera tratar tão bem com as autoridades portuguesas, e pediram-lhe que fosse às suas cortes, pois, a todo o instante, surgia a necessidade de sufocar rebeliões locais com o auxílio dos europeus. Onde quer que se desse um caso assim, logo aparecia Xavier também para reunir os moradores do principado em apreço, em troca de ajuda militar, por meio de sua caninha, e aí, começava ele as suas lições de catecismo.**

**Depois de uma atividade de seis anos, criara Xavier na Índia um grande setor de trabalho. No começo do ano de 1549 escreve ele a Ignácio: “Neste momento vivem membros da nossa Sociedade em todos os pontos da Índia em que existem cristãos. Encontram-se quatro nas Molucas, dois em Malaca, seis no Cabo Comorim, dois em Coxun, dois em Bascin e quatro na ilha Socotra. Cada grupo é dirigido por um superior”.**

**Suas cartas levaram um ano para chegar à pátria, depois de uma longa travessia marítima. Quando uma dessas epístolas chegava na Europa, isso equivalia sempre a uma festa de alegria para a cristandade católica, tão atribulada pela heresia.**

**O rei João de Portugal ficou entusiasmado com o sucesso obtido pela missão que ele mesmo iniciara e incrementara. Remeteu as cartas de Xavier para a Espanha também, onde eram lidas por ordem do arcebispo de Toledo em todos os púlpitos.**

**“Conhecem-nos, agora, na Espanha inteira”, escreveu nessa ocasião Pedro Faber a Ignácio. “Ali onde até então ninguém tinha ouvido falar a nosso respeito, ou onde nos julgavam apenas tomando em consideração as calúnias, não há, agora, louvado seja Deus, mais nenhum lugar, nenhum palácio, nenhuma prisão e nenhum hospital, onde quem quer que seja, rico ou pobre, nobre ou burguês, sábio ou ignorante, mulher ou criança, não saiba como nós vivemos e qual é o objetivo da nossa Ordem.”**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **O SONHO DE CHYNQUINQUO**

**Desde que Marco Polo levara para a Europa notícias sobre um reino insular, situado a leste da China, esse remoto país começou a preocupar o pensamento de muitos comerciantes e sacerdotes. Mais tarde, a tenestade dera, dum feita, com um navio mercante nas costas japonesas, e, a partir daí, surgira um tímido intercâmbio comercial entre a Índia e o Japão. Como, porém, nenhuma das partes entendesse a língua uma da outra, a troca de mercadorias se fez sempre em silêncio, e o mistério que rodeava a esse país, permaneceu sem ser desvendado.**

**Mas eis que um belo dia surgiu em Malaca, a cidade portuária mais oriental das Índias Portuguesas, um japonês de nome Anjiro. Tinha ele praticado um assassinio na sua terra e se escapara das autoridades japonesas em um navio português, que estava ancorado à frente da sua cidade natal de Cagochina. O capitão o trouxe mediante uma generosa paga, e, durante a viagem, Anjiro ficou inteirado pelos marinheiros de muita coisa referente à religião dos cristãos, o céu e inferno, arrependimento, perdão de pecados e salvação eterna. O jovem japonês, que tinha a pesar-lhe na consciência um homicídio, sentiu, dentro em breve, um ardente desejo de passar-se para o cristianismo e conseguir nessa nova religião o perdão para o seu crime.**

**Quando Xavier apareceu outra vez em Malaca, por ocasião de uma das suas muitas viagens, Anjiro o procurou e pediu-lhe em nome do Deus dos cristãos o perdão de seus pecados. O missionário via aí à sua frente um homem que havia cometido um assassinio e a quem o Inferno ameaçava; somente mediante o poder decisivo da igreja, única capaz de levar à bem-aventurança, poderia esse pobre pagão se salvar. Sem detença resolveu ele batizar Anjiro e outorgou-lhe o nome de “Paulo da Santa Fé”.**

**Graças ao conhecimento de Anjiro abriram-se agora para Xavier novas e poderosas perspectivas. O japonês contou-lhe muita coisa da religião dos seus conatriotas e o informou de que essa era a fé esposada por todo o mundo pagão na Ásia oriental. “De acordo com as comunicações que me fez Paulo” , escreveu**

**Xavier, nessa ocasião, a seus irmãos na Europa, “ a China, o Japão e a Tartária seguem uma lei religiosa comum, a qual é ensinada em uma cidade de nome Chynquiquo. Paulo mesmo não compreende a língua em que está redigida essa lei religiosa; ela é, assim ele o diz, uma língua que serve apenas para os livros sagrados, como o latim entre nós. Com relação ao conteúdo desses livros não pode ele nos dar também nenhum esclarecimento.”**

**Essa lei religiosa de que falara Anjiro, era a lei de Buda e os livros sagrados eram as obras do budismo nórdico. Mas a língua que, à maneira do latim, só podia ser compreendida pelos iniciados, era o sânscrito. Xavier acreditou que a misteriosa Chynquiquo fosse um agrupamento de escolas superiores, por assim dizer uma “Roma asiática” e, como tal, constituísse o centro de toda a vida religiosa da Ásia Oriental.**

**Neste centro foi que ele agora pensou penetrar, afim de ali aniquilar as falsas doutrinas, com as armas da verdadeira fé, falsas doutrinas essas sob cujo feitiço se encontrava o Japão, a China e a Tartária. “Iremos encontrar ali à nossa frente homens sábios” , escreveu ele, “mas a verdade de Cristo nos conduzirá à vitória.” Mas onde essa misteriosa cidade de Chynquiquo estava realmente situada, era coisa que, na verdade, também Anjiro não sabia explicar com clareza suficiente.**

**“Quando eu perguntei a Anjiro se os japoneses se converteriam ao cristianismo, se eu fosse para lá,” continua informando Xavier, “ respondeu ele que esse caso não se verificaria assim tão depressa. Os seus conatriotas iriam começar me dirigindo perguntas, depois iriam meditar sobre as minhas respostas e estudar, acuradamente, se a minha vida também concordava com as minhas palavras. Mas se eu satisfizesse as suas exigências nesses dois pontos, sabendo dar-lhes respostas convincentes e aplicando-me a uma forma de vida irrepreensível, então, dentro de seis meses, o rei, a nobreza e todos os homens cultos se deixariam batizar.”**

**Agora estava Xavier suficientemente inteirado de muita coisa referente à mentalidade dos japoneses, de molde a saber que com esses homens era preciso provar a superioridade da religião cristã sobre a “lei” pagã, valendo-se da arte toda de argumentação dialética, pois os japoneses eram, assim o havia**

**acentuado Anjiro constantemente, passíveis de ser conquistados e convencidos apenas mediante argumentos bem fundamentados.**

**Antes de tudo mais havia mister agora visitar esse “rei” do Japão, convencê-lo pelas artes da dialética da verdade exclusiva do cristianismo e, assim, conquistar de um golpe para a religião católica todo o reino insular. Do Japão seria possível, então, abrir-se um caminho para a China rigorosamente fechada, pois os “reis” do Japão e da China eram, tal como o assegurava Anjiro, ligados por laços de estreita amizade; uma recomendação do soberano japonês poderia proporcionar-lhe o ingresso nesse “Império do Meio” circundado por uma enorme muralha inenetrável, cujo franqueamento ao estrangeiro estava proibido, habitualmente, sob pena de morte.**

**Mas aquilo que deveria ainda robustecer a Xavier nas suas esperanças eram as estranhas concordâncias, que, segundo as informações de Anjiro, existiam entre a crença dos japoneses e a religião cristã. Anjiro contou-lhe dos monges que habitavam, em estado de celibato, claustros com refeitórios em comum, que jejuavam freqüentemente e faziam orações noturnas. Falavam eles uma língua especial, incompreensível ao povo, pregavam freqüentemente, acreditavam em um só Deus, obedeciam a um abade e levavam uma vida virtuosa. Ensinavam também que havia um inferno, um purgatório e um Céu, e se veneravam a seus numerosos santos, isso não constituía nenhuma idolatria, porquanto oravam a esses da mesma maneira que os católicos, somente para obter a sua intercessão junto ao Deus único e onipotente.**

**Quando Xavier ouviu todas essas coisas, começou a conjeturar sobre se nessas terras o Evangelho já não havia sido pregado alguma vez em tempos imemoriais e se a crença dos japoneses não representava uma espécie de cristianismo corronido por acréscimos pagãos. De qualquer maneira, dizia ele, com tantas analogias entre os dois cultos não poderá ser difícil a conquista dos japoneses para a doutrina unicamente verdadeira. Com o auxílio de Anjiro dedicou-se ele, ardorosamente, ao estudo da língua japonesa. Fez com que traduzisse as máximas mais importantes da doutrina cristã em japonês e aprendeu-as todas de cor; A três dos irmãos da Ordem, que haviam aportado na Ásia, nesse meio tempo, tomou- os ele consigo e, juntamente,**

**com eles e Anjiro empreendeu a travessia em um junco chinês. Depois de uma viagem longa, rica em aventuras e perigos, chegou, por fim, a avistar a costa japonesa. No dia da Ascensão do ano de 1549 baixou Xavier à terra, em Cagochina, a cidade natal de Anjiro, e, em seguida, escreveu, triunfante, para a pátria: “ Deus nos conduziu à terra de nossa saudade.”**

**Nenhum habitante de Cagochina fizera ainda uma viagem em alto mar, e, assim, Anjiro foi recebido por seus conatriotas com demonstrações de curiosidade admirativa. Ninguém falava mais a respeito do assassínio, por cuja causa ele fugira um dia; demasiado grande era a geral inaciência para saber como se passavam as coisas no remoto “ país dos bárbaros do Sul.” Maior admiração ainda provocou, naturalmente, a chegada de Xavier e dos seus outros conanheiros brancos. Apenas havia ele se alojado na casa dos pais de Anjiro, quando afluíram para ele, em turbas, japoneses e japonesas metidos em compridos kimonos coloridos, com sombrinhas variegadas de papel, e bonzos com o cabelo cortado rente, envergando vestidos brancos e mantos negros.**

**De manhã à noite, a casa se encontrava cheia de visitantes, e um não deixava que o outro tomasse a palavra, tantas eram as coisas que cada qual tinha a perguntar. Em breve o príncipe da região, o poderoso daimyo Schimatsu Takaísa, enviou também um dos funcionários da sua corte e mandou convidar os estrangeiros para virem ao palácio. A alguns mercadores portugueses, que haviam chegado uma vez a Cagochina, tinha o Daimyo que agradecer o conhecimento da existência de armas de fogo, e, nesses tempos intranquilos que o Japão atravessava nessa época, não lhe pareceu isso um fato destituído de inortância para a segurança de seu trono. Mas os portugueses forneciam também muitos outros produtos valiosos e, além d isso, constituíam eles conradores espontâneos, que pagavam bem, de muitas mercadorias de fabrico japonês. Como o Daimyo tivesse ouvido falar que o sacerdote estrangeiro era tido em alta conta entre os portugueses, esperava ele da sua estadia em Cagochina uma influência favorável sobre o intercâmbio comercial. Por isso recebeu o missionário com todas as cerimônias usadas por ocasião de audiências concedidas a um homem prestigioso e importante. Xavier foi conduzido ao salão de honra do palácio, onde o Daimyo, rodeado de sua corte, estava sentado em um estrado elevado, enquanto os**

**funcionários subalternos jaziam no solo, aguardando as suas ordens. Schimatsu Takaísa convidou o hóspede, amavelmente, a tomar lugar a seu pés, sobre uma esteira, e, durante três horas a fio, dirigiu-lhe perguntas incessantes: Como eram os costumes dos brancos e, especialmente, se eles possuíam muitos navios, armas, canhões e soldados. A cada resposta de Xavier, que Anjiro ia traduzindo para o japonês, o príncipe era preso de respeitosa admiração.**

**Quando Xavier, depois, à conclusão, puxou um precioso livro de orações encadernado, e fez presente ao Daimyo, declarou esse, solenemente, que haveria de conservar com o maior cuidado o livro em que estava contida a lei cristã e que iria mandar que lhe explicassem o conteúdo; se essa lei fosse realmente boa, então ele também haveria de adotá-la. Convidado a escolher um presente de compensação, Xavier, para grande pasmo de toda a corte, renunciou, agradecendo, a qualquer dádiva, pedindo, entretanto, licença para pregar livremente, coisa que o daimyo lhe concedeu em seguida. Somente quando Xavier apresentou a outra súplica de que o Daimyo lhe facilitasse o rápido prosseguimento da viagem para o “rei” do Japão, Schimatsu Takaísa sentiu-se de certa maneira embaraçado.**

**Não estava disposto a deixar partir de novo e tão depressa esse santo homem, cuja presença bem poderia atrair navios portugueses para Cagochina, e, por isso, respondeu a princípio com evasivas e consolou Xavier com a promessa de uma época mais favorável. Quando os moradores ricos e ilustres de Cagochina viram o respeito com que o príncipe recebera o estrangeiro, trataram eles, igualmente, de convidá-lo, um depois do outro, para as suas casas, e, em breve, encontrou-se um ardoroso funcionário da corte que chegou mesmo a se converter ao cristianismo; seus subordinados juntamente com suas famílias seguiram-lhe o exemplo. Dentro em pouco tomou-se moda entre a alta sociedade de Cagochina, o entreter-se com Xavier sobre assuntos de religião e o deixar-se converter por ele.**

**Mas também entre o povo baixo obteve o missionário mais de um sucesso. Ele havia, nesse meio tempo, melhorado substancialmente seus conhecimentos de língua japonesa e, agora, estava em condições de ler em um caderno um certo número de sermões. Duas vezes por dia visitava ele as ruas**



**mais movimentadas, sentava-se na margem de um poço, puxava o seu caderno e começava a pregar. Quando retornava depois à sua casa, seguia-lhe, as mais das vezes, uma turba imensa de pessoas sedentas de saber, as quais sustentavam com ele discussões ardentes, até já entrada a noite.**

**“Esses japoneses” , escreveu nessa ocasião o padre Torres, um dos conanheiros de Xavier, “ são tão curiosos, que, desde a nossa chegada não se passou um só dia sem que não tivessem vindo ter conosco bonzos e leigos, desde manhã até a noite, para nos fazerem perguntas de toda a espécie. Pela primeira vez em sua vida ouviram os japoneses falar de um Deus que havia criado o mundo em sete dias, de um filho de Deus que se tornara homem e morrera na cruz, de um Juízo Final, de um céu e de uma condenação eterna. Entretanto, mais ainda do que sobre essas coisas, pasmavam os japoneses com as estranhas explicações que Xavier soía dar sobre as forças naturais que agiam no Universo.**

**No Japão ninguém tinha uma noção exata sobre o verdadeiro modo por que o mundo havia sido criado: segundo uma tradição, o mundo surgira de um ovo, o qual fora quebrado em virtude de uma tenestade: da clara fora feito o céu, da gema, o mar e da casca a terra firme. Os livros de outros sábios, por sua vez, expunham a origem do mundo de maneira, absolutamente diversa, e assim é que ninguém sabia, propriamente, a que se ater. Xavier pode, agora, explicar de maneira nova e clara o curso do sol, o aparecimento dos cometas, as fases da lua, os eclipses solares, a origem da trovoada, do raio, da chuva e da neve.**

**“ Nossas respostas” , escreveu ele para a Europa, “ provocam o seu agrado: eles nos consideram grandes sábios e isso nos ajuda em nossa obra de conversão.”**

**Mas por mais que a sede de saber dos japoneses fosse por ele apreciada, não obstante essa curiosidade eterna, que nunca se paralisava, tornava-se muitas vezes bem incômoda. Perguntavam eles como é que o Deus dos cristãos era, se vermelho, dourado, preto ou verde como os ídolos budistas, ou se tinha o nariz comprido, um talhe alto ou um olhar atemorizador, ou, pelo contrário, se era belo como Xaca e Amida e se sentava em uma flor de Lótus. A isso Xavier teve de**

**explicar, que Deus não tinha nem cor nem forma, que ele era, muito pelo contrário, a substancia pura e, como tal, tinha forçosamente que se diferenciar de todos os elementos que Ele próprio criara.**

**Mas, de que matéria criara Deus a alma humana? Qual é o aspecto, a forma e a cor dessa alma? Por que Deus permitiu no homem a tendência para o mal? Por que era tão difícil o alcançar-se o céu? Por que motivo Deus viera dar a conhecer a sua lei ao homem tão tardiamente? Que aconteceria com as pessoas que não fossem suficientemente atiladas para reconhecer a Deus?**

**Muitas dessas perguntas punham o próprio Xavier, o aluno diplomado do curso de dialética da Universidade parisiense em penoso embarço. Imensamente espinhosas eram as objeções que se relacionavam com a conduta de Deus relativamente ao mau princípio. Como se explicava que o bom Criador houvesse produzido também maus Demônios? Quando Xavier retrucava a isso que os demônios, primitivamente, haviam sido criados igualmente bons e que se haviam tornada maus por sua própria culpa, razão pela qual Deus os havia condenado por toda a eternidade, então os japoneses objetavam em seguida que um bom Deus não deveria deixar os homens entregues ao poder de maus demônios.**

**Grande repulsa provocava, constantemente, a comunicação de Xavier de que as penas do inferno eram eternas e irremissíveis. O Deus dos cristãos, diziam muitos japoneses, não era misericordioso, dado que ele entregava à condenação eterna todas as pessoas que nunca tivessem ouvido falar dele.**

**“Para dar-lhes uma resposta capaz de despertar o seu agrado” , escreve Torres sobre essas discussões, “é necessário se seja atilado e precavido... Esses japoneses são donos de um espírito penetrante.”**

**Xavier aí se viu a braços com uma tarefa muito mais difícil do que na Índia ; muito pouca coisa era de se aliançar no Japão, somente com a simples caninha e a alusão aos vulcões, que causara tão profunda impressão nos malaios, aí não produzia efeito algum. No Japão a inteligência de homens sequiosos de**

saber tinha que ser dominada, era necessário saber responder a sutilíssimas perguntas e levar a cano todas as armas de um espírito exercitado na dialética escolástica. Não obstante, o homem que em Goa conseguira penetrar, em poucas semanas, todas as artimanhas do mercado de pimenta, que se familiarizara com problemas de estratégia e náutica, afim de conquistar para Cristo um ou outro comerciante, oficial e marinheiro, reconheceu em breve também as respostas com que tinha de combater as objeções e escrúpulos dos japoneses amantes de disputas. Seus antigos colegas do Colégio Santa Bárbara ficariam mudos de admiração, se tivessem podido ouvi-lo na maneira por que sabia discutir habilidosamente com os seus adversários japoneses. E, assim, não falhou o sucesso, pois Xavier pode informar em carta dirigida à pátria que “se se conseguisse explicar de maneira razoável a conatibilidade da existência do mal com o Deus onipotente e a necessidade de Deus se tornar homem, já estava feita a maior parte da tarefa.”

Mas, desde o instante em que um japonês se convertesse, então se transformava ele de imediato em um adepto apaixonado da nova religião. Em lugar de invocar, como anteriormente, o nome de deus Amida, a todo instante os neófitos batizados por Xavier chamavam, agora, pelos nomes de Jesus e Maria, também com as mesmas repetições intermináveis. Em lugar da água sagrada em que o imperador havia banhado os seus pés, passaram eles a venerar a água benta por Xavier; em lugar do rosário budista utilizavam-se eles do católico. Enquanto, até então, haviam obtido de bonzos em troca de espórtulas piedosas, cédulas de papel, nas quais lhes era assegurado na outra vida uma indenização dobrada ou triplicada da soma distendida, agora ansiavam eles com zelo não menor pela obtenção de indulgências romanas.

Tinha-se a impressão perfeita de que as grandes esperanças com que Xavier empreendera a sua viagem de missão japonesa, não iriam ser defraudadas. Diariamente encontravam-se novos japoneses, que se declaravam dispostos a adotar a religião cristã. No entretanto, o soberano, com o correr do tempo, foi se sentindo decepcionado com Xavier. Não teria ele exagerado a inortância desse adventício, procedente da terra dos “bárbaros do sul”? Mês pós mês foi se passando sem que a esperada frota mercante portuguesa houvesse entrado em Cagochina. O Daimyo mandou dar a conhecer ao povo que, a partir daí, toda

ulterior conversão ao catolicismo ficava proibida, sob pena de morte. No decurso posterior de suas experiências japonesas, Xavier aprendeu a julgar, devidamente, a inortância de que se revestiam os navios mercantes portugueses, para a obra de cristianização, e soube de maneira excelente, aproveitar a chegada de tais embarcações no serviço de sua obra missionaria. Tantas vezes quantas ouviu falar que em determinado porto japonês ancorara um navio português, então partia ele a toda a pressa para aí e cuidava de que o capitão e tripulantes lhe preparassem uma recepção solene com hasteamento de bandeiras de gala e salvas de canhão.

Mas sabia também, mercê de suas observações, tirar conclusões exatas e, em muitos sentidos, modificar a sua conduta, adequando-a aos usos do país. Na Índia, onde, sobretudo, lhe acontecera conquistar os pobres ou humilhados das castas mais baixas, usava, em toda a parte, uma sotaina remendada e um boné de lã, já gasto. Mas no Japão isso não causava impressão alguma, pois aí o povo era fanático por vestes de seda suntuosas, por pona e cerimonial. Assim é que Xavier meteu-se na indumentária mais suntuosa que lhe fora dado arranjar, e pôs-se a caminho com um soberbo séquito de fâmulos.

Nenhum outro sacerdote cristão dera tais e tantas provas de verdadeira humildade, como, justamente o fizera Francisco Xavier; mas no Japão não se podia conseguir nada com humildade: ali o missionário devia revelar orgulho e altivez, caso pretendesse impressionar os príncipes e o povo. Essas não são pessoas, informou ele, que considerem a modéstia como coisa digna de valor; pelo contrário, eles só apreciam aqueles que sabem se mostrar orgulhosos e cavalheirescos, como eles próprios. Assim é que nesse país, em que a humildade só conseguia provocar desprezo, ele afivelou a “máscara do orgulho.”

Em Jamagutchi sucedeu uma vez que Xavier, depois de uma recepção dada pelo Daimyo, se viu rodeado à frente do palácio por uma multidão ameaçadora e foi coberto de inopérios. Para o fidalgo Navarro não foi difícil o fazer frente à multidão enraivecida, valendo-se de extrema altivez e de desprezo provocativo. Um samurai que lhe havia dirigido um insulto, teve o seu pedido de contas feito com toda a energia e dominou-o,

por sua vez, com insultos tais, que o samurai, abatido, emudeceu. Dentro em breve começaram a correr murmúrios por entre a multidão de que o estrangeiro parecia ser um homem bem ilustre, e talvez, que a sua doutrina não fosse tão má como a princípio se acreditara.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **JUNTO AO GRANDE VOO**

**Durante todo o tempo em que ele pregou o cristianismo nas cortes dos Daimyos e nas praças, mercados e ruas, nunca Xavier perdeu de vista, um instante que fosse, o seu verdadeiro objetivo: ele tinha vindo para aí afim de converter o soberano de todo o Japão. Tudo quanto aqui no sul sóiam lhe contar acerca da capital imperial de Miako, aumentou ainda mais o seu desejo de penetrar até lá; pois, dizia-se, a capital possuía também uma grande universidade, “ assim mais ou menos parecida à Universidade de Paris.” Aí é onde se deveria procurar, evidentemente, uma das sedes mais importantes do paganismo da Ásia Oriental.**

**Nessas condições Xavier insistiu sempre pelo prosseguimento mais rápido da viagem e esperou, ansiosamente, pelo grande e decisivo momento em que por fim, poderia aparecer diante do “ rei” .**

**Aportara ele no extremo sul do reino insular japonês e dali até a capital de Miako mediava uma distância de oitocentos quilômetros, que deveria ser percorrida, parte em navio, parte por através de estradas mal tratadas, transpondo altas cadeias de montanhas e atravessando regiões perigosas, povoadas de salteadores e tropas vagabundas. A estação era a mais desfavorável que se podia desejar, pois reinava um inverno sumamente rigoroso, o qual fazia com que o viajor se atolasse na neve, muitas vezes, até aos joelhos. Xavier venceu todos os obstáculos e estava sempre com boa disposição de ânimo; saltou e exultou como um rapazola, no instante em que, por fim, Miako apareceu diante de seus olhos. A cidade imperial, a atual Kioto, apresentava-se ao recém-chegado como um mar ondulante de telhados negros, dominado por templos elevados e altas torres, circundado por montanhas cobertas de neve.**

**Xavier julgou ter atingido finalmente o alvo de suas esperanças, enquanto, na verdade, o que esperava por ele era uma imensidade de decepções fundíssimas. Já por ocasião da sua entrada na cidade teve de notar que casas e ruas exibiam, claramente, vestígios de agitação bélica e causavam uma impressão de desconsolo, ruína e miséria. Pois as encarniçadas**

**lutas de anos inteiros, travadas entre as castas rivais da aristocracia tinham assolado a cidade toda; as casas de moradia dos nobres e até mesmo os pagodes haviam sido convertidos em fortalezas e estavam circundados de baluartes e trincheiras; no meio disso apareciam ruínas abandonadas, negras de fumo, resultantes do roubo e da pilhagem.**

**A misteriosa universidade em que Xavier pretendia anunciar a doutrina cristã parecia deserta; os conventos dos bonzos estavam vazios, pois os monges também participavam, ardorosamente, das lutas. Depois de errar durante dias a fio pela cidade morta conseguiu Xavier, finalmente, descobrir o palácio de Gosho, no qual residia Go-Nara, o Sublime Imperador.**

**O grande Voo, na sua qualidade de descendente de Amaterasu, a deusa do sol, desfrutava honrarias divinas; recolhido em seu harém, só de raro em raro se mostrava ele à corte, a qual, então, silenciosa, prostrada em terra, tinha de adorá-lo. A pureza sem mácula do imperador já era considerada como poluída se um homem comum pusesse nele o seu olhar. Nunca abandonava o seu palácio, pois não podia pousar o pé no chão nu, sem se profanar. Todos os dias as suas mulheres traziam-lhe novas vestes; seus alimentos lhe eram servidos em pratos que saíam de fresco, diariamente, dos fornos de porcelana e tinham que ser destruídos depois de usados uma única vez.**

**Xavier tentou conseguir uma audiência do Voo por intermédio de um dos funcionários em serviço na corte; disse que estava incumbido de entregar ao soberano uma mensagem do papa, o senhor poderoso da cristandade, e que tinha também trazido de sua pátria maravilhosos presentes de honra. O funcionário da corte informou que iria fazer o que estivesse ao seu alcance, mas que, em todo o caso a decisão iria demorar ainda um longo tempo; enquanto isso o estrangeiro poderia se utilizar de sua hospedagem.**

**Quando Xavier, depois, se inteirou com exatidão do cerimonial a ser observado durante a recepção, o funcionário que se agradara de seu hóspede, começou a contar-lhe com precisão como eram as coisas na corte e como vivia o imperador. E eis que Xavier, bem depressa, teve de reconhecer com decepcionada admiração que o Voo, o sublime filho do sol colocado no trono do Japão, era, na verdade, adorado à maneira**

**de um ídolo mas que ele, desde o momento em que os senhores feudais haviam chamado a si todo o poder, nada mais era do que um ídolo sem nenhuma inteligência e sem o mínimo prestígio político.**

**Go-Nara, o descendente de Amaterasu, a deusa do sol, visto que, em consequência da guerra civil os inostos já não entravam mais com regularidade, tivera de lutar mesmo com grandes dificuldades financeiras. Não dispunha mais nem sequer dos meios para mandar endireitar as paredes em ruínas do palácio, e, assim, era fácil a qualquer pessoa o poder ver desde fora o que estava se passando lá dentro, por através de grandes fendas e rachas; como, porém, as prescrições do cerimonial exigiam que o imperador estivesse sempre protegido contra olhares profanos, os funcionários da corte não acharam outra saída mais do que rodear o soberano com biombos de papel.**

**Mesmo agora as refeições continuavam a ser servidas ao Voo em pratos de porcelana, os quais eram destruídos depois de utilizados uma só vez; mas os alimentos servidos nos pratos eram miseráveis e escassos, pois faltava o dinheiro necessário para cuidar regularmente da manutenção da corte e do imperador. No fim de contas não restara mais ao Voo outra coisa senão o ganhar um pouco de dinheiro por meio de trabalho executado por suas próprias mãos, copiando ele cânticos manuscritos para amadores ricos, em troca de paga adequada.**

**Dado que os conradores não tinham permissão para ver o Imperador face a face, o que eles tinham a fazer era depositar a inortância do pagamento atrás de uma cortina do salão de recepção e, então, aparecer algum tempo mais tarde, para receberem o manuscrito preparado pelo imperador. Mas se o conrador, alguma vez, tinha necessidade de dirigir algumas palavras pessoalmente ao Voo, afim de se acertar com ele a respeito do preço da cópia, então ele tinha que atentar cuidadosamente na circunstância de que não lhe era permitido nunca fitar o sublime Filho do Sol durante todo o tempo da audiência. O loquaz funcionário da corte informou também ao missionário de muita coisa desagradável sobre as princesas e damas de honor famintas, as quais, muitas vezes, se viam na contingência de chamar os mercadores da rua, por através das**



brechas das paredes do palácio, para pedir-lhes caritativas dádivas de batatas doces. Xavier ouviu essas informações contristadoras com sincera emoção e ficou tomado de viva conaixão pela situação embaraçosa do soberano. Mas ele tinha diante de si uma missão mais elevada e, por isso, devia tirar dessas notícias surpreendentes as conclusões práticas correspondentes.

Sua intenção era, na verdade, conquistar o Japão e a China inteiros para a Igreja católica e, nisso, o imperador não lhe podia ser de utilidade, pois, tão sublime como era, que a ninguém era lícito pousar nele o olhar, apesar disso vivia de trabalhos de escritura, rodeado de uma corte que se alimentava de batatas mendigadas, um imperador para quem o solo sobre o qual ele não podia pousar o pé, já lhe fora arrebatado, havia muito, por revolucionários poderosos. Assim é que o missionário interroneu, finalmente, as intermináveis narrativas do funcionário da corte e informou-se sobre quem exercia o domínio sobre o Japão, já que não era o imperador. Então soube ele que era o Chogun, o generalíssimo, quem de fato governava o país. Mas quando ele procurou se informar mais minuciosamente sobre esse Chogun, evidenciou-se que o atual generalíssimo Aschinaka Taschiteru era um rapazola de quinze anos, o qual não tinha voz ativa, também, e justamente agora se achava foragido de seus inimigos. Para falar com exatidão, assim acabou confessando melancolicamente o funcionário, os verdadeiros detentores do poder, presentemente, no Japão, eram somente os adventícios, os daimyos. Então Xavier soube, por fim, que decisão tomar. Agradeceu ao seu anfitrião e sem esperar mais tempo pela audiência solicitada, abandonou Miako na manhã seguinte.

---

▪ [Anterior](#)

▪ [Índice](#)

▪ [Posterior](#)



## **“DEUS” CONTRA “DAIMITCHI”**

Já a caminho da capital Xavier atravessara uma grande e próspera cidade chamada Jamagutchi; dado, porém, que ele nessa ocasião ansiava inacientemente por Miako, não dedicara também a Utchi Joschitaka, o daimyo de Jamagutchi maior inortância do que a todos os demais príncipes, a quem tivera oportunidade de conhecer durante a viagem.

Mas agora se convencera de que os daimyos representavam as únicas autoridades do país e agora também lembrou-se do príncipe de Jamagutchi e de sua ilustre corte. Desde que Miako fora arrasada em consequência da eterna guerra civil, uma grande parte da nobreza imperial se refugiara em Jamagutchi e, assim, essa cidade, no decurso dos últimos anos, se tornara a verdadeira capital do Japão. Com grande pressa viajou Xavier outra vez para Jamagutchi. As preciosas vestimentas de festa, que ele pretendia, a princípio, envergar por ocasião da audiência do imperador, vestiu-as ele para a recepção marcada por Utchi Joshitaka; a esse príncipe entregou ele também a mensagem do papa romano, a carta credencial do governador de Goa e os presentes de honra destinados ao Voo. Quando o Daimyo percebeu as honras que lhe prestava o estrangeiro, quando ele ouviu como esse sacerdote cristão envolto em paramentos brilhantes lhe dirigiu a palavra com todos os títulos e demonstrações de honra devidos ao imperador, então foi necessária apenas uma pequena arte dialética para assegurá-lo da autoridade e da verdade do cristianismo. No entretanto, depois que Xavier tocara ao fim da sua arenga e entregara ao Daimyo lindos rolos de pergaminho com a saudação do papa e do governador português, chegou o momento solene em que o estrangeiro pôs à mostra, um depois do outro, os magníficos presentes tirados do seu saco.

Em seguida foi chamado para ali o funcionário da corte, o qual recebeu a incumbência de registrar para todos os tempos as palavras com que o embaixador vindo do país dos bárbaros do sul se dirigira ao Daimyo e os presentes maravilhosos que lhe entregara como sinal de respeito. “Um relógio”, registrou o cronista com o seu pincel, “que bate, com exatidão, doze vezes durante o dia e doze vezes durante a noite; um instrumento

**musical que emite sons maravilhosos, sozinho e sem necessidade de que se a toque; vidros para os olhos, com ajuda dos quais um ancião pode ver tão precisamente quanto um jovem.” Em voz alta o Daimyo ordenou que, ainda no mesmo dia, fosse dado a conhecer na cidade inteira, que o estrangeiro tinha licença para pregar a sua religião livremente, e que todos os súditos poderiam adotar o cristianismo.**

**Bem depressa se espalhou em todo o Japão, por meio de mercadores, viajantes e capitães de navios, a notícia da chegada de um homem milagroso, procedente do país dos bárbaros do sul, e, assim, Otomo Joshishige, o Daimyo de Bungo ouviu também falar de Xavier e dos seus pasmosos tesouros. Em seguida ordenou esse príncipe aos seus samurais que trouxessem, fosse lá de que maneira fosse, o santo à sua corte. “Tenho grande desejo de vê-lo” , escreveu ele mesmo ao missionário, “e falar-lhe confiadamente. Sinto-me emocionado com a esperança de vê-lo chegar dentro em breve.”**

**Pareceu que o céu quisesse providenciar sobre um sucesso especial para a viagem de Xavier a Bungo, pois, justamente quando o missionário ali chegou, entrou também no porto dessa cidade um navio mercante português. Por desejo de Xavier os portugueses fizeram logo tudo que lhes foi possível para preparar ao sacerdote tão altamente honrado por eles, uma triunfal entrada, correspondente aos seus méritos. Conduziram-no em uma chalupa festivamente ornamentada, acompanhado por muitos escravos que envergavam vestimentas preciosas, levando-o a Funai, residência do daimyo, e quando chegou a hora da recepção marcada por Otomo Joshishige, os oficiais navais portugueses estenderam sobre o solo os seus preciosos mantos, afim de que Xavier neles se sentasse.**

**Tudo isso não deixou de produzir certa impressão no príncipe. Imediatamente foi decretada para toda Bungo absoluta liberdade de consciência; o próprio Daimyo manifestou o desejo de conservar junto a si, para todo o sempre, o sacerdote do país dos bárbaros do sul, pretensão essa que Xavier, na verdade, inugnou.**

**Grandes foram os sucessos que o missionário conseguira, durante a sua curta atuação no Japão: havia já cinco cidades com comunidades cristãs, e o número de japoneses batizados**

orçava em mais de mil; além disso não eram eles, como na Índia, simples pertencentes às classes mais baixas; pelo contrário, eram, em sua maior parte, nobres e funcionários da corte. A despeito disso, Xavier não pode alimentar ilusões de que a maior parte da sua tarefa já fora realizada, até aquela data: os bonzos, os guardiães da “falsa religião”, não somente não estavam vencidos como também agora haviam passado a se mostrar como inimigos encarniçados e perigosos. Seguindo o conselho de Anjiro, Xavier, a princípio, designara o Deus cristão com o nome habitual no Japão de “Dainitchi”, “o criador de todas as coisas”; com isso os bonzos haviam declarado, satisfeitos, que esse deus dos bárbaros do sul outro não era senão o seu próprio Deus, e que o cristianismo representava uma espécie de doutrina budista. “Entre vós e nós”, disseram eles a Xavier, “ existe apenas a diferença de língua, nossa religião é a mesma.” A princípio receberam eles o “ irmão estrangeiro” de maneira amabilíssima. convidaram-no a que visitasse os seus conventos e prepararam-lhe solenes recepções ali. Sucedeu também nessa ocasião, que alguns bonzos se passaram para o cristianismo e pediram a Xavier que os batizasse.

Mas, quando Xavier penetrou fundo nas doutrinas do budismo e do shintoísmo, reconheceu ele, para seu desengano, que o bom Anjiro, com as suas informações, o havia induzido em erro. Na verdade Anjiro se mostrara como um verdadeiro Paulo, o qual pregava o cristianismo com língua fogosa, mas, no fundo, era ele, como se evidenciava agora, muito inculto, e a maioria de suas informações haviam sido muito pouco exatas. Só assim é que pudera acontecer tivesse se abandonado, durante tanto tempo, a graves enganos sobre o verdadeiro caráter da religião japonesa e do bonzismo.

Agora via ele como a concordância que afirmara Anjiro existia entre esse credo pagão e o cristianismo, dizia respeito apenas a exterioridades de pouca monta. O budismo não conhecia, na verdade, nem um Salvador, cuja paixão deveria remir a humanidade, nem o anelo por uma bem-aventurança eterna; o objetivo do budismo não era o céu, mas o nirvana, o aniquilamento completo. Os adeptos do shinto adoravam até mesmo o sol e a lua, heróis guerreiros legendários e animais irracionais, crença essa que só poderia provocar repugnância e desprezo em um missionário católico.

**Em consequência disso Xavier, agora, tornou-se mais cauteloso e, com o fito de evitar quaisquer mal-entendidos, passou a usar apenas o nome latino “Deus”. Com o intuito de reparar seus erros iniciais apressou-se ele a declarar por toda a parte que, o “Dainitchi” dos bonzos não era nenhum deus, e sim engendro de Satã.**

**Mas com isso também a harmonia existente entre ele e o clero japonês terminou; a partir daí, este se lhe opôs de maneira hostil e empregou todas os esforços para combatê-lo e refutar as suas doutrinas em controvérsias violentas.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **DIANTE DAS PORTAS DA CHINA**

**Nesses torneios oratórios que se seguiram então, por toda a parte, os bonzos apresentavam muitas vezes um argumento, que deixava a Francisco Xavier embaraçado. Era impossível, diziam eles, que a doutrina do “ Deus Cristão” seja a verdadeira, dado que os chineses não tinham conhecimento dela; isso não deixou de causar certa impressão nos ouvintes japoneses; assim é que Xavier, agora, reconheceu o quanto aqui se estava, em todas as opiniões e julgamentos, na dependência do modelo chinês; pois o Japão havia tomado a sua religião, sua escrita e quase toda sua cultura espiritual, da China. Pouco a pouco foi surgindo em Xavier, sob a impressão dessas discussões, o pensamento de que a tentativa de uma conquista do Japão deveria ser empreendida por meio da China. Se ele conseguisse converter os chineses, o Japão, que imitava a China em tudo e por tudo, seguiria, automaticamente, o seu exemplo.**

**À vista disso procurou ele agora reunir de maneira sempre mais sôfrega, informações sobre as condições dominantes no Império do Meio, e aquilo que os mercadores portugueses, com os quais ele falava a respeito disso, soiam narrar, tinha aspecto bastante sedutor. A China, ouvia ele dizer, era o país modelar de justiça e, sob este aspecto, era superior a toda a cristandade. A religião dos chineses era, propriamente, uma doutrina moral tida em alta conta desde havia muito tempo, ao passo que os deuses ali desfrutavam de prestígio muito escasso. À diferença do que se passava no Japão, havia na China um imperador que detinha, realmente, em suas mãos o poderio sobre todo o império; o povo era pacífico e invulgarmente inclinado às ciências, especialmente ao direito e à astronomia.**

**“Creio” , escreveu Xavier, nessa ocasião, para a pátria, “ que posso viajar ainda este ano para a capital do rei da China. É esse um país onde a religião de Jesus Cristo pode se difundir em larga escala. Se os chineses adotarem algum dia o cristianismo, então isso será também de grande vantagem para a destruição das seitas japonesas... A China deve ser conquistada como outrora o império romano: com a conversão do rei, o povo o acompanhará também.”**

**Na viagem de regresso do Japão para a Índia, Xavier encontrou-se com um mercador português chamado Pereira e relatou-lhe o quanto ansiava por chegar à China. O português ouviu-o com a máxima atenção e expôs-lhe o plano de organizar uma embaixada oficial portuguesa junto ao imperador chinês e, dessa maneira, penetrar no império rigorosamente fechado a todos os estrangeiros. Pereira mesmo ter-se-ia visto, de bom grado, desenhando o papel de embaixador português, por isso, estava pronto a custear do seu próprio bolso todas as despesas ligadas a essa embaixada. Ele julgava que Xavier se encontrasse em excelente pé de relações com o vice-rei em Goa e, seguramente, estaria em condições de conseguir junto a esse as necessárias cartas credenciais para ele e Pereira. Se obtivesse isso, Xavier poderia acompanhá-lo em sua viagem para Pequim e ali pregar o evangelho ao imperador da China. Xavier entregou-se com ardor a essa proposta. Logo depois de seu regresso a Goa visitou o vice-rei e convenceu-a também a dar o seu beneplácito à enresa; depois viajou de nova para Malaca, onde Pereira já estava à sua espera, afim de empreender com ele a travessia para a China. Em Malaca, porém, surgiu uma dificuldade absolutamente inesperada: o comandante do porto ali tinha seus próprios planos no sentido de iniciar lucrativo intercâmbio comercial com a China e, por isso, estava resolvido a inedir, a toda custa, a partida de um concorrente. Debalde apelou Xavier para a sua dignidade de núncio papal, coisa que ele até então ainda não fizera, e, ameaçou-o com a excomunhão. O comandante, mais cúvido do que piedoso, não se deixou atemorizar e declarou, rotundamente, que ele mandava para o diabo a patente do papa ; e no que dizia respeito a Pereira, enquanto ele fosse comandante em Malaca, não haveria de partir. Xavier não estava de nenhuma maneira disposto a consentir que o seu grande projeto de conquistar a China para o cristianismo, viesse fracassar em consequência das pequenas ciúmeiras entre um comandante de porto e um mercador. Se o negócio não fosse avante com Pereira, então era necessário que alcançasse a China mesmo sem Pereira. Viajou ele em um navio mercante português, primeiro para a ilha de San-Choan, situada à frente do porto de Cantão, ilha essa em que desde havia muito tempo se estabelecera um intercâmbio clandestino de mercadorias entre comerciantes portugueses e chineses.**

**Logo depois de sua chegada ali, entabulou ele negociações com os patrões de um navio chinês e procurou uma possibilidade**

**para se deixar transportar para Cantão; os mercadores chineses, no entanto, começaram a apresentar uma série de evasivas, pois eles arriscavam a cabeça se ousassem contrabandear um estrangeiro no Império do Meio, apesar da rigorosa proibição nesse sentido.**

**Xavier então começou a esperar bem junto à porta da China, em uma miserável cabana de junco, dia pós dia, uma possibilidade para meter o pé na terra da promessa. Nesses dias escreveu ele a Pereira, o qual continuava sempre na expectativa de poder realizar no ano seguinte o seu plano fracassado: “ Se o senhor entrar na China, irá me encontrar ou em Cantão metido no cárcere ou em Pequim na corte imperial.”**

**Por fim conseguiu ele conquistar um contrabandista chinês em troca de uma paga de vinte quintais de pimenta. O chinês se declarou disposto a conduzi-lo secretamente a Cantão, durante a noite em uma pequena barca, e ali albergá-lo em sua cabana durante os primeiros dias. Em um dia combinado viria ele para buscar o missionário. Mas, o contrabandista não reapareceu; passou-se um mês de temerosa espera, e mais um segundo. Outubro já havia chegado, os comerciantes portugueses haviam liquidado os seus negócios na ilha e um navio depois do outro içou as velas, indo desaparecer nas bandas do sul. Por fim permaneceu Xavier sozinho na ilha solitária, cuidado apenas pelo seu criado. Diariamente ia ele para a praia e ali permanecia sentado horas a fio, silenciosamente, com o olhar melancólico voltado para o oeste, onde estava situado o grande império pagão, que deveria ser conquistado para Cristo.**

**A estação tornou-se fria e hostil, e um dia Xavier adoeceu. Acometido de tremores de frio e vômitos, dentro em breve já não pôde mais tomar nenhum alimento; seu estado piorava dia a dia; em sua enxerga continuava ele esperando, por entre calafrios de febre, a embarcação chinesa que viria buscá-lo afim de conduzi-lo a Cantão por sobre o mar açoitado pelas tenestades do outono. Uma manhã entrou ele a delirar; de repente começou a levantar os olhos para o céu e, com o semblante alegre, a pregar alto em muitas línguas: podia ser que fosse tamil, malaio, japonês ou vascongo. Ao cabo do oitavo dia de sua enfermidade, perdeu ele a fala e já não reconheceu mais também o seu criado. Na madrugada de 1º de Dezembro de 1552 morreu ele.**



---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **JESUÍTAS COMO BRAHMANES E YOGIS**

**A morte inedita de Xavier de realizar o seu grande plano, mas a obra começada por ele iria, a despeito disso, ser continuada com, sucesso admirável. Pois, de repente, surgiu em lugar do falecido uma turba imensa. Dezenas e centenas de missionários jesuítas alimentavam o propósito de alcançar aquilo que Xavier não pudera mais completar; cada qual estava inulcionado pelo mesmo fogo de entusiasmo, e cada qual possuía de igual maneira a aptidão para ser comerciante com o comerciante, soldado com o soldado, conselheiro com o príncipe, com o escravo amigo e confidente, capazes de defrontar os orgulhosos japoneses com altivez e de vencer os eruditos bonzos em debates dialéticos. Por toda a parte onde os portugueses haviam sido dominados pelo vício, onde hindus, malaios e japoneses veneravam os ídolos, apareceram os missionários jesuítas com o intuito de pregar a religião cristã. Infatigáveis, dispostos ao sacrifício, adaptáveis e atilados eram todos eles; se um tinha que abandonar o posto, fosse por se ter tornado velho e cansado, fosse que de Roma lhe tivessem destinado uma outra tarefa, mas fosse também por o terem metido na prisão ou o haverem martirizado até a morte, então um outro, imediatamente, tomava o seu lugar, e se mostrava sempre igualmente corajoso, inteligente e astucioso, como o fora o seu predecessor. Durante anos a fio os missionários jesuítas haviam se substituído uns aos outros, em todos os continentes e, não obstante, tinha-se a impressão de que, desde os dias de Xavier até à nossa época, por detrás de numerosas máscaras que mudavam sempre, conforme a diversidade dos países e costumes, se ocultasse sempre o mesmo rosto.**

**Em Ormuz, na fronteira indo-pérsica, caminhava agora o padre Barzeus, pelas ruas afora, enunhando a caninha. Nessa cidade famosa pela sua riqueza encontravam-se mercadores de todas as raças e credos: persas, judeus, brahmanes, jainas, parsis, turcos, árabes, cristãos armênios, gregos, italianos e portugueses. Barzeus sabia conquistá-los a todos. Os comerciantes vinham atrás dele em busca de conselho para os seus complicados assuntos de negócios; mas com os judeus sabia ele ser judeu, de sorte que os rabinos foram tomados de enorme admiração pelo grande saber talmúdico deste padre**

**cristão e no fim de contas, convidaram-no para que viesse às suas sinagogas afim de interpretar os livros sagrados diante da comunidade inteira.**

**Os maometanos, por sua vez, viram em Barzeus, dentro de pouco tempo, precisamente um novo profeta e, quando ele, uma vez, apareceu em suas mesquitas, levantaram-no por sobre os seus ombros e festejaram-no como o batista João redivivo. Barzeus soube conquistar até mesmo a confiança dos brahmanes, visitando-lhes os templos e discutindo ali com os mais doutos entre eles a respeito das analogias existentes entre a doutrina da Trindade cristã e a hindu. Por fim Barzeus se viu obrigado a organizar um programa semanal em perfeita forma: às quintas feiras pregava ele para os maometanos; aos sábados para os judeus, às segundas-feiras para os brahmanes e nos dias restantes para os cristãos.**

**Já Xavier havia sido inteirado por um sábio hindu de muitas cousas referentes aos brahmanes. “ Ele me desvendou sob sigilo” , escreveu Xavier nessa ocasião, “ que a verdadeira doutrina deve permanecer sempre em rigoroso segredo... Há uma língua secreta que serve para o ensino, como entre nós o latim. Ele me enumerou, exatamente, os mandamentos dessa doutrina e me deu sobre cada um deles uma boa explicação...”**

**Essas indicações, porém, haviam produzido em Xavier uma pequena impressão apenas; ele continuava vendo a sua tarefa mais importante na Índia no fato de se dedicar, sobretudo, aos escravos e pescadores de pérolas, ao exército de pobres e deserdados, que pareciam especialmente acessíveis à doutrina de salvação do cristianismo. Ele não conseguira perceber, de nenhuma maneira, a verdadeira significação do brahmanismo: “ Existe aqui uma raça de homens que se denominam brahmanes... É a raça mais abjeta do mundo.” Assim escreveu ele uma vez aos seus irmãos da Ordem. Os discípulos, no entretanto, que operavam na Índia depois de sua morte, já reconheceram mais claramente quão pouco prometia o grande sucesso da catequese junto a pescadores, escravos e mesmo príncipes, enquanto a casta dos brahmanes permanecesse fechada ao cristianismo. Pois esses jesuítas já apreciavam agora a enorme inortância do sistema hindu das castas, coisa que Xavier ainda não percebera por completo; se não se conquistarem as castas mais elevadas, então os resultados**

conseguidos junto às castas mais baixas poderão ficar isolados e não ser de duração. Mas os brahmanes assumiram em face do cristianismo uma atitude extraordinariamente desconfiada; os colonizadores e soldados portugueses que se confessavam adeptos dessa religião, de acordo com os conceitos hindus, só podiam ser considerados párias, pois comiam carne, bebiam vinho e conviviam indistintamente com todas as castas, ao passo que o brahmane já se sentia contaminado, se porventura caísse sobre ele a sombra, apenas, de um pária.

Assim sendo os brahmanes tinham que ver também nos sacerdotes cristãos, párias, e a passagem para o cristianismo parecia-lhes equivalente à perda da casta. O missionário jesuíta Roberto de Nobile, sobrinho do cardeal Belarmino, e rebento de uma antiga família da nobreza italiana, foi o primeiro a tomar a peito também a conversão dos brahmanes, defrontando-os ele mesmo como brahmane. Quando ele, depois de longa preparação, apareceu na cidade de Madura, na Índia Meridional, não se assemelhava em nada àqueles irmãos da Ordem, que trafegavam pelo país metidos em sotainas molambentas, que ouviam em confissão os pobres e escravos nos hospitais e corriam às aldeias de pescadores com a caninha na mão.

Igual aos hindus de castas elevadas usava ele uma comprida vestimenta de lã amarelada, um turbante e sandálias de madeira, quando os brahmanes lhe perguntavam se ele não era português, repelia essa conjectura com orgulho ofendido e declarava que era um príncipe romano e brahmane; somente a admiração que nutria pelos irmãos da Índia, de cuja profunda sabedoria ouvira falar em sua pátria, o induzira a vir até ali. Dentro em breve os brahmanes reconheceram que não somente o vestuário e a atitude do estrangeiro correspondiam em absoluto às de sua casta, mas que ele também observava, de maneira rigorosíssima, os mandamentos e proibições da doutrina hindu.

Da mesma maneira que eles, nunca o padre cristão comia carne, não tocava em vinho e vivia exclusivamente de arroz, leite, legumes e água. Ele se instalou no bairro distinto dos brahmanes e rodeou-se de uma criadagem puramente brahmânica. Nunca dirigia ele a palavra a um pertencente às castas mais baixas; sim, ele evitava até mesmo, de maneira escrupulosíssima, todo e qualquer convívio com os sacerdotes

**brancos que, metidos em suas batinas molambentas, se esforçavam pela salvação das almas dos párias. Mas o que os brahmanes sobretudo admiravam nele era o conhecimento extraordinário de sua própria sagrada doutrina. Nobile dominava a sua língua fluentemente e quase que sem nenhum sotaque estrangeiro, sabia também ler os mais difíceis textos sanscricos e sobrepujava os sacerdotes mais eruditos, introduzindo em todas as discussões religiosas e filosóficas uma imensidade de citações tiradas das grandes obras da poesia nacional.**

**Escutavam eles o missionário com verdadeiro fervor, quando ele recitava com a entonação de um sábio retirado do mundo, frases dos Vedas, dos Apastamba-Sutras e das Puranas; além disso redigia ele mesmo em sânscrito, eruditos escritos de edificação e os traçava depois em folhas de palmeiras. Muitas vezes extasiava ele os seus ouvintes também com a recitação de cânticos hindus, pois ele conhecia as mais antigas “ragas” e sabia variá-las, magnificamente, durante horas a fio, de acordo com todas as regras da arte. Dera ele provas tão irretorquíveis da sua extraordinária cultura, que os brahmanes não ousaram mais duvidar um só instante da veracidade de suas palavras, quando ele, então, vinha a falar, ocasionalmente, sobre as concordâncias existentes entre as sagradas escrituras da Índia e a doutrina cristã. No fundo, explicava ele, tratava-se, numa e noutra, do mesmo credo, com a diferença apenas de que o cristianismo constituía um desenvolvimento e um aperfeiçoamento do sistema religioso brahmânico. Dentro em breve já não havia em Madura mais nem um brahmane que não tivesse visto em Nobile um seu igual, e muitos já acreditavam que esse estrangeiro era até mesmo mais perfeito do que todos eles.**

**Os que assim pensavam já estavam de bom grado inclinados a seguir o exemplo de um homem tão piedoso e sábio e, mais ainda a se tornar “brahmanes-cristãos”. Assim é que Nobile conseguiu alcançar aquilo em que todos os outros missionários haviam fracassado; um grande número de hindus ilustres, pertencentes às castas mais elevadas, fizeram-se batizar e, daí em diante, a ninguém mais era lícito afirmar que o cristianismo fosse uma religião boa apenas para os párias. Mas a princípio parecia que esse grande sucesso tivesse de só ser conrado à custa do sacrifício da atividade missionaria junto às castas mais**

baixas; pois Nobile vinha evitando rigorosamente todo e qualquer convívio com eles. Entretanto ele mesmo achou, dentro em breve, uma solução para esse complicado dilema; sabia ele que havia na Índia uma classe de homens que podiam entrar em contato com todas as outras castas, sem se inurificarem; eram eles os yogis, os penitentes. Em conseqüência disso propôs ele aos irmãos de sua Ordem que, a partir daí, se dividissem em dois grupos separados de missionários, dos quais um tinha que aparecer como formado de brahmanes e o outro como de yogis. Enquanto Nobile mesmo, também, daí por diante, continuou convivendo apenas com seus amigos brahmânicos, um belo dia apareceu o jesuíta Da Costa, envergando o traje de um yogi e, em breve, seguiram-no outros yogis jesuítas, que tinham em vista, agora, também, conversões entre as castas inferiores. Sucedeu assim que a missão em Madura tomou rapidamente um grande incremento. Quando Nobile abandonou o seu cano de trabalho, havia nessas regiões mais de quarenta mil nativos convertidos, entre eles um grande número de brahmanes. Dos nove missionários que continuavam a atuar em Madura sete se intitulavam yogis e dois se intitulavam brahmanes. A maioria deles dominava o sânscrito com grande perfeição e, da mesma maneira que Nobile, conheciam os sagrados livros hindus com tanta exatidão que, em toda a parte, passaram a ser considerados como doutores em escritura, bastante sábios. Nessa ocasião o padre Calmete, um desses missionários, pode escrever para Roma, com ar triunfante: “ Desde que os Vedas se encontram em nossas mãos, extraímos deles certas passagens que servem para convencer os pagãos das verdades fundamentais aquelas, que deverão destruir a sua idolatria; pois a unidade de Deus, os atributos do verdadeiro Deus e o estado de bem-aventurança e condenação, tudo isso está contido nos Vedas.

---

▪ [Anterior](#)

▪ [Índice](#)

▪ [Posterior](#)



## **NA CORTE DO GRÃO-MOGOL**

**Se no sul da Índia tratou-se de contrabandear a doutrina de Cristo, cautelosa e disfarçadamente, como uma espécie de bramanismo melhorado, em compensação no norte, na corte do Grão-mogol Akbar, o cristianismo teve de ser defendido em discussões públicas contra os adeptos dos mais diversos credos religiosos. Pois o imperador Akbar, o tetraneto do terrível Tamerlão, havia andado em busca, ininterruptamente, desde a idade de treze anos, da verdadeira religião; pretendia ele mesmo adotá-la e introduzi-la em seu império, afim de que o seu povo se tornasse o mais perfeito de todos os povos. Educado nas doutrinas do Islão, nunca pudera ele encontrar nesse credo uma verdadeira satisfação; de igual modo repugnava-lhe o adotar a religião dos hindus subjugados, pois tanto numa como noutra, acreditava ele ter diante de si obras humanas arbitrárias. Durante longos anos meditou ele, em seu magnífico palácio de Fatpursikri sobre a maneira pela qual poderia chegar ao conhecimento da verdadeira religião, a uma crença divina irradiante de primitiva pureza, isenta de toda e qualquer influência exterior.**

**Durante algum tempo acreditou ele que a verdadeira religião primitiva pudesse ser achada, tão somente, por criança sem educação alguma, e, baseado em tais ponderações, organizou uma estranha experiência: trinta crianças foram por sua ordem conduzidas a um recinto completamente isolado do mundo exterior, antes ainda de que tivessem aprendido a falar, e ali foram educadas, sendo que as amas não podiam nunca trocar com elas uma palavra sequer. Debalde esperou Akbar pela língua e pela religião que haveriam de ser criadas, espontaneamente, por essas crianças.**

**Depois quis o imperador tentar uma nova experiência: convidou adeptos de todas as religiões conhecidas à sua corte e fez com que os mesmos discutissem uns com os outros em sua presença. Esperava poder concluir, dessa disputa oratória dos sacerdotes sobre qual era a verdadeira religião. Assim foi que surgiram em Fatpur-Sikri esses originais diálogos religiosos: brahmanes, budistas, maometanos e parsis reuniram-se ali para desenvolver diante do imperador todas as vantagens do seu**

**próprio credo e todas as falhas das demais doutrinas religiosas.**

**Quando Akbar, um dia, foi informado de que havia nas costas índicas uma outra religião ainda com sacerdotes muito inteligentes, enviou ele, de imediato, um emissário a Goa e convidou os jesuítas, solenemente, a que participassem na disputa religiosa. Os padres reconheceram a inortância enorme desse acontecimento: se lograssem convencer Akbar da superioridade da doutrina cristã, então, todo o poderoso império do Mogol estaria em condições de ser conquistado, por esse meio, de um golpe, para o catolicismo. Já sonhavam os jesuítas com a possibilidade de fazer de Akbar um segundo imperador Constantino e, assim, enviaram eles os seus mais hábeis dialéticos e teólogos, Rodolfo Aquaviva, Jeronymo Xavier, sobrinho do grande apóstolo, Manoel Pinheiro e Benedicto Góis, à corte de Akbar.**

**Já nas primeiras discussões os jesuítas mostraram a sua superioridade sobre brahmanes, budistas, maometanos e parsis, pois eram versados, excelentemente, tanto nos Vedas como também na doutrina de Buda, no Corão e nas legendárias máximas de Zoroastro. Eles souberam sempre dispor as coisas de tal maneira que, quando discutiam com os parsis, por exemplo, esses, de início, faziam-lhes acenos amigáveis; pois tudo quanto os missionários cristãos diziam, soava como uma verdadeira confirmação da doutrina parsi. Se a alocação dos jesuítas se dirigia aos maometanos, então as suas explicações se encontravam em absoluta consonância com as doutrinas do profeta, e os moslims sorriam satisfeitos. Até mesmo os brahmanes tinham impressão de que ninguém ainda expusera o conteúdo dos seus livros sagrados de maneira tão clara e elegante como esses sacerdotes brancos. Mas os jesuítas acabaram concluindo com a afirmação de que as doutrinas da Igreja católica continham as mesmas verdades que os credos dos maometanos, hindus e parsis, apenas com a diferença de que essas verdades haviam encontrado no cristianismo a sua expressão mais pura. Então os parsis, brahmanes e maometanos começaram a sacudir a cabeça, pois nunca tinham imaginado uma tal conclusão. O imperador Akbar, porém, ficou inclinado a se decidir pelo cristianismo. Outorgou ele aos missionários o direito ilimitado de pregar e batizar, permitiu aos seus súditos se convertessem ao catolicismo e consentiu na edificação de uma igreja e de um colégio jesuíta em Agra. O que**



**o inedia, pessoalmente de adotar o cristianismo eram somente os dogmas da Santíssima Trindade e da encarnação do Criador na pessoa de Cristo; também a humildade pregada por Jesus pareceu ao soberano indigna de um Filho de Deus, e provocou o seu desagrado. Durante dias e noites a fio entreteve-se Akbar com os jesuítas a respeito dessas questões e pediu-lhes encarecidamente que o libertassem de suas dúvidas com explicações satisfatórias.**

**A explosão de uma guerra chamou o imperador ao cano de batalha. Mas tão grande era o seu zelo em penetrar a fundo os mistérios dos dogmas cristãos, não compreensíveis de todo para ele, que resolveu levar consigo na expedição os padres missionários. Cavalgaram eles a seu lado por através das estepes do Indostão, e nas noites consteladas junto ao fogo dos acampamentos ele dirigia-lhes, a todo o instante, milhares de perguntas. Nunca Deus havia inosto aos seus fiéis missionários a carga de uma responsabilidade tão pesada: existia aí a possibilidade de conquistar para a única e verdadeira doutrina um soberano poderoso e nobre, e, nesse caso, havia mister, talvez, de uma só palavra que teria franqueado ao imperador a significação dos dogmas. Mas o encontrar essa palavra eqüivalia a poder se tornar Akbar um segundo Constantino o Grande! Com todo o zelo, concentrando todos os esforços de sua erudição e eloquência, respondiam os jesuítas às incessantes perguntas do imperador; no entretanto, não conseguiam eles encontrar uma palavra que tivesse força para destruir os escrúpulos do Grão-Mogol. E assim foi que o imperador Akbar morreu inconverso, e com a sua morte soçobrou uma das grandes esperanças da missão índica jesuítica.**

**De Agra foram também os missionários jesuítas os primeiros europeus que penetraram na Ásia Central e no Tibete; na corte do Grão-Mogol haviam eles recebido notícias de um maravilhoso império de Catai, cuja religião parecia ser estreitamente aparentada com o cristianismo. O irmão leigo Góis resolveu ir em busca dessa Catai e incorporou-se a uma das caravanas que marchavam em direção ao norte e, passando por Cabul, pelo planalto de Pamir, pelo Turkestão e o deserto de Gohi, chegaram até as fronteiras ocidentais da China. A essa primeira expedição seguiu-se uma outra viagem de exploração em 1624, organizada pelo padre Antônio de Andrade. Por**

através do vale do Ganges superior, Andrade foi penetrando e transpôs o Himalaia na passagem Mana, galgando uma altitude de mais de cinco mil metros, e, por fim, alcançou a cidade de Tchaprang no Tibete ocidental, onde permaneceu durante os nove anos que se seguiram. Dois outros jesuítas dirigiram-se, mais tarde, de Bengala para a parte oriental do Tibete, passando por Nepal. Suas informações e as de Andrade foram as primeiras comunicações, e, durante muito tempo, as últimas dignas de fé que a Europa ficou conhecendo desses países.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **DA CERIMÔNIA DO CHÁ AO MARTÍRIO**

**“Tem nove pés de altura, a cabeça pequena em relação ao corpo, o rosto vermelho, os olhos redondos, o nariz comprido. Visto de lado, tinha ele os ombros caídos; sua boca alcançava as orelhas, e seus dentes muito brancos se assemelhavam aos de um cavalo. Suas unhas lembravam as garras de um urso. Aparecia sempre com um ar humilde, e sua voz soava igual ao arrulho de uma pomba. Quando erguia os braços, a gente poderia dizer que tinha diante dos olhos um morcego com as asas estendidas. Era uma visão bastante assustadora.” Com essas palavras descreve um cronista japonês, no ano de 1552, ao padre jesuíta Organtino; nessa ocasião esses recém chegados do país dos “ bárbaros do sul” pareceram aos japoneses, sempre, monstros estranhos e, sob muitos aspectos, inquietantes. Pouco tempo mais tarde, porém, já o mesmo missionário Organtino podia informar a Roma cheio de esperançosa alegria: “ Dentro de dez anos todo o Japão estará cristianizado.” Pois, agora, os filhos das mais ilustres famílias japonesas procuravam obter ingresso nas casas de noviciado jesuítas recém fundadas, e suas filhas, esposas e irmãs incorporavam-se, às turbas, a uma sociedade de cristãs japonesas, que trabalhava sob a direção dos padres na catequese do país inteiro.**

**Nesse meio tempo os missionários já haviam aprendido, completamente, a adaptar-se à vida japonesa e de tal modo, que eles, em suas maneiras, em sua cortesia e mesmo na sua pronúncia do japonês se igualavam às pessoas mais distintas. Eles se moviam, inclinavam-se e se sentavam, seguindo à risca os preceitos da etiqueta japonesa, conheciam todas as finuras do cerimonial do chá, e sabiam, de maneira idêntica aos nativos, quais as fórmulas de cortesia a ser entregadas na conversação e a forma por que se deveriam usar substantivos e verbos, de acordo com a posição da personalidade interpelada. Já que conheciam o gosto dos japoneses pelo espetacular, envidaram todos os esforços para organizar festas pombas nos dias santos cristãos. Na sexta-feira santa faziam eles com que soldados japoneses montassem guarda em suas igrejas, junto ao santo sepulcro, envergando uniformes suntuosos. Depois, uma procissão de crianças vestidas festivamente conduzia os**

**instrumentos do martírio do Salvador em torno da praça da igreja e, aí, virgens convertidas recitavam em coro, em língua japonesa, a história da paixão de Jesus. Todas as vezes que morria um padre, os seus irmãos organizavam um sepultamento solene, o qual mais de um Chogun teria podido invejar, pois os jesuítas sabiam agora, também, o quanto no Japão era julgada a inortância e o prestígio de um homem de acordo com a pona de suas exéquias. Os círculos educados do país foram conquistados por meio do saber poliédrico dos missionários. Os jesuítas edificaram escolas, mantiveram cursos de dialética e fizeram vir da Europa uma tipografia, a qual, agora, editava livros japoneses: gramáticas, dicionários, obras literárias, tratados teológicos, as fábulas de Esopo em tradução japonesa e também extratos dos livros clássicos chineses, especialmente das obras de Confúcio. Impressos em muitos mil exenlares, esses livros baratos espalharam-se por todo o Japão. Os jesuítas deram-se manha também, com a mesma habilidade, para conquistar as camadas incultas ; para isso não desprezavam eles meio algum e souberam também se utilizar para seus intentos das superstições mais grosseiras do povo. Quando, de uma feita, alguns bonzos se propuseram a enfeitiçar o padre Almeida, esse se declarou, imediatamente, pronto para a experiência e afirmou, do seu lado, que haveria de vencer os demônios por meio da cruz. Os bonzos untaram o missionário com unguentos, puseram-lhe em cima ídolos, passaram-lhe serpentes em torno do pescoço e entoaram fórmulas de esconjuro de toda a espécie; mas Almeida agitava ininterruptamente a sua cruz, declarando que, com a ajuda da mesma, ele afugentava os demônios e, por esse meio, conseguiu que algumas pessoas do público se fizessem batizar imediatamente.**

**Se nesse ou naquele principado chegava ao governo um novo Daimyo, então, dentro em breve, aparecia também um jesuíta que lhe contava das enormes vantagens que o intercâmbio comercial com Portugal poderia trazer ao seu país. Cada vez com mais freqüência encontravam-se soberanos que, não somente adotavam o cristianismo, mas mandavam até destruir os templos budistas e expulsar os bonzos. Quando, uma vez, um daimyo se punha a criar dificuldades ao cristianismo, vinha ter à sua corte um padre e observava, incidentemente, que o intercâmbio comercial com Portugal poderia servir também para o fornecimento de armas de fogo; que os príncipes cristãos das**

províncias vizinhas já tinham feito uso copioso delas. Essa insinuação bastava para que esse daimyo também pedisse o batismo rapidamente. Finalmente aproximou-se o tempo em que os jesuítas puderam exercer a sua influência na corte mesma de Miako; um daimyo de nome Oda Nobunaga erguera-se, agora, como soberano indiscutido de todo o Japão, e, sob o seu governo, a cidade, meio em ruínas, de Miako transformou-se outra vez em uma capital luxuosa. Mas com isso o sonho de Xavier chegara à realização: havia no Japão de agora em diante, um poderoso monarca e abria-se a possibilidade de cristianizar o império todo por meio da conquista desse monarca.

Quando Nobunaga ainda estava lutando pela conquista do poder, os sacerdotes budistas se opuseram a ele de maneira especialmente hostil; para quebrar-lhes o poderio procurou ele, então, incrementar o cristianismo. Concedeu aos missionários liberdade completa de prédica, dispensou-os de todos os inostos, convidou-os a edificar em sua nova capital de Azutche uma igreja e uma casa missionária, e, para esse fim, fez-lhes presente de um magnífico terreno. Afim de que ninguém pusesse em dúvida a sua amizade para com os cristãos, incendiou ele os conventos dos odiados sacerdotes budistas, retirou, pessoalmente, os ídolos de sua casa e mandou encarcerar sem misericórdia a todos os bonzos sobre os quais ele conseguiu deitar mão.

Dentro em breve os jesuítas já estavam desenenhando na corte de Nobunaga o papel de conselheiros íntimos; tinham entrada junto a ele a qualquer hora, convidava-os para as refeições e entretinha-se com eles sobre os seus grandes planos. Esses, porém, não visavam nada menos do que a conquista da China e assim os padres, agora, esperavam poder entrar em Pequim no séquito do vitorioso soberano japonês. Para essa expedição tornava-se necessária uma esquadra. Nobunaga, seguindo os conselhos dos jesuítas, resolveu mandar construí-la em Portugal, pois que os missionários lhe haviam acenado com preços sumamente baratos em virtude de sua mediação. Mas Nobunaga foi assassinado antes de chegar a hora de iniciar a sua expedição à China. Seu sucessor Toyotomi Hideyósh fora, na verdade, a princípio, favorável também aos cristãos; mas, dentro em breve, modificou a sua atitude. O fato de algumas virgens cristãs, que haviam despertado o seu agrado, se lhe terem recusado, apelando para os preceitos de sua nova

**religião, colocara-o logo em más disposições de ânimo.**

**Mas, dentro em breve, surgia um outro incidente mais grave ainda: um navio mercante espanhol encalhara nas costas japonesas, e as autoridades confiscaram a preciosa carga. Afim de conseguir a sua libertação, os marinheiros tentaram instilar o temor nos japoneses e procuraram demonstrar em um mapa-múndi a colossal extensão da monarquia espanhola. A pergunta de um funcionário japonês, sobre a maneira pela qual o rei de Espanha pudera submeter tantos países, responderam eles: “Os nossos soberanos começam mandando para os países a que pretendem conquistar, primeiramente, os sacerdotes. Depois de terem esses convertido uma parte do povo, então seguem-se-lhes as tropas, as quais fazem causa comum com os povos cristãos e trazem o país inteiro para debaixo do governo da coroa espanhola.”**

**O partido bonzista da corte de Hideyoshi não deixou passar essa oportunidade para expor ao soberano, devidamente comentada, essa afirmação alarmante, e Hideyoshi, que já não podia suportar, absolutamente, os missionários, por causa das melindrosas virgens cristã, resolveu, em seguida, a extirpação completa de sua doutrina “perigosa ao Estado.” A partir daí, a situação dos padres tornou-se extraordinariamente difícil. Decretos rigorosos proibiam, sob pena de morte, toda e qualquer atividade de catequese aos sacerdotes e, à população interdiziam eles a adoção do cristianismo. Quem já tivesse recebido o batismo, estava obrigado a retornar, o mais depressa possível, à antiga religião.**

**Sob o reinado de Iyeyasu, sucessor de Hideyoshi, a perseguição aos cristãos tornou-se mais violenta ainda, fato esse que se ligou à chegada dos primeiros navios holandeses ao Japão. Os atilados neerlandeses haviam também descoberto, nesse meio tempo, a rota marítima para o Extremo Oriente e, em breve, apareceu uma embaixada oficial holandesa, a qual propôs ao governo japonês a celebração de um tratado comercial em regra.**

**Com isso desapareceram as últimas reservas que ainda detinham o soberano japonês diante do emprego de extremo rigor contra os jesuítas: depois do início das relações comerciais com a Holanda já se podia, perfeitamente, passar**

**sem os portugueses e, destarte, não havia necessidade de que se lhes fizessem concessões religiosas de nenhuma espécie. Assim é que, agora, um edito ordenou a queima de todas as igrejas católicas e punição severa de todos os missionários remanescentes no país. Os cristãos, rezava nesse decreto, tem em vista “ propagar uma lei perniciosa, exterminar a verdadeira doutrina, derrubar o governo e se apoderar do império.” Quando os padres haviam reconhecido, uma vez, que tudo se tinha conjurado contra eles, então acreditaram que Deus, que até então tinha exigido deles prudência, capacidade de adaptação, zelo e astúcia, pedia agora o seu holocausto, afim de mostrar aos pagãos japoneses, de maneira expressiva a verdade da doutrina cristã. E com a mesma presteza com que antes haviam estudado os mais complicados textos sanscriticos, com que haviam se disfarçado em brahmanes, aprendido as regras da etiqueta japonesa e, assim, conquistado as almas, para o reino de Cristo, aceitaram agora os jesuítas o martírio também, para a maior glória de Deus. Com serena tranqüilidade deixaram se encarcerar, torturar e crucificar, pois os japoneses haviam aprendido de suas prédicas acerca da paixão de Cristo, essa forma de execução desconhecida no Japão até aquela data, e lhes proporcionou um prazer especialmente sardônico o cravar na cruz os sacerdotes do Salvador crucificado. Outros padres foram dependurados pelos pés até que sucumbiram, miseravelmente, de inanição e outros por sua vez, foram decapitados e atirados ao mar. Mas, enquanto eles estavam pendentes da cruz, com a cabeça inclinada para o lado, à espera do seu fim ou marchavam para o escabelo da execução, continuavam pregando, até o seu último alento, que a doutrina de Cristo era a única verdadeira. E, depois de todas as muitas vitórias que haviam eles conseguido no Japão, mediante prudência e astúcia, essa morte digna, em honra de Deus iria exercer a mais duradoura das influências. Pois, quando muito tempo já passado, outros missionários católicos puderam novamente trilhar o solo do Japão, encontraram ali grandes comunidades secretas de cristãos; eram os descendentes daqueles japoneses que outrora haviam assistido o martirológio dos jesuítas.**

**Depois que o Japão se havia fechado para os missionários, no ano de 1600, os jesuítas se dirigiram também para a Cochinchina e Tonkin, onde o padre Alexandre de Rhodes, especialmente, colheu grandes resultados. O número dos**

**nativos que se deixaram batizar ali, subiu, dentro em breve, a  
cerca de quatrocentos mil.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*





## **PADRE RICI – DOUTOR LI**

**Os começos da missão japonesa estiveram estreitamente ligados ao comércio marítimo português, pois os daimyos haviam sempre calculado que o aparecimento dos missionários traria em resultado uma vivificação do tráfego com o império colonial português. Em compensação na China odiavam-se os portugueses, desde havia muito tempo, e se os procurava manter afastados dali por todos os meios.**

**Essa xenofobia visceral fora provocada, sobretudo, em consequência da impressão desfavorável, que causara o aparecimento dos portugueses nas águas chinesas. Assim é que no ano de 1516 o vice-rei de Cantão escrevia ao imperador, que os estrangeiros não tinham outra coisa em mente senão saquear as costas e se apoderar de pontos fortificados, sob pretexto de comércio. Precisamente quando os jesuítas deram início à sua atividade no extremo, oriente, governava a China a dinastia dos Ming, a qual estava dominada por espírito nacionalista e procurava alienar o “ Império do Meio” , a todas as influências estrangeiras, de maneira rigorosíssima.**

**Os jesuítas, no entretanto, souberam sempre tirar vantagem de todas as situações, e se eles no Japão haviam aproveitado o entusiasmo das autoridades pelo comércio português, em compensação, aqui, valorizaram eles, para os seus objetivos, a xenofobia dos chineses. Quando, pois, três mercadores portugueses que haviam penetrado clandestinamente em Cantão foram encarcerados, os padres jesuítas Barreto e Góis se ofereceram para realizar as negociações referentes à soma do resgate, estabelecida pelas autoridades chinesas.**

**Nessa qualidade de mediadores tornava-se-lhes possível chegar a Cantão sem percalços. Barreto fez presente ao governador chinês de um relógio, o qual este tinha visto com o missionário e cobiçado vivamente, e isto levou dentro em breve ao estabelecimento de uma amizade tão íntima, que o governador tolerou que os dois padres continuassem em Cantão, mesmo depois da satisfatória regularização do resgate. Não criou mesmo nenhuma dificuldade, quando alguns outros missionários seguiram as pegadas de seus dois irmãos de**

**Ordem, pois ele e os seus demais funcionários sentiam já viva sinatia por esses estrangeiros, que sabiam se conduzir tão amavelmente, com tanto tato e com tanto atilamento.**

**Enquanto Barreto e Góis dominavam a língua chinesa deficientemente, os jesuítas que vieram mais tarde já falavam o chinês correntemente e sabiam se entreter com os funcionários sobre as cousas mais sábias. Pois o padre Valignani, visitador da Ordem da missão asiatico-oriental, havia, nesse meio tempo, organizado um “assedio” da China em perfeita forma e ajustado anlos preparativos, afim de que os seus padres, na hora do seu aparecimento nesse país, dispusessem também dos conhecimentos necessários. No colégio de Macau os missionários jesuítas aprendiam, agora, todas as sutilezas das expressões idiomáticas chinesas da classe culta da mesma maneira que o dialeto da gente simples; estudaram eles a complicada escrita ideográfica e se apropriaram, por meio de numerosos livros, de conhecimentos básicos sobre a história, os costumes, as leis e a literatura da China.**

**Antes de partirem para a sua missão, reuniram eles, cuidadosamente, os presentes adequados, mediante os quais esperavam conquistar a benevolência dos altos funcionários e, conforme o caso, até mesmo do imperador. Sabiam eles que nesse país as ciências naturais gozavam de um prestígio enorme e, assim, os padres tinham cuidado de todos os instrumentos científicos possíveis, de fabricação européia, dos quais era lícito esperar encontrarem agrado entre os chineses. A familiaridade que tinham com a mentalidade e o caráter dos chineses pôs os jesuítas, desde o princípio, a resguardo do uso de um método que, infalivelmente, teria conduzido a um fracasso rotundo. Os chineses mostravam-se cheios de um orgulho desmedido pela sua alta cultura e instrução, como se mostravam firmemente convencidos da sua superioridade sobre os outros povos da terra. Em suas cartas geográficas o “Império do Meio” estava desenhado de maneira que cobria a maior parte do mundo; somente na orla da China estavam traçados pequenos “impérios bárbaros.” Com um povo assim, que considerava insignificantes todas as nações situadas fora da muralha chinesa, não se poderia, de maneira alguma, começar com as prédicas, pois os chineses estavam convencidos de que nada tinham a aprender dos outros povos. No conhecimento pleno dessas circunstancias, os jesuítas**

**apareceram, inicialmente, com extrema cautela e, durante longo tempo, ocultaram as suas verdadeiras intenções. Com os chineses, escreveu nessa ocasião para Roma um dos missionários, é necessário que se ande com astúcia e se evite cuidadosamente todo e qualquer zelo indiscreto; do contrário poderia acontecer facilmente, “ que as portas, que o Senhor Deus nos abriu para a China, se fechassem de novo”. Quando lhes perguntavam a razão por que tinham vindo à China, respondiam que a fama das instituições chinesas penetrara até eles, e se sentiam irresistivelmente atraídos pela sabedoria e virtude da China.**

**Adotaram os trajes dos chineses e se chamavam por nomes chineses; como soubessem que os chineses olhavam os portugueses com um desprezo especial, negavam eles, obstinadamente, tivessem qualquer coisa de comum com esses piratas bárbaros.**

**Entre os homens que haviam seguido os dois primeiros missionários a Cantão, encontrava-se também aquele padre Mateo Rici, cuja posterior influência iria criar as bases, propriamente ditas, do admirável sucesso da Companhia de Jesus na China. Rici apareceu em Cantão vestido com a singela sotaina de sacerdote budista e usando o nome chinês de Li mateu. A princípio adaptou ele o seu gênero de vida, exatamente, ao dos bonzos; como eles, mendigava à frente dos templos, instruía-se ardorosamente com eles sobre as doutrinas de Buda, procurando conquistar-lhes a confiança. Entretanto, uma vez, teve oportunidade de falar com um mandarim culto sobre astronomia; Rici se encontrava aí em seu próprio elemento, pois havia estudado em Roma com o famoso sábio jesuíta Cristóvão Clavius, durante anos inteiros, astronomia e matemática. Conseguiu, assim, assombrar o mandarim de tal maneira com seus conhecimentos, que o chinês acabou lhe dando um conselho importante. “ Vosso saber” , disse ele, “ provocou minha suprema admiração, e, por isso, recomendo-vos que renunciéis, de agora em diante, à vossa maneira de viver. No estado miserável que adotastes, só podereis encontrar ouvido entre muito pouca gente. Aparecei, pois, à maneira dos nossos sábios e então sereis recebidos em toda a parte com honra.”**

**Rici decidiu-se, imediatamente, a seguir esse conselho. Trocou a sua batina de padre budista pelas vestimentas distintas de**

**seda usadas pelos “literatos” chineses, e com essa troca de roupa o piedoso bonzo que ele havia representado ainda no dia anterior, desaparecera para sempre. Com o auxílio dos presentes trazidos, transformou o aposento de sua pequenina casa, que o governador lhe destinara, no escritório de um sábio completo: ali estavam de pé e deitados diversos instrumentos matemáticos, físicos e astronômicos, vidros prismáticos, por através dos quais se podiam ver as cores do arco-íris, obras da relojoaria de toda a espécie, esferas, bússolas, instrumentos de música, brochuras, quadros e cartas geográficas. Bem depressa se espalhou em Cantão a notícia de que chegara um homem muito sábio do estrangeiro, o qual trouxera consigo uma imensidade de coisas raras; chamava-se Li, falava o dialeto dos mandarins e usava o vestuário de um literato.**

**Não tardou muito tempo e a casinha do “santo doutor Li”, como Rici era comumente chamado, ficou literalmente sitiada por chineses ilustres. O Doutor Li observava, como natural, bem exatamente todas as fórmulas de cortesia que estavam prescritas para com os visitantes, mas, no restante, mantinha-se ele de preferência tão silencioso como um homem completamente preocupado com seus trabalhos científicos. Somente quando era argüido a respeito da significação desse ou daquele aparelho, de um livro ou de um quadro, é que dava explicações minuciosas. E nisso não caiu nunca em um tom pretensioso ou doutrinário; pelo contrário, manifestava o maior respeito pelos conhecimentos de seus visitantes e, humilde, pedia desculpas pela sua ignorância. De bom grado entretinham-se mandarins e sábios com esse “Doutor Li”, o qual sabia, tão magnificamente, dar explicações sobre todas as coisas que eles ignoravam e, ao lado disso, nunca lhes dava a perceber que os estava ensinando.**

**Primeiro que tudo, cada qual quis saber o emprego que tinham os aparelhos colocados por toda a parte. Rici explicava-lhes o fim e o manejo dos instrumentos, e eles faziam-no repetir constantemente as suas explicações. Um depois do outro foram sendo examinados os vidros prismáticos, os relógios e as bússolas, até que os visitantes, por fim, se aproximaram mais das paredes para ver os quadros ali dependurados. No lugar de mais destaque do quarto colocara Rici uma carta geográfica do mundo e, quando os chineses perguntavam a significação da mesma, explicava-lhes, em tom indiferente, que era uma**

**representação exata da terra. Mas nela a China não estava figurando, absolutamente, como o “Império do Meio” e sim como um país relativamente pequeno, rodeado de grandes impérios e nações, as quais, tomadas em conjunto, formavam a maior parte da terra. Dessa carta e das explicações que o sábio Li ministrava aos visitantes, surgiu a coisa incrível de que fora da China havia também outros países grandes e outras grandes nações. No dia em que os primeiros chineses contemplaram essa carta no gabinete do Doutor Li, vacilou uma crença três vezes milenária, nesse dia iniciou-se na cultura da China uma nova época. A princípio ergueu-se ainda mais de uma objeção contra as irritantes afirmações de Li. Porventura não tinham todas as autoridades clássicas ensinado, até então, que a China era o centro do mundo e que tudo em torno era pequeno e insignificante? Acaso não tinham estado os antigos de posse da mais sublime ciência, e era lícito ousar-se afirmar alguma coisa que se afastasse de suas doutrinas?**

**O Doutor Li manifestou o maior respeito e admiração pela sabedoria das autoridades chinesas, mas, enquanto isso, foi conduzindo os seus visitantes de tal maneira para perto das paredes, que eles também foram obrigados a observar as demais cartas, desenhos e quadros ali dependurados; neles estava traçado tudo quanto a Europa possuía em grandes cidades, maravilhas arquitetônicas e belezas artísticas. Tudo isso parecia indicar que os homens desses países não eram, absolutamente, bárbaros incultos, como até então se admitia na China, mas, iguais, pelo menos, aos chineses em sabedoria e cultura. Quando esse giro pelo quarto de Li chegara ao fim, insinuara-se automaticamente no espírito dos hóspedes uma ligeira dúvida sobre a exatidão das noções ensinadas pelas autoridades clássicas da China.**

**Quanto mais freqüentemente os mandarins e sábios conversavam com Rici, tanto mais robustecidos foram se sentindo eles em seu respeito por esses povos estrangeiros: se lá no estrangeiro todas as pessoas fossem como esse Doutor Li, então muitas coisas importantes se poderiam aprender com os europeus para o bem do Império Chinês. O governador de Cantão foi um dos primeiros a tirar conseqüências práticas dessa verificação.**

**Pareceu-lhe sumamente desejável que o Doutor Li instrísse os**

**chineses exatamente sobre todas as coisas existentes nesses países em boas instituições e inventos; muitas dentre essas poderiam ser úteis para a China. Ele pediu a Rici uma cópia também daquela carta geográfica sobre a qual deveriam estar registrados em caracteres chineses os nomes de todos os países, povos e cidades situados fora da China. Mandou inrimir essa carta e enviou um exenlar a todos os seus amigos. O missionário escreveu nessa ocasião para Roma, dizendo que a sua carta geográfica conseguira “que devagarinho todo o mundo fosse adquirindo uma noção completamente diversa da que existira até então sobre os nossos países, povos e, sobretudo, sobre os nossos sábios.” A exibição da carta geográfica foi “a obra mais útil que se poderia, por esses primeiros tempos, ter empreendido na China.”**

**Só muito mais tarde, quando já se firmara entre os chineses a convicção da igualdade dos europeus, foi que Rici, pouco a pouco, veio a falar, com a máxima cautela, de assuntos religiosos. Por ocasião da décima ou vigésima. visita de um de seus amigos chineses pôs ele, disfarçadamente, uma imagem da Mãe de Deus e outros símbolos religiosos entre os seus muitos livros e desenhos, e quando o visitante, depois, pediu informações sobre a sua significação, respondeu ele, sucintamente, que eram símbolos da religião européia. Depois deixou cair ainda uma observação sobre os bons costumes dos cristãos, que, em muita coisa, lembravam as instituições chinesas e em seguida a isso, mudou o tema da conversação até que os chineses instaram com ele, curiosamente, para que lhes desse a conhecer algo sobre a religião e os costumes dos europeus.**

**Quando logo depois disso o vice-rei da província Kiangsi convidou o padre para ir à sua capital, foi Rici recebido por ocasião de sua chegada com as honrarias que cabiam a uma homem sábio e famoso; pois, em toda a parte, já se conhecia a sua carta geográfica. Apesar d isso esperava por ele aí uma tarefa extraordinariamente difícil: se em Cantão fora suficiente apenas convencer os chineses da existência de uma humanidade civilizada fora da China, em compensação aí, onde se encontrava reunido um grande número dos sábios eminentes, tornava-se necessário demonstrar a superioridade da ciência européia sobre a chinesa.**

**Os sábios de Kiangsi eram, preponderantemente, matemáticos e dispunham nessa ciência de conhecimentos não escassos; pois já os antiquíssimos tratados do T'ung-tschih- kantschib kangmu haviam descrito não apenas as quatro operações fundamentais e a medição de superfícies de toda a espécie, mas também a arte de extrair raízes cúbicas e quadradas, da mesma maneira que as regras de mistura, os fundamentos da trigonometria e diversas equações não lá muito simples.**

**Entretanto, não fora de balde que Rici estudara no Colégio Romano com o padre Clavius; os matemáticos chineses não podiam levar-lhe a melhor. Dia e noite afundou-se no estudo das obras dos autores chineses até que descobriu as passagens aquelas em que o seu sistema mostrava lacunas e erros. Tomando por base a Euclides, redigiu ele um tratado de geometria em língua chinesa, no qual tudo aquilo que até então as chineses conheciam fragmentaria e infeitamente, estava agora exposto em ordem completa e sistemática. Depois ensinou Rici aos sábios chineses também a arte de fabricar relógios de sol, e explicou-lhes alguns cálculos astronômicos complicados. Como se interessassem também pelas questões do som, expôs-lhes ele os princípios fundamentais da acústica e, em tudo isso, conquistou a sua maior admiração. Quando, mais tarde, redigiu as suas primeiras obras morais e religiosas, os chineses viram nele já “um dos professores maiores e mais sábios” e aceitaram cada uma de suas palavras como revelação científica. Ele conhecia exatamente as doutrinas de Confúcio, referentes à concordância da lei divina com a razão natural, e quando, agora, se propôs, cautelosamente, a pregar o cristianismo em seus tratados, buscou apoio sempre nas passagens da literatura clássica chinesa, que mostrassem certas analogias com as doutrinas cristãs.**

**Vestiu ele o catecismo, de acordo com o gosto dos chineses, na forma de um grave diálogo entre um filósofo chinês e um sacerdote cristão: essa obra encontrou a maior aceitação, e os mais altos mandarins consideravam como uma honra o fato de mandar-lhes Rici um exenlar de presente. Ainda muito mais tarde os livros desse missionário foram incorporados à coleção clássica das melhores obras de literatura chinesa e, dessa maneira, “começou-se”, como escreveu nessa ocasião um padre, “a se propagar por toda a China o perfume da nossa religião.” Na verdade o número de homens que Rici convertera**

de fato ao cristianismo e o número dos que ele batizara era ainda sumamente escasso; mas eram, por toda a parte, personalidades oriundas dos círculos mais distintos, mandarins e sábios de grande prestígio, cuja conversão constituiu uma recomendação extraordinária para a doutrina cristã.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*





## **CONVERSÃO POR MEIO DE RELÓGIO E CALENDÁRIO**

**Circundado por uma muralha dupla e poderosa, erguia-se na cidade tatara de Pequim o palácio imperial Sin-ching. Essa muralha tinha sete milhas de comprimento e trinta pés de altura, e doze cavaleiros dispostos em fila poderiam galopar nela. A intervalos regulares estavam colocados poderosos bastiões. De suas seteiras enristavam-se as lanças e fuzis das tropas, às quais cabia defender constantemente o palácio.**

**O imperador usava o título de “ Filho do Céu” , pois os deuses lhe haviam dado a incumbência de dirigir e governar o mundo, de acordo com a sabedoria do seu espírito. O nome do imperador era tão sublime que não podia ser pronunciado, e o bom súdito chinês evitava até mesmo o uso das letras que apareciam também no nome imperial. Ninguém, além dos funcionários da corte, tinha ingresso no palácio. Mesmo dentre esses mui poucos eram os que haviam alguma vez contemplado o imperador pessoalmente.**

**Mateo Rici, porém, havia muito se decidira a conquistar para Cristo o imperador da China também, pois só assim a sua obra no Império do Meio poderia na realidade ficar completa. Ele se instalou à frente da capital, e depois de ter travado conhecimento com um alto funcionário, pediu ao mesmo que levasse um presente ao imperador no palácio; esse presente era um precioso relógio europeu lindamente cinzelado. O chinês trouxe a dádiva do missionário a uma das portas do palácio e, ali, passou-a às mãos do funcionário da corte que se achava de serviço.**

**Esse, primeiro hesitou durante algum tempo, sem saber se deveria passar adiante o presente, mas quando observou o relógio mais minuciosamente, a sua admiração cresceu em tal medida que resolveu entregá-lo ao seu superior e chamou atenção do mesmo para a estranha maravilha. A partir daí o relógio do padre Rici percorreu toda a escala hierárquica do palácio, até que chegou às mãos do primeiro ministro e, finalmente, às do próprio imperador. Também o Filho do Céu não vira nunca um relógio de dar corda e ficou completamente maravilhado com isso. Na verdade estava muito aquém de sua**

**dignidade o perguntar, com uma simples palavra que fosse, pelo mortal que lhe havia remetido o presente. Mas na manhã seguinte o relógio cessou, de repente, de caminhar. O imperador chamou a um de seus funcionários afim de que ele pusesse o instrumento outra vez em marcha, mas os esforços do mandarim foram em pura perda.**

**A corte inteira, uma pessoa depois da outra, tentou a sua sorte, mas nenhuma única conseguiu por em marcha o mecanismo. Então o imperador mandou, finalmente, perguntar quem é que, na verdade, trouxera, o relógio para o palácio e, em seguida, essa pergunta percorreu em sentido contrário toda a escala hierárquica do palácio, até ao porteiro. Pois o imperador não podia recobrar a sua tranqüilidade antes que o estrangeiro pusesse o relógio a caminhar de novo.**

**Sucedeu assim que, um belo dia, o sábio Doutor Li acompanhado por dois mandarins da corte transpôs o imenso portão do palácio imperial, subiu uma escadaria de mármore flanqueada por dois leões de cobre e caminhou ao longo da margem daquele riacho, que serpenteava por através de todo o palácio. Cheio de admiração contemplou ele os numerosos lagos e colinas artificiais, os muitos edifícios cobertos de telhas de vidro amarelo-ouro, a ponte dos dragões, de jaspe negro e os inumeráveis e magníficos vasos de mármore e porcelana. Depois de longa peregrinação os seus guias o conduziam por através de uma segunda muralha gigantesca que dava para um jardim, o qual parecia ainda maior e mais suntuoso do que o primeiro. Por sobre um terraço erguia-se um anlo átrio de mármore branco, e aí estava reunido um grande número de mandarins ilustres, metidos em vestimentas de seda brilhante.**

**Esses dignatários rodearam o estrangeiro e depois um lhe entregou o relógio e ordenou-lhe que o pusesse de novo em marcha. O Doutor Li inclinou-se com o respeito adequado, tomou o relógio na mão, abriu-o e executou alguns rápidos manejos dentro dele. Em seguida a isso devolveu-o ao mandarim e ei-lo a tiquetaquear de novo como dantes. Os mandarins manifestaram admiração cortês e agradeceram ao Doutor Li, com o que esse foi de novo levado para fora do palácio.**

**Na manhã do dia imediato, para grande pesar do imperador, o**

**relógio parou de novo e os funcionários da corte se viram obrigados a chamar o Doutor Li outra vez ao palácio. Isso se repetiu uma terceira vez, e agora Li trouxe ainda consigo dois quadros religiosos e um relicário ornamentado com pedras preciosas. Pediu, submissamente, permissão para entregar essas coisas ao Filho do Céu como tributo, juntamente com uma petição desenhada em belíssimos caracteres chineses, na qual se podia ler:**

**“Vosso humilde súdito conhece exatamente a esfera celeste, a geografia, a geometria e a aritmética. Com auxílio de instrumentos observa ele as estrelas e sabe manejar o gnômon. Seus métodos concordam, em tudo e por tudo, com os dos sábios chineses. Se o imperador houver por bem não repelir um homem ignorante e indigno; se, pelo contrário, permitir ele ao mesmo, sejam os seus escassos dotes aproveitados, então é o seu mais vivo desejo colocar-se, inteiramente, ao serviço de um tão grande príncipe.”**

**Tributo e petição, de acordo com o cerimonial, foram primeiramente apresentados a Li-Pu, ministro dos ritos; esse os encaminhou ao grande conselho dos mandarins da corte com uma decisão pouco favorável. “A Europa”, escreveu Li-Pu, “não tem ligação de nenhuma espécie conosco e não aceita as nossas leis. Os quadros que Li Mateo oferece como tributo representam um “Senhor do Céu” e uma Virgem, e não possuem nenhum valor especial. O estrangeiro entregou também um estojo, o qual, segundo o seu dizer, deve conter ossos de imortais; como se os imortais, quando vão para o céu, não levassem consigo os seus ossos! Em um caso análogo o sábio Ran Yu decidiu que não se deveriam introduzir no palácio novidades dessa ordem, pois traziam desgraça. Somos, portanto, de opinião que não é oportuno aceitar os presentes e nem tão pouco permitir a estadia de Li ma-teo na corte. Será bom que o façam voltar para o seu país.” Mas ao Imperador aprovou decidir de outra maneira, e quando despediu o padre, depois da primeira audiência, já o Filho do Céu sabia, perfeitamente, a maneira pela qual o relógio poderia ser posto de novo em andamento, caso parasse; apesar disso ordenou ele ao Doutor Li que voltasse na manhã seguinte e a mesma coisa se repetiu no dia imediato. Pois Rici relatara ao imperador, naquela primeira manhã, cousas referentes a um novo aparelho astronômico, que estava sendo utilizado na Europa e que dava**

**muito melhores resultados do que os antigos utensílios de medição. Agora o imperador desejava explicações mais minuciosas sobre a maneira por que esse gnômon europeu era construído. Depois que Rici explicara isso, minuciosamente, no dia seguinte surgiu ainda um outro setor da astronomia, cuja menção, aparentemente casual, pelo Doutor Li, despertou o interesse do imperador. Assim é que Rici sabia, por ocasião de todas as audiências, deixar cair uma observação, magistralmente, a qual deixava o soberano curioso e o induzia a mandar chamar o missionário de novo para junto dele.**

**Não se passou muito tempo até que o estrangeiro, que era dono de conhecimentos tão variados e extraordinários, veio a se tornar indispensável ao imperador. Mais tarde deu ele ao missionário até mesmo a incumbência de mandar vir para a corte, também, os seus conanheiros de crença, dos quais Rici a todo o instante falava; esses outros sacerdotes cristãos eram, assim o assegurava o mesmo Doutor Li, ainda mais versados na astronomia do que ele próprio. Dentro em breve os jesuítas estavam morando já no interior da “ muralha cor de rosa” , isto é, no recinto em que apenas os mais altos funcionários podiam se instalar, e o imperador lhes tinha fixado uma renda mensal, sob a forma de arroz e prata. Os piedosos quadro sobre os quais o ministro dos ritos se manifestara outrora de maneira tão desfavorável, pendiam agora da mais linda parede do salão de recepção, e, à frente deles, estava colocado sobre uma peanha suntuosa, ricamente trabalhada, o relicário; à frente dessas dádivas do doutor estrangeiro ardia, constantemente, o incenso em vasos de bronze de grandes dimensões, e nos candelabros que representavam pássaros de cores variegadas, ardiam noite e dia círios pintados com animais e flores. Em tão alta honra eram tidos agora os presentes do Doutor Li.**

**Por fim Rici foi incumbido da missão de ministrar o ensino de matemática, de ciências e de moral ao filho predileto do imperador. Não podia deixar de suceder agora, que os ministros também o convidassem e igualmente o solicitassem para explicações das ciências matemáticas e da moral. Dentro em pouco houve na corte de Pequim muitos batismos. Quando Rici morreu, bimbalhavam no império chinês já mais de trezentos sinos cristãos; o imperador declarou-se disposto a cuidar da sepultura de Rici e para esse fim fez presente aos missionários de um grande terreno. Os novos padres que haviam seguido ao**

**Doutor Li, desfrutavam agora também de elevadíssimo prestígio junto à corte e em todos os assuntos do Estado as seus conselhos eram solicitados. Quando alguns mandarins, no norte do império, manifestaram objeções contra o poder crescente dos padres estrangeiros, o ministro da corte publicou um decreto, no qual os serviços dos jesuítas eram louvados em palavras entusiásticas: “ Mestre Li foi o primeiro que, vindo do longínquo ocidente, entrou na China para aqui ensinar o cristianismo. O imperador o recebeu como seu hóspede, fixou-lhe uma pensão e pagou o seu sepultamento. Desde então os sábios do ocidente sucederam-se uns aos outros na capital... Os príncipes e ministros, os vice-reis, governadores e chefes de distritos honram e amam os estrangeiros e os tomam como seus modelos...”**

**“Vós, habitantes do país, vos considerais, porventura, mais inteligentes do que o imperador iluminado pelo céu, do que os ministros, discípulos do sábio Confúcio? Acreditai, no peito desses sábios vindos do remoto ocidente não se aninham nem a sede de glória e nem a cobiça! Viajaram eles nove vezes dez mil milhas, para chegar até nós, e afrontaram monstros e antropófagos somente para poder nos salvar da condenação eterna. Que misericórdia!...”**

**“Por isso eu vos digo, sábios e povo, despojai-vos de vossos preconceitos, dominai vossa antipatia, tomai em vossas mãos os livros dos sábios do ocidente e estudai-os profundamente. Obtereis, assim, iluminação e depois ficareis ruborizados de repulsa pelos vossos antigos erros!”**

**A lei suprema da China era o Tao, a lei do universo, segundo a qual se moviam os astros, a lua peregrinava no céu, o sol se ensombrecia, os caules brotavam do solo, as árvores se copavam em coroas de folhas, os arroios murmuravam e os mares oscilavam na vazante e na cheia. O homem deveria envidar todos os esforços para harmonizar a sua vida e a sua atividade com a força do Tao; só então lhe era lícito esperar, posto em harmonia com essa ordem divina, alcançar felicidade e bem-estar. Mas ao imperador fora pelos deuses inosta a missão de guiar o povo por meio de leis e regras, de maneira que o Tao humano entrasse em consonância com o Tao celeste; para esse fim o soberano tinha que aperceber os seus súditos, de ano a ano, antes de mais nada, com um calendário exato.**

Já havia muito tempo antes, o imperador Jao ordenara a publicação de um “livro das indicações do tempo”, e, desde então, não se passava ano sem que “o imperial tribunal da matemática” tivesse de estabelecer, com a ajuda de instrumentos colocados na muralha sul do palácio, rigorosos cálculos astronômicos. Já havia muito se sabia durava o ano trezentos e sessenta e cinco dias e seis horas; sabia-se que dezenove revoluções do sol coincidiam com trezentas e vinte e cinco lunações, e com o auxílio de clepsídras haviam-se calculado as épocas de culminação dos astros mais importantes e as revoluções da lua e dos planetas, com grande exatidão. Assim é que os astrônomos chineses possuíam coordenadas bastantes para poder determinar com antecipação, de maneira aproximativamente exata, os fenômenos celestes que se iam dar cada ano. Depois de um ritual especial, o calendário era então dado à publicidade. Os funcionários do tribunal matemático dirigiam-se, vestidos de gala, ao “pavilhão dos dragões” e ali depositavam uns exenlares destinados ao imperador e às suas esposas; depois eram depositados nos outros pavilhões os calendários para as princesas e os mais altos dignatários, sobre mesas vermelhas, e, finalmente, como sinal de respeito para com a nova lei do ano, seguia-se uma procissão solene por através do palácio inteiro. No calendário estavam fixadas todas as ações que podiam ser praticadas e todas as que o não deveriam ser de maneira exata, conforme pontos de vista macrocósmicos. Com letras vermelhas e pretas anunciava ele os dias e horas favoráveis e os dias e horas nefastos ao trabalho agrícola, à celebração dos casamentos, às mudanças de residência, às reparações em navios, à caça, à pastagem do gado, aos sepultamentos e execuções. Quem observasse essas indicações do calendário, poderia estar sempre certo de um resultado feliz nos seus empreendimentos.

Entretanto, para o imperador, o calendário era o utensílio por meio do qual ele conseguia garantir a ordem no império. A obediência absoluta, que todo o chinês estava pronto a demonstrar com relação ao Tao celeste, manifestava-se na submissão completa ao soberano, pois esse havia presenteado o seu povo com o mais importante de todos os livros. Se o começo do ano era fixado exatamente pelo tribunal matemático, começo esse que era denominado o “tscheng” e, com isso, o calendário estava certo, então a ordem estava assegurada em

**todo o reino: O imperador governava, assim, de acordo com as leis do céu, os funcionários exerciam as suas funções fielmente, o lavrador podia contar com boas colheitas. Mas se o “ tscheng” estava errado, ou se se tinham insinuado erros nos cálculos dos astrônomos, então o calendário, ao invés de guiar o povo com mão firme, segundo o Tao, desviava-o do caminho do universo; então surgiam aquelas temíveis perturbações, contra as quais já o sábio Juc’ling pusera de sobreaviso tão instantemente. Eis que agora estava sucedendo, desde havia muitos anos, que as colheitas se tornavam sempre piores, que as execuções se amontoavam, que os ministros governavam egoisticamente e roubavam como corvos. O imperador Wan-Li, da dinastia dos Mings, já mal conseguia fazer valer as suas ordens, pois o império todo era uma só fermentação. Cada vez mais abertamente falava-se na corte imperial, nos palácios dos mandarins e nas pobres cabanas dos Coolies que o Império do Meio tombara nas garras da desordem; porque o governo não estava mais de posse do verdadeiro Tao celeste. Profundamente inquieto passou o imperador a deliberar dia e noite com os seus ministros sobre a maneira pela qual era possível por um termo à desgraça progressiva, e na sua perplexidade acabou ele se voltando para os jesuítas. Os padres refletiram longamente, tomaram medidas, cobriram resmas de papel com cálculos de toda a espécie e afirmaram, por fim, que o tribunal matemático cometera erros grosseiros no estabelecimento do calendário; que, desde havia muito tempo já, os cálculos astronômicos do tribunal estavam errados e, por causa disso, o celeste império vinha sendo regido por decênios inteiros, de acordo com falsos calendários. Essa afirmação produziu uma consternadora impressão no palácio imperial. Naturalmente que a princípio dignos mandarins protestaram contra o fato de que os sacerdotes estrangeiros ousassem censurar instituições antiquíssimas, e o fizeram zelosamente como guardiães da grande tradição; mas, dentro em breve, o próprio céu se encarregou de dar testemunho a favor dos jesuítas.**

**Na China os eclipses solares eram considerados fenômenos sumamente importantes; o imperador tinha que ser avisado disso já um mês antes, e todos os altos mandarins eram obrigados a se reunir no pátio do tribunal astronômico na hora aprazada, revestido com as insígnias dos seus cargos. Eis que agora os jesuítas haviam predito um eclipse solar para um determinado dia e haviam dado mesmo a hora exata desse**

**acontecimento, muito embora nada constasse sobre isso no calendário oficial.**

**Quando, depois, na hora profetizada o disco solar começou, de fato, a escurecer, quando todos os dignatários reunidos, de conformidade com o ritual prescrito, lançaram-se ao solo e deram com a frente em terra, quando na cidade inteira o eco dos tambores e timbales ressoou, então os jesuítas tinham ganho a partida por longo tempo, pois, agora, estava evidenciado que os métodos de cálculo dos astrônomos chineses não valiam nada, e que o calendário, segundo o qual o império estava sendo governado, era realmente falso. O imperador ordenou imediatamente que, para o futuro, o tribunal matemático não se utilizasse mais dos métodos maometanos entregados até então, mas trabalhasse de acordo com os processos europeus; o padre jesuíta Adam Schal foi incumbido de executar a reforma do calendário. Nele passou-se a ver daí em diante um novo Confúcio, um sábio que o céu enviara expressamente para restabelecer a ordem destruída do universo. Esperava-se confiantemente de sua atividade, que, de agora em diante, as colheitas também melhorassem, que os funcionários não continuassem roubando e que as agitações no país cessassem. Mas, antes ainda que o padre Schal pudesse haver terminado as correções começadas dos antigos cálculos, caiu sobre a dinastia dos imperadores Ming a desgraça aquela que, necessariamente, teria que se seguir a um governo realizado de conformidade com calendários inexatos. As comoções intestinas não queriam mais terminar, e os tataros no norte e no oeste do império aproveitaram-se dessa circunstância para iniciar um ataque à muralha chinesa. De novo observaram os jesuítas fiel amizade ao imperador, mostrando-se tão versados agora nos assuntos estratégicos como já o haviam feito antes na astronomia. Quando os ministros e generais não sabiam mais como fazer frente ao ataque dos tártaros, o padre Schal se ofereceu para ensinar aos chineses a arte da fundição de canhões e para organizar a toda a pressa um arsenal talhado segundo modelos europeus. Agora, sob a direção dos padres, fundiam-se, afanosamente, canhões, e foram os missionários também a quem coube a tarefa de ministrar a instrução à tropa que iria servir a essas peças. Assim foi possível, dentro em breve, opor aos tataros o exército chinês com artilharia superior e, por fim, os inimigos tiveram outra vez que recuar por sobre a Grande Muralha. Entretanto os padres tinham chegado muito**



tarde à China, de modo que já não lhes era mais possível colocar de novo o governo dos Mings em harmonia completa com a lei do Tao. Pouco tempo depois explodiu de novo a sublevação. Um exército rebelde avançou até à capital e conquistou mesmo o palácio imperial. O Filho do Céu não vendo mais nenhuma possibilidade de se escapar da prisão, suicidou-se. Na confusão geral reinante, um general chinês resolveu chamar em socorro os mandchurianos tataricos contra os revoltosos. Eles vieram de fato, sufocaram a rebelião, mas depois dirigiram-se logo a Pequim afim de tomarem posse para si mesmos do império.

O último príncipe da geração dos Ming morreu banido no sul do país, depois de ter se convertido ao cristianismo juntamente com sua mãe e ter recebido na pia batismal o nome de Constantino. Mas os jesuítas passaram a servir, daí por diante, aos imperadores mandchús com a mesma fidelidade que haviam dedicado antes aos Mings, pois, no fim de contas lhes era completamente indiferente saber quem governava a China, desde que tivessem a possibilidade de conquistar o Império do Meio para Jesus Cristo, valendo-se de um trabalho lento, metódico. Os novos soberanos por sua vez, a despeito de sua origem tatarica, sentiram-se iguais ao “filhos do céu”, os quais tinham a missão de governar o mundo segundo as leis do Tao; por isso necessitavam eles também de um calendário certo, e, portanto, dos astrônomos jesuítas.

Logo nos primeiros decênios do domínio Mandchú evidenciou-se também que, sob a nova dinastia, não reinava melhor ordem: o jovem imperador Chun-tsche perdeu a sua esposa favorita e o único filho havido com ela, e essa morte o abalou de tal maneira, que resolveu abdicar e recolher-se a um convento budista. Para que não se repetisse uma tal desgraça, foi dedicado cuidado especial ao calendário. Por isso o padre Schal foi nomeado diretor do tribunal matemático, recebendo também a dignidade de “mandarim de primeira classe.”

Nesses dias o imperador publicou um edito, no qual era louvada entusiasticamente, não apenas a ciência européia, mas também “a lei do soberano celestial”, quer dizer o cristianismo. Dez eunucos da corte, entre esses o criado favorito do imperador receberam o batismo e, se o Filho do Céu mesmo não se deixou induzir a dar esse passo, em compensação protegeu ele os

**missionários e permitiu-lhes prédica livre em toda a parte, chegando mesmo a consentir na edificação de uma igreja cristã em Pequim.**

**O padre Schal prestou também ainda grandes serviços, como conselheiro militar e prosseguiu com o seu curso de instrução de artilharia. O seu prestígio, no entretanto, foi crescendo de tal maneira, que, dentro em breve, começaram a surgir contra ele os invejosos inimigos e intrigantes de praxe. A época era tanto mais propícia a esses, quanto o conselho da regência que agora dirigia os negócios, durante a menoridade do imperador Kang-hi, sentia poucas sinatias por inovações.**

**O matemático maometano Yan-kan-siem, que aspirava mesmo à presidência do tribunal matemático, levantou contra o padre Schal a acusação da traição à pátria; afirmou que a estadia dele na China servia a objetivos hostis ao Estado e constituía para o governo um grande perigo. O conselho da regência não estava nem um pouquinho seguro do seu domínio e, por isso, farejava conspirações por toda a parte; assim é que o padre Schal foi preso, levado diante do tribunal e, finalmente, condenado à morte. As correções introduzidas no cálculo do calendário pelos jesuítas tinham que ser suprimidas, seus livros, queimados. A direção do tribunal matemático foi conferida a Yan-kan-siem. Não obstante Schal não iria terminar no cadafalso e nem Yan-kan-siem na cadeira presidencial: sucedeu na verdade, que, depois que o calendário começara de novo a ser calculado segundo os antigos métodos, os mandarins se reuniram, um dia, de balde, no pátio do tribunal matemático, afim de aguardarem um eclipse solar anunciado por Yan-kan-siem; o astro luminoso não fazia a menor menção de se adaptar aos cálculos do novo presidente da astronomia. Em compensação a padre jesuíta Verbiest declarara já havia algumas semanas antes, que o eclipse solar se realizaria em um outro dia e em uma outra hora; dado, porém, que agora ninguém mais dera atenção às palavras do missionário, as autoridades deixaram de saudar esse tão importante fenômeno celeste, da maneira solene prescrita pelo ritual, quando ele se realizou, de fato, de acordo com as profecias de Verbiest. Com isso fora dada, de novo, uma demonstração frisante para a incapacidade de Yan-kan-siem e para a exatidão dos cálculos jesuíticos. Se o império não queria soçobrar, então não lhe restava outra coisa senão confiar de novo aos jesuítas a determinação do calendário. Por**

isso, o padre Verbiest foi chamado para junto do imperador e declarou logo a esse que os cálculos dos astrônomos chineses não apenas estavam errados, mas que, mais ainda, os instrumentos da época ainda de Kublai Khan, em uso no observatório de Pequim, não funcionavam mais com exatidão. Em troca disso, porém, ele se propunha a construir aparelhos novos e de absoluta confiança, iguais aqueles que usava o grande astrônomo europeu Tycho Brahe.

Apenas decorrera um ano e já se erguia em uma colina o novo observatório jesuítico, com os seus instrumentos: uma esfera armilar para determinar a posição das estrelas, um astrolábio para avaliar a latitude e a longitude dos astros, um instrumento para calcular as altitudes e o azimute e um telescópio; Verbiest mandara fabricar todos esses aparelhos rigorosamente de acordo com as indicações de Tycho Brahe e, além disso, não se esquecera de ornamentá-los, conforme o gosto chinês, com cabeças de dragões e letras de toda a espécie.

A partir daí os eclipses solares começaram a concordar de novo com o calendário, pois Yan-kan-siem tinha sido expulso com insultos e opróbrios e substituído por Verbiest. O ministério dos ritos que se manifestara decisivamente contra o cristianismo, no tempo do processo Schal, chegou, agora, à opinião igualmente decisiva de que a religião dos estrangeiros não continha absolutamente nada que pudesse prejudicar o bem do Estado, pelo contrário, a lei moral cristã deveria ser designada como “excelente”. Todos os dispositivos decretados contra os missionários foram revogados e os jesuítas que estavam presos, receberam indenizações do governo. Depois da morte de Verbiest o imperador ordenou a celebração de exéquias solenes, como, aliás, só cabiam aos dignatários de categoria mais elevada. Mandarins ilustres, no meio deles o cunhado do imperador, o comandante da guarda de corpo e o comandante do palácio, tiveram de acompanhar a cavalo o esquife. Os cristãos da capital e das localidades circunjacentes marcharam a frente do cortejo levando à mão círios acesos e bandeiras, seguindo-se-lhes os missionários com paramentos brancos, e cinquenta cavaleiros da guarda imperial encerravam o cortejo. Quando algum tempo mais tarde o vice-rei de uma província quis tomar atitude hostil contra os missionários e os seus catecúmenos chineses, o imperador Kang-hi publicou um edito de tolerância em forma.

**“Os homens do ocidente” , proclamou o soberano, “ puseram em ordem o cálculo do calendário; durante a guerra repararam eles os antigos canhões e fabricaram outros novos. Em consequência disso muito fizeram eles pelo bem do império e sempre se deram a grandes trabalhos. Muito embora seja permitido a qualquer um, visitar os templos lamaistas, budistas e quaisquer outros, afim de ali queimar perfumes, vós pretendeis proibir aos europeus, que aliás não praticam nada proibido, que façam isso. Essa diferença de tratamento nos parece destituída de lógica e somos de opinião que, daqui por diante, ninguém possa ser inedido de queimar perfumes nos templos ao senhor celestial.”**

**Com esse edito fora reconhecida, de agora em diante, na China formalmente também, a liberdade da religião cristã.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **COMO PROFESSORES E DIPLOMATAS NA CORTE DE PEQUIM**

“Devereis vir todos para minha corte, e aqueles que forem versados em matemática, poderão ficar comigo e servir-me”. Assim resolveu o imperador Kang-hi, quando os padres pediram o seu consentimento para mandar buscar na França outros irmãos da Ordem. Pois já o padre Schal, a quem fora confiada primeiramente a educação do jovem imperador, soubera inculcar, excelentemente, no rapaz uma intensa sede de saber; às lições de Schal é que se devia agradecer o fato de Kang-hi ter sido dominado durante toda a sua vida pela ânsia de novos conhecimentos e por ter desejado sempre receber explicações exatas sobre todos os fenômenos havidos entre o céu e a terra. Quem mais, a não ser os sábios padres jesuítas, teria sabido satisfazer a curiosidade de Kang-hi e, ao mesmo tempo, mantela sempre desperta? Quando o padre Schal fechou os olhos, a sua alma pode se recomendar, tranqüila, à misericórdia do Senhor, pois ele sabia que o seu pupilo continuaria a fazer perguntas durante a sua vida inteira e que, enquanto Kang-hi fizesse perguntas, os jesuítas haveriam de gozar em sua corte de poder e prestígio.

Todas as manhãs o imperador mandava chamar os padres, afim de que eles lhe explicassem uma lei física, uma equação matemática, ou uma construção geométrica, com cuja solução ele se torturara, debalde, durante a noite. Também durante o dia o soberano abandonava, muitas vezes, importantíssimos assuntos de governo, e apressava-se a ir ter com os jesuítas pois que, de repente, se lhe encasquetara na cabeça um cálculo astronômico que ele não conseguia resolver sozinho. Mesmo de noite ocorriam-lhe, constantemente, novas perguntas, e, só a muito custo, é que ele podia se separar de seus professores europeus, para se recolher a um breve repouso. Em breve já não se satisfazia com um mero conhecimento teórico; quando os missionários, agora, lhe tinham explicado uma construção geométrica, ele queria controlar praticamente também se os cálculos feitos eram exatos. Para esse fim mandava ele fabricar cubos, pirâmides, cilindros e cones de diversos materiais e media-lhes a superfície, a altura e o volume. Juntamente com os padres calculava ele o peso, de diferentes esferas de um

**diâmetro dado ou então calculara- lhes o diâmetro sendo conhecido o peso, e não lhes dava descanso antes de ter executado com eles o nivelamento do curso de um rio. Com a ajuda de seus conhecimentos trigonométricos, recém adquiridos, determinava ele a largura de arroios e tanques ou a altura de edifícios e sentia-se infinitamente alegre quando a medição confirmava o resultado obtido pelo cálculo.**

**Um dia o padre Benoit entregou-lhe uma carta celeste com uma explicação em língua chinesa, a qual continha os princípios do sistema copernicano. Por meio dela Kang-hi ficou inteirado, pela primeira vez, da rotação da terra em torno do sol e esse pensamento pô-lo em uma excitação tal, que, durante dias a fio, não recebeu a nenhum de seus mandarins da corte, deixando sem resolver os assuntos de governo mais urgentes, e ansiando por assimilar todas as conseqüências que se haviam aberto diante de seus olhos com a nova e abaladora concepção do universo.**

**Depois disso chegou a vez dos problemas químicos e médicos, abriram-se para o imperador os canos infinitos da especulação filosófica.**

**Dentro em breve Kang-hi já não podia mais viver sem os jesuítas. Para tê-los mais perto de si, resolveu por de lado todas as regras de etiqueta cortesã. Permitia-lhes que se sentassem junto a ele, ao passo que os demais dignatários de alta categoria e até mesmo os príncipes imperiais, em presença do Filho do Céu tinham que se conservar sempre de joelhos. Muitas vezes chegava a esquecer a sua dignidade a tal ponto que ia visitar os missionários, entretendo-se com eles durante horas inteiras.**

**Já às quatro horas da madrugada os missionários tinham que se levantar, para prestarem as suas homenagens, em tempo oportuno, ao impaciente soberano; somente com o cair da noite é que eram eles dispensados e, mesmo assim, ainda tinham que elaborar o programa imperial para o dia seguinte. Quando ficava só o imperador, repetia sempre, caprichosamente, as lições que acabara de aprender, relia os apontamentos dos padres e, então, explicava aos seus filhos o que ele mesmo recém aprendera. O padre Gerbilon teve mesmo que acompanhar o imperador em uma viagem à Tartaria, pois Kang-hi não queria**

**passar nem um só dia sem lição.**

**O missionário narra o magnífico encontro do imperador com os Grandes tártaros, descreve as suntuosas cerimônias do grande “Kotan” e o banquete em que participaram cerca de 800 príncipes tártaros. Também nessa ocasião Kang-hi despediu os hóspedes todos o mais depressa que lhe foi possível, afim de se entreter com Gerbilon sobre a eclíptica e a órbita da terra. No fim de contas os jesuítas também encontraram maneira, é verdade que com a maior precaução, de puxar o assunto para o cristianismo e souberam dispor o ânimo do soberano a favor dessa religião de maneira tão benévola que o mesmo lhes fez presente de um terreno para construção de uma igreja e contribuiu, além disso, com dez mil “taels” para os gastos de edificação. Quando a igreja ficou pronta, Kang-hi entregou aos jesuítas uma inscrição redigida por ele mesmo, para ser colocada no portal. Continha ela uma fórmula completa de adoração dirigida ao deus dos cristãos, o qual era designado aí como “a verdadeira causa primaria de todas as coisas, sem princípio nem fim.” Os padres contaram-lhe, além disso, tantas coisas sobre a dignidade e o poder do Papa, que Kong-hi alimentou o pensamento de se aparentar pelo casamento com o príncipe da cristandade. Por isso escreveu ele uma carta ao papa, na qual solicitava a mão de uma de suas sobrinhas.**

**“A ti, Clemente, o mais abençoado de todos os papas, abençoado e grande imperador de todos os papas e igrejas cristãs, senhor dos reis da Europa e amigo de Deus!” Com essa invocação dá início ele à epistola original, conservada no arquivo do ministério do Exterior de Paris. “O mais poderoso de todos os poderosos da terra”, contém mais adiante esse documento, “o qual é maior do que todos os grandes sob o sol e sob a lua, e que está sentado no trono de esmeraldas do império da China, erguido sobre cem degraus de ouro, afim de explicar aos fiéis a palavra de Deus, o qual dispõe do direito de vida e morte sobre 15 reinos e 170 ilhas, escreve esta carta com a pena virgem do avestruz. Saúde e vida longa. Chegou o tempo em que a florescência de nossa juventude irá sazonar o fruto de nossa idade madura, afim de que se realize, ao mesmo tempo, o desejo de nossos fiéis súditos e lhes seja dado um herdeiro do trono para a sua proteção. Assim sendo, resolvemos desposar uma donzela ilustre e bela, que tenha sorvido o leite de uma leoa corajosa e de uma mansa corça. Dado que o vosso povo**

**romano foi considerado sempre como o genitor de mulheres valentes, castas e inexcedíveis, havemos por bem estender a nossa mão poderosa e tomar uma delas por esposa. Esperamos que possa ser uma de vossas sobrinhas, ou a de um outro grande sacerdote, sobre a qual Deus tenha lançado o seu olho direito... Desejamos possua ela os olhos da pomba, a qual contempla o céu e a terra, e os lábios de um marisco, que se alimenta do rubor da aurora: sua idade não deverá ir além de duzentas luas; sua altura terá que ser do comprimento de um caule de trigo verde e que seu talhe como um punhado de trigo seco... Aquiescendo ao nosso desejo vós, pai e amigo, tereis estabelecido uma aliança e uma amizade eternas entre os vossos reinos e o nosso poderoso país. Nossas leis ficarão unidas, como a trepadeira que se enlaça em torno da árvore. Nós mesmos espalharemos o nosso sangue real em muitas províncias e aqueceremos o leito de vossos príncipes com algumas de nossas filhas, das quais os mandarins, na qualidade de nossos embaixadores, vos entregarão os retratos... Enquanto isso erguemo-nos em nosso trono para vos abraçar. Declaramo-vos que esta carta foi selada com o timbre de nosso império, em nossa capital do mundo, no terceiro dia da oitava lua do quarto ano de nosso reinado.”**

**Esse projeto matrimonial, na verdade, não foi realizado, mas, apesar disso, o cristianismo fez um progresso rápido na própria família do imperador; dos trinta e cinco filhos e vinte filhas de Kang-hi alguns se fizeram batizar. O extraordinário favor do soberano deu em resultado que os missionários passassem a desfrutar de enorme prestígio entre o povo também e que pudessem eles realizar muitos batismos; nessa ocasião surgiram por toda a parte na China paróquias e igrejas cristãs.**

**Dentro em breve ofereceu-se aos padres uma outra oportunidade para ampliação de sua atividade missionaria. Kang-hi incumbiu-os, por exemplo, da organização de uma nova carta geográfica de todo o império, e, no cumprimento dessa ordem, os padres se viam obrigados, a miúdo, a realizar longas viagens. Visto que, nessas ocasiões, apareciam eles como enviados do imperador, e levavam consigo uma grande escolta, a sua chegada causava em toda a parte uma grande impressão e proporcionava ao cristianismo nas províncias um apoio moral extraordinário. Os missionários, durante essas expedições geográficas, visitavam ao mesmo tempo as paróquias cristãs,**



**regulavam os seus assuntos e cuidavam da edificação de novas igrejas.**

**Um conflito político ofereceu-lhes em breve, a possibilidade de se mostrarem úteis ao imperador, também em outros assuntos. Constantes pendências nas províncias limítrofes sino-russas tinham tornado iminente o perigo de uma guerra e, visto que algumas tribos tártaras perigosas faziam menção de se aliar aos russos contra a China, em Pequim começou-se a procurar a maneira de evitar um conflito aberto. Mas faltava aos mandchús toda e qualquer experiência em negociações diplomáticas, e assim foi que não lograram eles encontrar uma base razoável para o entendimento. Os jesuítas realizaram então uma conferência da paz e participaram até mesmo das negociações como intérpretes e mediadores. O padre Gerbilon foi em seguida ao acampamento dos russos e deu-lhes a entender o quão vantajoso seria o obterem eles dos chineses um tratado comercial lucrativo, em troca de concessões territoriais. Os russos eram bastante comerciantes, para que não fossem perceber a exatidão das explicações de Gerbilon, e se declararam, imediatamente, prontos a abrir mão em favor da China dos territórios contestados, caso obtivessem a permissão para mandar a Pequim, anualmente, uma delegação comercial. Quando o padre Gerbilon, já entrada a noite, regressou ao acampamento chinês, trazia consigo um tratado de paz já pronto, cujas cláusulas eram absolutamente favoráveis aos chineses. Dois dias mais tarde o tratado foi assinado; era o primeiro pacto que o império chinês concluía com uma potência europeia. Na China tomou-se em alta conta esse sucesso diplomático dos jesuítas; os mandarins mais ilustres lhes felicitaram, e o príncipe Sasan, o chefe oficial da delegação de paz, agradeceu-lhes com as mais lisonjeiras expressões o valiosíssimo serviço.**

**Os missionários, que, em todas as situações da sua atividade governamental, se haviam postado fielmente ao lado do imperador, demonstraram ser ainda colaboradores valiosos, quando Kang-hi, já envelhecido, cansado, doente e achacado de dores, começou a se extinguir.**

**Dentro em breve apareceram os padres Gerbilon e Rouvet no quarto do soberano enfermo trazendo-lhe uma caixa com bolinhas de miolo de pão; essas, como eles o asseguravam,**

**havia curado o poderoso Rei Sol da França, de uma grave enfermidade; e de fato – apenas Kang-hi ingerira algumas dessas pílulas, eis que já começou a se sentir completamente restabelecido e pode se aplicar ao governo do império e aos teoremas de Euclides com forças novas. Alguns meses mais tarde adoeceu ele de novo de uma febre maligna, a qual aparecia com grande violência todos os dias à mesma hora. Os missionários foram chamados outra vez e reconheceram logo que Kang-hi estava atacado de malária. Recomendaram-lhe o uso de uma casca medicinal, que seus irmãos da Ordem tinham descoberto; era a chamada “ casca dos Jesuítas” , que mais tarde, sob o nome de cascas de quina, iria se espalhar por todo o mundo.**

**Mas os padres tiveram de sentir aí, pela primeira vez, que se formara na família imperial uma resistência contra eles; o príncipe herdeiro protestava contra o fato de estar seu pai usando um remédio desconhecido na China, e afirmava que ninguém sabia ao certo se esse remédio não iria prejudicar a saúde dele. Dado, porém, que o estado de Kang-hi ia piorando cada vez mais, ficou resolvido que quatro príncipes experimentassem, primeiro, o efeito do medicamento em si mesmos. Depois que essa experiência foi coroada de um feliz resultado, o imperador resolveu também experimentar as cascas dos jesuítas. No dia imediato não apareceu o esperado acesso de febre, e a mesma coisa aconteceu nos dias subseqüentes. Logo depois do seu restabelecimento Kang-hi foi do palácio à cidade acompanhado de grande séquito. E o que nunca acontecera, estava acontecendo agora: permitiu ele ao povo, que, aliás, por ocasião das excursões do imperador era escorraçado das ruas, nelas permanecesse. Em sua companhia achavam-se os quatro padres Gerhilon, Bouvet, Fonteney e Visdelon; tiveram eles licença para permanecer de pé, enquanto os próprios mandarins mais elevados eram obrigados a se prostrar de joelhos e tocar o solo com a fronte.**

**O imperador, então, voltado para os missionários disse em voz alta: “ Vós europeus me haveis servido sempre com zelo e dedicação e, até o dia de hoje, não tenho razão para vos fazer a menor acusação. Muitos chineses desconfiam de vós, mas eu, que fiz observar todos os vossos passos cuidadosamente, estou tão convencido da vossa correção e sinceridade, que declaro alto e bom som: é necessário que acreditem em vós e**

**que em vós confiem!” Em seguida a isso Kang-hi narrou ao povo que estivera doente, e que os estrangeiros tinham restaurado a sua saúde.**

**Os jesuítas haviam salvo o soberano duas vezes; numa terceira vez, quando ele regressou da caça atacado de uma grave pneumonia, o mais que puderam fazer foi lhe suavizar a morte. Acalmaram-lhe o coração, que pulsava violentamente, com o emprego de um electuario, e depois deram-lhe a beber do seu vinho de missa, o qual eles mandavam vir todos os anos de Manila; era o sangue de Cristo, declararam eles ao imperador, e o vinho do altar cristão deu ao enfermo, na realidade, forças de novo por algum tempo, Kang-hi morreu cheio de respeito pelo Deus dos cristãos, o qual o ajudara a passar as últimas horas de sua vida sem sofrimento e com ânimo tranqüilo.**

**Mas em toda a China haviam se espalhado, nesse meio tempo, os rumores referentes aos milagrosos remédios dos europeus. Centenas de enfermos afluíram para junto dos padres, e todos eles receberam tratamento médico. Com isso tiveram os missionários muitíssimas oportunidades de falar a respeito de sua religião e induzir ao batismo as pessoas curadas, cheias de agradecimentos. Assim é que, agora, foram conquistadas muitas almas para o reino de Cristo, graças a pílulas francesas, pós índicos e vinho espanhol.**

---

▪ [\*Anterior\*](#)

▪ [\*Índice\*](#)

▪ [\*Posterior\*](#)



## **A ORDEM DOS JARDINEIROS E PINTORES EXPEDITOS**

**Entretanto, com a subida ao trono do novo imperador Yongtsching, surgiu para o cristianismo na China uma época de grandes provações e perseguições. Já como príncipe herdeiro o filho de Kang-hi não fizera nenhum mistério da sua aversão aos europeus e à sua religião; depois da sua subida ao trono, porém, pareceu ele dar ouvido apenas às insinuações dos seus conselheiros inimigos dos cristãos.**

**“Os europeus” , declarava agora o censor imperial Fan em um memorial, “ ensinam uma religião falsa e perigosa. Afirmam que o Senhor do Céu nasceu em uma região chamada Yu-ya-a, na época em que Han-gai-ti governava a China. Mais ainda, que ele tomou o sangue de uma virgem santa chamada Ma-li-ya e formou assim o seu corpo humano. Que, com o nome de Ye-su, viveu trinta e três anos e depois foi imolado na cruz pelos pecados dos homens. Nós não temos essa crença e nem tão pouco a recebemos dos antigos. Aqueles que aceitam essa lei recebem um chamado batismo; os cristãos mais antigos são iniciados nos mistérios secretos e bebem a sagrada substancia. Eu não sei que espécie de feitiçaria será essa. Eles não observam os usos do império, mas possuem os seus livros e os seus ritos próprios. Acaso isso não significa subverter a forma de governo! Porventura não é suficiente a nossa antiga doutrina! Já existe um grande número de cristãos nas imediações da corte, e se não se puser um cobro imediato à sua atividade, eles acabarão inundando o império.”**

**O tribunal dos ritos em Pequim, por sua vez, instaurou um processo contra o cristianismo, e como o imperador estivesse mal disposto com relação aos missionários, a corte judiciaria decidiu contra os europeus e sua religião. Yong- tching lavrou, dentro em breve, um edito, em consequência do qual numerosíssimas igrejas e paróquias cristãs foram destruídas, trezentos mil chineses encarcerados e obrigados à abjuração.**

**Essa situação difícil, no entretanto, o que fez foi proporcionar aos jesuítas na corte imperial uma nova oportunidade para demonstrar o que eles eram capazes de realizar pela maior glória de Deus; o desfavor do novo soberano era para eles**

**apenas um incentivo a mais para aumentarem a sua capacidade até ao sumo grau e, por esse meio, salvar do soçobro o fruto de um trabalho longo e cansativo.**

**Quando, pouco tempo depois da subida ao trono de Yong-tching, chegou a Pequim uma embaixada russa, com o fito de concluir um importante tratado comercial com o governo chinês, foram, de novo, os padres jesuítas os únicos em condições de poder negociar com os delegados russos. Tratando-se então de organizar a primeira embaixada chinesa para a Rússia, foram os padres, tão somente, que souberam quais as instruções que deviam ser dadas à legação, e de que maneira a credencial para o Czar deveria ser redigida, afim de que fosse aceita favoravelmente em S. Peterburgo.**

**No fim de contas os jesuítas realizaram quase que com inteira autonomia as difíceis negociações com os plenipotenciários russos, e obtiveram um tratado mais favorável para a China do que o haviam esperado em Pequim. Não podia deixar de acontecer que esse sucesso contribuísse para que o imperador viesse a formar uma melhor opinião acerca dos missionários, e, nessa ocasião, o padre Parrenin obteve uma suavização enorme das medidas decretadas contra os cristãos.**

**Yong-tching não havia herdado o interesse científico do pai e não possuía nenhuma compreensão para a matemática e a astronomia. Mas, agora, acabou reconhecendo que os jesuítas entendiam mais da administração do estado do que os seus próprios ministros; por isso, daí por diante, ele passou a tratar os missionários muito amigavelmente e lhes permitiu até mesmo que mandassem vir da Europa para a corte mais dois padres da Ordem.**

**Assim haviam os jesuítas conquistado de novo uma posição influente, e o favor imperial, do qual eles agora podiam se alegrar outra vez, protegeu em medida significativa também as comunidades cristãs em todo o império. Pois com isso não apenas as ordens de perseguido haviam sido substancialmente suavizadas; também os mandarins nas províncias não ousavam agir com todo o rigor contra uma religião cujos sacerdotes gozavam em Pequim de tão alto prestígio.**

**Sob o governo de Kien-long, o subsequente imperador mandchú, a situação dos missionários e dos seus cristãos iria piorar de novo, substancialmente. Kien-long, de resto, tinha para com a religião estranha, que lhe parecia perigosa aos interesses do Estado, apenas ódio e desconfiança, e assim foi que ele, dentro em breve, decretou medidas que visavam um extermínio completo do cristianismo. Dessa feita a situação pareceu sumamente desesperadora e, pois, agora, nem um só dentre os ministros e grandes podia se atrever a fazer ponderações ao imperador e induzi-lo à suavização de seus decretos. Aquilo que Kien-long ordenava devia ser executado sem tardança, e sua palavra tinha que ser considerada como sabedoria suprema, como ordem direta do céu.**

**Pois esse quarto soberano da dinastia dos mandchús era mais orgulhoso de que mesmo os mais orgulhosos dentre os Mings o haviam sido. Vivia em rigoroso isolamento no seu palácio, cujas salas continham tudo quanto fora fabricado na China, Japão e Índia, em obras darte magníficas e magníficas preciosidades. Rodeado apenas por suas mulheres e eunucos, Kien-long vivia, qual um deus, entregue à sua própria adoração. Quando os ministros e príncipes lhe apresentavam os seus relatórios, então eram obrigados, deitados no solo, o rosto colado à terra, a esperar, silenciosos, as ordens do imperador, e a executá-las ao pé da letra, qual se fossem instruções divinas.**

**Se sucedia que Kien-long abandonava alguma vez o palácio, para percorrer as ruas da capital, então, já na véspera, soldados a cavalo irrigavam todo o caminho que o imperador pensava percorrer, e cuidavam de que todas as lojas se fechassem, todas as janelas e portas fossem veladas com espesso pano, afim de que nenhum mortal lograsse por os olhos no sublime soberano.**

**Assim é que, durante muito tempo, os jesuítas não encontraram nenhuma oportunidade para falar ao potentado, imbuído de sua divindade, e para induzi-lo a uma atitude mais branda com relação à religião cristã. Na verdade os padres detinham ainda em suas mãos a presidência do tribunal matemático, pois, agora como antes, ninguém, a não ser eles, conhecia o cálculo exato do calendário anual. Assim é que o presidente jesuíta do tribunal podia também, juntamente com alguns outros dignatários, apresentar relatórios ao imperador, uma vez que**

**outra; mas ele também tinha que se estender no chão a fio comprido, e o imperador o favorecia com um olhar amigável ou com uma palavra branda tanto quanto os outros mandarins.**

**Embora os outros padres, que tinham chegado a Pequim, levando em conta a permissão concedida pelo antigo imperador, houvessem podido, em conseqüência disso, permanecer ali e demonstrar muitas vezes suas habilidades diplomáticas e matemáticas, mesmo assim isso não causou no imperador impressão alguma. Com a indiferença de um filho dos deuses verdadeiramente sublime, tomava ele conhecimento de todos os serviços que lhe prestavam sem dar uma só palavra e, em nenhum momento, considerava necessário mostrar-se reconhecido a isso por meio de um favor especial.**

**Mas, justamente no momento em que se tinha a impressão de que toda a influencia dos jesuítas na China se tornara sem mais esperanças, foi que veio em ajuda dos padres, precisamente o conceito de divindade de Kien-long, concedendo-lhes a oportunidade de alimentá-la. Kien-long, na verdade, tinha sempre a impressão de que o seu palácio e seus jardins, apesar das preciosidades que continham, não eram suficientemente magníficos para servir como sitio de moradia ao mais sublime filho dos deuses. Incessantemente estava ele a imaginar como poderia aperfeiçoar mais ainda a suntuosidade do seu lugar de permanência terrena.**

**Mandou revestir as paredes dos seus aposentos de ouro puro e pedras preciosas e, depois, por cima dessa camada de ouro, foram pintadas paisagens com pássaros e flores pelos melhores pintores do império. Cuidado especial, porém, dedicou ele à preparação da sua residência estival de Yoen- ming-yoen. Os jardins, com os quais estavam ligados os inúmeros pavilhões e templos do palácio, excediam a tudo quanto jamais houvesse sido construído em qualquer parte do mundo; já que a natureza, somente, não podia satisfazer o gosto do imperador, haviam sido arranjados aí montes, vales, bosques e rios artificiais; através de vales amáveis serpenteavam agora, em inflexões artificiais arroios grandes e pequenos ; ora estreitavam-se-lhes as margens entre colinas e penhascos artificiais, ora se ampliavam eles em lagos, sobre os quais balançavam-se barcas suntuosas. Sobre uma ilha rochosa colocada no meio de um desses lagos, erguia-se o grande palácio com mais de cem**

aposentos ; daí podiam-se avistar, perfeitamente, os outros edifícios, em número de mais de duzentos. Galerias, alamedas, terraços, anfiteatros, bosques de flores e pontes, tudo isso se unia para formar um quadro de sedução inexcelável. Mas, apesar disso, o imperador não se mostrava ainda satisfeito e, constantemente, mandava procurar pintores, jardineiros e técnicos, que estivessem em condições de enfeitar com mais beleza ainda as paredes das casas de recreio, tornar as paisagens artificiais dos seus jardins ainda mais alegres. Esses pintores, jardineiros e mecânicos, porém, eram ao mesmo tempo as únicas criaturas que tinham livre ingresso em todas as partes do palácio imperial. Como Kien-long, além disso, vigiasse pessoalmente os diversos trabalhos, esses operários e artistas eram os únicos que estavam em situação de entrever o soberano em estreita vizinhança.

Quando os jesuítas se inteiraram dessa paixão do imperador, não se passou muito tempo e, de repente, pareceu que a Sociedade de Jesus não era mais do que um grêmio de pintores e arquitetos, e que o cristianismo fosse, exclusivamente, uma doutrina esotérica de jardinagem. Como o imperador estivesse descontente com os parques existentes até então, os seus ministros esquadrinharam toda Pequim em busca dos melhores artistas em jardinagem, depois os jesuítas alardearam, imediatamente, que não havia segredo dessa arte que eles não dominassem de maneira completíssima. Quando Kien-long, depois, procurava outra vez alguém que pudesse embelezar os açudes e arroios, os jesuítas mandaram lhe comunicar que ninguém melhor do que eles sabia trabalhar com essas obras hidráulicas. Eram retratistas, quando o imperador andava em busca de algum, e quando ele queria enfeitar as suas paredes com pássaros e flores, logo se encontrava um padre, que entendia justamente dessas coisas e de maneira excelente.

Dentro em pouco a casucha situada junto à entrada dos jardins da residência de verão e destinada aos diversos operários e técnicos, abrigava uma turba de missionários jesuítas e agora também pertenciam os padres ao número dos raros felizardos, a quem era permitido residir na proximidade imediata do sublime filho dos deuses.

Dado que eles, agora, tinham de trabalhar nos aposentos mais íntimos da residência do imperador, e depois nos jardins ou nos



**pavilhões da família imperial, entraram eles em toda a parte, puderam ver o palácio inteiro e nada mais ficou oculto aos seus olhos. Assim é que conseguiram ver também aquela estranha cidade privada, que Kien-long mandara erigir para si mesmo e que não tinha igual no mundo inteiro. Kien-long concebera a idéia de se compensar do rigoroso isolamento que a dignidade do seu cargo lhe impunha, de maneira original, e assim é que mandara construir no interior do seu palácio uma cidade artificial, que servia apenas para o seu divertimento. Havia ali muralhas, torres, becos, praças, templos, átrios, mercados, lojas e palácios em perfeita forma; até um porto especial fora construído. Se o imperador tinha desejo de ver como, na verdade, transcorria a vida dos seus súditos, então dirigia-se a essa cidade particular e fazia com que os seus eunucos representassem uma peça da vida diária chinesa. Esses eunucos se travestiam de mercadores, operários ou soldados; era um que conduzia um carrinho de mão, era outro que levava cestos, eram navios que chegavam ao porto, eram barracas que se abriam, mercadores que celebravam as suas mercadorias, o povo que afluía para as casas de chá e tabernas, mascates e mercadores que trafegavam por ali, gente a discutir, a gritar e a fazer alarido, e até mesmo os batedores de carteira entravam em ação eram presos, levados à presença do juiz e castigados com bastonadas. Quando, agora, o imperador encontrava seus novos pintores, construtores e mecânicos, ora aqui ora ali durante o trabalho, acontecia muitas vezes que ele os favorecesse com uma interpelação, lhes distribuísse, pessoalmente, incumbências referentes à maneira pela qual desejava que isso ou aquilo fosse ornamentado, ou sucedia também que ele deixasse cair uma palavra de satisfação pelos serviços deles. Constituía isso uma distinção, em troca da qual um chinês qualquer teria dado todos os seus haveres, e agora os jesuítas desfrutavam dessa felicidade imensurável, eles, os pregadores de uma religião, que, ao mesmo tempo, vinha sendo perseguida em todo o império com rigor implacável! Sim, o imperador agora vinha até mesmo e cada vez com mais freqüência, aos aposentos e parques, em que os jesuítas trabalhavam e, dentro em breve, ofereceu-se aos padres a oportunidade de poderem pedir graças para os perseguidos cristãos chineses. De uma feita estava o padre Castiglione ocupado justamente com um fresco num dos aposentos imperiais, quando Kien-long entrou ali e manifestou o seu contentamento. Eis que o missionário se rojou aos pés do**

**Imperador e estendeu-lhe uma petição a favor dos cristãos chineses; Kien- long recebeu-a amavelmente e disse: “Vou ler a tua petição, fica tranqüilo e continua pintando!” Se bem que não tivesse ele se decidido a revogar as determinações anteriores, resolveu, no entretanto, dado que os frescos de Castiglione o tinham contentado tanto, dar ordem aos seus ministros para que suspendessem a perseguição aos cristãos, até segunda ordem.**

**Os padres Sickelpart, Panzi, Salusti e Poirot pintavam incansavelmente, em parte a óleo sobre o vidro, em parte a aquarela sobre seda, retratos, paisagens, frutas, pássaros e peixes; Sickelpart com a sua arte provocou em tal medida o agrado do imperador, que foi elevado à categoria de mandarim de primeira classe. O padre Brossard, por sua vez, esforçou-se e com sucesso, por conquistar o favor do imperador, mediante trabalhos de vidro de especial finura. Dentro em breve Kien-long incumbiu os jesuítas da direção de uma academia de pintura, que foi instalada em um edifício próximo ao palácio e na qual, agora, alunos chineses passaram a se educar nas artes européias.**

**Muitas vezes era difícilimo o satisfazer sempre os caprichos do imperador e o adaptar-se, sem oposição, a todos os seus mutáveis desejos. Um dos padres informou, nessa ocasião, melancolicamente, à pátria: “ Todos os nossos trabalhos são inspecionados pelo imperador. Primeiramente nós fazemos esboços que ele muitas vezes modifica, conforme bem lhe aprover; que essa modificação seja boa ou má, isso é coisa que somos obrigados a aceitar caladinhos, pois aqui o imperador é quem entende melhor de tudo.”**

**Quando, uma vez, alguns príncipes tártaros rebeldes haviam dado a conhecer a sua submissão, o padre Atiret recebeu, subitamente, a ordem para se dirigir ao castelo de caça Dje-hol na Tartaria, pois o imperador queria que fosse registrada em um quadro a cerimônia da submissão. Chegado a Dje-hol, o pobre padre viu tantos semblantes, trajes e solenidades na sua frente que, durante muito tempo, não atinou com a maneira por que iria representar tudo isso em um quadro.**

**Mas, apenas a cerimonia da submissão dos príncipes tártaros chegara ao fim, e eis que também já um ministro transmitia ao**

**missionário a ordem de começar, imediatamente, a feitura do quadro, dado que o imperador queria ver o trabalho pronto ainda na noite do mesmo dia. Atiret pintou como um desesperado; no meio do quadro colocou ele o imperador metido em vestes suntuosas, em torno dele desenhou com toda a presteza algumas centenas de figuras. Logo depois já aparecia de novo o ministro e informava que o imperador desejava ver o quadro. O desenho de Atiret satisfez de tal maneira a Kien-long, que ele exclamou muitas vezes: “ Hen hão!” , “muito bom!”.**

**O padre, esgotado que estava, tinha ido descansar, mas já de madrugada foi chamado de novo ao palácio, no qual o imperador acabara de nomear mandarins justamente a onze dos príncipes tártaros recém submetidos; por isso os seus retratos deveriam ser pintados a toda a pressa. Que outra coisa mais restava ao desventurado missionário, senão executar também essa nova ordem, para glória de Deus? Dirigiu-se ele, assim, para a sala em que os onze tártaros já estavam à espera dele, e começou a pintar o primeiro. Enquanto estava trabalhando, os outros príncipes comprimiam-se em torno dele e sobrecarregavam-no com perguntas de toda a espécie; ele tinha que arranjar respostas para eles e, além disso, continuar pintando sem cessar e, nem sequer por um gesto, lhe era lícito dar a perceber o seu desagrado. Seis dias se passaram assim, até que, realmente, os onze retratos ficaram prontos. Os tártaros foram tomados de extrema admiração pela semelhança de seus retratos, olhavam uns para os outros e explodiam em ruidosas gargalhadas quando comparavam os traços dos seus semblantes com os retratos. ‘ Retornando a Pequim, Kien-long desejou que fossem prontas algumas gravuras em cobre, como lembrança da conquista de Turkestão e nos quais deveriam ser representados os acontecimentos principais dessa expedição. Nenhum dos padres havia, jamais, se ocupado com trabalhos dessa natureza, e assim é que se encontraram completamente perplexos, a princípio, diante dessa inesperada incumbência. Mas, depois, o padre Renoit resolveu aprender nos livros a arte da gravação em cobre e, por fim, conseguiu, realmente, fabricar cento e quatro folhas grandes, as quais foram impressas na França e muito agradaram ao Imperador. A todo o instante surgiam novas encomendas, que deviam ser executadas imediatamente; até mesmo o padre Atiret, já ancião e gravemente enfermo, viu-se obrigado a pintar o soberano em poses sempre novas, ora a cavalo, ora sentado, ora de pé.**

**“Estar acorrentado dia após dia” , escreveu o padre atormentado de morte, para os seus irmãos em Roma, “ ter apenas os domingos e dias santos livres para as adorações e, além disso, não poder pintar coisa alguma de acordo com o gosto da gente, tudo isso me incitaria a regressar à Europa, e quanto mais depressa melhor; mas eu me lembro de que o meu pincel está sendo de alguma utilidade para a religião e dispõe o imperador favoravelmente para com os missionários. Isso e mais a esperança de poder ver o céu no fim dos meus afãs e trabalhos, é o único atrativo que aqui me retém e aos demais irmãos.”**

---

▪ [\*Anterior\*](#)

▪ [\*Índice\*](#)

▪ [\*Posterior\*](#)



## **TRIUNFO DOS CHAFARIZES E DOS LEÕES MECÂNICOS**

Um dia caiu nas mãos do Filho do Sol um desenho, no qual estava representado um chafariz, e ele quis, de imediato, que os missionários aprontassem um igual para o jardim do seu palácio de recreio. Debalde os padres pintavam, agora, um retrato depois do outro, debalde inventavam os jardineiros combinações sempre novas ; Kien-long não tinha mais interesse por nada e queria apenas um “ Choui-fa” , um chafariz. Os jesuítas não tinham a menor idéia de como poderia ser fabricada uma obra dessas; se bem que houvesse entre eles sábios relojoeiros e habilidosos mecânicos, entretanto nenhum entendia de hidráulica, de jactos de bombas e condutos de água. Como, porém, Kien-long se obstinasse no seu “ Choui-fa”, o padre Benoit, por fim, consagrou-se ao estudo de livros sobre o assunto e, dia e noite, torturou-se com eles, até que, no fim de contas, penetrou nas idéias fundamentais da hidráulica.

Um ano mais tarde erguia-se nos jardins do imperador a primeira coluna d'água. Kien-long ficou, de fato, satisfeito com isso, mas imediatamente ordenou a construção de outros chafarizes, os quais deveriam ser aprontados com mais arte ainda do que o primeiro.

Depois de decorrido o tempo exigível, o imperador sentado no trono, pode admirar no seu palácio de verão Y'oen- ming-yoen, duas grandes colunas d'água à direita e à esquerda e à sua frente, um artístico grupo de peixes, pássaros e outros animais, que cuspinhavam água. Em Pequim, por sua vez, tinham os jesuítas construído uma grande bacia com doze figuras de animais mitológicos, em um dos parques do palácio imperial, conjunto esse que servia de relógio; cada duas horas uma dessas figuras cuspiam um jacto d'água de sua garganta.

Já o imperador estava pensando em que os padres, que tudo sabiam, bem podiam ser capazes de fabricar animais artificiais. Mas, antes ainda de que ele tivesse manifestado o seu desejo, já o padre Tibault estava dedicado a fabricar um leão automático que, em tamanho e aspecto, se assemelhava exatamente a um leão verdadeiro. Haviam ocultado ao imperador que estava sendo construído um autômato assim, e, um belo dia, quando

**ele andava passeando no jardim, os missionários puseram o mecanismo de relojoaria em movimento. O leão avançou para o imperador pela aléa do jardim; a princípio, ele recuou assustado, até que, satisfeito, reconheceu que os padres tinham adivinhado e realizado o seu mais secreto desejo.**

**“É na verdade admirável” , escreveu nessa ocasião o padre Amyot, de Pequim para o seu irmão de ordem Latour em Paris, “ a maneira pela qual o nosso amado irmão Tibault soube construir um autômato valendo-se de princípios simplicísimos da arte de relojoaria, autômato esse que representa uma realização poderosa da mecânica. Falo como testemunha ocular, pois eu em pessoa vi o animal artificial correndo.”**

**Em seguida sucedeu ao leão um tigre e, quando os animais automáticos já estavam começando a entediar o imperador, o padre Sigmund dedicou-se ao fabrico de um homem mecânico. Enquanto ele estava trabalhando nessa obra de relojoaria, o imperador em pessoa ficava sentado na oficina do padre, desde manhã até à noite, e se informava com a maior exatidão possível de todas as particularidades do mecanismo. “Se o padre conseguir essa obra de arte” , disse Amyot, nessa ocasião, em uma de suas cartas, “ então o imperador terá a lembrança de lhe dizer depois: “ Tu o fizeste andar, fazes agora também com que ele fale!” Eu mesmo recebi dele a incumbência de fabricar dois homens que carregavam um vaso de flores e caminhavam com ele. Trabalho nisso desde há sete meses e ainda gastarei bem um ano até a terminação dessa obra de arte. Mas com isso tenho tido também, muitas vezes, oportunidade para entrar em contato íntimo com o imperador.” Entretanto sua obra prima realizaram-na os padres na ocasião em que deveria ser festejado com pompa toda especial o sexagésimo aniversário da imperatriz mãe. Durante meses inteiros todos os pintores, escultores, construtores e marceneiros de Pequim ficaram ocupados com os preparativos dessa festa, pois tratava-se de ornamentar a estrada toda, que ia de Yoen-ming-yoen até a capital, com edificações suntuosas. Por toda a parte foram erigidos templos e estabelecimentos de diversão, nos quais se instalariam orquestras, companhias de atores e vendas de refrescos. Em Pequim mesmo, a rua que ia do portão da cidade até a porta do palácio foi enfeitada, com peristilos de madeira, pavilhões e galerias, com guirlandas e outros ornamentos de seda, ouro e espelhos. De espaço a espaço erguiam-se no**

**caminho colunas artificiais, às quais estavam amarrados veados e corças; em outros lugares haviam sido colocados meninos fantasiados de macacos, e em muitas colunas recobertas de seda, estavam crianças metidas em roupas de pena, e que imitavam com seus gestos o vôo dos pássaros.**

**Os padres haviam se proposto, nessa ocasião, a sobrepujar ainda todas as suas realizações anteriores, e, com um trabalho de conjunto, conseguiram eles, finalmente, preparar uma obra de arte mecânica originalíssima. No caminho que o cortejo deveria percorrer, colocaram um palco, o qual o missionário descreve em sua informação: “ Tinha ele de cada lado três cenários em desenho de perspectiva; no fundo da cena havia uma figura vestida à chinesa, a qual sustinha em suas mãos uma felicitação escrita para o imperador. Também diante de cada cenário encontravam-se pequenas estátuas chinesas, que seguravam na mão direita um gongo de cobre, na esquerda um pequeno martelo... Diante do palco encontrava-se uma piscina fingida, feita de espelhos, em cuja margem se podia ver um mostrador de relógio com sinais europeus e chineses. ‘ Na água movia-se um ganso artificial...’ “ Tudo isso era posto em movimento mediante molas ocultas, e um ímã que caminhava em redor do mostrador, atraía o ganso, de sorte que ele indicava sempre a hora. Se se tratava de uma hora completa, então a estátua que tinha a inscrição nas mãos, surgia do fundo da cena e se inclinava; em seguida a isso as outras seis estátuas tocavam juntas um pequena canção, batendo, uma depois da outra, com o martelo no seu gongo de cobre. Quando a musica terminava, então a figura portadora da inscrição retornava com passo solene à sua posição primitiva.”**

**“Assim” , é o que consta, por fim, na carta do missionário, “ nós nos esforçamos, por amor da religião, para conquistar a benevolência do imperador, mediante serviços úteis e necessários. Se não pudemos induzi-lo a que se mostre favorável aos cristãos, pelo menos conseguimos que ele não os persiga e permita aos ministros do Senhor a liberdade de pregar o Evangelho.”**

**Pois o imperador sabia, perfeitamente, que os padres só permaneceriam em sua corte, enquanto vissem qualquer perspectiva favorável à sua obra de catequese. Assim é que as igrejas cristãs de Pequim puderam ser conservadas abertas, e**

os cristãos chineses, em número de mais ou menos nove mil, não foram incomodados, de maneira alguma. Um dos padres informou nessa ocasião: “ Há em Pequim um grande número de cristãos, que podem freqüentar a igreja com absoluta liberdade... Mesmo nas províncias os nossos padres não se conservam assim tão cuidadosamente escondidos, que não se os possa descobrir, quando se o queira fazer. Mas os mandarins fazem vista grossa, pois eles sabem o pé de relações em que estamos aqui com o imperador.”

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*





## **PROFANAÇÃO OU TOLERÂNCIA**

**Quando se tornou conhecido na Europa o triunfo da missão jesuíta chinesa, dentro em breve provocou ele o ciúme da Ordem Dominicana, a qual já não via os jesuítas com bons olhos, por causa da polémica molinista. Também os franciscanos, que, igualmente, se tinham ocupado desde havia muito com trabalhos de catequese, invejavam o sucesso surpreendente da Sociedade de Jesus, e, finalmente, para os jansenistas, tudo quanto os jesuítas faziam ou deixavam de fazer, lhes era fundamentalmente odioso.' As antinomias se aguçaram ainda em consequência do desastrado fim da missão chinesa empreendida pelos dominicanos e franciscanos.**

**Sacerdotes dessas duas ordens haviam feito nesse meio tempo, também, a tentativa de por um pé firme na China, mas, à diferença dos jesuítas, haviam eles nesse caso impugnado todo e qualquer compromisso com os costumes nacionais chineses e, desde o início, haviam aplicado os mais rigorosos princípios. Assim é que dominicanos e franciscanos, logo depois de sua chegada, começaram a pregar que todos os imperadores da China, da mesma maneira que o sábio Confúcio, eram pagãos eternamente condenados ao fogo do Inferno. Não podia deixar de acontecer que tais doutrinas viessem provocar revolta geral em um país, em que se demonstrava o máximo respeito para com os soberanos e legisladores mortos. Por esse motivo os novos missionários foram, dentro em breve, presos pelas autoridades, encarcerados e expulsos do país.**

**Os jesuítas, pelo contrário, haviam iniciado a sua obra de catequese com mapas geográficos, relógios, espelhos, óculos e quadros e, graças a isso, tinham conseguido grande sucesso. Por esse motivo os dominicanos e franciscanos acusavam-nos agora de que tinham tentado propagar a doutrina de Cristo, recorrendo a meios indignos e, com isso, a tinham profanado.**

**Os padres da Companhia de Jesus não ficaram devendo resposta aos seus adversários e declararam que os frades mendicantes, em consequência da sua conduta imprudente, haviam atraído perigo enorme para o cristianismo chinês; sim, que a falta de habilidade desses missionários havia provocado,**

**desnecessariamente, a má vontade das autoridades e, assim, de certa maneira haviam levado ao martírio numerosos cristãos chineses. Em breve a luta entre as ordens religiosas foi completada por intrigas não menos odiosas da política secular: A ida de uma missão jesuítica para a China, por mediação de Luiz XIV, provocou a cólera ciumenta do governo português, o qual, baseado em privilégios papais, reclamava para si o direito exclusivo de dirigir a cristianização do Extremo Oriente.**

**Portugal publicou, em seguida, um violento ataque diplomático contra a França, junto à Santa Sé, e começou logo a mover caça aos missionários jesuítas franceses mandados para a China; um desses foi feito prisioneiro pelos portugueses e conservado no cárcere em Goa até a sua morte. Inflamaram-se novas pendências em torno da ocupação do bispado que ia ser criado em Pequim: os franceses insistiam em que o bispo deveria ser um jesuíta de nacionalidade francesa, ao passo que os portugueses exigiam um bispo português da Ordem de Cristo. Com isso a missão chinesa foi gerando intrigas políticas sempre novas e mais complicadas entre Paris, Lisboa e Roma.**

**A Inquisição da Santa Sé foi importunada com acusações contra os jesuítas. Incriminavam os padres que atuavam na corte de Pequim, de que eles, na sua qualidade de membros do tribunal matemático, haviam se dado ao estabelecimento no calendário de dias fastos e nefastos; que isso, pois, significava o incremento de uma superstição condenável e era absolutamente inadmissível. Quando da celebração da missa eles, indo de encontro a todos os preceitos eclesiásticos, traziam a cabeça coberta com um barrete daqueles que usavam os antigos letrados chineses; liam o missal, o breviário e a liturgia, não como estava prescrito, em língua latina e sim em chinês; por ocasião do batismo de mulheres eles deixavam de lado a unção que o ritual exigia se fizesse nas fossas nasais, nas ombros e no peito, valendo-se do argumento gasto de que os chineses não toleravam fossem os corpos femininos tocados por estrangeiros.**

**O fato de que os missionários continuassem permitindo aos seus catecúmenos na China a participação dos ritos usuais em honra dos seus mortos, provocou grande revolta entre todos os inimigos dos jesuítas. Essas festas fúnebres, por ocasião das quais eram queimados rolos de papel e servidos carne e vinho**

**nas mesas, para as almas dos falecidos, eram, segundo a opinião dos dominicanos e franciscanos, cerimônias puramente pagas, cuja celebração importava para todos os cristãos na prática de um pecado. Em compensação os jesuítas, diziam eles, não haviam se limitado apenas a consentir nesses usos condenáveis, pelo contrário, praticaram-nos, eles também.**

**A acusação mais grave levantada contra a missão jesuíta, no entretanto, constou de que os padres haviam ocultado, sistematicamente, na China, a morte de Cristo na cruz, e que eles batizavam os chineses, sem que tivessem lhes dito uma só palavra acerca da crucificação do Senhor. Mais ainda, que os jesuítas em suas igrejas da China não tinham um único crucifixo sequer, mas apenas imagens do Salvador na sua glória e da Mãe de Deus entronizada no Céu.**

**Os jesuítas, por sua vez, apresentaram memoriais justificativos longuíssimos ao tribunal da Inquisição. Constava dos mesmos que eles jamais haviam renegado o Crucificado, mas o interesse da religião exigia que se transmitisse o evangelho aos pagãos só mui cautelosamente e com certo tacto; a morte na cruz era considerada na China como grande opróbrio e, nessas condições, os chineses só mui dificilmente estariam dispostos. a acreditar em um Deus que havia sido executado de maneira tão aviltante. Por esse motivo os jesuítas ocultaram a narração da crucificação de Cristo até o instante em que os seus convertidos estivessem bastante preparados.**

**No que dizia respeito aos ritos, cuja tolerância servira de motivo à censura contra eles, o fato é que não se tratava aí de cerimônias religiosas e sim de certas formas de piedade, contra as quais, do ponto de vista cristão, nada se podia objetar. As cerimônias fúnebres dos chineses outra coisa não significavam senão a expressão de veneração filial pelos antepassados. Por outro lado esses usos estavam prescritos de maneira absolutamente obrigatória a todos os chineses, e proibi-los seria impossibilitar toda a cristianização.**

**A luta foi se tornando sempre cada vez mais violenta, e, dentre em breve, todo o clero católico da Europa começou a participar dele. Os dominicanos Moralez e Navarete escreveram livros volumosos, um depois do outro, nos quais eram acusados os missionários jesuítas na China de traição aberta à religião**

**cristã; o infatigável Antônio Arnauld aderiu a essas diatribes. Os papas hesitaram durante muito tempo entre os jesuítas e seus adversários, pois na Europa ninguém tinha uma idéia precisa acerca da significação real desses ritos chineses, que ocupavam o primeiro lugar na disputa. Era necessário se verificasse se as almas dos mortos na China eram adoradas como divindades, dever-se-ia ficar esclarecido sobre até que ponto as mesas, nas quais eram servidas as iguarias para os antepassados, eram de ser consideradas como altares. Sobre tudo isso as Ordens litigantes manifestavam opiniões diametralmente opostas. Dado que os papas, então, à vista dessas circunstancias, não podiam chegar a um julgamento objetivo imparcial, tomavam eles suas decisões conforme estivessem, pessoalmente, em bom pé de amizade, ou com os dominicanos ou com os jesuítas. Paulo V manifestara no ano de 1616 que estava absolutamente disposto a justificar a conduta dos jesuítas, entretanto não publicou ele uma decisão formal sobre o assunto. No ano de 1635 os dominicanos dirigiram uma denúncia ao novo papa Urbano VIII ; não obstante, somente sob o papado de seu sucessor Inocêncio X, foi que o Colégio dos Cardeais chegou a uma decisão, na qual ficou estabelecido que as festas fúnebres deviam ser proibidas.**

**Entretanto, com Alexandre VII os jesuítas lograram alcançar de novo maior influencia junto à cúria, e assim a inquisição romana no ano de 1656 decidiu que os ritos chineses representavam “ um culto exclusivamente civil e político” e, por isso, deviam ser tolerados. No ano de 1667, na pessoa de Clemente IX assumiu o governo um inimigo declarado da Sociedade de Jesus ; assim sendo não foi de admirar que, dentro em breve, houvesse sido decretada uma decisão contra o culto dos antepassados. Esse rumo tomado pelas coisas, desfavorável aos jesuítas, atingiu então o seu ponto culminante com a constituição de Clemente XI decretada no ano de 1715.**

**Nessa foi estabelecido um juramento formal contra o culto dos antepassados, para os missionários que atuavam na China. Um legado do papa partiu para esse pais, afim de controlar a execução dessa ordem e, principalmente, estudar todo o assunto litigioso no seu local próprio. Assim é que agora os chineses também vieram a saber da luta encarniçada de que eles vinham sendo objeto desde havia muitos decênios, e com isso ficaram eles não pouco edificados. Quando o legado do**

papa comunicou ao imperador Kang-hi que o santo padre havia condenado o culto dos antepassados como idolatria paga, o imperador observou irado: “Como pode o papa julgar de coisas que ele nunca viu e nem conheceu? Pelo que me diz respeito, jamais me atrevera a querer julgar os usos da Europa acerca dos quais eu nada sei.” Um juiz chinês, a quem coube julgar um monge dominicano que tinha sido preso, declarou nessa ocasião: “ Conheço bem os jesuítas ; eles são verdadeiros pregadores e homens de bem, que nos trouxeram livros, relógios, telescópios e outros objetos úteis. Mas vós outros sois falsos pregadores, pois não conheceis nem as altas ciências da matemática e da astronomia e nem nos trouxestes relógios e livros.”

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **O APOSTOLADO DOS ANZÓIS**

**Nos primeiros decênios do século XVII teve início na Inglaterra também aquele movimento, que, muito tempo antes, partira da Espanha e de Portugal: turbas de homens sedentos de aventura embarcavam para o novo mundo, afim de trocar as condições insatisfatórias da pátria com as grandes seduções de uma terra virgem.**

**A principio foram emigrantes puritanos, que, tangidos pela pressão de perseguições religiosas, puseram-se a caminho de Norte América; em breve também nobres “ papistas” seguiram-lhes o exemplo, pelos mesmos motivos. Sir George Calvert, mais tarde Lord Baltimore, organizou a primeira expedição católica desse gênero, e, desde o princípio, encontrou ele na pessoa dos jesuítas Parsons e Blounti ardorosos colaboradores.**

**Quando a pequena turba de colonos católicos, então, lá pelo ano de 1634 pôs-se realmente a caminho da América, encontravam-se entre eles também alguns padres jesuítas. Desembarcaram eles ao norte da Virgínia e denominaram a sua primeira colônia Maryland. Com rude trabalho tratava-se agora de construir casas, amanhar o solo, desbravar florestas e cuidar de obter os alimentos necessários por meio da caça e da pesca. Da mesma maneira que os demais colonos os jesuítas também colaboravam em todos esses trabalhos e, em tudo e por tudo, eram eles agricultores com os agricultores. “ Junto à embocadura do Potomac” , escreve o padre , um dos participantes dessa expedição, encontramos nós um pequeno rio ao norte, tão grande quanto o Tamisa. Em uma das margens estabelecemos as nossas plantações e a nossa cidade de Santa Mary; na outra margem vive o rei Chitomachon.” Esse príncipe índio, que aqui, ao sul da atual cidade de Washington, montara a sua tenda, era uma espécie de imperador índio, honrado pelos seus súditos como “ Tayac” , isto é, “ Chefe de todos os chefes”. Ele e suas tribos desconfiavam dos imigrantes brancos, os quais, sedentos de terra, haviam tomado posse de suas florestas e planícies; mas, no Deus aquele, a respeito do qual os brancos falavam, os índios tinham visto, durante longo tempo, um demônio mau, hostil a eles. Por isso os Peles**

**Vermelhas haviam massacrado, sem misericórdia, também os primeiros missionários, que já no ano de 1570 tinham feito a primeira tentativa de pregar a evangelho nessas regiões.**

**Até então os colonos ingleses estabelecidos em terras americanas haviam procurado se defender contra os ataques dos índios recorrendo somente a um direito de Talião, vingando-se em qualquer índio que lhes caísse nas mãos, os malfeitos de outros membros da tribo. Os governadores das novas colônias publicaram ordens, em virtude das quais os imigrantes tinham autorização expressa para fuzilar sem mais delongas todo e qualquer índio que lhes surgiram por diante.**

**Não obstante, nem mesmo com essas medidas cruéis conseguiram fazer com que os Peles Vermelhas abrissem mão de suas hostilidades contra os europeus; eis que então os jesuítas se ofereceram para pacificar os índios, valendo-se de outros métodos. Primeiramente afanaram-se eles, durante muitos meses, com todo o ardor, por aprender a língua dos índios, e, quando, por fim, partiram para a catequese dos Peles Vermelhas, tomaram consigo como armas de guerra somente um grande quantidade de anzóis de pesca, agulhas e doces. Munidos de tal bagagem transpuseram o rio e, um belo dia, encontraram-se à frente da barraca do temido Chitomacon.**

**Mas quando esse deu de olhos com os lindos anzóis e agulhas, cujo uso os padres lhe explicaram num indiano impecável, e quando ele, depois, saboreou os doces, resolveu celebrar uma amizade rápida com os ádvenas. Dentro em breve fez ele também com que lhe explicassem os princípios da religião cristã e, algum tempo mais tarde, manifestou espontaneamente o desejo de adotar o cristianismo. Separou-se até, tal como os padres o aconselharam, de todas as suas mulheres, conservando apenas uma, e, em companhia dessa e do seu filho, seguido por uma escolta brilhante, pôs-se a caminho da colônia Maryland, afim de ali se fazer batizar. “A três de Julho de 1640” , consta no relatório dos missionários, “ depois de ter sido suficientemente instruído nos mistérios da religião, recebeu ele o sacramento. Simultaneamente com ele sua mulher e seu filho, da mesma maneira que um dos seus principais conselheiros, nasceram para nova vida na pia batismal. O imperador, que até então se tinha chamado Chitomacon, recebeu o nome de Carlos, sua mulher o de Mary. Depois, à**

**tarde, o imperador casou-se: com a sua esposa segundo o rito cristão, e em seguida a isso foi levantada uma santa cruz de dimensões respeitáveis; para transportá-lo ao lugar que lhe estava destinado, o imperador, o governador, seus secretários e os demais presentes emprestaram suas mãos e ombros enquanto dois dos nossos, nesse meio tempo, iam cantando a ladainha da Santa Virgem.”**

**Também entre as tribos índias vizinhas, os jesuítas foram difundindo a religião cristã de idêntica maneira, e os chefes afluíam para ali, afim de, da mesma maneira que “Tayac” , receber doces, anzóis e agulhas. Por mais incompreensível que isso parecesse aos colonos cristãos os quais, educados na crença de seus pais, até aquela época, haviam se fiado apenas nas armas de fogo, mesmo assim, tiveram eles de reconhecer, contrariados, o sucesso dos novos métodos jesuíticos. Por isso, dentro em breve, rezou em uma informação das autoridades coloniais “que os indígenas, quando tratados amigavelmente e com justiça, mostravam absolutamente pacíficos. Assim todo o homem atilado, a partir daí deveria considerar acertado o tratar bem aos índios, ensinar-lhes o uso de utensílios e, por meio disso, induzi- los à lealdade e ao trabalho útil.”**

**A harmonia que, nos primeiros tempos, reinara entre os colonos e os sacerdotes, não iria durar muito tempo. Quando começaram a chegar novas e constantes levas de imigrantes, o solo foi se tornando escasso, e agora começaram a lançar olhares cúpidos para os terrenos que os índios agradecidos haviam dado de presente aos missionários. As autoridades de Maryland redigiram, por isso, uma lei, em virtude da qual a propriedade fundiária do clero católico deveria ser seqüestrada. Mas os atilados padres mostraram que eram superiores, não apenas aos selvagens índios, e sim aos próprios colonos civilizados também, pois, quando as formalidades legais necessárias foram cumpridas, evidenciou- se que os terrenos já, de há muito, não pertenciam aos padres; que estes, pelo contrário, os tinham transferido em tempo oportuno para as mãos fiéis de um prestigioso fazendeiro e, por esse meio, haviam se garantido contra qualquer investida.**

**A partir daí os missionários se viram obrigados, bem freqüentemente, a se defender contra os ataques de seus**



**inimigos brancos, pois na colônia primitivamente católica pura, nesse meio tempo, os puritanos haviam formado maioria, e esses perseguiram por todos os meios os “sacerdotes papistas.”**

**Banidos de Maryland, os padres desapareceram sem deixar rasto, para, não obstante, logo depois disso, disfarçados em fazendeiros, usando nomes seculares, surgirem de novo; alguns abandonaram, realmente, Maryland e procuraram, em troca, prosseguir a sua atividade em outras regiões da Nova Inglaterra. Lá pelo fim do século XVII ofereceu-se-lhes em Nova York também oportunidade para feliz atuação, pois o então proprietário dessa colônia, o Duque de York simpatizava abertamente com os católicos.**

**Nesses dias o provincial Warner, cheio de esperança, escrevia ao Geral da Ordem: “Nesta colônia há uma cidade importante, na qual seria possível a fundação de um colégio. Para aí poderiam se retirar os nossos correligionários que estão vivendo esparsos em Maryland, até que se lhes ofereça de novo uma oportunidade de para lá voltarem!” Depois que, logo em seguida a isso, o duque de York subira ao trono inglês com o nome de Jacques II, os jesuítas conseguiram durante o seu reinado poder e influencia na corte de Whitehal; nesses dias floresceu também a missão em Nova York, e o colégio jesuíta recém fundado nessa cidade conquistou animada freqüência. Mas a “gloriosa revolução” pôs um rápido fim ao governo do último rei da dinastia dos Stuart; sob o reinado do seu sucessor, Guilherme de Orange, a posição dos jesuítas em Nova York tornou-se insustentável, razão pela qual os padres, dentro em breve, reapareceram em sua totalidade na colônia Maryland e ali continuaram exercendo o seu ministério entre a população católica. Um meio simples permitiu-lhes fazer frente a todos os contratempos oriundos das oscilantes condições políticas, meio esse a que nem mesmo os seus inimigos puderam recusar aprovação: por toda a parte em que houvesse uma perspectiva, iam eles fundando escolas determinadas tanto aos brancos como aos índios. Ainda no século XX um senador americano declarou que os missionários jesuítas, na época da primeira colonização da América, tinham tomado a seu cargo a obra de educação e com isso “realizado uma fração do trabalho, que nem o governo e nem qualquer outra pessoa teria sido capaz de realizar.”**

**Em Georgetown, não longe da mais tarde capital federal de Washington, instalaram eles um seminário, o primeiro instituto de ensino católico no território dos Estados Unidos; dali foram estendendo a rede da sua atividade pedagógica para a Virgínia, Delaware, Nova Jersey e Pensilvânia. A sua influencia deve ser atribuído e em não pequena escala, o fato de que os Estados Unidos recém fundados vieram a adotar em sua constituição o princípio da liberdade religiosa geral.**

**Nessa época contava-se também um jesuíta entre o número dos amigos de Benjamim Franklin; foi ele esse John Carrol, o qual, crescido em Maryland, mais tarde, por especial recomendação de Franklin, foi nomeado vigário apostólico e depois primeiro bispo católico dos Estados Unidos. Quase simultaneamente com os ingleses, também os franceses haviam aportado na costa oriental da América do Norte, no século .XVII para ali fundarem no solo do atual Canadá uma “ Nova- França” . Com os primeiros funcionários da companhia comercial francesa chegaram ao pais também alguns padres jesuítas, e um dos primeiros edifícios da nova colônia de Quebec.**

**“A origem de todas as cidades na América Francesa” , escreve Bancroft em sua história dos Estados Unidos, “ está estreitamente ligada aos serviços prestados pelos missionários; nenhum cabo que tivesse de ser contornado, nenhum rio que tivesse de ser descoberto, te-lo-iam sido sem que um jesuíta não houvesse mostrado o caminho.” Metido nas suas singelas batinas negras, levando a bagagem às costas, marcharam eles, infatigáveis, no meio da neve e do gelo, por sobre rochas alcantiladas e por através de florestas virgens, afim de alcançar também as mais remotas tribos índias. Com tais viagens os padres Marquete e Joliet foram os primeiros europeus que chegaram aquele famoso rio, do qual os índios estavam sempre a lhes afalar, e percorreram-no em canoas, corrente abaixo, até quase a altura de Nova Orleans. Hoje ainda duas estatuas celebram no Capitólio de Washington a glória d esses dois descobridores do Mississipi.**

**Outros missionários, por sua vez, penetraram pelo Missouri acima nas terras inraticáveis situadas além do Lago Superior até o rio Yelowstone; o jesuíta Dolbeau explorou as regiões montanhosas situadas ao norte do rio São Lourenço e o padre Albanel foi o primeiro branco que atingiu a baía de Hudson.**

**Os índios das florestas canadenses foram conquistados com os mesmos meios empregados pelos irmãos da Ordem mais ao sul : os padres falavam-lhes em sua própria língua e cumulavam-nos de presentes. Qual o resultado que obtiveram com essa política, é coisa que se evidencia da melhor maneira de uma informação do marques de Denonville dirigida ao governo parisiense: “ As tribos indias só podem ser pacificadas por meio desses missionários; os padres, tão somente, estão em condições de conquistá-los para os nossos interesses e demove-los da rebelião que, do contrário, explodiria todos os dias. Baseado nas minhas próprias observações estou firmemente convencido de que os jesuítas são as pessoas mais apropriadas, quando se trata de apaziguar os índios.”**

**O padre Brébeuf mal penetrara na tribo dos Hurões, que contava cerca de vinte e cinco mil pessoas, e logo os Peles Vermelhas quiseram construir-lhe uma cabana de honra na mais bela clareira e não desejaram mais deixá-lo partir. Com a conversão ao cristianismo os missionários tinham, aqui, defrontado maiores dificuldades do que com Chitomacon, o qual fora conquistado por meio de alguns anzóis e doces. Na verdade os hurões eram também um povo de boa índole, mas ao mesmo tempo eram também sensuais, e embora os missionários também sem grande esforço lhes tivessem feito compreender os princípios da doutrina católica, mesmo assim eles não podiam jamais compreender o motivo por que o deus dos brancos exigia que tivessem de se separar de suas mulheres, conservando apenas uma.**

**“ Sinto temor não pequeno” , escreveu nessa ocasião o atilado padre Brébeuf, “ quando penso que agora chegou o tempo de falar uma outra língua aos índios, que nós devemos pregar ser um dever o refrear os desejos da carne e santificar o casamento. quando nós lhes discernimos tudo isso e lhes descrevermos o juízo de Deus sobre os pecadores, então, eu bem o temo, hão de eles querer inugnar, essa religião dura.”**

**Somente com “ doce astúcia” esse difícil problema pode ser resolvido também. Assim é que Brébeuf e seus confrades tentaram induzir os índios à aceitação dos preceitos morais cristãos estranhos e insólitos, fazendo a todo o índio que se casasse com uma mulher segundo o rito católico, lindos**

presentes de núpcias. Davam eles ao jovem par os vestidos de gala, um couro de boi, que iria servir como leito, e a carne necessária para a celebração cie um grande banquete. As núpcias se realizavam com grande pona e os jesuítas enfeitavam as suas capelas silvestres, nessas ocasiões, com candelabros de metal luzente e com imagens de Maria de tamanho natural. Esse luxo nunca visto pelos índios fez com que os Peles Vermelhas, d aí em diante, considerassem, de fato, a ligação com uma só mulher muito mais suportável do que antes.

No ano de 1639 os jesuítas fundaram a estação

missionaria de Santa Maria dos Huroes no meio da região habitada por essa tribo, na qual eles deram a conhecer a doutrina cristã a mais de quinze mil índios; ao mesmo tempo foram mandados para Quebec alguns rapazes huroes, afim de que estudassem no Colégio Jesuíta. Incessantemente aumentava o número dos conversos, de sorte que os jesuítas já esperavam, em tempo relativamente curto, poder batizar a tribo inteira dos huroes.

Mas os ingleses não estavam dispostos a assistir de braços cruzados a permanente expansão da região de domínio francês na Ame rica do Norte ; a rivalidade entre a Inglaterra e a França levou, dentro em breve, no Novo Mundo também a choques sangrentos, nos quais sobretudo os índios foram mandados para a luta. Os colonos ingleses recrutaram para o seu serviço os iroqueses que habitavam em sua região, e esses, em seguida, caíram em cima dos huroes que brigaram pela grandeza da França. Os iroqueses eram superiores em número e mais bem armados e, assim, os huroes foram quase que completamente destroçados.

Também agora, que se tratava de vida ou morte, os jesuítas não abandonaram os seus huroes catequizados. Assistiam-nos com seus conselhos, quando se tratava de organizar planos de cananha, e mesmo no meio das mais selvagens refregas encontravam-se eles juntos. Entre os prisioneiros dos iroqueses foram encontrados muitas vezes missionários também ; um deles, Jogues, durante muito tempo, teve de servir como escravo aos iroqueses, prestando-lhes os mais rudes serviços, ao passo que os padres Blébeuf, Lalemant, Bressani e Daniel,

foram escarpelados, assados no poste de martírio, regados com água fervendo e mortos. Apenas haviam os jesuítas d essa maneira renunciado às suas esperanças de organização de um reino huronico-cristão, quando já eles também com temerária resolução, puseram mãos à obra de conquistar para Cristo os iroqueses também, saídos vitoriosos da luta. O fato dos seus melhores confrades haverem tombado vitimas da ira d essa tribo, parecia servir- lhes apenas de incentivo para conduzir à Igreja esses selvagens Peles Vermelhas também.

O padre Milet foi um dos primeiros que soube ganhar influencia sobre os iroqueses. Fora feito prisioneiro por eles, e já havia até sido designado o dia em que ele seria solenemente escarpelado. Nas o' missionário conseguiu pasmar a sua sentinela por meio de habilidosas magicas, de toda a espécie, feitas com o seu cingulo, e de tal maneira que a mesma estabeleceu uma longa conversação com ele e, finalmente, se decidiu a adotá-lo como filho. Depois que o padre houvera dado as melhores provas de suas magicas com o cingulo, diante do conselho de guerra dos iroqueses, foi ele aceito na tribo, solenemente, e, em breve, conseguiu que os iroqueses obedecessem cegamente aos seus conselhos e instruções.

O então governador de Nova York teve que se inquietar seriamente com essa estranha carreira de um sacerdote francês junto aos iroqueses; ele viu nisso um perigo político e, de imediato, fez tudo o que se poderia fazer em um caso assim; mas os seus esforços foram baldados. “ Os iroqueses não querem entregá-lo” , informou ele aos lordes do comercio e navegação, muito embora eu lhes tenha oferecido em troca uma inortância em dinheiro e um rapaz índio.” Mas os outros padres também conquistaram em breve a confiança dos iroqueses, assim como haviam conquistado antes a dos huroes. O Padre Simon Le Moyne dirigiu-se um dia, mui simplesmente, ao acampamento dos onondagas iroqueses e, em nome das autoridades francesas, fez-lhes uma proposta de paz minuciosa. “ Falei tal qual costumam fazer as chefes índios e, além d isso, caminhei para baixo e para cima, como um ator no palco, pois isso é muito usual entre eles.” Depois de uma longa deliberação dos índios o missionário foi colocado em um lugar de honra enfeitado com ramagens, depois do que o chefe dos Onondagas lhe disse: “ Informa aos brancos que nós estamos prontos a reconhecer o Deus, acerca do qual acabaste de nos falar. Tu,

pelo teu lado, podes te instalar no coração do .nosso país. Cuida de nós como um pai, e nós haveremos de te obedecer como filhos.” Um outro missionário, por sua vez, esforçou-se com êxito por aproveitar o seu talento de pintor em prol da cristianização dos Peles Vermelhas. Com caixas de pintura e palhetas apareceu ele junto aos “ wigwams” dos índios e aí, rodeado de espectadores admirados, esboçou quadros do inferno, do céu, dos anjos e demônios. Depois explicou ele aos índios o sentido d aquilo que havia pintado, e por meio d essas lições visuais induziu ele ao batismo um grande número de iroqueses. Lord Belemont, o governador puritano da Nova Inglaterra, já .não viu nessa ocasião nenhuma outra possibilidade de eliminar a influencia dos jesuítas sobre os Peles Vermelhas, senão estabelecendo prêmios pela entrega dos missionários.

“ Eu quisera” , informou ele no ano de 1699 aos seus chefes, “ induzir os caciques das tribos mohawk e onondaga a que me entregassem os jesuítas que viviam entre eles, em troca de dinheiro ou presentes valiosíssimos... Se eu puder obter isso, então os jesuítas nunca mais ousarão se meter com essas populações, pelo contrário, surgirá o ódio eterno e inextinguível entre eles e os índios.” Sim, o governador dirigiu-se mesmo em pessoa aos iroqueses e lhes disse em um discurso impressionante: “ Em troca de cada sacerdote papista ou jesuíta receberéis como recompensa 13 dólares a dinheiro à vista, pois temos nesta província uma lei que nos autoriza a prender esses perturbadores da ordem.”

---

▪ [\*Anterior\*](#)

▪ [\*Índice\*](#)

▪ [\*Posterior\*](#)



## **OS AMIGOS DOS HOMENS DE COR**

Onde quer que os conquistadores espanhóis ou portugueses tivessem tomado posse do Novo Mundo, os padres jesuítas lhes haviam ido nas pegadas. Que se tratasse de explorar regiões desconhecidas, então eram eles que se declaravam prontos para isso; tivessem de ser firmados tratados de paz ou alianças com os índios, então as autoridades coloniais se voltavam para os padres, pois esses somente compreendiam as línguas dos índios e desfrutavam de absoluta confiança junto aos chefes, em virtude da sua atitude sempre amigável. No México foram os jesuítas os primeiros que se atreveram a ir ter com as tribos nativas ainda não domesticadas do norte do país ; penetravam eles pelas populações montesinas do alto Hiaqui e cruzavam a região montanhosa inraticável dos tarahumaras. Quando os padres pela primeira vez apareceram nas montanhas e desfiladeiro' s d essas tribos, os índios fugiram por toda a parte diante d eles, indo para as suas cavernas e habitações talhadas na rocha; pois em nenhuma parte a desconfiança relativa aos brancos era mais viva dó que no México, onde um século antes o “ Salvador branco” massacrara dez mil nativos. Entretanto os presentes flamantes e as palavras amigáveis dos missionários não deixaram também aí de causar o seu efeito. O padre Glandof, o qual percorreu o país com ardor especial e, por toda a parte, procurou converter a população, conseguiu dentro em breve que os índios baixassem de seus montes até a planície, periodicamente, e aí se reunissem em determinados pontos e acoressem aos exercícios de edificar” ao e às preces levadas a efeito por ele. Do México os jesuítas foram penetrando em avanço crescente para o Novo México, o Arizona, a Califórnia e o Vexas; o missionário alemão Kühn explorou os distritos situados ao norte do rio Colorado, e também as primeiras descrições exatas e esboços cartográficos da baixa Califórnia são de se agradecer à atividade dos jesuítas. Robert Louis Stevenson, depois de decorrido mais de um século, manifestou a mais viva admiração pela atividade da Ordem na Califórnia, pondo em evidencia, em compensação, a desgraça que, mais tarde, “ ambiciosos ladroes de terras e pistoleiros profanadores de Igreja” trouxeram para essas regiões.

“ Tão triste figura” , diz ele, “ faz o nosso protestantismo anglo-

**saxão ao lado da obra da Sociedade de Jesus!”**

**No Peru e na Bolívia, por sua vez, os padres conseguiram descobrir mais de cem tribos índias, desconhecidas até então, e puderam reuni-las em reduções fechadas; nesses distritos introduziram eles a agricultura, a cria do gado e as indústrias, ensinaram aos selvagens o fabrico de utensílios de toda a espécie, ensinaram-lhes a construir cabanas e, quando de suas doenças e ferimentos, tratávamos com remédios europeus. Em Lima, Cuzco e outras cidades peruanas instalaram eles colégios índios próprios, nos quais os filhos dos caciques, daí em diante, iriam ser educados sob a sua direção. Também reuniram, zelosamente, as tradições históricas da antiga cultura incásica soçobrada, no que se distinguiu especialmente o padre Blas Valera, descendente ele mesmo dos Incas.**

**Em Lima organizaram uma tipografia no recinto de seu colégio; aí foram redigidos livros pelos padres e compiladas gramáticas da língua quíchua.**

**No Brasil o padre Anchieta esforçou-se, infatigavelmente, na procura de aldeamentos índios esparsos, durante longas viagens, e procurou introduzir entre os nativos uma ação de cristianização sistematizada. Vivia ele, da mesma maneira que os índios, nomadicamente, ora aqui, ora ali, nas florestas, estudando atenciosamente os seus diversos idiomas e procurando enquadrá-los num sistema. Junto a isso alimentou ele a arrojada idéia de eliminar mediante um trabalho metódico as diversidades dialetais das línguas índias sul-americanas e, assim, criar uma língua geral, única, compreensível em todo o continente.**

**Ele redigiu gramáticas e dicionários, os quais vieram a constituir as bases para todos os missionários que vieram mais tarde, nos seus estudos lingüísticos, e a Ordem toda, daí por diante, trabalhou na codificação dos idiomas índios em uma figura única, planejada por Anchieta. Alexandre de Humboldt escreve acerca desses esforços dos jesuítas, dizendo que eles lhe pareceram “ muito compreensíveis” ; “ com isso se fez apenas aquilo que os Incas ou reis sacerdotes do Peru haviam levado à execução, com o fito de manter sob o seu domínio as populações barbas do alto Amazonas, e humanizá-las.”**



**Também na qualidade de mediadores entre os brancos e os índios os missionários prestaram muitos serviços na América do Sul ; assim é que, de uma feita, o padre Anchieta se dirigiu ao acampamento de uma tribo índia sublevada e ofereceu-se, ele próprio, como garantia das intenções pacíficas dos brancos. “ Aquilo que não se pudera conseguir em muitos anos, com grandes exércitos e enorme emprego de dinheiro,” escreve o arcebispo de La Plata no ano de 1690 ao rei espanhol, “ realizaram-no os jesuítas em pouco tempo, sem qualquer outro recurso a não ser o seu ardor. De inimigos fazem eles amigos, dos povos mais selvagens e insubmissos, súditos obedientes de Vossa Majestade.”**

**Dessa maneira os missionários da Sociedade de Jesus, com o correr do tempo, haviam aberto territórios imensos aos colonos brancos; eles tinham, como escreve um viajante francês do século XIX conquistado mais terra para as suas nações do que as grandes gerais, e sabendo domar até mesmo as tribos mais selvagens, mediante brandura, criaram eles muitas vezes, primeiro que todos, as bases do desenvolvimento da região colonial americana.**

**Assim é que, a princípio, as autoridades nunca deixaram de por em evidencia em seus relatórios com palavras de agradecido reconhecimento os serviços dos padres ; mas, apesar d isso, não se podia dissimular por muito tempo que esses padres, no seu zelo religioso, iam um pouco além e sempre mais freqüentemente, da sua própria esfera de ação. Por certo os colonos estavam convencidos de que a propagação da doutrina cristã entre os pagãos representava uma condição prévia importantíssima para todo e qualquer lucro valioso ; pois, somente quando os desconfiados e temerosos índios estavam conquistados para a Igreja, tornavam-se eles, assim também, escravos úteis e fiéis dos europeus.**

**Mas, com isso, segundo a opinião dos colonos, a missão dos jesuítas já estava também cumprida. Os padres, porém, com as suas conversões, começaram a desenvolver uma atividade sumamente indesejável. A sua maneira peculiar de continuarem convivendo com os selvagens batizados, de se preocuparem com as suas particularidades e se colocarem no mesmo pé de igualdade que eles, deveria. assim pensavam os colonos, despertar nesses bárbaros ideais completamente falsas acerca**

**do sentido de sua conversão; pois parecia, absolutamente, que os jesuítas pretendessem reconhecer nos seus catecúmenos coisa assim parecida a direitos humanos!**

**O clero espanhol e português, até esse data, só excepcionalmente tinha feito objeções à escravidão; pois não constava em S. Paulo (I. Cor. 7, 21) : “ Se estás destinado a ser um escravo, que isso não te preocupe” , e Tomás de Aquino e Santo Antônio de Florença também haviam admitido a escravidão. Mas os jesuítas puderam apelar para Santo Agostinho que escrevera. “ O homem não deverá dominar sobre o homem, mas o homem sobre as bestas.”**

**Já a conduta desses missionários em face dos escravos negros, estava apropriada para provocar muitos aborrecimentos entre os fazendeiros brancos. Na verdade as padres também, da mesma maneira que os outros colonos. possuíam os seus escravos negros e, de acordo com a geral usança, inrimiam neles também uma marca de ferro em brasa, como sinal do seu pertencimento. Mas eles falavam dos negros não como se os mesmos lhes pertencessem, não como de “ escravos” , mas sim os chamavam de “ criados” ou mui simplesmente “ negros” , e concediam-lhes liberdade e direitos sem exemplos: os escravos dos sacerdotes recebiam de seus amos terrenos próprios e tinham que trabalhar apenas um certo número de horas, ao passo que, no tempo restante, tinham ocasião de mandriar sob o pretexto de tomarem lições de religião. Tudo isso só poderia trazer resultados desvantajosos sobre a disciplina dos demais escravos.**

**Mas os jesuítas praticavam ainda outras inconveniências: com a sua conhecida astucia conseguiram eles das autoridades uma ordem, em virtude da qual os colonos também deveriam conceder aos seus escravos, de quando em vez, algumas horas livres para o aprendizado da doutrina cristã, coisa que naturalmente representava para os senhores uma perda de trabalho escravo e, com isso, de dinheiro também. Um padre jesuíta de nome Padre Claver tornou-se muito mal visto em Cartagena, a praça principal do comércio escravagista sul-americano. Ali entravam constantemente os grandes transportes marítimos, que traziam negros africanos recém aprisionados; no porto já eram eles esperados pelos traficantes os quais, então, os recambiavam em seguida para as minas e as**

**plantações, Também, até essa data, já os escravos sempre eram batizados, por ocasião de seu desembarque em Cartagena, pois os traficantes de carne humana sabiam o quanto eles deviam à religião cristã; mas esses batismos eram sempre realizados com a máxima celeridade e, d essa maneira, não provocavam nenhuma perturbação de monta ao negócio.**

**Mas Pedro Claver, valendo-se de discursos manhosos de toda a espécie, soube induzir as autoridades da cidade à publicação de uma ordem, no sentido de que nenhum negro chegado de novo poderia ser vendido, antes que tivesse sido “ suficientemente instruído na religião cristã” . Entretanto Claver organizou essa instrução de tal maneira, que ele durava muitos dias, pois que se tratava de milhares de escravos. Essa nova medida trouxe para os mercadores um contrateno bastante incomodo e uma considerável perda de juros do seu capital invertido em negros. Apenas se assinalava em Cartagena a chegada de um d esses navios negreiros, e eis que Claver se apressava a ir também até a embarcação e presenteava os ocupantes prisioneiros com bolos, frutas e doces. Ele esquecia a sua posição a tal ponto que baixava até mesmo aos porões, onde os escravos, encurralados em massa, jaziam . deitados sobre o seu próprio excremento, ao lado dos cadáveres de outros escravos. Ali ocupava-se com eles, pensava-lhes as feridas, animava-os e consolava-os. Depois do desembarque levava-os a cabanas mais ou menos linas e ali, sob o pretexto de que a explicação da doutrina cristã reclamava mais tempo para esses selvagens, ele os retinha ali, até que os negros se tivessem restabelecido e as suas feridas tivessem cicatrizado. Finalmente a maneira pela qual Claver celebrava o batismo dos escravos, tocava as raias do sacrilégio. Pois ele mandara para isso colocar uma capela destinada a essa cerimonia, um quadro de altar, que representava uma multidão de negros batizados como bem-aventurados filhos de Deus. Dentro d essas circunstancias, forçoso era que os negros ficassem com a impressão de que eram mais do que animais imundos, de que o Deus dos cristãos todo poderoso estava, realmente, interessado na conversão d eles.**

**Com a sua caridade importuna, Claver não se dava por satisfeito também com o batismo, pelo contrário, mais tarde começou a se preocupar ainda de maneira delicadíssima com o destino dos escravos. Quando não estava sendo esperado nenhum navio,**

**viajava ele em todas as direções pelo país afora, afim de visitar todos os seus antigos catecúmenos, e por meio de tais atenções, incutir neles opiniões insensatas sobre o seu destino terreno.**

**Mais aborrecida, porém, era a conduta dos jesuítas com relação aos índios; aí tinha-se a, impressão justa de que eles, no seu zelo, não dedicassem a menor atenção aos justos interesses dos colonos brancos. Nos primeiros tempos ainda se havia tentado, tendo em mira os grandes serviços dos padres, deixar passar em silencio um ou outro dos seus abusos, mas, com o correr do tempo, isso já não era mais possível. Agora, dado que as florestas virgens já estavam desbravadas e as tribos indias selvagens haviam sido submetidas, dever-se-ia, finalmente, cuidar de por um paradeiro a esses exageros dos padres nos assuntos que diziam respeito ao amor do próximo.**

**Onde primeiro explodiu o conflito foi no Canadá. Os missionários haviam tido ali oportunidades freqüentes de morrer no martírio pela existência e honra da Nova França cristã, de se deixar escarpelar, tostar e ferver pelos Peles Vermelhas. Mas os membros d essa Ordem pareciam ser insaciáveis em sua ambição e não se contentavam, de modo algum, com a coroa do martírio, a qual as autoridades seculares lhes houveram augurado de bom grado. Pelo contrário, eles reclamavam para se o direito de se imiscuírem também nos assuntos de governo, os quais não eram absolutamente de sua conta. A venda de aguardente aos índios formara, até então, um dos negócios mais rendosos para os comerciantes franceses de Quebec.**

**Eis que agora chegavam esses padres e, em nome da misericórdia cristã, exigiam que o governo proibisse a venda de álcool aos índios. Km abono d essa estranha opinião alegavam eles que a aguardente causava estragos imensos entre os Peles Vermelhas e induzia os selvagens, normalmente de bom animo, à prática dos mais pavorosos crimes.**

**As autoridades, a princípio, procuraram satisfazer as exigências dos padres e do bispo a eles ligado, mas, de maneira a que isso não viesse prejudicar sem necessidade o comércio de aguardente. O conselho supremo de Quebec, à vista d isso, promulgou uma lei, em consequência da qual ficava**

severamente estabelecida para os índios a proibição de se embriagarem. Os jesuítas, porém, exigiram que se deveria interdizer a venda de aguardente aos índios pelos brancos, mediante castigo, opinião essa que era absolutamente inaceitável para o governo. Repelidos pelos brancos os missionários se voltaram, então, para os índios e procuraram convence-los de que “ a água de fogo” acabaria dando com eles no inferno, e que os brancos davam-na de beber a eles, afim de vende-los ao diabo. Graças a esses discursos os Peles Vermelhas se insurgiram contra os comerciantes de aguardente, e assim se inimizaram de morte não só com esses, mas também com o governador de Frontenac, o qual também era interessado no negócio da aguardente. Uma tal atitude pareceu, aos olhos do governador, tocar as raias da alta traição, e, por isso, resolveu ele encaminhar uma queixa às autoridades parisienses. Entretanto o resultado por ele esperado falhou, pois, justamente nessa época, o padre La Chaise era o confessor do rei e não deixou escapar a oportunidade para influir o animo do monarca em sentido favorável aos jesuítas ; assim é que o processo do tribunal real terminou com a reabilitação completa dos missionários canadenses. Na verdade houve homens perspicazes do governo parisiense que nunca desconhecaram os perigos da proibição alcóolica exigida pelos jesuítas. Indubitavelmente, disse nessa ocasião, Hugues de Lyone, ministro da marinha, constituía isso um princípio muito bom e muito cristão, mas era prejudicial ao comércio, “ pois os índios que eram muito dados à bebida, no futuro não nos iriam mais entregar os seus castores e sim aos holandeses em Albany, dos quais receberiam em troca aguardente.” Formas mais violentas iriam assumir ainda as disputas entre os colonos e os padres, em consequência do tratamento dispensado aos índios nas colônias espanholas e portuguesas da América do Sul. Ali o comércio com escravos índios era considerado nesses dias o melhor e o mais rendoso dos negócios, e os cidadãos das diferentes cidades coloniais organizavam caçadas humanas em regra; a presa era trazida, depois, para o grande mercado escravagista do Rio de Janeiro. Um meio garantido de conseguir escravos índios, consistia também em açular as diversas tribos umas contra as outras para que entrassem a se guerrear. Depois os brancos conravam aos vencedores, em troca de agulhas, facas de bolso e fumo, os prisioneiros” passando-os depois adiante com lucros consideráveis. Mas sucedeu cada vez com mais freqüência que os jesuítas se

**manifestassem abertamente contra o costume já enraizado das caçadas aos índios e dos mercados de escravos, tomando, justamente, o partido dos selvagens contra os brancos. Assim é que o padre Anchieta uma vez, depois da celebração de uma paz, conseguida por ele com a tribo dos tamoyos, pregou nas praças do Rio que os tamoyos estavam em seu pleno direito abrindo luta contra os portugueses. “ Vós os atacastes, apesar dos tratados” , bradou ele para os portugueses perplexos, “ e transformaste-os em escravos, violando o direito natural!” .**

**Anchieta foi também quem conôs, uma vez, um grande drama em versos, no qual fustigava sem conaixão os vícios dos colonos brancos e investia contra o comércio de escravos; ele fez com que os nativos representassem essa peça e, além d isso, convidou a todos os índios da vizinhança para que a viessem assistir. Graças a essas maldades literárias, forçosamente o respeito dos selvagens para com os seus senhores brancos tinha que ficar solapado, e o aborrecimento dos portugueses era, por isso, absolutamente compreensível. Infelizmente pouca coisa se podia conseguir contra os vexames com que os jesuítas combatiam a caça escravagista aos índios, pois tratava-se aí, de fato, de um uso que, embora tolerado geralmente em silencio, não estava autorizado por lei. Os missionários se imiscuíram, no entretanto, até mesmo nos antiquíssimos usos das “ encomiendas” e procuraram semear a balbúrdia também aí. Já desde havia muito tempo o governo concedera a todos os espanhóis abastados, que tivessem prestado qualquer serviço às colônias, um certo número de índios como “ encomendados” ; os proprietários d essas “ encomiendas” estavam na obrigação de mandar instruir os seus “ protegidos” na religião cristã, em troca do que esses deveriam prestar-lhes certos trabalhos agrícolas. Esse sistema funcionara até essa época, para a máxima satisfação dos colonos, mas formava também a base de toda a escravidão índia. Assim foi que esperaram, iriam os missionários jesuítas, mediante a sua catequese, conseguir novos “ encomniendados” e, desta arte, multiplicar ainda o número de escravos disponíveis, elevando-o consideravelmente; mas, nisso foram eles rudemente enganados pelos padres. Um governador sentimental deixou se convencer pelos jesuítas e, publicou uma ordem segundo a qual, a partir d aí os, índios não deveriam mais ser tratados como escravos e, graças às suas constantes e instantes intervenções junto à corte de Madri, os padres obtiveram mais**

tarde uma ordem real, que determinava fossem os índios, d aí em diante, retidos no trabalho “ exclusivamente com o sabre da palavra divina.” Dentro d essas circunstâncias era muito de se temer a ruína completa do império colonial sul americano. Dentro em breve os jesuítas foram até mesmo acusados de estar fazendo causa comum com os índios, contra os brancos, de que eles com a descrição feita aos selvagens dos vícios europeus, estavam procurando abalar até mesmo a obediência devida às autoridades reais, os jesuítas, assim o afirmavam agora seus adversários, trabalhavam em coisa não menos importante do que na organização de um império índio independente, sob o seu próprio governo.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **O ESTADO MUSICAL DOS JESUÍTAS**

**Essa suspeita dos caçadores de escravos e possuidores de comendas não era de toda injustificada: os jesuítas que haviam travado conhecimento nas cidades sul americanas com os usos e costumes dos colonos, haviam chegado, de fato, à convicção de que os denominados “ selvagens” estavam nas suas florestas virgens melhor aparelhados para a organização de uma Cidade de Deus do que os brancos. “ Pois,” escreveram os padres nas suas informações, “ não é que os espanhóis se limitem apenas a fazer dos índios, escravos; eles os corrompem também, dado que se entregam a vários vícios, dos quais os nossos inocentes selvagens nada sabem.” Assim foi que, em breve, surgiu entre os missionários a idéia de que os índios deveriam ser completamente separados dos brancos, afim de, por essa maneira, protegê-los não só contra a sua tirania mas também contra a contaminação pelo mau exemplo ; pois a todo o instante se evidenciava que a convivência dos índios com os espanhóis muitas vezes aniquilava em poucas semanas aquilo que os jesuítas tinham logrado alcançar em bons frutos, durante anos e anos de penoso trabalho. Os jesuítas acabaram, finalmente, transmitindo essas ponderações ao rei da Espanha também. Se o soberano, assim pensavam eles, lhe quisesse conceder o direito de organizarem um Estado índio na América do Sul, independente completamente das autoridades coloniais espanholas, então os jesuítas, por sua vez, se abrigavam a induzir os índios a um reconhecimento espontâneo da autoridade suprema espanhola e ao pagamento de um imposto anual “ per capita’ à corte de Madri.**

**O rei Filipe III já havia muito se encontrava a braços com dificuldades monetárias constantes, e, por isso, essa solene promessa material dos inteligentes padres agiu sobre ele de uma maneira bastante convincente. Assim foi que ele publicou um privilegio, o qual concedia aos jesuítas a plenipotência solicitada e estabelecia, especialmente, de acordo com os desejos dos missionários que, daí em diante, nenhum branco, exceção feita do governador, deveria transpor sem a necessária licença dos padres as localidades designadas pelos missionários para moradia dos índios. Filipe IV que por ocasião da sua ascensão ao trono, herdou também os embaraços**



financeiros de seu antecessor, confirmou também o privilegio. Assim é que, d aí em diante, os jesuítas puderam se dedicar à tarefa de organizar nas margens ambas do rio Uruguai, principalmente, nas florestas e planícies da América do Sul oriental aquele Estado ideal no qual deveria reinar unicamente a pureza evangélica. Nisso tomaram eles como ponto de partida, o princípio exato de que um verdadeiro “ reino de Cristo sobre a terra” só poderia ser fundado entre essas tribos indias selvagens, na espessura da floresta virgem, e com a exclusão mais rigorosa possível dos cristãos europeus. As condições geográficas vieram em socorro das intenções dos padres: os colonos espanhóis que, outrora, em sua busca de prata, tinham se dirigido mais para o sudoeste da América do Sul, haviam sempre se instalado nas embocaduras dos grandes rios, ao passo que o “ hinterland” , desde que não fosse atingível pelos rios, permanecia fechado. O rio Uruguai, porém, tal como os jesuítas o haviam confirmado com as suas viagens de descobrimento, exibiu, em um ponto do seu curso uma grande catarata com escolhos perigosos e cachoeiras, a qual obstava toda e qualquer viagem de embarcação européia; por de trás d essas paragens intransponíveis começavam os territórios, sobre os quais as tribos dos chiquitos e guaranis haviam levantado as suas tabas. “ Os nossos missionários,” escreveu o padre tirolez Sep, o qual viajou pelo país, mais tarde, depois da organização do “ Estado jesuítico” “ são todos de opinião que Deus criou essas quedas d água e essas cachoeiras para bem dos nossos pobres índios” pois os espanhóis em sua cupidez insaciável chegaram até aí com os seus grandes navios, mas não puderam ir mais além. Até o dia de hoje não transpuseram eles as nossas reduções e não puderam estabelecer nenhum contato, nenhum comércio com os nossos índios.” Os cautelosos padres, entretanto, não se confiaram nem na natureza e nem no privilegio real que lhes fora concedido; pelo contrário, fizeram tudo quanto se pode imaginar para inedir a civilização européia de penetrar na região confiada à sua guarda. Não somente que houvessem eles proibido sempre, de maneira rigorosíssima, todo e qualquer contato com os brancos; eles cuidaram também de que os nativos não aprendessem nem a língua portuguesa nem a espanhola. Chegaram mesmo a ponto de recomendar aos seus protegidos o emprego de violência contra todos os estrangeiros, que se atrevessem a entrar no território d eles sem uma licença expressa.

**Quando os primeiros jesuítas, seguindo o curso dos rios, haviam penetrado nas florestas virgens do Paraguai, pareceu a princípio que fosse impossível qualquer obra missionaria, pois os índios sempre recuavam atemorizados diante d eles. Mas, dentro em breve, observaram que, quando eles cantavam hinos sacros em suas canoas, em seguida surgiam da espessura da mata, d aqui e d ali, índios, os quais os ouviam atentamente e deixavam perceber uma enorme satisfação com esses sons. Mas com essa observação também os missionários haviam descoberto, simultaneamente, o meio .apropriado para atrair os índios lá das suas florestas: a partir, d aí os missionários levavam consigo em suas viagens instrumentos de musica e tocavam e cantavam tanto quanto podiam. “ Os índios caíram na doce armadilha” , escreve Chateaubriand no seu “ Gênio do Cristianismo” , “ baixaram de seus montes, dirigiram-se para as margens dos rios afim de melhor ouvir os sons sedutores e muitos se precipitavam na água e seguiam nadando o barco encantado. Flechas e arcos escorregavam, inconscientemente, das mãos dos selvagens; em suas almas o pressentimento de formas de vida mais elevada começou a dominar e fez a sua entrada nelas a primeira doçura da humanidade.”**

**Além disso, os missionários sabiam explicar aos índios que, perplexos, os estavam escutando, em sua língua materna aquilo que eles tinham cantado; d essa maneira surgiu um tal interesse por parte dos selvagens, que eles os convidaram a que os seguissem nas florestas e planícies afim de ali cantarem também em presença dos anciãos e explicassem aos mesmos a significação dos seus cânticos. D essa maneira os padres conseguiram chegar a essas regiões, onde, até então, nenhum europeu tinha posto o pé, onde os guaranis e chiquitos viviam rodeados de uma natureza virgem. Ali encontraram eles criaturas humanas, cuja vestimenta consistia, de acordo com as descrições dos missionários, em peles de veado; as raparigas e rapazes estavam nus, suas longas cabeleiras despenteadas, semelhantes a uma cauda de cavalo, caíam-lhes pelos ombros abaixo; nas orelhas perfuradas usavam eles ossos ou penas tingidas, pendentes de fios, e costumavam enfeitar o pescoço também com berloques semelhantes. Os semblantes dos homens pareceram aos padres que tinham quase todos a mesma forma, redondos, achatados e de um escuro carregado. As mulheres eram feias; seus cabelos negros como carvão**

caíam-lhes em tranças por sobre o rosto enrugado, queimado, costas abaixo. Esses selvagens eram de caráter infantil, confiado e dócil, e já, os primeiros missionários que haviam chegado até eles informaram que tinham visto “ duas vezes cem mil índios” , os quais “ eram sumamente aptos para o reino de Deus.” Os padres agora já sabiam que, valendo-se de cânticos, era possível exercer um efeito magico sobre os índios, e souberam aproveitar bem essa circunstancia em benefício de seus desígnios. Se os selvagens antes haviam oposto resistência contra toda e qualquer medida, em compensação essa resistência desaparecia em seguida, logo que houvessem entoado um cântico solene. Mas coisa mais estranha ainda: dentro em pouco os próprios selvagens procuraram imitar os exercícios musicais dos missionários e, sob a direção dos padres, aprenderam com grande entusiasmo a cantar corais polifônicos dificílimos. D essa ligação por meio da música foi que, propriamente, surgiu, a princípio, a estrutura d esse Estado em gênese, pois o objetivo do canto em comum não era o último pelo qual os índios, até então dispersos pelas florestas, se reuniam cada vez mais estreitamente. De começo uniu-se um certo número de famílias guaranis em uma localidade a que os jesuítas deram o nome de Loreto; pouco tempo depois surgiram também as outras comunidades indias cristãs de Santo Ignácio, Itapuã e Santana, todas elas localizadas no médio Paraná. D esse tronco fundamental de aldeamentos índios surgiram as “ reduções” do Paraguai, as quais, dentro em breve, vieram a abranger grande parte dos atuais territórios da Argentina, Paraguai, Uruguai, Chile, Brasil e Bolívia. Na época de florescimento d esse estranho império havia um total de trinta e uma d essas “ reduções” , as quais contavam de três até seis mil almas cada uma. Os habitantes da região toda orçavam, nessa ocasião, em cerca de cento e quarenta mil pessoas. A vida nas reduções do Paraguai se desenrolava, quase que toda ela, por entre acompanhamentos musicais. Já às cinco horas da manha., os tambores chamavam o povo para a igreja, onde era celebrada uma missa com muito canto, resposos e musica instrumental ; pois os missionários acreditavam “ que nada contribuía tanto para insuflar nos índios o fervor e o gosto pelo serviço divino e também para tornar-lhes compreensível as próprias doutrinas, como isso de faze-los acompanhar de cânticos” . Os índios eram de seu natural muito avessos ao trabalho, mas, foi de novo a musica que proporcionou aos padres o socorro necessário para dominar-lhes a preguiça

**ingênita. Quando os homens pela manhã se dirigiam ao cano, lá ia marchando à frente d eles uma' banda de musica; com acompanhamento musical amanhavam eles os canos, derribavam árvores e construía m prédios, com musica tomavam a refeição do meio dia e com musica regressavam eles, de noitinha, às suas aldeias.**

**O protestante alemão M. Bach, o qual no ano 40 do século XIX encontrava-se a serviço do Estado boliviano e que, assim, estudou minuciosamente os remanescentes da republica jesuítica, conta que já os filhos dos índios eram obrigados, diariamente, a freqüentar a escola de musica, durante horas a fio ; a prática constante, aliada a um grande talento inato, trouxe em resultado que “ mesmo nos coros constituídos por milhares de pessoas, nunca soava uma nota desafinada” . Saber cantar afinado era, por assim dizer, considerado como um dever cívico.**

**Todos os missionários se manifestam com palavras de máxima admiração sobre o admirável talento musical d esse povo; eles não se fartavam de admirar a presteza com que os próprios meninos índios aprendiam de maneira perfeita não apenas o canto, mas também o manejo dos difícilimos instrumentos de musica europeus, tanto os de corda como os de sopro. Eram os padres alemães, principalmente que dirigiam o ensino musical: Organizaram eles coros sacros regulares, e também orquestras completas, nas quais se podiam encontrar “ violinos, contrabaixos, clarinetes, flautas, harpas, trombetas, cornos e tambores” . Cada aldeia tinha, tal como o informam os padres, pelo menos “ quatro trombeteiros, três bons teorbistas, quatro organistas e, além d isso, charamelistas, fagotistas e cantores” . O repertório abrangia, ao lado da musica sacra, também marchas e danças importadas da Alemanha, sim, até mesmo partes de operas italianas. “ Entre os índios simples das florestas virgens da América” , observou uma vez o missionário Francisco de Zefyris, “ os padres não conseguiram vitória alguma com a matemática, porque ali ninguém compreendia ou exigia essa ciência, entretanto com a mu**

**Abstração feita dos exercícios musicais, os missionários se esforçaram também por entreter os moradores do seu Estado índio com diversões de toda a espécie, pois, como eles opinavam, a alegria não era prejudicial à virtude, pelo contrário obrava de maneira “ a que a mesma fosse amada e aumentada” .**

Habitualmente organizavam eles, por isso, festas populares com os mais diversos jogos, conetições atléticas e combates simulados. O padre Charlevoix narra como os jesuítas “ haviam introduzido também nas reduções o hábito, em voga entre os espanhóis, de celebrar as festas eclesiásticas com danças” , afim de que os índios pudessem sentir d essa maneira tanto maior alegria com o cristianismo. “ Ora faziam eles as mais artísticos bailadas” , conta o padre, “ ora representavam torneios, parte a cavalo, parte a pé, ora caminhavam eles em pernas de pau de seis côvados de altura, ora na maromba, ou então corriam munidos de lances, em direção às argolinhas. Uma outra vez fizeram representar uma pequena comedia, a qual todos eles, embora a custa de muito trabalho de minha parte, gravaram nas cabeças duras e representaram de maneira excelente.” Essa arte teatral primitiva agradou de tal maneira aos índios, que eles, decorridos já muitos decênios após a expulsão dos jesuítas, continuaram representando as peças que haviam aprendido outrora com os padres. O missionário tirolês Sep descreve com muita vivacidade uma grande festa celebrada por ocasião de sua chegada ao Paraguai: “ Ao nascer do sol baixamos nós à terra e fomos recebidos na margem pelos índios com a alegre exclamação “ jopaeen! jopaeen!” Todo . o mundo se deu pressa em sair de suas cabanas, qual ainda seminu, qual já vestido com uma pele; era um que subia no seu tordilho, outro no seu morzelo, este enunhava o arco e a flecha, aquele pedra e funda, e todos eles corriam, o quanto as pernas lhe davam, em direção ao rio...” “ Eis que então apareceram no meio do rio duas lindas embarcações, as quais davam a impressão de galeras de combate, cheias de trombeteiros, mosqueteiros, tamboreiros e chameleiros. Então tocaram musica, salvaram e entre os dois navios foi travada batalha simulada. Os índios saltavam no rio e lutavam uns com os outros, ora debaixo d água, ora na superfície, o que era um gosto ver-se. Por fim vieram todos eles nadando, alegremente, em direção ao nosso bote, saudando-nos.”

“ Mas na margem estava o padre superior com dois esquadrões de cavalaria e duas companhias de infantés, todos eles índios, vestidos, porém, com os trajes espanhóis, sumamente enfeitados. Suas armas consistiam em sabre, mosquete, flecha e arco, laços e cacetes ; realizaram eles um belo combate simulado. Enquanto isso, quatro alferes agitavam suas bandeiras, quatro trombeteiros entusiasmavam n povo, as

cornetas, fagotes e charamelas tocavam alarme, enquanto nós, paulatinamente, saindo de nossas verdes cabanas de ramos, abraçamo-nos uns aos outros e nos dirigimos à igreja, no meio de alegre repiques de sinos, através de lindos arcos de triunfo verdejantes, escoltados por cerca de uns mil índios...” O dia de Corpus Cristi era celebrado de maneira sumamente inonente, e aí os missionários tinham inventado muita coisa que lembrava a solenidade da corte imperial chinesa; pássaros vivos, de todas as cores, estavam amarrados aos arcos de triunfo feitos de flores e ramos de árvores. Aqui e ali tinham colocado “ tigres e leões acorrentados” e posto pias de chafarizes com lindos peixes. Com esses dispositivos pretendiam dar a impressão de que todos os seres da natureza tomavam parte na homenagem prestada ao Sacramento. Por ocasião da procissão da Ressurreição eram transportadas imagens em tamanho natural, fabricadas pelos índios as quais representavam plasticamente as diferentes cenas da Paixão. Com o fito de aumentar ainda mais a impressão sobre os índios, os padres se utilizavam também de imagens de santos com olhos e membros moveis e espargiam pelo solo ervas e flores, sobre as quais borrifavam depois águas perfumadas.

---

▪ [\*Anterior\*](#)

▪ [\*Índice\*](#)

▪ [\*Posterior\*](#)



## **A DITADURA DA BRANDURA**

Com o correr do tempo os padres vieram a descobrir em seus protegidos uma aptidão admirável para a imitação exata dos padrões europeus. Se se mostrava a um índio uma cruz, um candelabro ou um objeto semelhante, com a incumbência de que ele mesmo fabricasse essas coisas, então o índio, em seguida, fazia uma cópia que quase não se podia diferenciar do original. As mulheres conseguiram imitar fielmente os desenhos mais preciosos das rendas brabantinas, e um grupo de operários índios chegou mesmo a fabricar um órgão excelente, de acordo com um modelo europeu. Gravavam eles figuras em bronze e faziam cópias de missais, de tal maneira perfeitas que ninguém mais podia dizer qual era o exenlar impresso e qual o manuscrito. As trombetas fabricadas pelos índios eram absolutamente iguais aos produtos da indústria musical de Nuremberg, e os seus relógios não cediam na mínima coisa às mais formosas obras de Augsburg. Além d isso, esses trabalhos proporcionavam aos índios grande alegria, e eles punham mãos à obra espontaneamente, e com o máximo ardor, quando se tratava de fabricar coisas que pudessem servir para o embelezamento de suas festas e igrejas ou para os seus: exercícios musicais. Os padres pela maneira inteligente e disfarçada com que exigiam tais atividades, conseguiram fazer com que os índios dominassem a sua ingênita aversão ao trabalho, por assim dizer brincando ; mas d aí, foi crescendo, pouco a pouco, no meio da floresta virgem do Paraguay, uma indústria organizada. Por fim existiam já marceneiros, ferreiros, tecelões, alfaiates, sapateiros, curtidores, torneiros, funileiros, relojoeiros, escultores, pintores, fundidores de sinos e fabricantes de instrumentos; as oficinas geralmente, estavam situadas junto à casa da Missão. “ No pátio estava a moenda de açúcar” , escreve M. Bach, “ e nos aposentos de em torno do pátio encontravam-se os ocupados com a fabricação do açúcar, os ferreiros, os prateiros, os carpinteiros, os ebanistas, os torneiros, os branqueadores de cera, os curtidores e os tecelões com quarenta ou cinquenta teares...” Além d isso cada uma das reduções tinha o seu ramo industrial especializado; assim é que em Loreto eram fabricadas estatuas\_ e obras de talha, em São João Batista, por sua vez, os melhores fabricantes de instrumentos estavam no seu elemento, ao passo que nas outras reduções havia preferencia pelo preparo do couro. As

crianças eram, em uma certa idade, levadas pelos padres às oficinas e tinham licença para escolher o ofício aquele para o qual sentissem maior inclinação. D essa maneira os padres procuravam obter que “ a profissão fosse determinada pelas tendências naturais” . Com a mesma inteligência e brandura, com que os jesuítas aí souberam colocar as boas qualidades dos selvagens ao serviço da civilização, combateram eles também os seus erros e defeitos. Havia eles reconhecido logo que, se os índios dispunham de grande aptidão para a música e para os trabalhos manuais e possuíam também compreensão para a leitura e para a escrita, em compensação não lhes foi possível, de maneira alguma, ensiná-los a contar; a maioria d eles não possuía compreensão para os números. A custa de grandes esforços conseguiam eles, quando muito, contar com ajuda dos dedos dos pés e das mãos até vinte, mas para tudo que excedesse d isso usavam eles apenas o conceito geral de “ muitos” . Essa falta trazia consigo também neles uma incapacidade absoluta para toda e qualquer espécie de “ economia domestica” e para “ cuidar do futuro” ; dado que eles, além d isso, eram dominados por uma glotonaria indomável, resultou d aí ser tanto mais difícil habituá-los a uma divisão racional das suas reservas de gêneros alimentícios. Se os padres, no principio, por exemplo, ainda tinham entregue a um chefe de família uma vaca, com cuja carne ele deveria passar três dias, juntamente com os seus, sucedia que o índio, as mais das vezes, devorava a vaca em uma só refeição e depois, já no dia seguinte, aparecia todo lamuriento junto aos missionários, queixando-se de fome. Aconteceu também mais de uma vez, que o pessoal abatesse em pleno cano os bois que lhe haviam sido confiados para os trabalhos de arado, e os comessem. Dentro de tais circunstancias não era possível convence-los de que se tornava necessário reservar da colheita uma certa quantidade de grãos para a sementeira do ano seguinte e reservas para casos de desgraças imprevistas. Não restou outra solução para os jesuítas senão construir celeiros especiais, nos quais o produto da agricultura era guardado debaixo de sete chaves, e d aí os índios todos iam recebendo, diariamente, a sua razão exata. As terras pertenciam, em parte, aos índios, mas na maior parte à coletividade. Cada qual podia plantar o que quisesse no seu terreno particular, o chamado “ abamba” , ou “ cano do homem” ; o amanho do “ cano de Deus” , porém realizava-se sob a direção dos padres; a produção devia ser depositada nos celeiros. A propriedade fundiária privada não



podia ser vendida, e também as casas eram inalienáveis. Não havia direito de herança de nenhuma espécie, razão pela qual todas as crianças eram sustentadas com os recursos da comunidade, e, quando completavam a maioridade, recebiam por sua vez, “ abambae” . Da produção dos “ canos de Deus” , porém, eram mantidos igualmente os doentes, os velhos e os incapazes ; eram também d aí tirados os recursos para a construção de casas, igrejas, e edifícios de administração da mesma maneira que os inostos anuais devidos à coroa de Espanha. Os missionários mesmos não tinham aí nenhuma quota e viviam de uma pequena renda, que Lhes fora fixada pelo rei.

Mas os padres não cuidavam apenas de uma divisão econômica de plano dos gêneros alimentícios guardados nos armazéns ; eles zelavam também pelo vestuário dos índios. As viúvas conservadas nas “ casas de viúvas” especiais e as suas respectivas filhas recebiam, regularmente, d eles o algodão que tinham de fiar; com o fio eram então fabricados os tecidos nas tecelagens. Os homens e mulheres recebiam roupas uma vez por ano, e as crianças duas vezes, e sucedeu assim que os índios das reduções jesuítas, a despeito de toda simplicidade, ainda andavam mais bem vestidos do que todos os espanhóis das regiões coloniais limítrofes.

A repartição rigorosamente organizada dos produtos correspondia, igualmente, a uma organização cuidadosa do trabalho a ser prestado pelos índios. Para todos os cidadãos desse Estado existia uma obrigação de trabalho proporcional, pois os padres cuidavam de que ninguém ficasse super-fatigado, pelo contrário vigiavam eles para que os índios tivessem de sobra tempo bastante para o descanso e a escola. As necessidades econômicas do país eram, em geral, cobertas por uma distribuição inteligente de um tempo de trabalho diário constante de oito horas. Durante três dias da semana os índios tinham de lavrar os “ canos de Deus” , ao passo que os demais dias, eles os podiam entregar no amanhã da sua propriedade particular; somente aquele que descursasse o próprio terreno, estava na obrigação de consagrar uma grande parte do seu tempo de trabalho ao. bem da comunidade. A economia natural pura que predominava nesse pais tornava o dinheiro como meio de pagamento absolutamente dispensável. Toda a operação comercial se realizava mediante troca: quem quisesse conrar

**um boi ou uma vaca, dava em troca uma certa quantidade de tecido ; uma faca era trocada por um cavalo, um anzol por uma vitela.**

**O comércio exterior da republica índia também se processava sem intervenção de dinheiro; trocavam-se produtos agrícolas e mercadorias manufaturadas do interior do país tais como açúcar, cera, mel, tabaco, couros, tamarindos, produtos de algodão, peles, traba1hos de torno e outros iguais, por mercadorias européias. Um resultado especial obtiveram os padres com a elaboração da “ Ilex paraguayensis” nativa, a qual foi selecionada transformando-se em uma espécie de planta de chá ; o” chá paraguaio” constituiu durante longo tempo um dos artigos de exportação mais importantes das reduções. Todas as mercadorias destinadas à venda eram levadas a Santa Fé ou Buenos Aires, onde os jesuítas em pessoa regulavam as trocas. Os lucros d aí resultantes serviam para a execução de melhorias e para a criação de novos estabelecimentos de natureza industrial ou agrícola,**

**Muitas vezes não era possível se evitar que os comerciantes espanhóis fossem convidados a vir às reduções, afim de que ali examinassem as mercadorias que iam ser conradas ou para que exibissem os produtos que traziam. Mas os jesuítas haviam posto tento em que os índios não entrassem em contato nem mesmo com esses mercadores itinerantes. “ Em algumas aldeias, como por exemplo São Xavier, São José e Santa Corazon” , escreve M. Bach, “ eram construídas fora da localidade as chamadas ramadas, as quais eram apercebidas de todo o necessário e nas quais os comerciantes estrangeiros tinham que se alojar. Recebiam eles aí boa comida e boa bebida e uma cama confortável e tinham todas as comodidades desejáveis e isso, na verdade, de graça, mas eram, por assim dizer, vigiados como prisioneiros do Estado. Logo depois da chegada d eles todas as estradas da ramada eram guarnecidas com sentinelas e sobre essas paraiva a proibição rigorosa de não trocarem com eles uma palavra sequer. O comerciante estrangeiro podia permanecer na ramada três dias.” Não somente os índios estavam protegidos contra as tentações do dinheiro, em conseqüência da economia natural de trocas, mas também os chefes d esse Estado original nunca ficavam em condições de amontoar riquezas. Eles próprios haviam conseguido da coroa espanhola a determinação de que nada**

**procedente da fortuna das reduções poderia ser enregado pelos padres, pelo contrário, que o produto total rio comércio deveria reverter em benefício dos índios. Por isso os chefes das reduções estavam obrigados a prestar contas exatas ao provincial, regularmente, de suas despesas e da receita**

**Cada redução constituía uma comuna independente; dois padres dirigiam a redução e atuavam, simultaneamente, como sacerdotes, médicos, professores e inspetores dos trabalhos a ser executados. A administração civil estava nas mãos de um corregedor eleito pela comuna, de vários regedores e alcaides assim como de um conselho comunal; todos esses funcionários eram índios, pois que os jesuítas procuravam manter de pé uma autonomia nacional na medida mais alta possível. Os índios distribuía justiça sob a direção dos padres, administravam os armazéns de gêneros e inspecionavam a marcha normal do trabalho. Abstraído d essa organização política, existiam ainda sindicatos regulares com os seus funcionários nativos; assim é que os tecelões, os ferreiros, os marceneiros e outros operários tinham os seus alcaides próprios, as mulheres elegiam uma superiora e, além d isso, havia um alcaide para a juventude, o qual inspecionava as crianças até que atingissem elas os dezessete anos de idade. O padre Peramas descreve a disposição exterior de uma d essas reduções como se segue: “ O ponto central da colônia toda, regular, formava-o sempre a igreja; ela era espaçosa, construída de material solido e, as mais das vezes, lindamente ornamentada. Em um dos flancos encontrava-se o cemitério, no outro o colégio, o qual continha, ao mesmo tempo, a escola. Ao lado d esse erguia-se a casa comunal com as armazéns destinados aos produtos públicos e com as oficinas do operariado. Ao lado do cemitério estava situada a casa das viúvas, da qual uma parte era utilizada também como hospital. A frente da igreja estendia-se sempre uma praça com uma estatua, e em redor d esta alinhavam-se, quase sempre em disposição quadrangular, as casas de moradia dos índios, de um só andar, com os seus telhados salientes ou suas galerias.”**

**“ Uma polícia comunal índia cuidava da manutenção da tranqüilidade e da ordem, com a qual se procurava estabelecer o princípio da máxima brandura’ e da conlacência máxima. Se era necessário chamar a contas um violador da lei, então o corregedor, primeiramente, lhe passava uma reprimenda a só ;**

somente quando isso não dava resultado algum é que podiam ser aplicadas penas de prisão e de açoites. A pena de morte estava fundamentalmente abolida em todas as reduções, e malfeitores absolutamente incorrigíveis eram castigadas, exclusivamente, com a sua transferencia para reduções mais afastadas. As mulheres podiam ser condenadas a uma reclusão maior na casa das viúvas, a título de expiação,” “ Do ponto de vista juridico-politico, o Paraguay podia ser designado, principalmente, como uma confederação, dado que as reduções eram completamente independentes em seus assuntos internos e somente certos setores da administração, tais como o comércio exterior e o serviço militar eram regulados em comum. A situação em que se achava para com o reino espanhol correspondia à de um moderno domínio: o Paraguay estava sujeito, imediatamente, à coroa e, mediante privilegio real, gozava de uma administração absolutamente autônoma, possuía a sua justiça própria e o seu próprio exercito. As reduções estavam obrigadas exclusivamente ao pagamento de um inosto anual e à ajuda militar, dentro da América do Sul, em caso de guerra, apenas; no demais o governo de Madri tinha que se abster de toda e qualquer ingerência na sua administração.”

Assim é que os jesuítas, partindo da exata observado das aptidões e fraquezas de seus índios, realizaram no Paraguay justamente aquele Estado comunista, o qual ainda hoje, duzentos anos mais tarde, é inculcado à humanidade como a situação ideal, especialmente digna de ser aspirada. Tudo quanto os utopistas algum dia esperaram de uma organização econômica comunista, fora aí realizado de fato: comunidade dos meios de produção e de consumo, eliminação da funesta economia monetária, igualdade geral de todo o cidadão, supressão de toda a miséria material, assistência aos velhos, doentes, viúvas e órfãos, obrigação geral de trabalho de oito horas, educação das crianças pelo Estado, livre escolha da profissão.

Também do ponto de vista técnica-administrativo esse Estado índio correspondia às exigências democráticas mais modernas, pois aí os cidadãos não constituíam uma massa oprimida sob um domínio de funcionários despóticos; pelo contrário, a liberdade do povo só era limitada ao ponto em que os interesses da coletividade o exigissem; o funcionário nativo, livremente

**eleito, d essa republica não era nada mais do que um órgão altruísta do bem estar publico.**

**Apesar de tudo isso, a propriedade privada não fora, de nenhuma maneira, completamente suprimida, e aí, ao lado da propriedade comum, existia também a propriedade individual, a qual, não obstante, não fora adquirida nem mediante exploração, e nem podia vir a constituir um perigo para a coletividade, em consequência da acumulação. Toda essa organização fora introduzida sem nenhum emprego de violência, pelo contrário com grande alegria por parte dos beneficiados, e o Estado no qual essas instituições-modelo dominaram, existiu, de verdade, por espaço de cento e cinquenta anos. Mercê d esse fato, igualmente mercê da circunstancia de que a sua inlantação nunca foi conquistada à custa da vida de pessoas orientadas diferentemente, o império comunista dos jesuítas no Paraguai se diferencia, vantajosamente, d essa outra idêntica experiência dos nossos dias, a qual, a despeito das numerosas vítimas humanas, até hoje, ficou sendo, em sua maior parte, apenas uma utopia traçada no papel.**

---

▪ [\*Anterior\*](#)

▪ [\*Índice\*](#)

▪ [\*Posterior\*](#)



## **OS PADRES COMO ESTRATEGISTAS**

**Um Estado assim, edificado sobre os direitos humanos dos índios, no meio de uma região colonial cujo principal ramo de comércio era o mercado de escravos, deveria, forçosamente, causar a impressão de um desafio atrevido. Pois esse Paraguay independente não tinha arrebatado, desde havia muito, aos caçadores de homens, as suas peças mais preciosas? Continuar tolerando isso por mais tempo, pareceu coisa idêntica a tolerar a ameaça feita a toda a civilização europeia na América do Sul.**

**A princípio tentara-se obter por meio de negociações com os jesuítas, que pelo menos certas reduções de zonas limítrofes fossem repartidas. em “ encomiendas” ; mas os donos do Paraguay apelaram para o privilegio real e fizeram menção da fraternidade evangélica, argumento este último que deveria parecer aos funcionários coloniais, nessa circunstancia, absolutamente inoportuno. Em compensação, a patente de privilegio real não era para ser tocada, assim sem mais aquela, e, nessas condições, os brancos deixaram, a princípio, todo o necessário entregue aos chamados “ mamelucos” .**

**Com esse nome designava-se uma horda de mestiços, rebentos de salteadores europeus e forçados, os quais se haviam casado com as mulheres Índias. Os mamelucos, organizados em turbas bem armadas, percorriam as regiões próximas e distantes de suas colônias, roubando tudo a tudo e saqueando.**

**As autoridades coloniais julgaram então indicado chamar a atenção para as reduções Índias e recomendá-las como objetivo das suas expedições posteriores. Assim é que, dentro em breve, poderosas tropas mamelucas invadiam o Paraguay, aprisionavam todos os índios sobre os quais podiam deitar\_ mão e vendiam-nos depois nas cidades marítimas. D essa maneira, no começo do século XVIII, cerca de sessenta mil índios de reduções foram reduzidos ao cativeiro. Depois de todas as tentativas feitas no sentido de induzir o governador de La Plata a uma intervenção; depois de terem as mesmas ficado baldadas, os jesuítas resolveram evacuar a região ameaçada pelos mamelucos, e conduziram doze mil dos seus índios pelo**

**Paraná abaixo, através da floresta virgem, resguardando-os em uma região mais afastada e menos exposta.**

**Mas, dentro em pouco, os mamelucos penetraram ali também, favorecidos especialmente pelas autoridades portuguesas. Na verdade os jesuítas conseguiram obter um breve papal, no qual o governador do Brasil, sob ameaça de excomunhão era intimado a por um fim a essa atividade, mas, dado que os mamelucos estavam combatendo a favor dos interesses de todos os caçadores de homens e mercadores de escravos, o breve, como era natural, não foi objeto de consideração.**

**Dentro de tais circunstâncias o padre Montova, o então chefe das reduções ameaçadas, viu-se forçado à conclusão de que também o reino de Cristo neste mundo só mui dificilmente poderia abrir mão das armas de fogo. Por isso procurou ele obter junto ao rei de Espanha unia permissão para aperceber os índios com armas européias. Tendo esclarecido ao rei que um exército de índios assim organizado poderia também prestar outros serviços à coroa, a petição foi despachada favoravelmente.**

**Somente agora essa estranha republica do Paraguay que, originariamente, nascera de uma espécie de “ sociedade orfeônica índia” tornara-se um Estado, na extensão da palavra. Dentro em breve os padres organizaram uma formação militar de funcionamento preciso, aramaram os índios do país inteiro e estabeleceram fundições de canhões e fabricas de fuzis. A partir d aí cada redução tinha de manter duas companhias de soldados, postas sob o comando de caciques índios; oficiais e tropas usavam uniformes e armas copiadas do modelo espanhol e, em presença dos padres faziam exercícios militares e manobras com toda a regularidade. “ Todas as segundas-feiras,” informou nessa ocasião um missionário, “ o corregedor da localidade passa em revista as tropas na praça pública e fá-las exercitarem-se. Depois elas se dividem em dois partidas que se atacam mutuamente, e isso se desenrola muitas vezes com ardor tão intenso, que se é forçado a tocar a retirada, afim de que não suceda alguma desgraça... Constantemente um corpo de cavalaria patrulha as circunvizinhanças e dá notícias de tudo que percebe. As passagens estreitas, através das quais se poderia penetrar na região, são vigiadas atentamente... Se surgisse um perigo, então nós poderíamos, de imediato,**

**mobilizar três mil índios a cavalo, os quais sabem, bastante bem, usar o mosquetão, brandir o sabre, formar um esquadrão e manobrar a rigor. Todos eles foram treinados e exercitados pelos nossos padres.” Breve as forças essas tiveram oportunidade de demonstrar a sua aptidão. Quando no decurso de uma luta contra os portugueses a fortaleza de São Sacramento foi sitiada, a republica do Paraguai pôs à disposição, dentro de onze dias, um corpo auxiliar conosto de três mil e trezentos cavalarianos e duzentos atiradores com o seu conetente comboio. Seiscentos índios com um padre alemão à frente tombaram nessa expedição diante do inimigo. O rei Felipe V teve, por isso, razão bastante para designar nessa época o exército do Paraguay ainda como “ o baluarte militar avançado da Espanha” . Mas pouco tempo depois os espanhóis iriam ainda se convencer, embora de outra maneira, da habilidade do exército índio, quando eles mesmos tiveram de sair a cano contra estes e amargar derrota após derrota. No ano de 1750 as cortes de Madri e Lisboa resolveram liquidar os seus litígios de fronteiras à custa das reduções paraguaias: a Espanha cedeu mediante um tratado, sete localidades da região índia a Portugal. Os portugueses exigiram então que essas colônias, que agora lhes pertenciam, fossem evacuadas pelos seus habitantes índios, pretensão essa a que os morapuserai. Depois que os jesuítas por via diplomática, conseguiram unia protelação da entrega oficial d essa região aos portugueses e aproveitaram esse tempo para organização da resistência armada, os oficiais espanhóis e portugueses, que tinham a seu cargo a retificação das fronteiras, em face da ameaçadora concentração de tropas Índias, se viram forçados a retirar. O general português Gomes Freire de Andrade escreveu nessa ocasião ao comandante espanhol, Marques de Valdelirios: “ Vossa Excelência terá se convencido pessoalmente, em face das cartas de informações que Lhe chegaram às mãos, que os padres da Sociedade são rebeldes formais. Se nós não afastarmos esses “ santos padres” das aldeias, não assistiremos a outra coisa mais senão revolta, agitação e desprezo... Todas essas coisas, cuja simples menção provocou a nossa repulsa, não devem mais ser postas em dúvida depois que nós examinamos, pessoalmente, os fatos.” No ano seguinte já as forças espanholas e portuguesas avançavam contra a republica jesuíta. Mas os espanhóis se viram forçados, de novo, a recuar, nas margens do rio da Prata, porquanto se chocaram contra formações Índias muito superiores ; os portugueses,**



pele seu lado, que, partindo de São Pedro do Rio Grande, estavam em marcha em direção ao oeste, não tiveram sorte melhor ; os índios instruídos pelos padres envolveram-nos em escaramuças constantes e enervantes, e por isso, eles se viram na contingência de firmar um armistício. Depois que ficou verificado ser inexecutável uma ação em separado, os espanhóis se uniram aos portugueses para um ataque em comum. Mas, em seguida, deram eles de encontro a uma obra de fortificação completa, dotada de canhões, a qual só pode ser tomada depois de um violento combate e a custa de graves perdas ; os índios, depois disso, organizaram uma nova linha de defesa, em terreno montanhoso, cuja conquista esgotou de tal maneira o corpo expedicionário, que o ulterior avanço teve de ser interrompido por algumas semanas. Somente meio ano depois do reinício das hostilidades foi que as tropas européias chegaram à primeira redução índia, a qual havia sido abandonada e incendiada pelos seus habitantes. As localidades que deviam ser entregues a Portugal tiveram de ser conquistadas uma depois da outra, ocasião em que um corpo completo da cavalaria espanhola foi atacada pelos índios e por eles feito prisioneiro.

Somente com a ajuda de um novo exército de reforço foi que o general espanhol conseguiu, em definitiva, tornar-se senhor do cano ; os jesuítas fizeram as suas forças recuar para a margem oriental do Uruguai, onde o corpo expedicionário teve de defrontar uma resistência oposta por um exército índio composto de quatorze mil homens. N' esse meio tempo a república viu-se forçada a combater pela sua integridade também no norte, pois ali, igualmente, tinha que ser regulada uma questão de limites entre a Espanha e Portugal, a expensas de seu território. Como os jesuítas não dispusessem de forças necessárias para opor um resistência armada, simultaneamente em duas frentes, organizaram eles no norte uma greve completa e um extenso movimento de “ boicot”. Quando a comissão de limites do Rio Negro quis levantar acampamento, os índios operários do Pará, a capital da província, entraram em greve, afim de obstar a partida da comissão. Não se encontrou remador algum para as embarcações, e, quando, finalmente, conseguiram recrutar alguns à força, verificaram que os índios, em toda a parte haviam abandonado as suas localidades por ordem dos jesuítas, levando consigo todas as provisões.

**Em uma carta do bispo do Pará dirigida à corte de Lisboa consta: “ A desobediência dos missionários foi a tal ponto, que eles proibiram expressamente o plantio da fruta-pão em todas as aldeias da margem do Tapajós. Par sua ordem os índios não podiam vender a mínima coisa aos brancos...”**

**Enquanto isso os padres se esforçavam também por anular as tropas portuguesas, procurando solapar sistematicamente a sua disciplina. O governador geral informou nessa ocasião: “ O padre Aleixo Antônio procurou contato com alguns oficiais e reteve-os sob o virtuoso pretexto de que tencionava instruí- los nos exercícios de Santo Ignácio... Ele e os seus confrades tentaram convencer os oficiais de que eu havia abandonado a cidade sem ordem de Sua Majestade e que, por minha alta recreação, conduzira o exército a essas florestas, nas quais eles iriam perecer de fome. Que tudo isto eu o fizera, porque era um capricho meu faze-lo” . Sucedeu dentro em breve que tropas portuguesas, levando suas munições e suas provisões, desertassem e aderissem aos jesuítas. A raiva do comando supremo, no entretanto, atingiu o seu ponto culminante, quando por ocasião de um ulterior avanço chocaram-se contra uma fortificação jesuíta, a qual estava defendida pelos índios, com canhões, sob o comando de dois padres. Esse forte estava organizado com tanta arte, que os portugueses alimentaram a suspeita de que os dois padres não eram eclesiásticos e sim oficiais de engenharia disfarçados.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **A UTOPIA NA FLORESTA VIRGEM**

**Em breve, porém, surgiu a alvorada de uma época melhor para os mercadores de escravos da América do Sul, pois, agora, após as inesperadas dificuldades de retificação de fronteiras, as suas queixas contra os facinorosos padres, os quais lhes haviam estragado o negócio durante cento e cinquenta anos, iriam encontrar ouvidos conlacentes. Agora, por fim, também os senhores de Madri e Lisboa deveriam ficar inteirados do perigo que “ os direitos humanos dos índios” representavam para a toda a política colonial! Nessa época foram, então, levantadas as acusações mais graves contra os jesuítas: os inostos que os padres arrecadavam, constava aí, não estavam em proporção com a renda enorme do país, obtida com o comércio. Os padres, por sua alta recreação, haviam firmado tratados formais com as tribos Índias vizinhas, eles tinham até mesmo instigado os seus súditos a recusar obediência às autoridades espanholas e portuguesas, sim, havia no Paraguay até um rei jesuíta próprio, chamado Nicolao, o qual mandara cunhar moedas com a sua efígie.**

**Se tudo isso ainda não bastasse para induzir as autoridades européias a uma intervenção enérgica, então os inimigos dos jesuítas saberiam trazer à colação ainda um outro argumento, que não podia deixar de causar o seu efeito. Os padres, constava agora, haviam descoberto no Paraguay minas de ouro, cuja existência eles mantinham em absoluto segredo.**

**Chegou mesmo a aparecer diante do governador de Buenos Aires um índio munido de uma carta geográfica, na qual estavam assinaladas estas minas de ouro; também as obras de fortificação destinadas à defesa d esse tesouro e que haviam sido construídas pelos jesuíta.-, podiam ser clara e perfeitamente vistas na planta. O governador pôs a caminho, imediatamente, afim de examinar o assunto no próprio local, e se não descobriu o menor traço sequer das minas de ouro, apesar d isso ninguém mais, d aí por diante, alimentou dúvidas sobre a existência de tesouros imensuráveis. Essa crença firme produziu um efeito que, de outra maneira, só a muito custo teria sido alcançado; todos os funcionários do império mundial espanhol, a partir do ministro até o último servente,, estavam**

**agora animados somente pelo pensamento apaixonado de se apoderar d esse ouro.**

**A hostilidade geral que, nesse meio tempo, surgira também nas cortes, nos conventos, nos quartos das damas e nos gabinetes dos sábios da Europa, contra a Sociedade de Jesus, veio, naturalmente, ao encontro da decisão, e isso em anla medida, de se destruir a republica jesuíta. No ano de 1759 a Ordem foi expulsa de Portugal, em 17ó6 o mesmo aconteceu na Espanha, e agora o ministro presidente espanhol Aranda tomou as necessárias deliberações para por um fim ao domínio jesuítico no Paraguay.**

**Alguns comissários foram enviados às reduções, e onde quer que esses funcionários chegassem, farejavam eles em todos os colégios, em todas as gavetas, em busca das fabulosas riquezas dos jesuítas ; mas aí houve apenas cruéis decepções**

**“ O primeiro negócio” , informa o padre Floriano Baucke, acerca do seu encontro com esses comissários, “ foi a tomada da minha pequena propriedade. Até mesmo os mais insignificantes objetos de uso doméstico foram registados, o comprimento, a largura da mesa e a madeira de que era feita, e assim por diante. Depois que todas as caixas e caixões haviam sido examinadas perguntaram pelo dinheiro. Eu lhes expliquei que a redução não possuía dinheiro algum, porque nós tínhamos sempre suprido as nossas necessidades mediante o processo de troca direta...”**

**“ Quando os jesuítas de Santa Fé foram presos,” escreve também Alexandre de Humboldt, “ não se encontraram com eles, absolutamente, os tais montões de piastras, as esmeraldas de Muzo, as barras de ouro de Choco que, segundo os adversários da Companhia, os jesuítas possuíam. Tirou-se, d aí, a falsa conclusão de que os tesouros haviam existido de fato, mas tinham sido confiados a índios fiéis e ocultos nas cataratas do Orinoco até o novo restabelecimento da Ordem.” Desiludidos na sua sede de presa, os espan4jis e portugueses trataram os padres prisioneiros da maneira mais brutal possível, conservaram-nos, primeiro, como criminosos em prisão rigorosa e transportaram-nos para a Europa nos porões dos seus navios de guerra. As igrejas, escolas e oficinas dos jesuítas foram ou destruídos ou entregues à ruína. Um escritor protestante informa sobre o destino das bibliotecas organizadas**

pelos jesuítas no Paraguai: “ Aconteceu a essas magnificas coleções a mesma coisa que à famosa biblioteca de Alexandria. Nenhum Omar, nenhum selvagem do Gran-Chaco destruiu as mesmas, mas foram cristãos que fizeram isso, parentes espirituais d aquele Teodosio, que mandou destruir a biblioteca de Alexandria. De uma grande parte das obras jesuíticas elas fizeram cartucheiras ou as utilizaram para assar biscoitos, ou à guisa de lanternas, e a mim me aconteceu coisa igual à que aconteceu ao historiador Orosius, o qual o que conseguiu ver em Alexandria foi somente os armários vazios da sua biblioteca.” Nas reduções, de agora em diante tornadas acéfalas, foram colocadas autoridades civis, as quais se esforçaram antes de tudo por se apropriar dos ornamentos das igrejas, das provisões guardadas nos celeiros e do gado. Dada, porém, que agora não se cantava mais nas reduções e nem se fazia mais musica, muitos índios procuraram\_ se furtar ao novo regime, valendo-se da fuga e desapareceram, de novo, sem deixar traço nas florestas virgens, das quais outrora haviam sido atraídos pelos padres. “ Se se considera” , escreve Josef de Maistre,” que essa ordem, a qual atuou no espirito da religião cristã, apoiou o seu predomínio no Paraguay única e exclusivamente no poder de suas virtudes e do seu talento; que os jesuítas deram a conhecer aos selvagens da América o encanto da musica se, finalmente, se considera que em nossa época somente a colaboração de ministros infames e de tribunais judiciários acometidos de delírio foi que conseguiu aniquilar essa magnifica Sociedade, então é-se levado a crer que se tinha à frente aquele louco, o qual, radiante de alegria, sapateava sobre um relógio exclamando além d isso : “ eu vou te inedir de fazer mais barulho!” Montesquieu, por sua vez, manifesta no seu “ Espirito das Leis” : “ E’ uma glória para a Sociedade de Jesus que ela tivesse mostrado ao mundo, pela primeira vez, ser possível uma ligação de religião e humanidade” . Também os “ enciclopedistas” , os inimigos encarniçados da Ordem jesuíta, tiveram de reconhecer que naquele original Estado das florestas virgens brasileiras esteve prestes a ser realizada uma elevada idéia moral. “Por meio da religião” , observa D'Alembert, “os jesuítas conseguiram no Paraguay uma autoridade monárquica, apoiados exclusivamente na arte de convicção e no seu brando sistema de governo. Soberanos d esse país, tornaram eles felizes os povos que lhes obedeciam; lograram submete-los sem jamais enregar a violência.” Por fim Voltaire designa as missões dos jesuítas

como “um triunfo da humanidade” . Na verdade, não faltaram também, desde o século XVIII até os nossos dias, vozes que tentaram amesquinhar o valor do que foi conseguido no Paraguai e procuraram por em dúvida as puras intenções dos padres, Não se pode suportar, assim simplesmente, que um Estado ideal nessas condições pudesse ter existido realmente, e ser, além d isso, obra dos odiados jesuítas. Os críticos que, baseados nas suas pesquisas, se sentiram obrigados a admitir a realidade do Estado índio do Paraguai e das suas instituições, tentaram, pelo menos, roubar aos jesuítas a originalidade e demonstrar que a criação d elas não havia sido outra coisa mais do que um decalque de certa novela político-romantica escrita no século XVII. Se se compara a republica jesuíta, por exemplo, com a ilha “ Utopia” inventada pelo chanceler inglês More, então, se encontram de fato coincidências dignas de nota: Utopia consiste, da mesma maneira que o Paraguai, em um certo número de cidades colocadas a intervalos regulares e iguais umas às outras, das quais cada qual constitui o centro de uma zona agrícola de determinada grandeza. Os moradores não são proprietários e sim arrendatários do solo, o qual pertence à coletividade. Cada cidadão é obrigado a prestar uma certa quantidade de trabalhos agrícolas e, além d isso, lhe está destinado um certo ofício. Os homens praticam a tecelagem, fazem trabalhos de pedreiro e de poteiros, obras em madeira e em metal, ao passo que as mulheres se ocupam principalmente com a fiação. Coincidências igualmente frisantes verificaram entre as instituições das reduções jesuítas e as da “ Cidade do Sol” , imaginada pelo frade dominicano Cananella. Essa “ Cidade do Sol” é uma republica com um sacerdote à frente e na qual a vida social se apoia no comunismo absoluto e na regulação oficial da divisão dos produtos. Tudo é propriedade comum, e os cidadãos todos são obrigados a trabalhar, sendo que, na verdade, cabem às mulheres as atividades mais suaves. Dentre as artes é dedicado um especial cuidado à musica e quando os “ solarianos” fazem à divindade o seu sacrifício eucarístico, isso acontece em forma musical. Seria, no entretanto, fácil descobrir paralelos idênticos em todas as outras utopias comunistas; pois todas foram sempre fantasias de um Estado ideal sem classe oriundo do antiquíssimo sonho do “paraíso perdido”, sonho esse comum a toda a humanidade civilizada. Essa reflexão nos aproxima também mais da compreensão do motivo por que justamente os jesuítas no Paraguai lograram realizar essa utopia. Muito longe de quererem construir o seu Estado de

acordo com qualquer teoria preconcebida, os padres, muito ao contrário, fizeram, simplesmente, da inocência paradisíaca dos seus índios o fundamento de toda a organização econômica e política das reduções.

Quando no século XX um grupo de visionários sábios fez de novo a tentativa de realizar o comunismo, já eles tiveram de defrontar uma tarefa infinitamente difícil. Pois os russos podiam bem estar retardados em muito do resto da Europa, no que diz respeito à civilização; entretanto eles eram bastante europeus, para que fossem se diferenciar d eles por formas variadíssimas do talento e do vício, das inclinações e das paixões; eles haviam de ha muito perdido aquela santa simplicidade, aquela individualidade e carência de necessidade, que no Paraguay facilitara a realização do Estado ideal sem classes. Por isso o bolchevismo, a despeito de numerosas vítimas cruentas, até a presente data só conseguiu alcançar o seu objetivo de maneira sumamente incompleta; os jesuítas, no Paraguay, em compensação, não tiveram de fazer outra coisa senão adaptar as suas medidas aos instintos e necessidades dos seus índios selvagens das florestas, e logo nascera entre suas mãos automaticamente o “ Estado ideal”.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

**LIVRO PRIMEIRO  
DA VIDA DO PADRE JOSÉ DE ANCHIETA, DA COMPANHIA  
DE JESUS, QUINTO PROVINCIAL QUE FOI DA MESMA  
COMPANHIA NO ESTADO DO BRASIL**

**Índice**

**CARTA DO PADRE PROVINCIAL FERNÃO CARDIM,  
PARA O NOSSO REVERENDO PADRE GERAL  
CLÁUDIO ACQUAVIVA.**

**CARTA DO PADRE PERO RODRIGUES**

**PARECER DE MATEUS ABORIM**

**CAPÍTULO PRIMEIRO. DAS CAPITANIAS DA BAHIA  
E PERNAMBUCO**

**CAPÍTULO SEGUNDO. DAS CAPITANIAS DOS  
ILHÉUS, PORTO SEGURO, ESPÍRITO SANTO E  
SÃO VICENTE**

**CAPÍTULO TERCEIRO. DAS PRIMEIRAS MISSÕES  
QUE SE FIZERAM DE PESSOAS DA COMPANHIA,  
AO ESTADO DO BRASIL**

**CAPÍTULO QUATRO. DA ENTRADA DO PADRE  
JOSÉ NA COMPANHIA E VINDA AO BRASIL**

**CAPÍTULO QUINTO. COMO LEU LATIM E FEZ A  
ARTE DA LÍNGUA BRASÍLICA E A DOS  
MAROMOMIS**

**CAPÍTULO SEXTO. DA FORTALEZA DOS  
FRANCESES NO RIO DE JANEIRO E GUERRA DO**



**GENTIO TAMOIO, CONTRA OS PORTUGUESES NA  
CAPITANIA DE SÃO VICENTE**

**CAPÍTULO SÉTIMO. VAI O PADRE MANUEL DA  
NÓBREGA COM O IRMÃO JOSÉ A FAZER AS  
PAZES COM OS CONTRÁRIOS**

**CAPÍTULO OITAVO. DE COMO O PADRE MANUEL  
DA NÓBREGA DEIXA SÓ EM REFÉNS AO IRMÃO  
JOSÉ, E SE CONCLUEM AS PAZES**

**CAPÍTULO NONO. COMPÕE O PADRE JOSÉ A  
VIDA DE NOSSA SENHORA EM VERSO E OUTRAS  
OBRAS**

**CAPÍTULO DÉCIMO. DA VINDA DO TERCEIRO  
GOVERNADOR GERAL MEM DE SÁ À BAHIA, E DA  
TOMADA DA FORTALEZA QUE OS FRANCESES  
TINHAM NO RIO DE JANEIRO**

**CAPÍTULO DÉCIMO PRIMEIRO. CONQUISTA DO  
RIO DE JANEIRO PELO CAPITÃO-MOR ESTÁCIO  
DE SÁ, E DEPOIS PELO MESMO GOVERNADOR  
MEM DE SÁ**

**CAPÍTULO DÉCIMO SEGUNDO. DO ÍNDIO  
CHAMADO MARTIM AFONSO, E DA TOMADA DA  
NAU FRANCESA NO CABO FRIO**

**CAPÍTULO DÉCIMO TERCEIRO. DA IDA DO PADRE  
JOSÉ AO SERTÃO E NAUFRÁGIO EM UM RIO**

**CAPÍTULO DÉCIMO QUARTO. COMO FOI FEITO  
PROVINCIAL**

**CAPÍTULO DÉCIMO QUINTO. DA MORTE E  
SEPULTURA DO PADRE JOSÉ**

▪ *Índice Anterior*

## **LIVRO SEGUNDO**

### **Das virtudes do Padre José de Anchieta**

#### **Índice**

**CAPÍTULO PRIMEIRO. DE SUA ORAÇÃO E DEVOÇÃO**

**CAPÍTULO SEGUNDO. DE SUA MORTIFICAÇÃO, POBREZA, CASTIDADE, OBEDIÊNCIA**

**CAPÍTULO TERCEIRO. DE SUA MANSIDÃO, PACIÊNCIA E HUMILDADE**

**CAPÍTULO QUARTO. DE SUA CARIDADE COM OS PRÓXIMOS EM COISAS TEMPORAIS**

**CAPÍTULO QUINTO. DA CARIDADE COM OS PRÓXIMOS, E BEM ESPIRITUAL DELES**

**CAPÍTULO SEXTO. DO ZELO DA CONVERSÃO DO GENTIO DO BRASIL E DO VELHO ADÃO**

**CAPÍTULO SÉTIMO. DE OUTROS DOIS CASOS QUE NA PRAIA DE NOSSA SENHORA ACONTECERAM**

**CAPÍTULO OITAVO. DO RESPEITO QUE TINHAM AO PADRE PESSOAS DE AUTORIDADE**

**CAPÍTULO NONO. DAS OCUPAÇÕES DOS PADRES DA COMPANHIA QUE RESIDEM COM OS ÍNDIOS EM SUAS ALDEIAS**

■ *Índice Anterior*

# **LIVRO TERCEIRO**

## **Do espírito de profecia que parece que teve o Padre José de Anchieta**

### **Índice**

**CAPÍTULO PRIMEIRO. DE COISAS QUE  
SUCEDERAM LONGE DONDE O PADRE JOSÉ  
ESTAVA**

**CAPÍTULO SEGUNDO. PROSSEGUE A MESMA  
MATÉRIA COM OUTROS EXEMPLOS – UMA FACA  
PERDIDA**

**CAPÍTULO TERCEIRO. DOUTROS EXEMPLOS EM  
MATÉRIA DE PESCARIA E CHUVA**

**CAPÍTULO QUARTO. DE OUTROS  
MARAVILHOSOS EXEMPLOS.**

**CAPÍTULO QUINTO. DE PROFECIAS DE COISAS  
QUE ESTAVAM POR VIR**

**CAPÍTULO SEXTO. PROSSEGUE A MESMA  
MATÉRIA COM OUTROS EXEMPLOS RAROS**

**CAPÍTULO SÉTIMO. DO QUE PASSOU COM UM  
PEDREIRO DESTA COLÉGIO. PROFETIZA A JOÃO  
FERNANDES QUE HÁ DE SER RELIGIOSO**

**CAPÍTULO OITAVO. DIZ MISSA POR DOIS  
DEFUNTOS NOS MESMOS DIAS EM QUE  
FALECERAM, MUI LONGE DE ONDE ELE ESTAVA**

**CAPÍTULO NONO. PARECE QUE CONHECIA OS**

## PENSAMENTOS DAQUELES COM QUEM TRATAVA. PROFECIAS

---

- *Índice Anterior*

# LIVRO QUARTO

## Dos milagres que Deus obrou pelo Padre José de Anchieta

### Índice

**CAPÍTULO PRIMEIRO. DE COISAS  
MARAVILHOSAS TOCANTES À SUA PESSOA**

**CAPÍTULO SEGUNDO. DE MILAGRES SOBRE  
ENFERMOS**

**CAPÍTULO TERCEIRO. EM QUE SE PROSSEGUE A  
MESMA MATÉRIA**

**CAPÍTULO QUARTO. DO BARRIL DE AZEITE E DE  
DUAS TEMPESTADES**

**CAPÍTULO QUINTO. DA ÁGUA CONVERTIDA EM  
VINHO E DO ÍNDIO RESSUSCITADO**

**CAPÍTULO SEXTO. ALCANÇA AO PADRE  
FRANCISCO PINTO SÚBITA SAÚDE, E LHE  
PROFETIZA MORTE VIOLENTA POR MARTÍRIO**

**CAPÍTULO SÉTIMO. DE COMO OBEDECEM AS  
AVES AO PADRE JOSÉ**

**CAPÍTULO OITAVO. OBEDECEM AO PADRE JOSÉ  
AS ONÇAS, BUGIOS E VÍBORAS, E DO CASO  
RARO DA MARÉ**

**CAPÍTULO NONO. DO RESPLENDOR E MÚSICA  
DO CÉU**

**DOS GOVERNADORES GERAIS DO ESTADO DO**

**BRASIL**

**PROVINCIAIS DA PROVÍNCIA DO BRASIL**

**VISITADORES GERAIS DESTA PROVÍNCIA**

- 
- ***Índice Anterior***





# **VIDA DO PADRE JOSÉ DE ANCHIETA**

**Escrita por Pero Rodrigues, seu contemporâneo**

## **LIVRO PRIMEIRO**

**Da vida do Padre José de Anchieta, da Companhia de Jesus, Quinto Provincial que foi da mesma Companhia no Estado do Brasil**

***CARTA DO PADRE PROVINCIAL FERNÃO CARDIM, PARA O NOSSO REVERENDO PADRE GERAL CLÁUDIO ACQUAVIVA.***

**Pax Christi.**

**No ano de mil quinhentos e noventa e oito, fui eleito na Congregação Provincial para ir tratar com V. P. coisas de importância, para bem desta província do Brasil, e entre outros papéis levei um da vida do Padre José de Anchieta, cujus memória in benedictiones est, escrita pelo Padre Quirício Caxa conforme as informações muito certas, que o Padre Pero Rodrigues sendo provincial, lhe deu por escrito, de padres nossos que com o Padre José trataram, em diversas casas desta costa..**

**Foi lida nos Colégios de Portugal, em Roma e outras partes com admiração dos nossos, e causou novos desejos de perfeição ouvirem tão raros exemplos de virtude. Vendo eu isto fiz menção, por carta ao mesmo padre, que tornando Sua Reverência a visitar visse se se podiam aquelas coisas do Padre José confirmar mais e autorizar com testemunhos autênticos, de pessoas de fora da Companhia, (ainda que os dos nossos padres e irmãos não são menos certos), porque tornando-se a escrever a mesma vida, teria mais autoridade e causaria nos ânimos dos que a ouvissem maior devoção.**

**Pareceu ao padre o conselho, e quando tornei de Europa, achei em sua mão cinco feitos de testemunhos autênticos, tirados**

juridicamente pelo prelado administrador do Rio de Janeiro, e vigários do seu distrito, todos de pessoas antigas e graves, que conheceram e trataram muitos anos com o Padre José, assim na Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, como em quatro Capitâneas em que o padre mais residiu.

Aos quais testemunhos ajuntando os dos nossos religiosos, autênticos também, e jurados diante de mim, com testemunhos presentes, entreguei ao mesmo Padre Pero Rodrigues, pedindo-lhe aceitasse o trabalho de escrever esta vida, conforme aos papéis e informações sobreditas. Aceitou o padre a empresa, e acabou com muita diligência. Os originais autênticos, fiz guardar no cartório da Província.

Com esta vai uma cópia para consolação de V. P. e de toda nossa Companhia. Resta-me pedir ser encomendado nos Santos Sacríficos, e a bênção de V. P.

Da Bahia oito de maio de seiscentos e seis.

FERNÃO CARDIM

---

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **CARTA DO PADRE PERO RODRIGUES**

**Aos padres e irmãos da Companhia de Jesus.**

**Aceitei, com particular gosto, a ocupação de escrever a santa vida e obras maravilhosas do Padre José de Anchieta, da nossa Companhia, e dos primeiros que nesta Província do Brasil trabalharam, mais pelas livras da injúria do tempo, que é o esquecimento, que não por me parecer que o podia fazer com satisfação que elas merecem, por ser vida e obras de um varão ilustre em virtudes, e privilegiado com graças de Deus Nosso Senhor mui singulares, para cujos dignos louvores não é capaz meu talento.**

**Porém confio de Sua Divina Bondade, fonte de todo o bem, que será esta relação a toda a pessoa mui aceita, em especial aos nossos, por cujo respeito tomei este trabalho (se algum tive em ordenar o que escrevo), porque verão aqui, não só pintado, mas quase posto em obras, o instituto e espírito de nossa santa Religião, e, entre todos, os padres e irmãos desta província enxergarão as virtudes em que mais se esmeravam os antigos dela, aos quais temos particular obrigação de imitar, pois eles tanto à sua custa nos facilitaram os trabalhos, e abriram o caminho, e mostraram o perigo de que nos havemos de guardar.**

**Outra razão tive para tomar esta empresa com gosto particular, da qual eu só posso dar testemunho, que é esta. Esse tempo que alcancei em vida este servo de Deus, não deram as ocupações de ambos, lugar para tratar mais familiarmente, nem alcançar muito de suas heróicas virtudes, em especial por ele as saber mui bem encobrir, com o véu da humildade e santa dissimulação. Porém, depois de sua morte, observei, dentro de mim, que todas as vezes que falava e ouvia falar em suas coisas, saía da pratica outro, com novo amor à virtude e desejo da perfeição, e os com que eu falava, creio levariam os mesmos e maiores.**

**Daqui comecei a ter mor conceito de suas virtudes, pois só com se falar delas parece que se pegavam na alma com amor e afeição, pelo que, quando o Rev. Padre Provincial Fernão Cardim me encarregou esta obra, a aceitei com particular**

**devoção, com esperança em Deus Nosso Senhor, e na intercessão deste Santo, que saíra com ela para a glória do mesmo Deus e de seu servo, e proveito especial de muitos.**

**E pois sua santa vida foi tal, que pôs em admiração a pessoas graves seculares, e o que mais é, aos mesmos índios de tanto menos capacidade, tenho por certo que fará maior impressão, naqueles que, por razão de seu estado, sabem pesas e estimar o ser e valia das virtudes religiosas. E a nós os desta Província dará motivos para também seguirmos o caminho que nos deixou aberto, do zelo da salvação do Genito destas partes, este Apóstolo do Brasil, como lhe chamou, pregando em suas exéquias, o Administrador Bartolomeu Simões Pereira, prelado do Rio de Janeiro, derramado muitas lágrimas à volta deste e de muitos outros louvores.**

**É de confiar que o mesmo Deus que assim se comunicou a este santo varão o faz e fará a outros, para que, também desta parte do mundo saiam, e sejam conhecidos, varões ilustres no serviço de Deus e conversão da gentildade, para a glória do mesmo senhor.**

**PERO RODRIGUES**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **PARECER DE MATEUS ABORIM**

Mateus da Costa Aborim, Administrador da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro e das Capitanias da banda do Sul, certifico que, procurando eu ver a vida do Padre José de Anchieta, da Companhia de Jesus, composta pelo mui Rev. Padre Pero Rodrigues, da mesma Companhia, a li com muita consolação de minha alma, e achei mui conforme à grande fama e opinião de santidade, que em toda esta Província tem o dito Padre José de Anchieta, de quem cada vou descobrindo novos exemplos de virtude e milagres, por testemunhos que de novo vou tirando, com que consolo o grande sentimento que tenho, por não haver tratado em vida varão tão santo.

Do Rio de Janeiro, dez de maio de seiscentos e oito anos.

**MATEUS DA COSTA ABORIM**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **CAPÍTULO PRIMEIRO. DAS CAPITANIAS DA BAHIA E PERNAMBUCO**

Os que escreveram vidas de varões santos, na Europa, têm por trabalho escusado, declarar a antigüidade das províncias, e de como foram povoadas as vilas e cidades que os Santos ilustraram, com obras e exemplos de suas heróicas virtudes, por ser coisa sabida e a todos manifesta. Porém, este trabalho parece que não posso eu agora escusar, pois a província do Brasil é nova e pouco conhecida, e somente de cem anos a esta parte descoberta, e suas cidades e vilas muitos anos depois se começaram a conquistar, e povoar, em especial aquelas em que o Padre José de Anchieta semeou os vivos exemplos de suas raras virtudes. Pelo que começaremos a tratar como foram povoadas as capitanias desta costa, apontando juntamente o estado em que de presente hoje estão, neste ano de seiscentos e cinco, em que esta Vida se escreve.

### **DA BAHIA DE TODOS OS SANTOS**

No ano de mil e quinhentos, reinando em Portugal El-Rei Dom Manoel de gloriosa memória, foi descoberta esta província do Brasil, por Pedro Álvares Cabral, segundo governador da Índia, na viagem que ia fazendo por esta banda por fugir das calmarias de Guiné.

Dali a muitos anos El-Rei Dom João, o terceiro, mandou a Martim Afonso de Sousa, que viesse a demarcar e repartir em capitanias, dando a cada uma cinqüenta léguas por costa. E fez mercê desta da Bahia, a Francisco Pereira Coutinho, que a povoou no ano de mil quinhentos e trinta e cinco. E viveu nela algum tempo; mas, por sua morte, vendo o dito Senhor de quanta importância podia vir a ser, satisfazendo aos herdeiros de Francisco Pereira, a mandou povoar e sustentar em seu nome. E para isso, no ano de mil quinhentos e quarenta e nove, enviou o primeiro Governador Geral Tomé de Sousa. Está a altura de três graus da linha para o sul, cem léguas de Pernambuco, e duzentas do Rio de Janeiro. É uma das maiores, mais formosas, e mais acomodadas para a vida humana, de quantas baías há no descoberto. Tem coisa de trinta léguas de roda, com obra de vinte ilhas, quase todas povoadas de

**fazendas. Tem mais de quarenta engenhos de açúcar, uns que fazem com água como azenhas, outros com bois, a que chamam trapiches. Entram nela dois rios caudais, e outros menores; a terra firme que a cerca está cortada com vários braços e esteiros, muito acomodados para a serventia das fazendas, e mantimento do marisco e pescarias.**

## **CIDADE DO SALVADOR**

**A cidade, chamado do Salvador, está situada em uma lombada, que fica senhoreando a baía, cercada com quatro fortes; o porto por baixo dela, capaz de toda a sorte de navios. Esta é a cabeça do Estado, aonde residem os governadores gerais, os bispos, o cabido, com os Ministros da Justiça, Fazenda e Milícia.**

**Tem mais outros quatro fortes, não de menos importância, que são quatro mosteiros de religiosos, de santa vida, letras e exemplo: S. Bento, Nossa S. do Carmo, S. Francisco, e o Colégio da Companhia de Jesus, fundado por El-Rei Dom Sebastião, com dote para sessenta religiosos, no qual há estudos públicos das faculdades que os padres costumam ensinar, que são ler, escrever, contar, lições de humanidade, cursos em se graduam em mestres em artes, e teologia moral e especulativa, donde saem muitos bons filósofos, casuístas e pregadores.**

## **BALEIAS**

**Entram nesta baía do mês de julho em diante, e andam nela em magotes, muita soma de baleias, grandes e pequenas, até o mês de outubro, e dão com sua vista muita recreação à cidade, mantendo-se às vezes por entre os navios, e volteando as crianças diante das mães, quando alguns arpoadores, em batéis ligeiros e bem equipados, se aventuram a cometê-las, os quais, pregando-lhes os arpões e matando-as, as desfazem em azeite, montaria algum tanto perigosa, mas muito rendosa.**

## **ÂMBAR**

**Pelas praias desta capitania, assim para a banda do Norte como do Sul se acham pedaços de âmbar, às vezes grande quantidade junta, do qual tem mostrado a experiência não ser outra coisa**

senão uma massa líquida, que vai pouco a pouco endurecendo e fazendo-se parda, tirando mais para preto. Gera-se dentro do mar, pegando nos recifes, donde com as tormentas os vai arrancando e vindo acima d'água; o que escapa dos peixes e aves marinhas, vem com a maré à praia; ainda ali os caranguejos, e outros bichos, se o topam, lhe não perdoam; e enfim no que se acha se faz mui bom dinheiro.

Teve esta capitania antigamente muito gentio, mas consumiu-se com guerras, doenças gerais e mau tratamento em serviços pesados, porém ainda se conservam nas aldeias qque os padres da Companhia têm a cargo.

## **PERNAMBUCO**

a Vila de Pernambuco chamada também de Marim e Olinda, é mui nomeada por sua riqueza de pau-brasil, e comércio dos muitos açúcares que tem, que em muitas mil caixas cada ano deita carregado por sua barra afora, para o que sustenta em seus distrito e terras vizinhas, mais de cem engenhos de açúcar. Está em oito graus de altura para sul, na mesma altura que Angola. Foi povoada pelo primeiro senhor e governador geral dela, Duarte Coelho. O primeiro padre que naquela terra deu notícia dos ministérios da Companhia, e dos frutos que Deus por eles faz, foi o Padre Manuel da Nóbrega com outro companheiro, e depois continuaram outros o trabalho começado, donde se seguiu que muitos homens entraram em si, no grave negócio de suas consciências, deixando uns o mau trato de cativar índios por engano, e outros o mau estado em que viviam.

O senhor da terra, deu aos padres a ermida de Nossa S. da Graça, em que está hoje situado o Colégio, dotado por El-Rei Dom Sebastião para vinte religiosos. Nele se lê uma classe de latim, outra de ler e escrever, e a terceira de caos de consciência, quando há ouvintes. Daqui vão os padres, batizar e confessar aos escravos que estão pelas fazendas, e também ajudam a conversão dos pitiguares, ainda que por missão, visitando suas aldeias, até a fortaleza do Rio Grande, que está de Pernambuco cerca de cinqüenta léguas. Além de outras aldeias em que os padres estão de morada, ensinando aos índios e conservando-os na fé e costumes cristãos.



---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **CAPÍTULO SEGUNDO. DAS CAPITANIAS DOS ILHÉUS, PORTO SEGURO, ESPÍRITO SANTO E SÃO VICENTE**

### **CAPITANIA DOS ILHÉUS**

**A Capitania dos Ilhéus, está em altura de quatorze graus e dois terços; foi primeiro do Capitão Jorge de Figueiredo Correia, na qual os padres da Companhia fazem muito serviço a Deus, assim com os moradores portugueses como com o gentio da terra.**

### **CAPITANIA DE PORTO SEGURO**

**Está a de Porto Seguro em dezesseis graus; foi povoada pelo Capitão Pero de Campos Tourinho, no ano de mil quinhentos e trinta e seis. E daí a anos foi enviado a esta vila o Padre Francisco Pires, o qual no princípio residiu na ermida de Nossa Senhora, que é da Companhia, por ser edificada por ordem do dito padre e companheiros seus. Foi mui grande a mercê que a mesma Senhora lhes fez, em se abrir milagrosamente ali uma fonte, mui afamada em toda a costa, na qual se fizeram e fazem muitos milagres, sarando muitas pessoas de diversas enfermidades, umas que vão àquela casa em romaria, e outras que mandam buscar a água dela para o mesmo efeito.**

### **GENTIO AIMORÉ**

**Ambas estas capitánias foram infestadas e perseguidas pelo cruelíssimo gentio chamado aimoré, por cerca de cinquenta anos, com mortes de portugueses, e de seus escravos e índios cristãos, e perdas das fazendas.**

**A causa de durar tanto esta guerra, foi por eles não pelejarem em campo, quando eram acometidos, mas sempre debaixo do mato espesso, cada um ao pé de sua árvore, com o arco armado, aguardando o inimigo que o vem buscar, em ser visto antes nem depois de empregar sua flecha. E também porque, como os índios que conosco têm comércio não entediam a língua deles, não havia esperança de concerto e de pazes.**

**E assim chegaram estas duas Capitánias a ponto de se**

acabarem de todo; e de fato, os mais dos moradores delas, que tinham alguma fazenda, largaram a terra, e se foram a viver em outras partes. E o mesmo perigo corria esta Capitania da Bahia, porque já alguns homens tinham largadas fazendas e alguns engenhos, e eles vinham ganhando terra. Com a flecha e medo dela, no distrito desta cidade.

Neste aperto, quando todo remédio humano faltou, acudiu o do Céu por meio de uma escrava cristã da mesma nação, à qual vindo à fala com os seus, os desenganou que os nossos quando tomavam alguns dos seus, na guerra, não os comiam, (que esta bárbara imaginação era toda a causa de seu ódio), antes que eles perdiam muito por não tratarem com os portugueses. Estas e outras semelhantes palavras desta índia, tomou Deus para começar a mudar e abrandar os corações deste bravo e feroz gentio, para que se fiasse de nós; e finalmente os aimorés mais vizinhos, se vieram em grande número, cantando e bailando, e abraçando a quantos homens achavam pelas ruas e sendo de todos mui bem agasalhados. Sucederam estas pazes e geral benefício de Nosso Senhor, para todo o Estado, no ano de mil e seiscentos, governado esta cidade, o Capitão-mor Álvaro de Carvalho, que fez muito na conservação delas. No qual tempo o governador geral Dom Francisco de Sousa, por ordem de S. Majestade andava na Capitania de São Vicente, ocupado no descobrimento de novas minas de ouro e outros metais. A boa correspondência ainda dura de ambas as partes, com esperança de que se tornarão a melhorar aquelas duas capitanias, nas quais também estão as pazes celebradas.

Para este efeito e principalmente para ajudar a salvar algumas almas deste gentio, alguns padres da Companhia começam aprender a língua deles, e já os ajuntam em aldeias, e instruem na fé e comunicam o santo batismo, pela qual porta a Divina Providência tem já muitas almas recolhidas em sua glória, ao menos de inocentes e adultos in extremis. E com este gosto tempera Deus Nosso Senhor, a falta das humanas consolações, que nesta e semelhantes empresas padecem por estas partes os filhos da Companhia, que tem tudo por bem empregado, por ajudarem a salvar ainda que não fora mais que uma só alma, por saberem que nisto contentam aquele Senhor que tanto nos tem merecidos, estes e maiores serviços.

## **CAPITANIA DO ESPÍRITO SANTO**

**A Capitania do Espírito Santo, é uma das principais deste Estado. Está em vinte graus para o sul, cento e vinte léguas da Bahia, e oitenta do Rio de Janeiro. Foi povoada por Vaco Fernandes Coutinho, Governador e Senhor dela, na era de mil quinhentos e trinta e cinco anos.**

**Daí a muitos tempos enviou o Padre Manuel da Nóbrega, sendo Provincial, alguns padres, os quais foram recebidos com muito amor e agasalho. Deram-lhes sítio para casa e cerca, e nele fundaram a Igreja da invocação do Apóstolo Santiago Maior, com os mistérios que a Companhia exercita de pregar, confessar, fazer doutrinas na Igreja e ensinar os meninos na Escola, e iniciar a gente à devoção, e a frequentar os Sacramentos. Fizeram nos moradores muito serviço a Deus, e não menos no gentio, com o qual residem outros padres em quatro aldeias, e às vezes mandam buscar os parentes deles, e outras vão em pessoa a buscá-los a mais de cem léguas, por caminhos mui ásperos e não seguidos, em que padecem muitos trabalhos de fome e sede, e outros perigos da vida, sem deles pretenderem mais que a salvação de suas almas e a Glória de Deus.**

**O mesmo que dizemos desta Capitania, acerca dos ministérios que nela exercitam os padres e do fruto espiritual que o povo recebe, se há de entender também das outras de que vimos falando.**

**Esta casa e Igreja nossa, daí há muitos anos foi enriquecida com uma insigne relíquia de um osso do mártir São Maurício, por cuja intercessão Deus Nosso Senhor, faz naquela terra mui insignes e evidentes mercês, e agora haverá obra de dois anos, sendo Superior o Padre Manuel Fernandes, se acrescentou o tesouro das santas relíquias na mesma casa, com um dente do glorioso Apóstolo Santiago, enviado pelos nossos padres do Colégio de Santiago de Galiza com seu instrumento autêntico.**

## **CAPITANIA DE SÃO VICENTE**

**A Capitania de São Vicente, está do Rio de Janeiro para o sul quarenta léguas, em vinte e quatro graus, a primeira que nesta**

província se povoou; foi dela senhor, Martim Afonso de Souza, e o são hoje seus herdeiros.

Tem em si uma ilha, e muita terra para o sertão, com cinco vilas. A primeira é a de São Vicente, situada em uma das barras da Ilha. A segunda, Santos, na outra barra, com sua fortaleza. A terceira de Nossa S. da Conceição, pelo nome da terra, de Itanhaém, dez léguas abaixo da praia, que é dura e muito esparcelada. A quarta, a Vila de S. Paulo, ou Piratininga, obra de quinze léguas da Ilha de São Vicente, pela serra e sertão adentro, serra fragosa de subir, mas depois de estarem em cima de tudo são campos, com pouco arvoredo, e rios mansos e plácidos; a terra em partes é escalvada, com sinais de minas e metais de toda a sorte, mas o que até agora está descoberto, não é mais que ferro e ouro de lavagem. A quinta Vila se chama de S. Amaro, que tem Capitão por si, por ser no princípio de outro senhor que era Pero Lopes, irmão de Martim Afonso de Souza.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **CAPÍTULO TERCEIRO. DAS PRIMEIRAS MISSÕES QUE SE FIZERAM DE PESSOAS DA COMPANHIA, AO ESTADO DO BRASIL**

Determinando El-Rei de Portugal, dom João o terceiro, mandas a estas partes do Brasil a Tomé de Sousa, por Governador Geral, houve que, para satisfazer com o santo zelo que tinha de procurar o bem espiritual de seus vassallos, nas províncias sujeitas à sua Coroa, era necessário enviar, com ele juntamente, alguns religiosos, para conservarem nos costumes cristãos aos portugueses, e darem princípio à conversão, e conhecimento do Santo Evangelho, ao gentio.

E lembrado do muito que na Índia Oriental faziam em ambas estas empresas, o santo padre Bato Francisco Xavier, e outros padres da Companhia, que naquelas partes andavam, os quais ele também enviara havia já alguns anos, pediu ao Padre Mestre Simão, Provincial em Portugal, alguns padres para esta missão, e particularmente insistiu lhe desse para Superior de todos o Padre Manuel da Nóbrega, e quis fosse ele o primeiro que declarasse a fé de Deus Nosso Senhor neste Estado, porque o conhecia e estava bem inteirado de sua virtude e letras, já do tempo que estudara em Coimbra, antes de ser religioso, quando o doutor Navarro o apregoava pelo menor de seus discípulos.

Andava neste tempo o Padre Manuel da Nóbrega pelo Reino fazendo muito serviço a Deus, no bem das almas, com pregar, confessar e fazer os mais ministérios de que a Companhia usa para este fim. Foi logo mandado vir, mas por mais diligência que se fez, já as naus com o Governador eram partidas, com cinco da Companhia, todos debaixo da obediência do Padre Manuel da Nóbrega, ausente. Ficou só a nau do provedor-mor, Antonio Cardoso de Barros, esperando pelo padre, e tanto que chegou se partiu, e foi alcançar a frota no mar, com grande alegria do Governador, dos padres e de toda a armada. De maneira que a primeira missão dos padres da Companhia que se fez a estas partes, foi à petição del Rei dom João, e por ordem do nosso beato Padre Inácio de Loiola, fundador e primeiro Geral da Companhia.

Partiu a armada de Lisboa no ano de mil quinhentos e quarenta

e nove, no primeiro dia de fevereiro, que é dia do santo bispo e mártir Inácio. Vinham nela seis da Companhia: o Padre Manuel da Nóbrega, o Padre Leonardo Nunes, o Padre João de Aspilcueta Navarro, sobrinho do Doutor Navarro, o Padre Antonio Pires e os irmãos Vicente Rodrigues e Diogo Jácome.

No ano seguinte, de mil quinhentos e cinqüenta foram enviados de Portugal, para ajudarem aos obreiros desta vinha, quatro sacerdotes: Salvador Rodrigues, Francisco Pires, Manuel de Paiva e Afonso Brás.

### **PADRE LUIS DA GRÃ**

Depois sendo informado ao Padre Miguel de Torres, visitador da Província de Portugal, da falta que havia nestas partes de pessoas da Companhia, para as muitas ocupações que tinham, e novas empresas da conversão a que era necessário acudir, declarou por Superior da terceira Missão, ao Padre Luis da Grã, que fora reitor do Colégio de Coimbra, e nestas partes do Brasil foi o segundo provincial.

Deram-lhe por companheiros dois padres e quatro irmãos: os Padres Brás Lourenço e Ambrósio Pires, os irmãos Gregório Serrão, João Gonçalves, Antonio Bláques, e José de Anchieta, que era o mais moço de todos. Partiram de Lisboa a oito de maio de mil quinhentos e cinqüenta e três anos, chegaram à Bahia aos treze de julho do mesmo ano, em companhia do segundo Governador Geral, Dom Duarte da Costa, que os tratou na viagem com muita benignidade e respeito.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **CAPÍTULO QUATRO. DA ENTRADA DO PADRE JOSÉ NA COMPANHIA E VINDA AO BRASIL**

### **O PADRE JOSÉ ENTRA NA COMPANHIA**

**Nasceu o Padre José de Anchieta, na Ilha de Tenerife, uma das que chamam Canárias, no ano de mil quinhentos e trinta e três; (engana-se Pero Rodrigues: Anchieta, de acordo com a certidão de seu batismo, nasceu a 19 de março de 1543) seu pai era biscainho, e a mãe dos naturais da terra, pessoas tementes a Deus, de família nobre e principal naquela ilha, onde aprendeu a ler e escrever e os princípios de latim.**

**Foi mandado aos estudos de Coimbra com um seu irmão mais velho, aonde em breve tempo, dando mostras de sua rara habilidade e felicíssima memória, veio a ser dos melhores estudantes da primeira classe, em prosa e em verso, em que era muito fácil; ouviu dialética e parte de filosofia.**

**Neste tempo, juntamente com as letras, começou também a mostrar sua inclinação à virtude, branda condição e modéstia, edificando com seu exemplo a todos os com que tratava. E Deus Nosso Senhor começou por sua parte, a plantar em sua alma as virtudes, das quais, crescendo depois com a divina graça, haviam os fiéis e gentios de recolher muito fruto espiritual, como a experiência mostrou.**

**A primeira destas plantas foi um eficaz desejo da pureza d'alma e corpo, com aborrecimento de todos os vícios, e em particular dos torpes e desonestos. Em sinal do qual desejo, estando um dia na Sé de Coimbra, de joelhos diante de um altar, em que estava uma imagem de vulto de Nossa Senhora, fez voto de perpétua virgindade, em que Deus Nosso Senhor o conservou por toda vida.**

**Outro desejo teve também muito grande, de assegurar mais o partido de sua salvação; para este fim se determinou entrar em alguma religião. Pediu a Companhia, e por suas boas partes, foi nela recebido sendo de dezessete anos de idade. Nos primeiros anos que esteve em Portugal que foram três, foi sempre um vivo exemplo de virtude, especialmente de devoção, humildade e**



**obediência.**

## **VEM AO BRASIL**

**Sua vinda a estas partes se azou (de “azo” o verbo “azar”, que não consta dos dicionários. Sentido: “ensejar, “possibilitar”, “ocasionar”) desta maneira. Sucedeu cair em uma grave enfermidade, em que foi curado com a caridade e diligência que a Companhia em toda parte costuma; mas o doente não alcançava perfeita saúde, pelo que andava mui desconsolado, cuidando que não tinha forças para continuar com os ministérios da Companhia, mas acudiu Nosso Senhor desta maneira:**

**Encontrou-o o padre mestre Simão, e chamando-o, disse:**

**- “Vinde cá, José; como estais?”**

**- “Mal estou”, respondeu ele.**

**Acudiu o padre:**

**- “Não tomeis pena por essa má disposição, que assim vos quer Deus”. Com esta palavra se aquietou e consolou muito.**

**Depois, por conselho dos médicos, pareceu ao superior mandá-lo a esta terra de que havia fama ser mais sadia por causa dos mantimentos leves e dos ares mais benignos. E na verdade assim é, porque os mantimentos ainda que não põem tantas forças, não são de tanta resistência ao calor natural, como os de Europa; e os ares são mais temperados, em frio e quentura, que os de outras regiões, sem embargo de estar esta dentro da zona tórrida, e passar o sol duas vezes no ano por cima das cabeças dos moradores, uma quando vai para o sul, e outra quando dá a volta; o que nesta Bahia de Todos os Santos acontece, aos vinte e oito de outubro, a ida do sol para baixo, e aos quatorze de fevereiro a tornada. Porém acudiu a Divina Providência com chuvas e virações que temperam estas calmas. Por esta ocasião, embarcado o Irmão José para estas partes, entrando no mar, sentiu logo em sua disposição mais alento e melhoria, como natural de ilha. No navio aceitou a ocupação, que dizia mais com o desejo de humildade, e teve a cargo a dispensa,**

**cozinha e fogão, servindo aos Nossos com muita caridade.**

**E desta maneira transplantou Deus Nosso Senhor esta frutosa planta das Canárias ao Brasil, sendo de vinte anos. E daí a pouco tempo foi enviado deste Colégio (da Bahia) para a casa de São Vicente, aonde estava o Padre Manuel da Nóbrega.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **CAPÍTULO QUINTO. COMO LEU LATIM E FEZ A ARTE DA LÍNGUA BRASÍLICA E A DOS MAROMOMIS**

A maior parte dos da Companhia que naquele tempo viviam no Brasil estavam na casa e Capitania de São Vicente, ocupados no serviço espiritual dos próximos, e muitos mais no cuidado de sua perfeição, sem outro estudo nenhum, por falta de mestre. O padre Provincial com seu santo zelo, e práticas espirituais os trazia a todos abrasados em fervor de devoção, mortificação e mais virtudes, sendo ele em todas um vivo exemplo, que os mais trabalhavam seguir e imitar. E com isto os quis Nosso Senhor exercitar e dispor para que as letras depois fizessem neles melhor assento.

Chegando o irmão José, o padre Provincial o recebeu com muito amor e gasalhado pela notícia que já tinha de sua muita virtude e grandes partes, e se ajudou muito dele em suas santas ocupações, em especial depois que soube a língua, e lhe servia de intérprete com o gentio.

### **FAZ A ARTE DA LÍNGUA**

Encarregou-lhe logo a escola de gramática, e foi o primeiro que leu latim nestas partes, e pouco depois na Bahia começou a ler latim o Irmão Antonio Blásquez. Tinha o Irmão José na sua escola alguns dos nossos e muitos moços filhos dos portugueses; continuou esta ocupação por alguns anos, na vila de São Paulo, chamada pelo nome de terra Piratininga, com muito proveito dos estudantes, e merecimento seu. Porque além da modéstia do ler, tomava ele outra bem pesada, de suprir com sua pena, a falta de artes latinas, por onde os discípulos aprendessem.

E como quer que as ocupações lhe não davam lugar para o fazer de dia, era-lhe necessário ajudar-se das noites, cortando de ordinário pelas horas do sono, e passando muitas delas inteiras sem dormir, escrevendo até a manhã. Por tudo isso passava o bem irmão com muita paciência e rosto alegre, por ver que com estes seus trabalhos se começavam de criar obreiros idôneos para a conversão de tantas almas.

Entre estas ocupações e outras muitas, em que o padre

**Provincial Manuel da Nóbrega se aproveitava de sua diligência, indústria e conselho, começou a aprender a língua da terra e tão de propósito se deu a ela, além da facilidade que Deus lhe tinha comunicado para línguas, que não somente chegou a entendê-la e a falá-la com perfeição, mas também a compor a Arte dela, em espaço brevíssimo de seis meses, segundo daí a muitos anos ele mesmo disse a um padre.**

**Esta Arte, pelo tempo em diante, sendo por ele e por outros padres línguas, examinada e aperfeiçoada, se imprimiu em Portugal e é o instrumento principal de que se ajudam os nossos padres e irmãos, que se ocupam na conversão da gentildade, que há por toda a costa do Brasil.**

**Esta língua é a geral, começando acima do Rio do Maranhão e correndo por todo o distrito da Coroa de Portugal, até o Paraguai, e outras Províncias sujeitas à Coroa de Castella. Aqui entram os pitiguares até Pernambuco, os tupinambás da Bahia, os tupiniquins e tumininós da Capitania do Espírito Santo e os tamoios do Rio de Janeiro e muitas outras nações, a quem serve a mesma língua com pouca mudança de palavras. Desta Arte há no Colégio da Bahia lição em casa, para os que de novo começam aprender a língua. Trasladou mais o Irmão José o Catecismo, deu princípio ao Vocabulário, fez a Doutrina e Diálogo das coisas da fé, e a Instrução das perguntas para confessar, e a que serve para ajudar a bem morrer.**

**E com este bom exemplo meteu fervor e emulação aos nossos, para irem por diante no desejo da salvação do gentio, como sempre foram com a divina graça, por toda esta costa, assim nas cidades e vilas em que os nossos residem, que são oito, como nas aldeias em que estão de assento, que são dez, além de outras muitas que têm a cargo, por visita, e também as missões que fazem ao sertão, para trazerem gentio para as Igrejas, quando são enviados por seus superiores.**

## **MAROMOMIS**

**Não cessou com a idade o santo zelo que tinha de procurar, por todas as vias a conversão do gentio; antes daí a muitos anos, sendo superior da casa de São Vicente, ajudou a fazer a arte da língua dos maromomis, (no original são várias as grafias deste**

apelativo. Fixar-nos-emos nesta maromomis, de acordo com a fixação estabelecida em Latim, antigos missionários da Companhia) dos quais, para dar alguma notícia, me ajudarei do que o mesmo Padre José escreve, no livro que fez da Vida dos primeiros padres desta Província, capítulo quarenta e três. “Além dos índios que moram pela costa do Brasil, há pelo sertão adentro muitas outras nações de diferentes línguas, com as quais os que têm comércio com os portugueses trazem contínua guerra e lhes chamam tapuias, como quem diz selvagens. Entre estes há uns chamados maromomis, que são muitos; mas a maior força deles vive pelos matos e serras da capitania de São Vicente, obra de duzentas léguas pelo sertão adentro, e obra de outro tanto até a capitania do Espírito Santo. A língua é fácil de aprender a quem sabe a geral da costa. São amigos dos portugueses, e ordinariamente não têm mais que uma mulher; não curam de criações, porque vivem pela flecha da caça do mato. E quando ao comer carne humana passa o que direi: geral fama ou infâmia é do gentio do Brasil, que come carne humana, mas isto não fazem os que têm trato com os portugueses, ainda que gentios, nem usam as nações que têm pazes umas com outras, mas somente com seus contrários, que tomam em guerra, como por honra e bárbara vingança. E não por mantimento ordinário, cortada em açougue, como se diz de alguma gente de Guiné, nem sacrificando primeiro os homens a seus ídolo e depois comendo-os, como usavam os bárbaros motaçumas, antigos reis do México (trata-se de Montezuma e sua dinastia. As Canárias constituíram elo da navegação espanhola para o México. Aí, donde saiu Anchieta para Coimbra em 1548, bem se conhecia o México a recente história de sua conquista por Fernão Cortez). Porém os maromomis nem ainda com este título de vingança, nem com outro, comem a seus contrários, antes se honram e prezam de serem nisso particulares. Desceram uns poucos destes da serra à barra de São Vicente, chamada Bertioga; acudiu logo a os agasalhar o Capitão da Vila. Veio também com ele o Padre José, que então era Superior e por seu companheiro, o Padre Manuel Viegas, e em quinze dias que ali esteve, por meio de uma escrava, intérprete, fez o padre um pedaço de vocabulário e também o princípio da arte, mas como por ocupação do cargo, e outras que lhe sobrevieram, não podia ali assistir, deixou o negócio ao Padre Manuel Viegas, que tomou esta nova empresa tão de propósito e começou a tratar este gentio com tanto amor e zelo, que apreço que não cuidava nem tratava de outra coisa.

**Andava em busca deles para os ajuntar e ensinar, por serras, campos, vales e praias; levava à casa os filhos deles pequenos, para que aprendendo a língua geral, depois lhe servissem de intérpretes. Venceu muitas dificuldades, sofreu muitas contradições, e incomodidades nesta santa obra, por lhe dizerem que trabalhava debalde, por ser gente que anda sempre inquieta, nem se ajuntar em aldeias.**

**Mas a tudo resistia prosseguindo seu intento; e entretanto não fazia senão batizar e mandar à glória muitos inocentes que morriam batizados, e alguns adultos que batizava in extremis. E pouco a pouco com sua paciência e continuação, sem nunca se enfadar de os tratar, acabou com eles, depois de muito tempo e trabalho, que fizessem assento em alguns lugares da mesma capitania.**

**E da mesma maneira vindo ao Rio de Janeiro, daí há muitos anos, fez com eles se ajuntassem em outro lugar, junto à aldeia de São Barnabé, onde estão quietos, fazendo suas roças ou lavouras de legumes e mantimento da terra, a seu modo, onde tem deles cuidado o Irmão Pero de Gouveia, de nação alemã, e de muita facilidade para aprender estas línguas, no que faz muito serviço a Deus há muitos anos.**

**O Padre Manuel Viegas trasladou nesta nova língua, a doutrina que estava feita para os índios da costa, fez vocabulário muito copioso, e ajudou ao Padre José a compor a arte da gramática, com que facilmente se aprende, e com isto vai por diante a conversão e salvação destes pobres”. (o trecho que colocamos entres aspas é de estilo nitidamente anchietano. Contém afirmação que contraria a opinião de Rodrigues, a respeito de quem é autor principal da gramática dos maromomis. Cita o nome do Ir. Pero de Gouveia, que depois veio a sair da Companhia. É de Anchieta, sem dúvida).**

---

▪ [Anterior](#)

▪ [Índice](#)

▪ [Posterior](#)



## **CAPÍTULO SEXTO. DA FORTALEZA DOS FRANCESES NO RIO DE JANEIRO E GUERRA DO GENTIO TAMOIO, CONTRA OS PORTUGUESES NA CAPITANIA DE SÃO VICENTE**

o Rio de Janeiro está no cabo da zona tórrida, da banda do sul, em vinte e três graus de baixo do trópico de Capricórnio, pelo que participa mais do frio, que todas as outras terras que na costa do Brasil são habitadas.

A baía é grande, cheia de muitos ilhotes; tem em sua comarca pau-brasil e muitos engenhos de açúcar, e terras para criações e mantimentos, e mostras de minas e metais em que os homens confiam. A barra é tão estreita que uma meia espera (termo obsoleto: peça de artilharia) alcança a outra banda; tem seis fortes: dois na entrada, e quatro que cercam a cidade. Tem mais hoje outras quatro fortalezas, que são quatro mosteiros de religiosos de não menos importância: São Bento, Nossa Senhora do Carmo, São Francisco e o nosso Colégio, em que se lê uma classe de ler e escrever, outra de Latim, e a terceira de casos de consciência, quando há ouvintes, além de se exercitarem os mais ministérios, que na Companhia se costumam, de pregar, confessar e doutrinar os escravos e índios. Foi esta terra a mais trabalhosa de conquistar e aquietar que houve em todo o Estado, como se verá na presente relação, que foi tirado, no principal, do livro do Padre José pouco antes alegado, do capítulo vinte e dois por diante.

### **NICOLAU DE VILLEGAINON**

Reinando em Portugal El-Rei dom Sebastião, e governando o Reino, sua avó, a Rainha dona Catarina, por não ter El-Rei idade, pelos anos de mil quinhentos e cinqüenta e seis (fins do ano de 1555), veio de França uma capitão, com grossa armada, e ganhando a vontade dos naturais com dádivas e bom tratamento, foi deles ajudado a fundar uma fortaleza, com sua cisterna e duas casas, de que uma servia de pólvora, tudo feito na piçarra ao picão, em uma ilha pequena dentro da baía, com boa artilharia e presídio de soldados. Chamava-se este Capitão Nicolau Villegainon.

E os naturais, moradores daquelas costa eram os tamoios,

**gentio, feroz e guerreiro que povoava desde o Cabo Frio até abaixo do Rio de Janeiro.**

**Tiveram estes comércio e boa correspondência com os portugueses que moravam na Capitania de São Vicente, que está quarenta léguas abaixo do Rio, porém sendo deles injustamente salteados e cativos algumas vezes, facilmente fizeram amizade com os franceses, que, ajudando aos tamoios com armas e ardis, e valendo-se da multidão deles, à sombra da nova fortaleza começaram a molestar e perseguir a Capitania de São Vicente com dois gêneros de guerra: uma de armas contra a vida corporal, outra de heresias contra a vida da alma, e de maior perigo. E desta diremos primeiro.**

### **JOÃO DE BOLÉS, CALVINISTA**

**Posto que este capitão era católico, e comendador de Malta, contudo muitos dos seus eram hereges calvinistas; e entre eles João de Bolés, ao qual o seu general castigou por esta causa, o herege com outros três fugiu para São Vicente.**

**Era ele bom humanista latino e grego, e tocava de hebraico, muito visto na Sagrada escritura, mas entendia conforme a perversa interpretação dos hereges. Começou logo, meio em segredo e meio em público, a falar com pessoas ignorantes, desfazendo na santidade e uso dos sacramentos e das imagens, e na autoridade das Bulas, indulgências e do Sumo Pontífice; e como falava bem espanhol, e entremetia suas graças, com o gosto de conversação ia também lavrando o veneno de sua péssima doutrina, de modo que já tinha ganho com o vulgo ignorante, e teve nome de grande sábio. Quis Deus que se achasse naquela comarca o Padre Luiz da Grã, na sua casa de São Paulo, o qual sabendo o que passava, acudiu logo às vilas de Santos e São Vicente, e começou assim com pregações e disputas públicas, como em práticas particulares, avisar a todos se guardassem do herege, com que o povo tornou em si e o inimigo se recolheu. O qual vindo um dia a visitar o padre à outra vila, achou-o que estava para subir ao púlpito; e o padre em o vendo, subitamente mudou a pregação, acomodando-a ao novo ouvinte, como se toda a semana estudara para aquele fim. Depois praticou familiarmente com ele, e achou que se lhe mostrava em tudo católico, porém sabendo por outra parte que a peçonha ia lavrando e tomando mais forças, fez com a justiça**



**eclesiástica o mandasse preso à cidade da Bahia, como mandou, e desta maneira se apagou este fogo da Capitania de São Vicente.**

## **CANOAS DE GUERRA**

**A guerra temporal continuavam os tamoios em suas canoas de guerra. Das quais é bem digamos aqui uma palavra.**

**Canoa de guerra é uma embarcação muito ligeira toda de um pau, cavado por dentro, de cinco até sete palmas de boca, e de um comprimento de sessenta até oitenta palmos; as ordinárias levam até quarenta remeiros; remam em pé com remos de pá e cada um leva seu arco, e seu massarão de flechas, com que pelejam quando é tempo, e se amparam com os remos, além de outros índios que vão na proa e popa, e alguns pelo meio, com suas espingardas; e assim são muito temidos dos inimigos, porque acometem qualquer lancha e navio que não andam muito longe de terra.**

**Com estas canoas, como digo, salteavam os inimigos da Capitania de São Vicente, levando homens, mulheres, escravos e crianças que estavam pelas fazendas descuidados do perigo; a uns matavam, a outros levavam para os matarem nas aldeias em suas cruéis e bárbaras festas.**

## **CASTIGO DE DEUS**

**Sucedeu que uma vez tomaram dois índios, pai e filho. E os levaram vivos para os comerem, em terreiro. Rogou-lhe o pai os não matassem, dando por razão que eram dos padres que falavam as coisas de Deus, e os havia de consumir. Zombaram disso os pérfidos bárbaros, e os mataram e comeram; mas não tardou muito o castigo do céu, porque entrou a mortandade com eles, começando pelo seu capitão, de modo que, brevemente, se consumiu toda esta aldeia e se despovoou aquela parte do sertão.**

**Serviu esta guerra dos bárbaros para muitas pessoas se chegarem mais a Deus, e freqüentarem mais os sacramentos, em especial mulheres casadas, que andavam com muito fervor continuando a doutrina, confessando-se e comungando cada**

oito dias. E assim quis Deus Nosso Senhor, mostrar em algumas delas os afetos de sua graça, dando-lhes forças para darem as vidas pela guarda da castidade.

## DUAS MULHERES MORREM PELA CASTIDADE

Uma destas era viúva, a qual depois de se confessar, um domingo, indo-se para a fazenda, disse a suas amigas: os tamoios me hão de tomar, mas eu me não hei-de deixar viva.., porque não usem comigo como com outras. Daí a dois ou três dias dão os contrários em sua casa, e embarcando a muitos cativos em suas canoas, esta mulher lhes resistiu tão valorosamente que, por mais que fizeram, nunca a puderam meter viva nas canoas, e assim a deixaram ali morta com muitas feridas.

Outra moça casada, e assinalada em virtude entre todas, mui contínua nas pregações e freqüência dos sacramentos, depois de comungar um domingo, disse a suas parentas, indo-se para sua fazenda: os tamoios me levarão em suas canoas, e passarei brandando por tal parte, e ninguém me acudirá; e assim foi que vieram e levaram-na com outras pessoas, como tinha dito, sem nenhum remédio.

O tamoio que a levava a entregou a seu pai, e ela, posto que sabia que, se consentisse, teria vida, contudo resistiu varonilmente a esta maldade. E ainda que importunada por muito tempo pelo bárbaro, e aconselhada de outras, todavia ajudada com a Divina Graça, esteve sempre constante em seu santo propósito e firme resolução; e assim a mataram, querendo ela antes perder a vida que a castidade, e pôr em risco a salvação.

---

▪ [\*Anterior\*](#)

▪ [\*Índice\*](#)

▪ [\*Posterior\*](#)



## **CAPÍTULO SÉTIMO. VAI O PADRE MANUEL DA NÓBREGA COM O IRMÃO JOSÉ A FAZER AS PAZES COM OS CONTRÁRIOS**

Tinha o Padre Manuel da Nóbrega largado o cargo de Provincial, ao Padre Luís da Grã, por ordem do nosso muito Rdo. Padre geral Diogo Laínes, e por ordem do padre provincial era superior das casas de São Vicente, pelos anos de mil quinhentos e sessenta e três. O qual considerando como Deus ajudava os tamoios contra os portugueses, entendeu ser justo castigo da Divina mão, pelas muitas sem-razões que homens de pouca consciência tinham feitas contra eles, de mortes e injustos cativeiros; assim lhes pregavam muitas vezes, que enquanto os contrários não perdessem o direito da justiça, que contra nós tinham, não havíamos de levar o melhor deles. E por outra parte trabalhava com meios espirituais, de orações e penitências, aplacar a ira de Divina, nem cessava de pedir a Deus desse remédio a tantos males.

Mais de dois anos andou neste requerimento, e o Senhor lhe dava a sentir intentasse ir a suas terras a fazer pazes com eles. Comunicou este meio com os da governança da vila, e a todos pareceu coisa do céu e de muito serviço de Deus, e último remédio para a Capitania, porque apertados do inimigo tratavam já de despejar a terra.

A conta que o padre fez era esta: se os inimigos aceitarem as pazes tudo se aquietará, e quando as não aceitem, ao menos ficará nossa causa justificada diante de Deus, os cristãos edificados de verem como arriscamos as vidas por seu remédio, e os mesmos contrários, com nossa estada, sempre tomarão alguma notícia das coisas de sua salvação, o que tudo resultará em glória de Deus Nosso Senhor.

Com esta resolução se partiu o Padre Manuel da Nóbrega, com seu fiel companheiro, o Irmão José, e outro homem por nome Antonio Luís, para a terra dos tamoios, que era de São Vicente para a banda do Rio de Janeiro vinte e sete léguas..

Levou-os no seu navio um homem de muito respeito e virtude, e grande amigo dos padres, por nome José Adorno, da

nacionalidade italiana, da principal nobreza de Gênova, tio do nosso Padre Francisco Adorno , o qual estudou o curso das artes e teologia no Colégio de Coimbra, e depois veio a ser provincial da Província de Gênova. Por este tempo tinham os contrários feito mais de duzentas canoas de guerra, para cometerem por diversas os moradores de São Vicente, e continuarem os assaltos, uns indo e outros vindo, até os acabarem.

Porém atalhou Deus Nosso Senhor a estes males com a jornada dos padres, que se puseram por rodela a todos os combates, porque sabendo os inimigos do Rio de Janeiro que vieram os portugueses à sua fronteira, fizeram prestes suas canoas para os virem matar, e ganhar entre os seus a honra desta vitória..

Mas pela bondade Divina, em vendo a venerável presença do Padre Manuel da Nóbrega, e ouvindo a suave prática do Irmão José, logo se amansaram os bravos corações, e diziam uns para os outros: tais homens como estes são espias, bem nos podemos fiar deles. Entre outros veio um principal muito soberbo, (Simbiré é o nome deste principal) com muita gente em dez canoas, com o intento que digo, e falando fingidamente nas pazes metia por condição que lhe dessem três principais que contra eles ajudaram a defender os portugueses e índios cristãos, em um assalto que foram dar na vila de São Paulo. Resistiu-lhe o padre com boas razões; mas como não era capaz delas, foi-se agravando e tanto que faltou pouco para matar aos padres, que não estavam menos aparelhados para darem a vida por causa tão justa, como era não consentirem que fossem mortos homens inocentes, amigos e defensores nossos. E assim escreveu o padre ao capitão de São Vicente e a toda a terra, que tal não consentissem, ainda que soubessem de certo que haviam de matar e comer a ele e a seu companheiro, porque isto era o que lá foram buscar. Mas tudo converteu Deus Nosso Senhor em bem, porque o índio feroz entrou em São Vicente de paz, e foi mui tratado dos portugueses, e tornou-se contente para sua terra.

## **FALAM OS ÍNDIOS COM O PADRE SOBRE A CASTIDADE PRÁTICA DE UM ÍNDIO VELHO**

Os índios daquela aldeia se ajuntaram em casa do hóspede dos padres, que era um velho mui respeitado dos outros, (chamava-

se Pindobuçu o hospedeiro dos padres) e tratavam os padres assim das pazes como de sua maneira de viver, perguntando por tudo muito miudamente.

E posto que com as razões que lhes davam em suas perguntas, em todas as matérias se davam por satisfeitos, só na matéria da pureza não podiam tomar pé seus brutos entendimentos, nem cuidar que havia pessoas que guardassem a castidade; ofereciam suas parentas, conforme a seu costume, como em confirmação das pazes, mas vendo a diferente maneira da vida dos padres, mostravam grande espanto, e cobravam muito crédito de sua virtude.

É ainda neste particular incrédulos, chegaram uma vez a lhe perguntar pelos pensamentos e desejos, dizendo assim:

“Nem quando as vedes as desejais?”

Ao que respondeu o Padre Manuel da Nóbrega, mostrando umas disciplinas: “Quando nos salteiam tais pensamentos acudimos com esta mezinha”. De que ficaram muito mais espantados, cobrando maior respeito aos padres. Pregava o velho, aos que vinham do Rio e de outras partes, com intento de matar os padres, dizendo que aqueles padres eram amados de Deus, e se alguém os agravasse logo havia de vir sobre eles a morte, com que os maus entravam em si, e deixavam o mau propósito que traziam de os matar, e aos mesmos padres dizia: “rogai a Deus por mim, pois vedes que eu vos defendo”. E não foi em balde sua petição, porque daí há muitos anos o trouxe Deus a viver entre os fiéis, foi batizado e morreu cristão. Quanto às pazes dizia este mesmo índio: “Antigamente fomos muito amigos dos portugueses, mas eles tiveram toda a culpa de nossas guerras, porque nos começaram a saltar e tratar mal, pelo que, ainda que os de sua parte eram muitos, Deus nos ajudou, por saber que éramos injustamente maltratados”.

O padre lhe respondia: “e porque eu sei que Deus está irado contra os meus, pelos males que vos têm feito, vim cá a fazer as pazes com vós outros, para amansar a Deus, e fazer que perdoe aos meus, os quais de sua parte não hão de quebrar as pazes, que por isso pus eu agora minha vida em perigo; mas se vós outros as quebrais, entendei que a ira de Deus se há- de virar

contra vós, e haveis de ser destruídos de todo”.

Isto lhe dizia o padre não por ameaças e feros, (Feros, palavra obsoleta que significa o que hoje se chama bravatas) mas com tanta certeza, que parecia ter-lhe Deus revelado; porque estes tambois daquela comarca nunca quebraram as pazes, e seus parentes do Rio de Janeiro e Cabo Frio, que as quebraram, de todo são acabados com guerras que lhes deram, assim o Governador Geral Mem de Sá, por duas vezes, como os governadores particulares da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, tirando uns poucos que se fizeram cristãos. E assim se cumpriu a profecia do padre Manuel da Nóbrega, o qual esteve ali com o Irmão José cerca de dois meses, dizendo cada dia missa de madrugada; e aos índios que a vinham ver, dava o irmão razão de algumas coisas conforme sua capacidade deles.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **CAPÍTULO OITAVO. DE COMO O PADRE MANUEL DA NÓBREGA DEIXA SÓ EM REFÉNS AO IRMÃO JOSÉ, E SE CONCLUEM AS PAZES**

Sucedeu que outros índios da mesma nação deram na torre chamada da Bertioga, situada em uma das barras da ilha de São Vicente, e pondo logo fogo às portas, a entraram, e mataram a um homem com sua mulher, e destruíram toda a família, matando e levando os que quiseram.

Na mesma noite que isto aconteceu, o revelou Deus ao Irmão José, que estava em oração quase toda a noite, como costumava. E logo o disse ao padre diante de Antonio Luís, que depois o referiu em seu testemunho.

Pedi mais o Irmão José ao padre se tornasse para São Vicente, a consolar a gente, e continuar com seu cargo, que ele lhe ficaria em reféns, porque de outra maneira não queriam os contrários, deixar ir o padre.

Aceitou o Padre Manuel da Nóbrega o conselho, e chegando a São Vicente soube serem verdadeiras três coisas que o Irmão José lhe tinha dito, entre os tamoios, em vinte e sete léguas de distância: da morte da gente, e cativo da Bertioga, e como um homem conhecido era morto de um desastre, por passar um carro por cima dele, e que havia de chegar àquele porto um navio, como de fato chegou dali a cinco dias, do que deram os homens muitas graças a Deus, e tiveram ao Irmão José em maior reputação, como estas obras mais que humanas mereciam.

Partido o padre durou o cativo do Irmão José mais três meses em que esteve só por não ser possível outra coisa, e o padre conhecer bem a virtude de quem tanto confiava. Ocupava-se em fazer práticas àquela fera gente, de coisas de sua salvação, e com isto, e com seu exemplo, e de sua santa vida, muitos fizeram tal conceito das coisas da fé que bem puderam ser batizados, se estiveram em parte mais segura, para não se arriscarem a tornar strás. Tinham-lhe os bárbaros grande respeito, por dizerem que o irmão falava com Deus e também porque os curava em suas enfermidades.

**O demônio que não dorme e nem perde ocasião para tentar aos servos de Deus sofria mal ver a uma mancebo metido nas chamas da Babilônia, e não se lhe chamuscar nem um cabelo, porém o soldado espiritual não largava as armas próprias daquela batalha, oração e jejum.**

**Na oração e familiaridade com Deus foi sempre muito contínuo, e em especial no tempo de tão evidente perigo, ajudando-se da disciplina e aflição da carne, tendo-a por principal remédio para toda a doença espiritual, e principalmente para esta tão contínua e importuna. Sobretudo se ajudava da intercessão da Virgem Senhora, de quem sempre foi mui devoto, e em especial de sua puríssima conceição.**

### **DESENTERRA E BATIZA UMA CRIANÇA**

**Temperou Deus Nosso Senhor este seu voluntário cativo, com muitas consolações que fez a seu servo, umas interiores em seu espírito e outras exteriores que se deixam ver de fora. Por muito certo temos comunicar Deus ao Irmão José muito gosto dalma em todo este tempo, porque o costuma fazer com todos os que, por seu amor e bem das almas, põem a risco suas vidas, porém deste não podemos dar fé, por ser das portas adentro, entre Deus e a alma pura a quem sua divina bondade se comunica.**

**Das outras consolações exteriores, em que um servo de Deus vê que o toma o mesmo Senhor por instrumento para salvar alguma alma, apontarei duas. Uma menina nasceu quase morta, e batizando-a tornou de todo em si, mas depois de alguns dias se foi ao céu. Ouviu acaso falar umas índias, que uma velha enterrara viva uma criança, neto seu, por não ser de legítimo matrimônio, (à criança, considerada ilegítima, davam o nome de marabá) que também a seu modo, entre estas há aborrecimento ao adultério, que com seu fraco lume da razão o aborrecem; mas como cegos castigam com rigorosa pena a quem não teve culpa no malefício.**

**Ouvindo, este caso, como digo, perguntou pelo lugar e foi-o desenterrar; e com haver mais de meia hora que assim estava, o achou ainda vivo e o batizou e fez com algumas índias lhe dessem de mamar, com que viveu algumas semanas e se foi ao**



**céu, para aquele Senhor que o guardou com vida na cova, e o tinha predestinado para tanto bem. Com estes e outros bons sucessos, aliviou Deus o cativo do Irmão José, e sobretudo quando, no fim dos três meses que esteve só, além dos dois da companhia do Padre Manuel da Nóbrega, alcançou o que pretendia, que era concluir as pazes com os contrários, como pela bondade de Deus concluiu.**

**Eles mesmos o levaram em uma canoa a São Vicente, donde foram mui bem agasalhados, e desta maneira o Irmão José com sua presença de extraordinária alegria não só ao Padre Manuel da Nóbrega, e aos mais padres da casa, mas também a toda a Capitania, por ficarem todos com esta obra mui obrigados.**

**E os tamoios dali por diante entravam na Capitania, sem fazer mal algum.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **CAPÍTULO NONO. COMPÕE O PADRE JOSÉ A VIDA DE NOSSA SENHORA EM VERSO E OUTRAS OBRAS**

Para o Irmão José compor a vida de Nossa Senhora, em verso, teve esta ocasião. Tanto que se viu metido naquele cativoiro, ainda que voluntário, antevendo os perigos que o haviam de cercar, tomou por veladora à Virgem mãe de Deus, de quem era muito devoto, e prometeu de lhe compor sua vida, para que o livrasse no corpo e alma de todo o perigo de pecado, que quanto aos perigos da vida corporal bem pouco os temia, quem pedia a Deus lhe fizesse a mercê que acabasse ali a vida de tormentos por seu amor.

Cumpriu seus votos discorrendo por todos os passos da Senhora desde sua puríssima conceição, até à gloriosa coroação no céu, tudo em verso elegiaco, tocando as figuras e as profecias de cada mistério com muita graça e devoção. E tais eram todas as obras que compunha.

O modo de compor era este: depois de cumprir com Deus em muitas horas de oração de dia e de noite, e também com a obrigação de ensinar a doutrina a seus amigos, e lavrar com a palavra divina aquelas duras pedras, ia-se à praia passear, e ali, sem livro nenhum de que se pudesse ajudar, nem tinta nem papel, andava compondo a obra, valendo-se somente de sua rara habilidade e memória extraordinária, e sobretudo do favor da Senhora, por cuja honra tomara aquela devota empresa.

E desta maneira compôs a obra toda, e a encomendou ou fechou no cofre da memória, para daí a alguns meses, depois de sair de cativo, a desenrolar e escrever, como escreveu, na nossa casa de São Vicente. Tem esta obra dois mil oitocentos sessenta e seis dísticos, que fazem cinco mil setecentos e trinta e dois versos (com as Pices laudes, publicadas em conjunto, somam os versos 5.902. Sem elas, 5.786).

Confirmam três graves testemunhos, esta história. O primeiro de mais momento, é o do mesmo autor que, depois de escrever a obra, fez a epístola dedicatória à mesma Senhora, dizendo que ali lhe oferecia a obra que lhe prometera escrever, estando cercado das armas dos inimigos Tamoios, e tratando com eles o

**negócio de paz desarmada. Confessa também que com seu maternal amor, fora sempre amparado de maneira que não perigou a pureza de sua alma nem do corpo. E acrescenta que muitas vezes pediu a Deus lhe concedesse acabar a vida com tormentos por seu amor, mas que não foi ouvido, porque a glória do martírio guarda Deus para seus grandes santos e especiais amigos.**

**Este é o sentido dos seus versos que se seguem:**

***En tibi quae  
vovi, Mater  
sanctissima,  
quondam***

***Carmina,  
cum saevo  
cingerer  
hoste latus.***

***Dum mea  
Tamuyas  
proesentia  
mitigat  
hostes***

***Tractoque  
tranquillum  
pacis  
inermis  
opus.***

***Hic tua  
materno me  
gratia fovit  
amore,***

***Te corpus  
tutum  
mensque  
tegente fuit.***

*Saepius  
optavi,  
Domino  
inspirante,  
dolores*

*Duraque  
cum saevo  
funere  
vincla pati.*

*At sun  
passa  
tamen  
meritam  
mea vota  
repulsam,*

*Scilicet  
Heroas  
gloria tanta  
deceat.*

## **CONSELHO CONTRA A GUERRA DOS MAUS PENSAMENTOS**

O segundo testemunho é de um padre que se queixava ao Padre José que era perseguido de importunos e feios pensamentos, e pedia-lhe o encomendasse a Deus que o livrasse de tão tentação. O padre lhe respondeu, dizendo; “não é boa esta petição; não peçais a Deus que vos tire a guerra, porque disso tem ele cuidado, e sabe o que há-de fazer por vós, e em que ocasiões nos há-de meter. Mas pedi-lhe que vos ajude, porque esta petição lhe é mui agradável, e ainda nesta vida dá o prêmio”.

E acrescentou mais, falando de si (como se deixa ver): “como aconteceu, ao que no meio de assaz forçosa e contínua ocasião, com ajuda do Filho e da Mãe, não somente não caiu, mas antes foi certificado de ambos, que nunca mais semelhantes ocasiões lhe seriam causa de caída”. E bem se vê que fala deste tempo de seu cativo. E daí a três dias chamou ao mesmo padre e lhe

**disse: “não tereis mais tais imaginações, mas não afrouxeis nunca na cautela necessária”. O que este padre depois sempre experimentou em si, da maneira que lhe dissera o Padre José.**

**O terceiro testemunho é este: dali a muitos anos contou o Padre José a um religioso nosso este seu cativeiro, e como os tamoios determinavam de o matar e comer suas festas, e lhe diziam:**

**“Aparelha-te, José e farta-te de ver o sol, porque tal dia te havemos de matar”. Ao que ele respondia:**

**“Não me haveis de matar, porque não é ainda chagada minha hora”. Acudiu aqui o religioso, a quem o padre contava:**

**“Com que certeza dizia V. R. isso, a esses gentios?”.**

**Respondeu:**

**“Com a certeza da Mãe de Deus, que não queria que eu morresse, sem primeiro lhe escrever a sua vida, que eu tinha já toda composta, passeando pela praia”. Outras muitas obras compôs em diversos tempos, porque tinha para isso muita graça e facilidade, em todas as quatro línguas que sabia, latina, portuguesa e brasílica. Mudava cantigas profanas ao divino, e fazia outras novas, à honra de Deus e dos santos, que se cantavam nas Igrejas e pelas ruas e praças, todas mui devotas com que a gente se edificava, e movia ao temor e amor de Deus.**

## **NUVEM CARREGADA DE ÁGUA SOBRE O TEATRO POR TRÊS HORAS**

**Entre outras muitas, fez uma obra que se representou em diversas partes, com grande aplauso; e a primeira vez que se apresentou, que foi em São Vicente, mostrou Deus com uma evidente maravilha, quanto lhe contentava.**

**E foi desta maneira: desejando o Padre Provincial Manuel da Nóbrega, evitar alguns abusos, que com atos poucos decentes se faziam nas Igrejas, encomendou ao Irmão José, que fizesse uma obra devota, para se representar na véspera da Circuncisão. E como, entre o português, tinha alguns passos na língua da terra, ajuntou a ouvi-la toda a Capitania. Senão quando**

sobre-vém uma grande tempestade, e sobre o teatro se põe uma nuvem negra e temerosa, que despedia de si algumas gotas bem grossas, com que a gente começou a se inquietar e despejar os lugares em estavam. O que vendo o Irmão José assomou a uma janela, e disse: “aquietem-se todos e ninguém se vá, porque não há-de chover até se não acabar a obra”. Tornaram-se a sentar pelo respeito que lhe tinham; fez-se a obra, e a nuvem sempre em cima, muito quieta por espaço de três horas que a obra durou, com muita devoção e lágrimas do auditório. E acabada ela e a gente recolhida em suas casas, começa também a nuvem a dizer seu dito, com tal tormenta de vento e água que a todos pôs espanto, e deu nova matéria de louvar a Deus, e de terem a seu servo em maior reputação.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **CAPÍTULO DÉCIMO. DA VINDA DO TERCEIRO GOVERNADOR GERAL MEM DE SÁ À BAHIA, E DA TOMADA DA FORTALEZA QUE OS FRANCESES TINHAM NO RIO DE JANEIRO**

### **EL-REI D. JOÃO MENCOMENDA A CONVERSÃO DOS GENTIOS - O GOVERNADOR MEM DE SÁ**

Acabando o Governador Geral Dom Duarte da Costa seu tempo, proveu El\_Rei Dom João Terceiro a Mem de Sá, homem letrado, prudente e de grande ânimo, no último ano de sua vida, que foi o de mil quinhentos e cinqüenta e sete.

E estando informando dos graves impedimentos que havia para a conversão, assim da parte dos portugueses, como do mesmo gentio, entre os capítulos do Regimento que lhe deu, para o bem da terra, foi um em que lhe encomendava muito, tudo o que tocava à conversão do gentio.

Começando Mem de Sá, a governar, mandou chamar os principais (que assim chamam aos índios que regem suas aldeias) que moravam ao redor da Bahia. E assentou pazes com eles, metendo por condição, que não haviam de comer carne humana de seus contrários, e que haviam de consentir lhes pregassem os padres o Santo Evangelho e Lei do verdadeiro Deus, o que aceitaram.

Acabou também com eles deixassem algumas aldeias pequenas, e se juntassem em outras grandes, e que fizessem Igrejas para mais comodamente poderem ser ensinados, residindo com eles os padres da Companhia, como até agora se guarda. Ele oferecia com sua presença os batismos gerais que os padres faziam e folgava de ser padrinho de alguns índios de mais nome, e assim como era pontual em fazer que os índios guardassem as condições capituladas, assim, era rigoroso em os defender de quem lhes queria roubar a liberdade, ou molestar suas famílias.

Donde veio, mandar uma vez, com mão armada, a pôr por terra as casas de um homem poderoso que prendera em suas casas uns índios como de feito se houvera de executar se o culpado não .....(ilegível na xerox - pag. 46) Aos

**gentios da comarca de Paraguassu, que molestavam aos índios que estavam nas igrejas, e tinham mortos alguns homens, sem quererem entregar os matadores, confiados em sua ferocidade e multidão, fez guerra tão de propósito, que foi a ela em pessoa, por assim necessário, e matando a muitos deles, e queimando-lhes cento e sessenta aldeias, os sujeitou e fez que pedissem pazes, que lhes concedeu, com eles primeiro edificarem igrejas onde pudessem ser doutrinados dos padres.**

**Até que as injúrias do tempo, doenças gerais e outras ocasiões os consumiram, depois de serem muitas almas mandadas ao céu. Isto quanto ao gentio da Bahia. Entretanto as coisas no Rio de Janeiro estavam no mesmo estado e pior, porque o poder dos franceses calvinistas, ia muito por diante, com naus que vinham de socorro, e com a multidão do gentio tamoio, amigo seu e inimigo dos portugueses, que à sombra da fortaleza nos perseguiram, como já se disse no capítulo sexto; pelo que o governador se determinou a ir conquistar aquela força, que de presente tanto mal fazia, e por tempo podia vir ameaçar a todo o Estado.**

**Levou consigo a armada, que para este fim mandara do Reino a Rainha Dona Catarina, que então governava, e outros navios da costa, com soldados e alguma gente nobre da Bahia e de outras partes, que o quis acompanhar, afora a que viera na armada. Chegou a frota ao Rio de Janeiro no princípio do ano de mil quinhentos e sessenta. Combateu-se a fortaleza que parecia inexpugnável e com a ajuda divina, se rendeu. E para que se visse como isto fora obra de Deus (cujo favor invocaram os fiéis por toda a costa, com sacrifícios e procissões), quando já ia a nosso exército faltando a pólvora para a artilharia, entraram os nossos por uma ponta de ilha, desviada e mui fragosa, e ganhando a casa da pólvora, os inimigos, assim franceses como tamoios largaram tudo e fugiram por uma rocha abaixo, e se puseram em cobro nas canoas; e logo se disse missa na fortaleza in gratiarum actionem, da qual em poder dos calvinistas não havia memória. Não se povoou desta vez o Rio de Janeiro, mas mandou o governador guardar a artilharia, que era muita, e o mais que podia servir aos nossos, e destruída a fortaleza se foi a São Vicente dar ordem às coisas daquela Capitania.**

**E isto feito deu volta para esta Capitania da Bahia a vinte e cinco**



de junho do mesmo ano. Veio com ele o Padre Provincial Luís da Grã, que fazia a doutrina aos portugueses na nau, por toda a viagem, a que acudia também o governador e estava a ela desbarretado dando exemplo aos outros.

Deu logo conta à rainha do que fizera na jornada, o que a S. A. agradeceu muito; porém de ele deixar a terra sem presídio a risco de entrar outra armada inimiga que fizesse ali assento, com maior poder e perigo nosso, mostrou descontentamento, pelo que lhe mandou a tornasse a povoar, para o que lhe enviou dali a algum tempo novo socorro. Dos franceses uns se foram para suas terras, outros se passaram a seus amigos os tamoios e os ajudavam com ardis, de maneira que fizeram depois outra guerra aos portugueses, tão contínua, e porfiada que não bastou para a concluir uma boa armada que viera do Reino, com o Capitão-mor Estácio de Sá, mas foi necessário tornar o mesmo Governador em pessoa da Bahia com novo socorro, como logo se verá.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **CAPÍTULO DÉCIMO PRIMEIRO. CONQUISTA DO RIO DE JANEIRO PELO CAPITÃO-MOR ESTÁCIO DE SÁ, E DEPOIS PELO MESMO GOVERNADOR MEM DE SÁ**

No mês de fevereiro de mil quinhentos e sessenta e quatro, chegou da Bahia ao Rio de Janeiro uma armada: parte que tinha vindo de Portugal e parte dos navios da costa que o Governador, por ordem de El-Rei, mandava a povoar o Rio de Janeiro. Era capitão-mor seu sobrinho Estácio de Sá, a quem ele, pelo grande conceito que tinha do Padre Manuel da Nóbrega acerca de sua virtude, prudência e zelo do bem comum e serviço del El-Rei, encomendou muito se ajudasse de seu conselho, como sempre fez. Não havia ali em que pôr olhos, nem no mar nem na terra, senão em tambois de guerra na terra, e no mar canoas armadas. E vendo o capitão-mor que lhe faltavam mantimentos, canoas e socorro de índios cristãos, e de outros amigos, o que tudo era muito importante para a conquista, se foi o capitão-mor com toda a armada a São Vicente, a refazer e prover de todo o necessário.

E chegou até à Vila de São Paulo, no campo, onde fez pazes com outro gentio que molestava aquela vila; em tudo o acompanhou o Padre Manuel da Nóbrega, que persuadia a gente e animava a que tornassem com o capitão a conquistar e povoar o Rio de Janeiro, acudindo a uns com esmolas, e outros persuadindo e animando com boas razões. Partiu esta frota da barra da Bertioga, no ano seguinte de mil quinhentos e sessenta e cinco, a vinte de janeiro, dia de São Sebastião, que logo ali tomaram por capitão da empresa, e padroeiro da cidade, e orago da Sé, que depois se edificou.

lam seis navios grandes e nove canoas de guerra, com muitos índios cristãos e gentios amigos, e outros naturais filhos de portugueses, todos esforçados e exercitados naquele modo de pelejar, em canoas, além da principal gente portuguesa dos navios. Mandou com eles o padre Manuel da Nóbrega ao Padre Gonçalo de Oliveira e ao Irmão José, sem cujo conselho ordenou que não fizesse o padre nada; ambos sabiam a língua da terra para confessar, consolar e animar a todas as canoas; tomavam cada dia terra com que o padre tinha lugar de dizer missa de ordinário, e confessar aos que tinham disso devoção.

**Desta maneira chagaram às ilhas que estão perto da barra do Rio, no princípio de março, por virem esperando pela nau capitânea. Neste lugar começou Deus Nosso Senhor a mostrar que era servido, se povoasse esta terra, e depois o confirmou com favores extraordinários, que no sucesso da guerra aconteceram.**

## **PROFECIA**

**O caso foi que vinham nesta frota de socorro muitos índios da Capitania do Espírito Santo, que dista oitenta léguas do Rio para a Bahia, e, por falta de mantimentos, determinavam de se ir secretamente em suas canoas para suas casas o dia seguinte, porque a nau não chegava, nem uns barcos, que por ordem do capitão-mor tinham ido a buscar provimento, à mesma Capitania do Espírito Santo.**

**Nisto quis Deus que o padre e o irmão sem saberem o que determinavam, os foram buscar e visitar, a quem eles descobriram seu desígnio, mas o irmão José os consolou, dizendo que confiassem em Deus, que ao seguinte dia lhes mandaria remédio. Estando nestas práticas, eis senão quando aparecem três barcos do Espírito Santo, com provisão do necessário. E ao dia seguinte pela manhã aparece a nau capitânia, com que os índios ficaram espantados, e deram muitas graças a Deus, e se determinaram ajudar naquela empresa aos portugueses.**

**E desta maneira, toda a frota entrou no Rio em uma maré, e se recolheram pela banda da mão esquerda da barra, em uma enseada detrás de um penedo altíssimo, a que chamam o Pão de Açúcar, onde se diz agora a cidade velha.**

**Durou esta conquista alguns anos, com guerra contínua, muita fome e outros apertos. Viviam os homens como religiosos, confessando-se e comungando amiúde, pelejavam com grande ânimo, com a confiança em Deus, à sombra do seu capitão, que de esforço e virtude era a todos um vivo exemplo.**

**E assim lhe metia Deus nas mãos insignes vitórias. Porque com serem os nossos muito poucos, assim portugueses como índios, umas vezes com alguma perda, e outras sem nenhuma,**

**ordinariamente levavam a melhor dos tamoios, ainda que soberbos e confiados nas vitórias passadas e em sua multidão, e nos arcabuzes dos franceses que os acompanhavam.**

## **DÃO OS PELOUROS NOS PEITOS, E CAEM AOS PÉS DOS SOLDADOS**

**Dos nossos saravam muitos de flechadas mortais com pouca cura, e a outros dava o pelouro no peito nu, e como se fora de prova, lhe caía aos pés, como aconteceu a luís de Almeida, e a um índio de São Vicente, que pelejava nu, da sua canoa, conforme a seu costume, por nome Marcos, e a outros.**

## **MILAGRE**

**Algumas vezes deram os inimigos assalto na cidade que não era mais que uma cerca de pau a pique e casas de palha. Em uma delas, ajuntando-se muitos inimigos, estava o padre junto do altar de joelhos em oração, e as flechas que vinham de mais alto, passando o telhado de palha, se pregavam no chão ao redor dele, sem lhe tocarem. Os soldados defendiam a cerca, e de quando em quando alguns chegavam à Igreja, e vendo o padre naquela postura, cercado de flechas cobravam ânimo e tornavam ao combate, com mais esforço, até que de todo fizeram fugir os inimigos.**

## **VITÓRIA NAVAL DE CINCO CANOAS CONTRA CENTO E OITENTA, SENDO CAPITÃO ESTÁCIO DE SÁ**

**De muitas maravilhas, que nosso Senhor obrou em favor dos nossos, uma só contarei e muito insigne. Enfadados os Tamoios de se verem levar sempre a pior, ajuntaram por espaço de tempo uma grande frota de canoas de guerra, que chegaram a cento e oitenta, para concluírem com a guerra de uma vez. E para fazerem a coisa mais a seu salvo, não quiseram acometer a cidade, mas tomar os nossos no meio de uma cilada, escondendo as canoas em uma enseada, uma légua de nossa povoação.**

**Mas para mais se ver que Deus tinha tomado esta empresa à sua conta, permitiu que alguns naturais da terra, moradores na Capitania de São Vicente, receiando o combate se fossem com**

**suas canoas, deixando o capitão-mor somente com cinco canoas; mas nem por isso os mais perderam o ânimo e confiança em Deus.**

**Nisto saem da cilada umas poucas de canoas, o nosso capitão dá-lhes caça com as cinco; dão volta os inimigos, como que fugiam, e metem os nossos dentro da cilada sem nenhum remédio humano; e o pior foi que pondo os nossos fogo a tiro que a canoa capitania levava, toma fogo a pólvora da canoa, e dá com alguns soldados no mar, meio queimados; mas logo se recolhem a ela.**

**Acode aqui por seus soldados a Divina Misericórdia, mete espanto à mulher do capitão tamoio, e começa a bradar: “grande fogo vem sobre nós, para nos queimar a todos”. A esta voz mete Deus grande terror e medo nos contrários que dão em fugida à voga arrancada, a quem mais podia remar, e aparece a multidão das que estavam na enseada, fugindo também com as mais.**

**Os nossos os seguem um pedaço, mas logo se recolhem à cidade, dando muitas graças a Deus Nosso Senhor, autor de vitória tão maravilhosa, e não esperada, em lugar da morte que tão certa tinham.**

### **APARECEU O MÁRTIR S. SEBASTIÃO AOS INIMIGOS**

**Acudiu a esta vitória também o favor do glorioso mártir São Sebastião, que foi visto dos tamoios, que depois perguntavam quem era um soldado que andava armado, muito gentil homem, saltando de canoa em canoa, que os espantara e fizera fugir. Com este bom sucesso amainou a fúria dos tamoios, até que depois, com o socorro que foi da Bahia, se começaram a sujeitar e pedir pazes.**

### **O Pe. INÁCIO AZEVEDO, PRIMEIRO VISITADOR**

**No ano de mil quinhentos e sessenta e sete, véspera de São Sebastião, chegou da Bahia com outra armada, o Governador Mem de Sá, a povoar o Rio de Janeiro, como por S. Alteza lhe era mandado.**

Foram em sua companhia o Bispo Dom Pero Leitão, que ia visitar seu bispado, e o padre Inácio de Azevedo, quando a primeira vez veio, por visitador, enviado pelo nosso Reverendo Padre Geral Francisco de Borja, que chegou à Bahia aos vinte e quatro de agosto, de mil quinhentos e sessenta e seis anos.

## COLÉGIO DO RIO DE JANEIRO

Destruiu o governador duas aldeias de tamoios, muito fortes, que tinham consigo franceses. Tomou o sítio para a nova cidade, e aquietado tudo, e lançados os contrários do Rio e sua comarca, se tornou para a Bahia, deixando por capitão e governador do Rio de Janeiro a Salvador Correia de Sá, seu sobrinho, por ser falecido o capitão-mor Estácio de Sá. O qual defendeu valorosamente a Capitania, assim dos corsários como dos gentios, que por vezes a vieram molestar.

Também o Padre visitador Inácio de Azevedo tomou sítio para o nosso Colégio, que pela piedade e liberalidade de El Rei Dom Sebastião, se fundou, com dote e renda para cinqüenta religiosos. E ordenou o padre fossem anexas ao Colégio, e sujeitas ao reitor dele, as nossas casas que estão situadas nas Vilas de São Vicente e São Paulo (e a casa de São Vicente se passou pelo Pe. Cristóvão de Gouveia, visitador, depois para a Vila de Santos, na mesma Ilha) e a casa da Capitania do Espírito Santo.

Neste Colégio se lê uma lição de Latim, e outra de ler e escrever, e a terceira de casos de consciência, quando há ouvintes.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **CAPÍTULO DÉCIMO SEGUNDO. DO ÍNDIO CHAMADO MARTIM AFONSO, E DA TOMADA DA NAU FRANCESA NO CABO FRIO**

**Sempre em guerras e batalhas, entre os soldados de nome e de valor se acha mais assinalado e de conhecida vantagem, que mostra seu ânimo em algum feito de armas dificultoso, e alcança a vitória não esperada.**

**Tal foi um índio cristão em todas estas guerras, contra franceses e tamoios, de cujo esforço confessaram os capitães portugueses ser tão levantado, que sem ele nunca se tomara o Rio de Janeiro, de modo que se pode chamar honra dos índios cristãos do Brasil. Chamava-se pelo nome português Martim Afonso de Sousa, e pelo da terra Ararigbóia. O primeiro feito por onde começou a ter nome foi este. Achou-se em um navio de um português em um porto de gentios, os quais se levantaram para o matar, e roubar o navio. Mas no tempo da briga todos se meteram debaixo da coberta; só Martinho ficou no convés, pelejando com seu arco e flecha, com que fez afastar os inimigos e salvou o navio. Foi-se à Capitania de São Vicente aonde os nossos estavam em aperto, pela guerra do gentio vizinho e aqui se fez grande soldado. Depois vindo à Capitania do Espírito Santo, foi principal de uma aldeia, e ajudou a defender a vila contra uns franceses que procuravam de a entrar.**

**E quando o Governador Geral Mem de Sá foi à conquista do Rio de Janeiro, dali o levou com gente de peleja, pela fama que tinha de seu valor. Por todo o tempo da guerra que durou muitos anos, se houve este índio tão esforçadamente, que foi havido por um valoroso capitão, no conselho prudente e acertado, na confiança em Deus, como qualquer bom cristão pelejando por sua honra, no ânimo fiel aos portugueses, e no arco ninguém melhor, como se verá no sucesso seguinte.**

**Sendo governador do Rio de Janeiro Salvador Correia de Sá, como está dito, morava este índio uma légua além da nova cidade, mais dentro da enseada, junto da praia; e os franceses continuavam seu trato do pau-brasil com os tamoios, no Cabo Frio, dezoito léguas do rio para o Norte.**

**Aconteceu que estando ali umas quatro naus, os tamoios, magoados de Martim Afonso, rogaram aos franceses que antes de se partirem, os ajudassem a ir tomar aquele comum inimigo. Vieram nisso os franceses, deram a vela com as quatro naus e oito lanchas carregadas de gente de guerra dos tamoios, além das canoas sem conta, para lançarem gente em terra. Ao passar por defronte da cidade, não houve resistência, porque ainda não havia fortaleza na barra nem ao longo da praia. Perguntaram os nossos, para onde era a ida; responderam das naus, que iam tomar a Martinho e entregá-lo aos tamoios. Os nossos acudiram que não só com Martinho o haviam de haver, mas também com eles. O governador fortificou a cidade, recolhendo a gente que havia, para qualquer coisa que o inimigo intentasse, e logo mandou à Capitania de São Vicente pedir socorro de gente, canoas e armas, e o índio também fez o mesmo em sua aldeia, entrincheirando-a toda em roda de pau-a-pique, não tendo dentro mais que sua gente e os padres da Companhia para os esforçarem na peleja; desembarcaram os inimigos, assim franceses mui bem armados, como gentios tamoios que cobriram a praia e campo.**

**Nesta conjugação acodem alguns moradores à aldeia, dos quais foi um Duarte Martins Mourão, e levando de noite um falcão pedreiro em uma canoa grande, o meteram na aldeia sem serem sentidos do inimigo.**

**Vendo Martim Afonso este socorro se alegrou grandemente, e com os olhos cheios de lágrimas de contentamento, disse: “isto estava eu esperando de tão bons amigos”. E chamado pelos seus lhes falou desta maneira: “Filhos, arrancai-me essas tranqueiras, que já não temos necessidade delas; saiamos, demos nesses inimigos em nome de Jesus, e do bem-aventurado São Sebastião.”**

**Saltam logo na trincheira, abrem toda a aldeia, armados de confiança em Deus, e esforçados com o exemplo dos portugueses, dão nos inimigos. Entretanto o tiro começa a fazer seu ofício nas naus que ficaram em seco na baixa-mar, matando a muitos dentro nelas e pela praia, e posto que os inimigos fizeram muita resistência, finalmente puseram em fuga aos contrários, e seguindo o alcance fizeram mui grande estrago, com pouca perda dos nossos. As naus vindo a maré se foram ao alto e se consertaram e tornaram na volta do Cabo Frio, bem**



**destroçadas e faltas de gente, com que a terra ficou desassombrada, e os contrários abatidos, com as forças e ânimos quebrados.**

**Foi informado El-Rei Dom Sebastião deste bom sucesso, e da valentia de Martim Afonso, e das façanhas que tinha feito e fazia em seu serviço, pelo que lhe mandou o hábito de Cristo, com doze mil réis de tença, e pelo tempo em diante lhe mandou algumas peças de estima, até lhe mandar uma vez um vestido de seu corpo, inteiro e acabado. O governador da cidade, Salvador Correia de Sá, ajudando a Martim Afonso com os soldados que pode, guardou a cidade de maneira que os inimigos não ousaram acometer. Daí a alguns dias chegou socorro de São Vicente, e o governador mandou ao assalto ao Cabo Frio a tomar língua e saber o que passava, e achou serem já as quatro naus idas sua viagem, para a França e ser chegada outra de novo com muita mercadoria; tratou então com os soldados e índios principais o que fariam, e vendo que todos estavam desejosos de pelejar, os seus alentados com a vitória passada, e os de São Vicente por não voltar as suas casas sem fazerem nada, determinou a ir em pessoa com a gente de guerra a acometer a nau com canoas. Partiram do Rio, e tanto que chegaram a certa paragem, donde as espias dos tamoios os viram, avisaram aos franceses, que zombaram bem de poder ser tomada sua nau, que era de duzentas toneladas, com corchos do rio de Janeiro, que assim chamaram as canoas de guerra. Contudo consertaram a nau com sua xareta e artilharia e eles armaram-se para a defender. Nisto chegaram as canoas na madrugada, e cercam a nau pondo-se ao socairo dela, de modo que os tiros não pudessem fazer dano, donde defendem que nenhum francês apareça a bordo sob pena da flecha.**

**Acometeram os nossos a subida, mas foram rebatidos com piques e outras armas, e principalmente com alcanzias de fogo. E entre outros o mesmo governador foi três vezes ao mar, armado e sem saber nadar, mas em caindo logo os soldados e índios o tiravam e punham em salvo.**

**Foi a briga mui travada de parte a parte, enquanto o capitão francês andou em pé pelejando mui esforçadamente com duas espadas, e como estava todo armado, o não podiam as flechas ferir, ainda que lhe davam muitas; espantado disto, um índio da terra perguntou se tinham aquelas armas algum lugar por onde**

**Ihe pudesse meter alguma flecha, e dizendo-lhe que só pela viseira, lhe apontou uma tão certa, que o derrubou e matou com ela. Vendo os mais o seu capitão morto, e a muitos dos seus mal feridos, se recolheram abaixo, aonde não escaparam, porque o governador com os seus os entraram e renderam. Os tamoios que estavam escaldados de fresco, viram a briga de terra, mas nenhum se atreveu ajudar a seus amigos.**

**Trouxeram a nau com muita festa para o Rio de Janeiro; vestiu o governador a todos os índios de bons panos que acharam, e o mais repartiu com os soldados; a artilharia ficou na cidade, e a nau mandou à Bahia, ao Governador Geral seu tio; e ele ficou sem nada, ou para melhor dizer com tudo o que mais estimava, que era a honra e a benevolência dos soldados, que sempre pelejaram com muito esforço e bons sucessos, à sombra de tão valoroso capitão. Posto que os tamoios foram deitados da Capitania do Rio de Janeiro, não se acabou contudo sua contumácia; antes recolhendo-se ao cabo Frio, onde tinham sua força, dali salteavam por mar, em suas canoas as Capitánias vizinhas do Rio e do Espírito Santo. Até que no ano de mil e quinhentos e setenta e cinco, governando a Capitania do Rio o Doutor Antonio Salema, foi com grosso exército a fazer-lhes guerra em suas próprias terras, onde matando e cativando a muitos mil deles, destruiu de todo aquele soberbo gentio. Dando somente vida e liberdade a alguns que hoje estão nas aldeias de São Lourenço e São Barnabé, do Rio de Janeiro, de que os padres da Companhia têm cuidado. E com isto damos fim às coisas do Rio de Janeiro, e sua conquista, e já o tempo pede que tornemos a continuar com as que são mais próprias do Padre José, posto que assim ele como o Padre Manuel da Nóbrega e outros padres não tiveram pequena parte nos trabalhos e conquista do Rio de Janeiro.**

### **MORTE DO ÍNDIO MARTIM AFONSO. TESTAMENTO DE MARTIM AFONSO**

**Concluirei este capítulo com a morte do índio Martim Afonso, de quem no princípio falei. Foi ele mui devoto, em sua vida, do mártir São Sebastião, e contava que nos tempos dos combates contra os tamoios e hereges, vira ao glorioso santo ir discorrendo pelas canoas, amparando os nossos, e fazendo nos inimigos grande estrago**

**E assim na hora da morte com muita fé e devoção, falando a seu modo com o santo, lhe dizia: “Irmão capitão, assim como na vida sempre me ajudastes a vencer os inimigos visíveis, assim agora na morte, que tenho maior necessidade e estou em maior perigo, ajudai-me a vencer os invisíveis”.**

**E depois de receber os Sacramentos e o da Santo Unção, chamando a seus parentes, fez seu testamento, e repartiu com eles uma grande herança, não de coisas temporais, que ele não tinha, nem os índios estimam, mas de maravilhosos conselhos, quais um virtuoso pai e muito temente a Deus, pudera dar a seus filhos naquela hora, para se conservarem em virtude, diante de Deus e dos homens, e quais de um bárbaro Brasil se não podiam esperar. Porém a graça divina não enjeita boas vontades.**

**Dizia-lhes naquele passo: “Irmãos e filhos meus, a herança que vos deixo é que sejais muito amigos da Igreja, fiéis aos capitães, caritativos com os brancos (que assim chamam os portugueses) e obedientes aos padres que de nós têm cuidado, porque por estas boas obras vos fará Deus muitos bens como a mim sempre me fez.**

**A minha casa foi sempre estalagem de brancos, nunca vi a nenhum deles nu que não despisse a minha roupa para o cobrir, nunca o vi na guerra flechado que não o tomasse às minhas costas, e o pusesse em salvo, nunca vi branco na batalha em perigo que não pusesse meus peitos diante dele por rodela, antes para Deus me livrar de perigo, achava por remédio acudir aos que via em maior aperto, e desta maneira me fez Deus muitas mercês em vida, livrando-me de evidentes perigos na guerra, e me fez outros favores que todos sabeis, e finalmente no cabo de tantos anos me dá agora uma morte sem dores e tão quieta como vedes”.**

**E desta maneira deu sua alma a Deus, com muita consolação sua edificação dos presentes.**

▪ [\*Anterior\*](#)

▪ [\*Índice\*](#)

▪ [\*Posterior\*](#)



## **CAPÍTULO DÉCIMO TERCEIRO. DA IDA DO PADRE JOSÉ AO SERTÃO E NAUFRÁGIO EM UM RIO**

Por ordem de seus superiores veio o Irmão José, ao Colégio da Bahia a tomar Ordens, que lhe deu o Bispo Dom Pero Leitão, com muita consolação sua por se conhecerem do tempo dos estudos de Coimbra, e já então entre os estudantes, haver grande conceito de sua virtude.

No ano de mil quinhentos sessenta e sete tornou o Padre José para a Capitania de São Vicente em companhia do Padre Inácio de Azevedo, que governava a província com título de visitador, e do mesmo Bispo Dom Pero Leitão, que ia visitar as partes do sul, por ainda então não haver administrador, a cujo cargo hoje estão.

Começou o Padre José daí por diante a exercitar os ministérios da Companhia com mais autoridade e fruto, usando de admoestações públicas com muito zelo, e de secretas com muita brandura, com que reduzia os pecadores ao caminho de sua salvação. Nem se esquecia da caridade com os índios; antes os ajudava mais no espiritual, e defendia no temporal, como em outra parte se dirá

Daí a alguns tempos sucedeu que dois homens de consciências largas e de nome entre o gentio contrário, (Domingos Luís, o Grou e Francisco Correia) temendo o castigo de suas graves culpas, se levantaram e com suas famílias se foram meter com os gentios inimigos, pelo que com razão se temia não viessem com pode de gente a destruir a Capitania. Vendo o Padre José que não havia contra este perigo forças humanas, e confiado só nas de Deus, se determinou de ir em pessoa, a buscar os alevantados, e reduzi-los à obediência do seu capitão, levando-lhes largos perdões de todo o passado. Foi com ele o Padre Vicente Rodrigues e outros homens e um índio mui esforçado, que depois de Deus foi todo o remédio de sua vida, no perigo em que se viu.

Tinham navegado por rios oito dias, em uma canoa de casca. São estas inteiriças, de grossura de um bom dedo polegar, mas têm um mal que, em se alagando, se vão ao fundo sem mais

**aparecerem, o que não têm as de pau, que por mais que se alaguem ou virem, nunca se vão ao fundo.**

**Chegaram os navegantes a uma cachoeira ou salto do rio por onde navegavam a remo, e os padres iam rezando as hora de Conceição de Nossa Senhora, senão quando se vão todos ao fundo com a canoa, em altura de quatro ou cinco braças de água, mas todos saem a nado, só o bom Padre José não aparece.**

**Não sofreu o coração ao índio deixar ali o padre, sem saber o que era feito dele. Mergulha e anda-o buscando por bom espaço de tempo, e não o achando, vem-se acima tomar fôlego e descansar um pouco. Deita-se outra vez de mergulho, e quer Deus que o ache, assentando no fundo. Pega dele pela roupa, e o padre deixa-se vir sem aferrar do índio, e desta maneira vem acima são e salvo, com suma alegria e satisfação dos presentes. Esteve debaixo da água obra de meia hora, não desacordado, antes muito em seu juízo, lembrando-se de três coisas, como depois dizia: de Jesus, e da Virgem puríssima sua Mãe, e de não beber água como de fato não bebeu.**

**Não se acabaram aqui os trabalhos daquele dia, porque era já noite e chovia, e acharam-se em um mato espesso, sem fato para mudar, nem coisa para comer, nem fogo com que se enxugar, nem uma choupana em que se meter, nem caminho que seguir; finalmente faltando todo o remédio humano, lhes acudiu o Senhor, porque, andando assim às apalpadelas um pedaço de mato, foram dar nas mesmas casas dos homens que iam buscar. Os quais vendo os padres tão maltratados, de tal maneira se lhes mudaram os corações que, lançados aos pés do Padre José, com muitas lágrimas diziam: “ainda padre, meus pecados haviam de abranger V. R. “? Recolheram-nos logo em suas choupanas, e os proveram de todo o necessário com muita caridade. E vendo o perdão que lhes levava, e o trabalho que por eles tomara tão arriscado, foi fácil acabar com eles se tornassem para São Vicente. Porém dali a um ano, sucedeu um grave desastre; e foi que um destes homens (Francisco Correia) fez por vezes instância ao capitão, lhe desse licença para se tornar ao sertão, que lhe negou por justas causas, o que le tomou tão mal que tratou ao capitão com palavras descomedidas e afrontosas, pelo que um filho do capitão o matou com uma flechada, de que logo acabou sem confissão.**

Notaram algumas pessoas, o dia e acharam que foi a morte dali a um ano, no mesmo dia em que Deus por meio do padre o tirara do sertão, e do mau estado em que lá vivia. E atribuiu-se a justo castigo de Deus, por estimar em pouco a mercê que lhe fizera.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **CAPÍTULO DÉCIMO QUARTO. COMO FOI FEITO PROVINCIAL**

**Antes do Padre José, quatro provinciais criaram e governaram esta Província, e com seu exemplo e prudência, a puseram em grande altura de perfeição, virtudes religiosas, letras e espírito, donde nasceu o fruto mui abundante, de que todo o Estado do Brasil gozou, com muito proveito das almas e geral edificação, trabalhando assim de melhorar os bons costumes nos portugueses, como de plantar e conservar a fé entre os bárbaros, novamente convertidos. Foram estes o Padre Manuel da Nóbrega, primeiro provincial; o Padre Luís da Grã, o segundo. Não desmerece o terceiro lugar o santo Padre Inácio de Azevedo. Posto que não governou a Província como provincial, porque a tinha já governado, a primeira vez que veio a ela, como visitador; e da segunda, que vinha como provincial, a honrou e enriqueceu com seu santo martírio, dando a vida pela fé, a quinze de julho do ano de mil quinhentos e setenta, no mar da ilha de Palma, uma das Canárias, com trinta e nove companheiros. Lê-se este martírio pelo mesmo tempo nos Colégios desta Província do Brasil, e o escreveu o Padre Pedro de Ribadeneira, na vida do Padre Geral Everardo Mercuriano, de boa memória, por estar informado e satisfeito das muitas partes, que para o cargo concorriam no padre.**

### **PROFECIAS**

**Neste tempo andava o Padre José em missão na Ilha de Itaparica, a maior das que há na Bahia, confessando e dando remédio de salvação aos índios, por haver ali ainda então muitos. Mandou-lhe o padre provincial, seu antecessor, recado que se viesse para o Colégio, o que logo fez, e o recado o tomou estando atualmente assentado em um tição, confessando uma índia velha muito doente, deitada na rede junto ao fogo. Quisera o Senhor da casa melhorar o assento, mas ele não o consentiu, dizendo que antes de acabar aquela confissão, lhe haviam de trazer outro assento de menos gosto seu. E assim foi, que antes de acabar a confissão chegou o recado, que disse.**

**Nem é muito, estando à porta deste cargo, antevê-lo, pois havia mais que um ano lh'o tinha Deus revelado, na nossa casa de São Paulo, como consta do testemunho do Padre Agostinho de**



**Matos, que então era irmão, e foi presente a tudo e o refere desta maneira: “Indo o Padre José visitar aquela casa, estando ao fogo no inverno, diante de três padres e de dois irmãos, disse quase zombando: “ora, olhai o que dizem as velhas, que hei de ser provincial, e que boas costas tenho”(porque as tinha quebradas); disse mais que havia de ser reitor da Bahia, mas que não havia de servir para o cargo.**

**Espantados os presentes notaram o dito do padre e o tempo, e vendo depois que tudo assim se cumprira, deram a Deus muitas graças, por se comunicar a seu servo, tão extraordinariamente.**

**Vindo o Padre José ao Colégio, fez o padre provincial uma prática, e leu a patente do nosso padre geral, entregou o cargo ao Padre José, e se despediu beijando os pés a todos com muitas lágrimas, assim dos superiores como de todo o colégio que estava presente. O Padre José aceitou o novo trabalho com muita dor e sentimento seu, e ao dia seguinte, fazendo outra prática, em que nos pediu a todos o ajudassem com suas orações, lhes beijou também os pés.**

## **VIRTUDES QUE MOSTROU NO GOVERNO - 1578**

**Começou a governar a Província no ano de mil quinhentos e setenta e oito, e o continuou por obra de sete anos com muita prudência e inteireza, temperando-a com sua natural brandura e benignidade, sendo em todo aquele tempo o que sempre fora, na oração e familiaridade com Deus, e no tratamento de sua pessoa mui exemplar, e nada pesado aos súditos, antes a todos um vivo retrato de virtudes, de modo que, calando, parece que dizia o que São Paulo escreve aos filipenses, capítulo quarto, que fizessem o que dele aprenderam, por obra e por palavra, quae didicistis et accepistis et vidistis in me haec agite (Fil, IV, 9.). Então se mostrava com todos mais fácil e humano, de modo que folgavam de se confessar com ele os de casa, antes que com seus confessores ordinários. Nas viagens que fazia por mar, vigiava toda a noite, para que os outros dormissem descansados, e quase todo esse tempo gastava em contínua oração. Caminhando por terra sempre conservou seu antigo costume de andar a pé e descalço, com o bordão na mão.**

## **MANSIDÃO**

**Tinha singular graça e modo para temperar discorde, e consolar afligidos, e desassombrar tentados, mas o que ele muito se enxergava, era uma contínua paz e mansidão, enquanto se queriam ajudar aqueles com que tratava.**

**Acho nos testemunhos dos nossos padres, dois passos em que ensinou de palavra esta virtude, que em seu peito tinha mui altas raízes. O primeiro é este: ouviu contar que dizia um padre que não havia o superior de passar por falta de súdito, sem a emendar com aviso, repreensão ou penitência. Louvou o Padre José o dito, e acrescentou: “e eu digo que não há de haver falta, no súdito, que o superior a não chore duas a três vezes primeiro, diante de Deus, que lhe falte nela”.**

**Segundo passo: perguntou o Padre José, sendo provincial, porque se houvera asperamente com um súdito. Respondeu: “quem me deu o ofício de ministro, me instruiu que não deixasse passar ocasião, em que pudesse exercitar os súditos em paciência, que o não fizesse”.**

**A que o Padre José, acudiu dizendo:**

**“Pois eu in nomine Domini, vos dispo agora esse hábito de rigor e vos visto outro de mansidão, com que nunca deis ocasião a nenhum súdito de impaciência, senão de todo amor e afabilidade”.**

**O padre que era ministro prometeu de o cumprir e assim o fez e faz hoje em dia, e conta isto que passou com o Padre José. E foi este o Padre Afonso Gonçalves.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **CAPÍTULO DÉCIMO QUINTO. DA MORTE E SEPULTURA DO PADRE JOSÉ**

### **DOENÇAS DO PADRE JOSÉ**

As doença e indisposições do Padre José foram muitas e quase contínuas, por todo o tempo em viveu no Brasil, que foram quarenta e quatro anos, nas quais sempre mostrou muita paciência, ânimo e exemplo. Tiveram elas princípio daquela grande que teve em Coimbra, que se lhe gerou, do que direi.

Servia na sacristia, e tinha por ocupação ajudar cada dia a oito ou mais missas, de joelhos, do qual trabalho, como noviço, se não sabia escusar, e pela devoção e gosto espiritual que sentia, não imaginava poder-lhe dali vir dano algum. Todavia daqui se lhe veio a gerar uma dor em uma ilharga, que muito o atormentava, mas não deixava de ir por diante em sua em sua santa ocupação.

E quando lhe vinha a dor, não fazia mais que, torcendo-se acudir ao lugar em que a sentia, e com a mão no ourelo (a palavra aqui tem o sentido de “cinta” ou “cintura”) apertar-se rijamente, o que fez tantas vezes, e com tanta força, que veio a abalar os ossos do espinhaço; e assim apareceu aquele jeito nele, sem nunca mais tornarem a seu lugar. Uma das coisas que mais realçava suas virtudes, oração e mais exercícios espirituais, e o zelo da salvação das almas, é que nunca suas doenças e indisposições foram causa de se negar a nenhuma empresa desta qualidade, ainda que muito trabalhosa, nem o acovardaram para deixar de fazer com muita perfeição, as obras que pedem muita atenção no interior, e no exterior devota composição.

Louvor semelhante àquele que os escritores de vidas de santos dão ao Papa São Gregório, e a São Jerônimo, e a outros grandes servos de Deus em todas as idades, que lutando quase de contínuo com as enfermidades, não afrouxaram em suas santas ocupações.

### **DE SUA MORTE GLORIOSA - IDADE DO PADRE**

**Ajuntaram-se à sua pouca saúde outras doenças, causadas de novo de frios, fomes, cansaço, e outras incomodidades corporais, das quais por irem em crescimento com a idade, entendeu serem já poucos seus dias.**

**Estava neste tempo, na casa do Espírito Santo; recolheu-se para uma aldeia dos índios, quatorze léguas da vila onde nossos padres residem doutrinando a gente da terra, do orago de Nossa Senhora, de quem era devotíssimo (aldeia de Roritiba, hoje cidade de Anchieta, ES. Orago, N.S. da Assunção). Parece que quis receber da mão de Deus a morte entre os índios, em cuja conversão, com muitos trabalhos, tinha recebido da mão do mesmo Senhor muita perfeição. Adoeceu e durou a enfermidade obra de seis meses, fazendo várias mostras de mais, ou menos saúde.**

**Veio-se à vila por ordem do Superior Sacramento da Eucaristia por Viático, e depois o da Santa Unção, e ao mesmo dia entrou no artigo da morte, estando presente cinco padres nossos que residiam nas aldeias.**

**Esteve agonizando obra de meia hora, com tanta quietação e paz, como se estivera em oração, e com os olhos agradecia as lembranças que lhe faziam. E assim deu seu espírito a Deus, em nove de junho de mil quinhentos e noventa e sete anos, dos quais viveu na Companhia quarenta e sete, e dezessete de que entrou nela, são sessenta e quatro, que foram os que viveu neste mundo, (colocando o nascimento de Anchieta no ano de 1533, como faz Pero Rodrigues, seriam exatamente 64 os seus anos de vida. Sabe-se todavia, que seu nascimento se deu no ano de 1534) três em Portugal e quarenta e quatro no Brasil.**

**Sabida a morte do bom Padre José, houve muitas lágrimas e geral sentimento nos padres, nos portugueses e índios de toda a Capitania, porque todos o tinham por pai, e sabiam quanto o haviam de achar menos em suas necessidades. Foi amortalhado sem cal nem outro defensivo para a corrupção e mau cheiro, e, metido em um caixão, o trouxeram os índios às costas, e o padre João Fernandes o acompanhou a pé aquelas catorze léguas, e no cabo da jornada disseram os índios que, em lugar de cansaço, sentiram muito alívio e consolação, e o mesmo afirma de si o padre em seu testemunho. Os índios todos da própria aldeia vinham por essas praias pranteando-o, e**

seguindo os que o traziam, porque a todos tinha merecido muitas mostras de amor. Chegado o corpo ao porto da Vila do Espírito Santo, acudiu logo o Capitão Miguel de Azeredo, o Administrador Bartolomeu Simões Pereira, com toda a clerezia, os religiosos de São Francisco, que ali têm casa, o provedor da Santa Misericórdia com a Irmandade, bandeira e tumba, ricamente ornada, as confrarias com sua cera, e toda a gente da vila. Trouxeram-no da praia o provedor e Irmãos da Misericórdia na sua tumba, até à porta da nossa Igreja, onde os nossos padres o tomaram e levaram ao lugar da sepultura. O Administrador com os clérigos e religiosos, lhe fizeram o ofício de nove lições, com toda a solenidade e música possível, e ao outro dia lhe cantaram a missa, e o mesmo Administrador lhe pregou as exéquias, referindo alguns milagres que Deus por ele obrara, e chamando-lhe apóstolo do Brasil, com outras coisas de muito louvor de Deus, e honra do defunto. Houve grandíssimo abalo de lágrimas, assim no acompanhamento da praia, como no sermão, porque de todos era muito amado e reverenciado. E muitas pessoas houve que pela opinião que tinham da santidade do padre, em lugar de o encomendarem a Deus, se encomendavam a ele, que os favorecesse com este Senhor.

## **DUAS PROFECIAS**

Para Deus Nosso Senhor honrar mais a seu servo ordenou que, neste enterramento, sucedessem coisas por onde se cumprissem duas profecias, que o padre muito antes que falecesse tinha dito haviam de acontecer depois de ele morto. A primeira é esta: João Soares, morador da Vila de São Paulo, amigo antigo do Padre José, acertou de se achar nesta Capitania na doença do padre; foi-o visitar, e o padre, entre outras, lhe disse estas palavras: “filho, ficai-vos embora, que já nós não nos veremos senão no outro mundo; mas vós neste me tornareis a ver, mas será de maneira que eu vos não possa falar”.

Daí a algum tempo trouxeram o corpo do padre à vila, achou-se João Soares na praia com mais gente e, querendo os irmãos da Misericórdia levantar o caixão para darem princípio à procissão, acudiu ele, pedindo ao Administrador lhe deixasse ver o morto, que tão boa doutrina lhe tinha dado em vida. Consentiu o Administrador, abriu-se o caixão, chegou-se a ele João Soares

com outros homens, viram o corpo e deram fé que não tinha nenhum mau cheiro, com haver três dias que era falecido, e trazendo-o com tanto abalo caminho de quatorze léguas, com que se cumpriu o que o padre dissera a João Soares. E ele o depôs assim em seu testemunho.

A segunda foi deste modo: muitos anos antes, sendo provincial, estando no Colégio da Bahia, avisou ao Padre Gregório Serrão que havia de ir para o Rio de Janeiro. Disse o padre (por andar doente):

“Sabe Vossa Reverência como eu ando?”

Respondeu o Padre José:

“Sim, sei”.

“Contudo isso me manda?”

Respondeu:

"Sim".

Acrescentou o padre:

"Bota-me de si?"

Acudiu o Padre José:

"Isto não. *Vade, frater, quia postea locus nos conjunget*".

E assim aconteceu, que o Padre Gregório Serrão, faleceu na casa do Espírito Santo, e está enterrado na capela de São Tiago e o Padre José foi sepultado na mesma capela junto dele, cova com cova. Por tudo seja Deus glorificado em seus Santos, amém.

▪ [\*Anterior\*](#)

▪ [\*Índice\*](#)

▪ [\*Posterior\*](#)



## LIVRO SEGUNDO

### Das virtudes do Padre José de Anchieta

#### *CAPÍTULO PRIMEIRO. DE SUA ORAÇÃO E DEVOÇÃO*

Havendo de tratar neste livro das sólidas e religiosas virtudes do Padre José, é bem que demos princípio a esta matéria, pela oração, porque a comunicação familiar com Deus, que nela se aprende e exercita, é a fonte donde todas elas nascem, e donde tomam lustre e perfeição. O espírito da oração é o que dá ser à vida religiosa, acende o zelo das almas, e é o fundamento das profecias e milagres, quando Deus é servido de os fazer, por algum instrumento digno de sua santa mão.

Muitas virtudes do Padre José se mostram no que de sua santa vida se escreveu, no livro primeiro. Mas de propósito colhi e guardei algumas flores, para este segundo, porque consideradas juntas por si, fora de guerras e outros negócios, farão maior impressão na memória e maior desejo de as imitar, a quem as ler, ou ouvir ler.

#### ORAÇÃO CONTÍNUA

Era o Padre José homem de muita oração, muito exercitado e contínuo nela, dormia muito pouco e quase toda a noite gastava com Deus, ora passeando pelos corredores sem sapatos, ora de joelhos a um canto, ora na igreja. E às duas horas depois de meia noite, se ia encostar sobre o catre, vestido, sem nunca usar de lençóis.

Em todas as coisas que tratava, grandes e pequenas, prósperas e adversas, sempre achava e andava com Deus. E o que é muito de espantar, com tanta destreza descia a cumprir com as empresas do serviço de Deus, que trazia entre mãos, que parece que nem a terra, nem no céu faltava um ponto. Assim sabia temperar a obrigação de Marta com a contemplação de Madalena, que nem o cuidado exterior do bem do próximo o perturbava, nem o trato contínuo com Deus dava lugar a o terem



**por ocioso. Antes muitas pessoas, quando menos o esperavam, o achavam consigo, em seus perigos da alma e do corpo, como ao diante se verá.**

**Tal foi o Padre José em todo o tempo de sua vida, sempre um, sempre semelhante a si mesmo, no espírito da oração, pelo que não há que espantar das maravilhas que dele se contam, nem da grande perfeição da virtude a que chegou, pois nesta escola do Espírito Santo continuou com muita diligência, por espaço de quarenta e quatro anos, que tantos viveu no Brasil.**

### **COMPOSIÇÃO EXTERIOR NA ORAÇÃO**

**A exterior composição na oração devia de ser sempre, tal qual foi aquela em que por vezes foi visto: de joelhos, no meio da casa, as mãos postas, os olhos fechados, que de quando em quando abria, olhando amorosamente para o céu, o rosto abrasado, brandos e afetuosos suspiros, nomeando os mistérios da Sagrada Paixão de Cristo Nosso Senhor, como quem neste tesouro tinha todo seu amor, com muitas mostras de interior sentimento. Muitas vezes foi visto, estando dormindo, bater no sobrado e pronunciar o nome de Deus mui afetuosamente, como deu testemunho um homem, que fora companheiro do padre muitos anos, por nome Estevão Ribeiro, morador na vila São Paulo.**

**A um padre da Companhia disse o Padre José, que nos dias em que estivera recolhido para fazer profissão, meditara na Paixão do Senhor, e que ali sentira muito do que o mesmo Senhor padeceu, experimentando dores intensíssimas.**

### **LEVANTADO DO CHÃO NA MISSA E ORAÇÃO – GASPAR LOPES**

**Estando em uma aldeia com outros três sacerdotes, além de dizer missa cada dia ouvia a dos outros, de joelhos, e o mesmo fazia na casa do Espírito Santo, sendo ali superior; desta grande continuação lhe nasceu ter calos nos joelhos, e às vezes se lhe gretavam; e uma testemunha jura que lhe viu um joelho em carne viva, por esta ocasião. Ordinariamente o não achavam desocupado que não estivesse em oração; até na mesa algumas vezes se esquecia de comer, fazendo jaculatórias e falando com**

**Deus; e essa devia ser a causa por que costumava andar sem barrete na cabeça, por andar falando com tal Senhor, como notou o Padre Miguel Viegas em sua informação.**

**Costumava dizer que nenhuma coisa nos impedia o andar com o pensamento em Deus, senão nossa pouca providência. Também dizia de si, que lhe não dava trabalho a guerra dos pensamentos impertinentes, de que os mais nos queixamos.**

**Nove pessoas juram, em seus testemunhos, terem ouvido a muitas outras, e correr disso pública fama, que o Padre José por muitas vezes fora visto estar levantado do chão, por algum espaço, estando dizendo missa ou em oração na igreja.**

**De vista o afirma um morador de São Vicente, por nome Gaspar Lopes, que o viu com seus próprios olhos levantado do tabernáculo do altar, obra de um palmo, antes de levantar a Deus; foi isto na Capela de São Jorge, perto da vila, no engenho de açúcar que é uns senhores principais, de Flandres, muito católicos e devotos da Companhia, por nome de Erasmos Esquetes.**

**Também disse que o vira posto em oração, levantado no ar, na igreja de Nossa Senhora da Escada, perto desta cidade da Bahia, Isabel Nogueira, dona viúva, com outra sua vizinha, e fazendo estrondo na igreja, para ver se tornava em si, e vendo que nada bastava, confusas e edificadas do que viam, deram graças a Deus.**

**Dizendo missa na igreja de Nossa senhora de Porto Seguro, o viram dez ou doze pessoas principais levantado do chão obra de um côvado, e espantados olharam uns os outros, dizendo: autenticuemos este milagre. A que disseram outros que o não fizessem, por ser o padre ainda vivo, que o não tomaria bem.**

## **PRESENÇA CONTÍNUA DE DEUS**

**Muito ajuda para uma pessoa ter bem oração, buscar tempo desocupado e lugar recolhido, porém ao Padre José todo o tempo lhe era desocupado, e todo o lugar recolhido, o altar, o coro, o cubículo, a mesa, os corredores e as praças, os navios, a praia e os pés das árvores, o dia e a noite, levantado sobre a**

**terra, mergulhado debaixo da água, rodeado de bárbaros furiosos no sertão, ou cercado de onças em as brenhas; sempre achava a Deus, e sempre andava em sua divina presença.**

**Destes passos alguns já estão escritos, e outros se apontarão adiante.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **CAPÍTULO SEGUNDO. DE SUA MORTIFICAÇÃO, POBREZA, CASTIDADE, OBEDIÊNCIA**

**Segue-se que tratemos da mortificação das paixões, e aspereza do tratamento da própria pessoa, a qual é tão fiel companheira da oração e devoção, que sem ela tiveram os santos a oração por suspeitosa, porque no lenho verde, com os apetites vivos, mal se pode atear o espírito da devoção e amor de Deus.**

**Foi o Padre José muito mortificado em suas paixões, e de tal maneira as trazia enfreadas e sujeitas ao espírito, que as não deixava dar mostras de si, por muitas ocasiões que para isso houvesse; atormentava seu corpo com jejuns, e ordinárias disciplinas, dormia vestido para estar mais prestes para a oração da noite; quando em casa havia algum enfermo, depois de vigiar com ele o tempo necessário, tomava o sono sobre uma tábua, servindo-lhe de cabeçal os sapatos, metidos um no outro; a mim me contaram por coisa mui certa que, na casa de São Vicente, em um canto de um corredor, tinha um feixe de silvas em que descansava depois de orar de joelhos ou de passear.**

### **CAMINHAVA A PÉ E DESCALÇO**

**Nunca andava a cavalo, por ser quebrado das costas, mas sempre caminhava a pé, e tanto que saía do povoado, metendo os sapatos debaixo do braço, continuava seu caminho descalço com o bordão na mão, e até os índios se espantavam de seu caminhar, que parece que voava por praias, serras e vales; e pela muita continuação trazia os pés gretados.**

### **PASSAVA PELOS COMPANHEIROS SEM O VEREM**

**Muitas vezes lhe acontecia deixar-se ficar atrás, mui longe da gente com quem caminhava, para mais livremente vir falando com Deus, rezando e pondo-se de joelhos amiúde, como costumava. E os companheiros olhando para trás o não viam, e buscando-o com os olhos o viam, e buscando-o com os olhos viam diante de si, sem darem fé quando passara por eles. E isto era no padre tão ordinário que, dando graças a Deus, deixavam já de se espantar.**

Lendo eu este parágrafo ao Padre Pero da Costa, mui antigo mestre dos índios, em confirmação do dito me referiu o caso seguinte: Sendo o Padre José provincial, foi o Bispo Dom Antônio Barreiros a crismar os índios desta Bahia, acompanhado do padre Reitor Gregório Serrão, e de outros padres, todos a cavalo; só o Padre José ia de trás a pé, muito longe.

Tendo o Bispo feito seu ofício na aldeia de Santo Antônio, daí a alguns dias se partiram para a de São João. Só o Padre José, que ia a pé, se deixou ficar, dizendo que fossem embora, que ele logo ia. Foram todo o caminho, que eram seis léguas, os padres com o Bispo sem nunca mais o verem. O Padre Pero da Costa, que tinha cuidado da aldeia, saiu a receber o Bispo com procissão e cruz levantada, e o Padre José ao mesmo tempo se achou na procissão, descalço como tinha vindo, de que o Bispo se espantou muito, mas aos padres não foi coisa nova.

## **ISENTO DE PARENTES**

À mortificação também pertence ser um religioso, isento e desapegado com parentes, e pouco solícito por eles. Nenhuma comunicação, tinha o padre com os seus, que eram ainda vivos na Ilha de Tenerife, uma das Canárias. E dando-lhe uma carta de uma irmã sua, leu o sobrescrito e antes de abrir disse a quem lh'a dera o que nela se continha, e com muita alegria disse que sua irmã estava conforme com a vontade divina, em uma enfermidade que padecia.

## **POBREZA VOLUNTÁRIA**

Muito se prezou sempre da santa pobreza, nem tinha mais de seu uso. Que o que trazia sobre si, e era o pior que havia de vestido e calçado; mas aos súditos procurava que andassem religiosamente bem acomodados. Não usava de arca ou canastra, nem de escritório, nem tinha cartapácios que guardar, as obras que compunha dava a outrem, e as coisas de maior importância aos superiores.

E como já todos sabiam o seu espírito de pobreza, ninguém lhe dava nada, das coisas que os religiosos costumavam entre si dar e receber para exercitar a caridade, porém quando algum lhe

oferecia alguma coisa, ele a tomava na mão com mostras de agradecimento e por arte lh'a tornava a deixar, ou lhe dava licença que a desse a outrem, de modo que nem o tal ficasse descontente, nem ele com o sentido ocupado do que faria dela.

Da perpétua pureza com que Deus o conservou, alguma coisa se disse no livro primeiro, capítulos sétimo e oitavo, quando esteve só entre os gentios, amparado com o favor da gloriosa Virgem Mãe de Deus, ajudando-se da oração e penitência corporal; neste passo bastará acrescentar o que um padre nosso certificou em seu testemunho, que ainda sendo ele vivo, algumas pessoas que podiam haver algumas relíquias do seu vestido, confessavam serem muito ajudadas de Deus contra os maus pensamentos.

### **RARA OBEDIÊNCIA**

Na obediência era a todos um vivo exemplo, assim nas coisas ordinárias, como nas árduas e dificultosas, de que uma só apontarei. Estando muito mal em uma aldeia do Espírito Santo, o padre Superior da casa lhe mandou dizer que seria bom vir-se para a vila; perguntou o Padre José aos padres que ali estavam, se lhes parecia que teria ele forças para que, sem notável perigo, pudesse cometer a viagem, para o tornar a propor por carta ao padre Superior.

Disseram todos que não estava para isso; recolhe-se então o padre na cama como que queria repousar; daí a pouco disse que estava resoluto em ir para a vila, e que se morresse no caminho pouco se perdia. “Não quero, diz ele, agora no fim da vida, deixar aos mancebos exemplos de pouca obediência”. E assim o fez. E foi o Senhor servido dar-lhe saúde e mais um ano de vida.

Sentença é de São Boaventura, De processu religioso, cap. 28, que quanto um religioso mais aproveita na virtude da obediência, tanto Deus mais depressa ouve suas orações, e tanto as criaturas lhe são sujeitas e obedientes; por estes dois sinais, podemos julgar que foi mui alta a obediência do Padre José, pois Nosso Senhor ouvia suas orações, para o bem espiritual e temporal dos próximos; os homens obedeciam a seus conselhos, e até as próprias aves e brutos animais

**cumpriam o que lhes mandava, falando com eles em a língua  
brasílica, do que ao diante se verão alguns exemplos, livro  
quarto, capítulos sétimo e oitavo.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **CAPÍTULO TERCEIRO. DE SUA MANSIDÃO, PACIÊNCIA E HUMILDADE**

Foi o Padre José mui exemplar em todas estas virtudes, assim nos encontros pesados que lhe sucederam, como nas doenças que foram muitas e graves, em especial depois que, com a idade, as forças o desampararam.

Neste Colégio da Bahia, em um dia de purga, lhe deu o enfermeiro um pedaço de galinha cozida, com abóbora amargosa. Comia o enfermo mas muito devagar; rogou-lhe o irmão que comesse; o padre disse que o faria por lhe dar gosto, bebeu o caldo e comeu da carne, e depois lhe perguntou se tinha outro enfermo a quem houvesse de dar daquele caldo, e dizendo que não, calou-se o padre. Dali a pouco caiu o irmão no erro que ele passara, e disse:

“Padre, perdoe-me V. R. que o matei”.

Acudiu o padre rindo:

“Não matastes, irmão, mas antes quis Deus com isto dar saúde, por meio de gostar também a amargura do seu fel e vinagre, que ele gostou por nós, sem se queixar”.

Era manso seu falar e seu rosto sempre sereno, e nunca alterado com mostras de alegria ou tristeza, por alegres ou tristes que fossem as coisas, que a ele ou a outrem sucediam. Aos que lhe davam ocasião de alguma moléstia e sentimento, se mostrava tão benigno como se nada lhe fizeram, e tinha particular cuidado de os encomendar a Deus. E falando-lhe um dia em uma pessoa que lhe tinha dado um grande desgosto, respondeu: “mais pecou contra Deus que contra mim, e pois Deus o sofre, bem é que o sofra eu também, por amor de Deus”.

Não sofria, em sua presença, tocasse alguém faltas de ausentes, e ou atalhava a prática ou a ouvia como quem não estivera ali. A todos trabalhava consolar e meter em paz, e até os índios que vinham Ter com ele, tristes e afligidos, confessavam que iam de sua presença alegres e consolados.



**Na vila da Vitória, Capitania do Espírito Santo, queria certo homem edificar umas casas, com que impedia a vista às nossas; foi-lhe o padre à mão com alguma eficácia. Depois, parecendo-lhe que se excedera no modo, disse a um da casa: “pesa-me de escandalizar a fulano, mas eu lh’o pagarei.” A paga foi que, não costumando aquele homem confessar-se com os nossos padres, daí a poucos dias se veio confessar geralmente de toda sua vida, com o mesmo padre com muita consolação de ambos.**

## **DE SUA GRANDE HUMILDADE**

**Era muito humilde e grande desprezador de si mesmo assim no tratamento de sua pessoa, como nas coisas dignas de admiração, que Deus por ele obrava. E estando dotado de tantas partes, que mereciam louvor, de nenhuma delas o pretendia, antes por mais que suas virtudes o manifestavam, ele as encobria de maneira que não eram notadas, senão de pessoas que tinham já dele muito conceito, o que se viu em palavras que disse de coisas futuras, e de pessoas ausentes em muita distância, das quais se não fazia caso senão quando o tempo com o efeito as declarava. E posto que, por esta causa, se nos ocultaram muitas coisas e muitas profecias, contudo as que sabemos bastam para ilustrarem as muitas virtudes do padre José, e para nossa edificação.**

**Quando o mandavam os padres chamar para assistir aos batismos e casamentos dos gentios sempre tomava à sua conta o mais trabalhoso da festa, convém a saber: o ensinar e catequizar aos que haviam de batizar e casar, e o mais honroso deixava aos padres das aldeias.**

**Estando o Padre José um dia praticando com alguns padres e irmãos no Rio de Janeiro, vieram a falar como se havia um de aquietar no ofício e grau, em que a Companhia o pusesse, se se queria conservar na paz e quietação de sua alma. E o exemplo, com que isto confirmou, foi consigo mesmo, dizendo que nunca tivera olho ao que podia ser ao diante. E assim, sendo irmão, nunca lhe viera à memória que pudesse ser sacerdote e que, quando se não precatou, se viu com as ordens. E sendo sacerdote, nunca lhe viera ao pensamento que podia ser professo ou superior, nem em si achava parte para isto; senão quando, se viu provincial.**

**Tanta era a sua humildade que nunca teve para si que podia ser promovido a algum grau. Este caso me contou o irmão Mateus de Aguiar, que era um dos que estavam naquela prática.**

## **CONFIANÇA EM DEUS**

**Da desconfiança de si mesmo e da humildade, é mui certa e fiel companheira a confiança em Deus; esta virtude tinha mui altas raízes no coração do padre, porque tinha experimentado que o livrara Nosso Senhor de mui evidentes perigos, por meios não esperados, e lhe acudia nas necessidades e negócios árduos, quando já todo remédio humano falhava, pelo que, com muita seguridade de ânimo, aguardava o combate dos trabalhos, e tomava nesta rodela seus golpes, como se viu no seu naufrágio e voluntário cativo, para concluir as pazes com o gentio contrário, de que se falou no Livro primeiro, cap. 8 e 12.**

**Outro caso referirei, ainda que em matéria mais leve. Sendo superior na casa de São Vicente, sucedeu não haver um dia na casa que comer, mais que laranjas e farinha de guerra. Deu conta disso, o refeitoreiro ao padre, o qual lhe respondeu: “tende fé e tangei à mesa a seu tempo”. Acabado o exame da consciência que se costuma fazer na Companhia, um quarto antes de comer, tornou o irmão ter com o Padre José, que estava de joelhos na sacristia, dizendo: “é chegada a hora e não temos nada”. Respondeu o padre que tangesse a seu tempo. Assim o fez e foram todos à mesa.**

**E começando de se ler a lição da mesa, tocam à portaria, acode o irmão porteiro (que era o Padre Agostinho de Matos, que este caso referiu no seu testemunho), acha um cesto com comida preparada, e quente, que logo se repartiu pela mesa, dando todos muitas graças a Deus, atribuindo às orações do padre. Mandou esta esmola José Adorno, senhor de um engenho de açúcar e principal benfeitor daquela casa, que morava dali uma légua, mas não costumava fazer aquelas caridades de ordinário.**

**Também foi ato de confiança em Deus, quando na casa de São Paulo, vendo que a um homem, criado da casa, levavam a rastro uns novilhos, que andava amansando, se atravessou diante deles, só com bordão que tinha na mão, e os fez parar, e livrou**

**ao homem do perigo evidente com admiração dos presentes e clara prova do favor de Deus, com que quis mostrar a fé de seu servo.**

**Em suas doenças era muito sofrido, por não dar pena aos outros; de noite passava suas dores o melhor que podia. E assim disse dele um irmão, que, sendo enfermeiro muitos anos, nunca tivera enfermo mais paciente, nem de maior obediência que o padre, ainda sendo Provincial. Quando, por sua devoção, pedia ao Superior penitência por falta de guardar as regras, como temos de costume, de joelhos a pedia.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **CAPÍTULO QUARTO. DE SUA CARIDADE COM OS PRÓXIMOS EM COISAS TEMPORAIS**

### **CARIDADE COM OS ENFERMOS**

Exercitava sua humildade e caridade com os enfermos, aonde quer que estava, com muito gosto seu e edificação de todos; assim no tempo que era provincial, como em todo o mais de sua vida. E neste Colégio da Bahia, era o mais certo e contínuo ajudante que o enfermeiro tinha em todo o serviço da enfermaria, levantando e deitando os doentes, e se era necessário vigiar sobre algum, mandava dormir ao enfermeiro e vigiava por ele. Aconteceu-lhe por vezes, estando em cama, levantar-se de noite a ir à cozinha consertar os xaropes e purgas (que até isso sabia fazer) e temperar o comer para outros doentes por sua mão, por falta de enfermeiro.

### **CARIDADE COM OS ÍNDIOS**

O mesmo usava com os índios quando com eles se achava, curando-os em suas doenças, posto que molestas e nojentas, com sangrias e outros remédios, que o tempo e lugar sofriam, e como era por uma parte muito mavioso e compassivo, e por outra muito animoso, nunca se negava para os servir no espiritual e temporal, ainda que houvesse de passar fomes, frios e mau caminho, e todas as mais incomodidades que a terra e o tempo ocasionavam.

### **ONDE DESEJAVA MORRER**

Porque tudo isto ficava muito aquém daquele ânimo com que, indo uma vez com seu companheiro, ambos a pé e descalços, por um caminho muito fragoso e de muitas lamas, lhe disse: “Irmão Jerônimo Soares, uns desejam morrer nas casas e outros nos colégios, ajudados de seus irmãos, ma eu vos digo que não há coisa melhor que morrer em um atoleiro destes, por obediência e bem das almas”.

### **COM OS COMPANHEIROS**

Trabalhava de não dar moléstias aos companheiros com quem

**caminhava, antes servia-os em tudo. Um padre afirma em seu testemunho, que caminhando com o padre, quando vinha a noite, em lugar de descansar se punha a enxugar o fato do companheiro, e meter-lhe brasas debaixo da rede em que dormia, e o restante da noite passava em oração, passeando ou de joelhos, ou ao pé de um pau, de que o companheiro dava fé quando acordava. Até aos índios, caminhando (com eles), agasalhava de noite, estando eles dormindo em suas redes, atizando o fogo debaixo delas, que não tem outros cobertores, nem abrigo. E isto fazia ainda no tempo que era provincial.**

**Queriam os índios de uma aldeia lançar ao mar uma canoa grande, e não podiam por serem poucos. Acertou de se achar ali o Padre José, e eles, pela opinião que tinham que Deus tudo fazia por ele, rogaram-lhe fosse lançar uma benção à canoa, para a poderem lançar ao mar. Respondeu que além da benção, também os ajudaria; como chegou e pôs as mãos na canoa, logo a levaram com facilidade, concorrendo a fé dos índios com a oração do padre.**

### **COM POBRES – CRISTÓVÃO PAIS DÁLTERO**

**A pobres e viúvas e pessoas desamparadas, costumava ajudar, com esmolas que para isso lhe davam, e mandavam de outras partes pessoas ricas e devotas desta santa obra, entre os quais foi Cristóvão Pais Dáltero, homem muito principal em Pernambuco, e senhor de três engenhos de açúcar, ao qual, agradecendo por carta o Padre José, a esmola que lhe mandara para dar aos pobres, acrescentou o padre que ele Cristóvão Pais era ainda o que ficava devendo, pois que por meio dos pobres assegurava as riquezas do céu.**

**O qual movido com estas palavras, beijou a carta, posto de joelhos e abraçando-a e pondo-a sobre o coração, disse que fazia voto ao Senhor Deus, de nunca em sua vida deixar de fazer esmola aos pobres, mas antes de lh'a dar dobrada da que até então dava, e assim o cumpriu, porque costumado antes dar semana, em certo dia, a cada pobre que lhe pedia, um vintém, daí por diante enquanto viveu dava por sua mão meio tostão, e na quaresma quatro vinténs.**

**Sendo o Padre José superior na Capitania do Espírito Santo,**

provia de vinho, azeite, sal e mais coisas necessárias a um padre que tinha cuidado de uma aldeia. Comprava e pagava por ele, e o deitava em livro, até que lhe disse uma vez: “V. R. cuida que tudo há de ser levar e nunca pagar; não haverá assim de ser, façamos conta hoje, que o hei de esfolar”.

Fizeram conta e ficou devendo uma boa soma em cruzados; disse então o Padre José, como quem conclui contas: “é certo que cuidava V. R. que lhe havia de levar alguma coisa? Não somos nós irmãos? V. R. não ajuda a manter esta casa? Enfim já tem pago, eu sou o que devo”. E com esta benignidade, lhe perdoou toda a dívida.

### **MORTES DESASTRADAS DE PESSOAS QUE NÃO TOMARAM SEU CONSELHO**

Por vezes aconteceu antever o Padre José com espírito mais que humano, os perigos em que alguns homens andavam de grandes desastres, avisá-los disso, e por eles não quererem tomar seu conselho, perderem miseravelmente suas vidas. Referirei dois casos.

O primeiro: a Frutuoso da Costa, morador na Vila de São Paulo, disse-lhe o padre que se fosse para sua casa, porque o haviam de matar. Respondeu que trazia ali negócios. Disse-lhe. ....

O segundo: um homem, valente e soberbo, vivia mal com a mulher de outro, desprezível. Avisou-o, o Padre José que se guardasse que o haviam de matar, o mesmo lhe disseram outros amigos, ao que ele respondia: “que me há-de a mim agora fazer fulano ?” Contudo o marido espreitou, e achando-os no malefício, os matou ambos à flechadas, por onde tomou o padre ocasião de fazer uma cantiga celebrada naquela terra, que começava:

**El que muere en el pecado,  
Sin arrepentirse del,  
Deste tal es escuzado  
Campanas doblen por el**

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## ***CAPÍTULO QUINTO. DA CARIDADE COM OS PRÓXIMOS, E BEM ESPIRITUAL DELES***

### **APARECE AONDE NÃO ERA ESPERADO**

Os próximos mais chegados a um superior da religião, são seus súditos, a quem tem obrigação de guiar para o céu, procurando-lhes os meios necessários, e afastando-os dos perigos, e acudindo quando vão cair, que é obra de verdadeira caridade. Foi também nisto singular a virtude do Padre José, assim com orações, como com sua doutrina e vigilância, e concorria com ele Deus Nosso Senhor, com especiais favores, quais eram os de que usou com outros santos antigos, fazendo que de súbito se achasse presente aonde era necessário, trazido pelo caminho e de modo que somente o autor de tais maravilhas sabe o que fazer.

Certo superior encerrou em uma câmara, a um irmão, um dia pela manhã, em São Paulo, estando o Padre José em São Vicente, dali a doze léguas; eis se não quando no mesmo dia, antes de jantar, aparece, só, sem companheiro, abre a porta da câmara onde estava o irmão afligido, e diz-lhe: “Saí daqui e vinde-me dar de comer no refeitório”. Comeu e depois falou com o superior e com o irmão, aquietou-os e pôs em paz. Deitou a benção aos da casa despediu-se de alguns amigos antigos e continuou seu caminho na mesma tarde para a casa donde tinha vindo. E o que mais é que o não acharam naquela casa menos, o que pôs em admiração a todos os que o souberam.

Estava um irmão, por ordem de seus superiores, em uma fazenda a que não podia ir senão por mar; sucedeu achar-se uns dias mui afligido, sem Ter com quem se consolar. Nisto andando ao longo da casa, passeando no caminho, vê de súbito ao Padre José com seu bordão na mão, sem viva pessoa consigo; deu-lhe as boas vindas, e o padre lhe disse: “Só por amor de vós venho cá”. Tratou com o padre o que importava a sua alma, com muita consolação sua, e o padre se ausentou, sem o irmão saber mais parte dele, como ou em que ou com quem passava o mar, à vinda, ou à tornada.

**Na Capitania do Espírito Santo andava o padre em missão, e**



**trazia consigo ao Padre Fernandes; antes de concluírem a missão disse ao companheiro: “Vamos-nos para casa, porque o irmão fulano tem necessidade de nós”. Partiram-se logo para a vila, e chegando à casa, disse-lhe aquele irmão: “Deus trouxe a V. R. porque se hoje não viera, não sei o que fora de mim”. Comunicou com o padre sua alma, e ficou consolado e quieto.**

**Outra vez, estando o padre com o mesmo companheiro, em uma aldeia, de caminho para outra, lhe disse: “Vamos depressa, porque naquela aldeia os índios e o padre têm necessidade de nós”. Foram e, pouco depois de chegados, chegaram também certos homens com intento de inquietarem os índios e ao padre que deles tinha cuidado, mas tudo se pacificou com a vista do Padre José, que todos tiveram por grande benefício de Deus.**

**Estava um dia na praça de São Vicente, Jorge Ferreira, que isto testemunhou, com quatro ou cinco homens, e passando o Padre José caminho da serra, que vai para a vila de São Paulo, perguntou-lhe que pressa levava Sua R. Respondeu que ia aplacar ao demônio que andava solto entre dois homens principais. Tornou Jorge Ferreira a perguntar se viera de lá algum recado. Respondeu que não.**

**Por onde todos presumiram que seria alguma revelação, pela opinião que tinham de sua virtude; soube-se depois que era certo caso de discórdia entre os dois sobreditos. Chegou o padre com um menino índio, que o acompanhava a São Paulo no mesmo dia com duas ou três horas de sol, sendo o caminho mui fragoso, e distância de doze léguas, e assim tornou a soldar as amizades.**

## **PREGAÇÃO**

**Sua pregação parecia sair mais de um peito cheio de devoção e comunicação com Deus, que não de muito estudo por livros, e assim mui afetuosa, e movia os ouvintes, à compunção de pecados, lágrimas e aborrecimentos de vícios, e amor à virtude e freqüência dos sacramentos, da confissão e comunhão, donde se seguia emendarem muitas pessoas suas vidas.**

**Ouvindo-o um dia pregar uma mulher simples, com muito devoção, usou desta semelhança:”o Espírito Santo põe na boca**

**do padre o que há de dizer, assim como a pomba na boca do filho o que há de comer”.**

## **O QUE PASSOU COM UM HEREGE QUE ENFORCARAM**

**Conquistando o governador Mem de Sá, a Segunda vez o Rio de Janeiro, quis fazer justiça de um herege muito pertinaz, que entre os soldados franceses tomara.**

**Encarregou-se dele o Padre José, porque havia que tratar com ele em Latim que o herege sabia. Teve dificuldade em o reduzir, e pediu mais tempo; finalmente, o reduziu com a divina graça e o fez confessar e aparelhar para bem morrer. Chegando ao ponto da execução, estava o padecente mui afligido e impaciente pelo algoz se embaraçar em seu ofício; repreendeu então o padre ao algoz, e deu-lhe ordem como o fizesse bem.**

**Contando o padre dali a muitos anos, no tempo que era provincial, este caso a um irmão nosso, lhe disse o irmão: é V. R. não via que ficava irregular”? – “Sim, bem advertia nisso – respondeu o padre - ,porém a minha irregularidade, não era ofensa a Deus, e tinha remédio, mas aquele pobre não tinha outro remédio, porque sua salvação tinha tempo limitado, e por salvação de uma alma ainda que ficara toda a vida irregular, o dera por bem empregado”.**

## **UMA ALMA QUE ESTAVA EM PENA**

**Tomou uma vez a noite ao Padre José, com seu companheiro, entre a ponta de Itapagipe e esta cidade da Bahia vindo de confessar um negro. E antes de chegarem a uma lagoa, que estava perto do caminho, entre o cantar das rãs, ouviram grandes gritos e ais muito sentidos, como de pessoa que estava em grande aflição, de modo que o companheiro, que isto testemunhou, se lhe arrepiaram os cabelos de medo.**

**Ao qual disse o Padre José: “não temais, chegai-vos para mim”. E parando um pouco, com os olhos no céu disse: “ó altíssimo Deus, quão grande é vosso poder”. E chegando perto da lagoa, disse ao companheiro: “rezemos ambos de joelhos aqui cinco Pater noster, e cinco Ave Maria, pelas almas do purgatório, e não se ouvirão mais aqui estas vozes”. Acabando de rezar, se**

não ouviram mais, e depois passando o companheiro do padre por aquele lugar, de noite, algumas vezes, nunca mais ouviu tais vozes, posto que ouvia rãs com seu costumado cantar.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **CAPÍTULO SEXTO. DO ZELO DA CONVERSÃO DO GENTIO DO BRASIL E DO VELHO ADÃO**

Bem entendeu o servo de Deus quando se viu nestas partes do Brasil, que o Senhor o chamava principalmente para a conversão deste gentio. E como para tal empresa, procurou, com a divina graça aparelhar-se com os meios para ela necessários, que são grande cabedal de virtudes, assim das que foram um verdadeiro religioso, como das que lhe dão destreza para jogar das armas espirituais, e exercitar este santo zelo.

Empregou-se logo em aprender a língua da terra, e compor a arte dela. E com este zelo e caridade do próximo, concorria muitas vezes Deus com favores extraordinários, como por muitos exemplos se tem visto nesta história, e ao diante se verá, mais em particular.

Daqui veio que quando se soube nesta Bahia do falecimento do Padre José, em umas conferências que de sua exemplar vida se tiveram, o Padre Quirício Caxa, pessoa de muita virtude e letras disse que, de todas as virtudes do Padre José, esta o edificara e espantara muito: enterrar e meter debaixo do pé sua muita habilidade, e outras grandes partes, só por ajudar a salvar o gentio do Brasil.

### **CONTRA OS QUE IAM SALTEAR GENTIOS**

Procurava muito a liberdade dos índios, e estorvava quanto em si era, o irem a suas terras salteá-los e cativá-los, não por justa guerra, mas por força ou engano e manifestas injustiças, com título de ir resgatar.

E vendo uma vez, que na vila de Santos se apresentavam dois navios, para irem a este roubo, do púlpito e em particular, trabalhou com as com as justiças da terra e senhorios dos navios, por estorvar a viagem, ameaçando-os com graves castigos de Deus se lá iam. Contudo foram, porque não há soltas (= peias) nem freio, que tenham mão na cega e brutal cobiça.

Sucedeu que o capitão de um destes navios sonhou uma noite indo pelo mar, que caía de uma rocha abaixo, e que o Padre

**José o tomava pelo cabeça e livrara do perigo, repreendendo-o da má jornada que cometera; e acordando pela manhã mandou arribar, e se recolheu ao porto donde saía. O outro navio chegou aonde ia e se perdeu, e os índios carijós que eles iam saltar os mataram a todos, tirando dois que escaparam mal feridos, para darem estas novas.**

## **UM GENTIO DE CEM ANOS**

**Antes de ser sacerdote, o Padre José acompanhou a um padre em uma missão, e servia de intérprete; um dia, depois de cansados do trabalho, saíram à praia a tomar algum refresco da viração. Senão quando acham um índio velho que representava mais de cem anos; começou o irmão a travar prática com ele das coisas de Deus, das quais nenhuma notícia tinha, mas recebeu com elas muita consolação, mandou chamar a seus filhos e netos para ouvirem aquelas coisas, e o ajudarem a aprendê-las.**

**Não dormia de noite o bom velho, com o cuidado e gosto do que tinha ouvido; finalmente no cabo de alguns dias, foi bem catequizado e batizado na Igreja, de que se não queria ir para sua casa, mas logo direto ao céu, mas pouco lhe dilatou Deus Nosso Senhor sua petição, levando-o para si ele desejava.**

## **PRAIA DE ITANHAÉM**

**As Ilha de São Vicente para o sul corre uma mui formosa praia, muito dura e esparcelada, povoada comumente de grandes ossos e corpos de baleias, as quais, confiadas na água alta em tempo de maré cheia de águas vivas, quando se não precitam, fugindo-lhes com a vasante o mar, sem o sentirem, acham-se em seco, sem remédio. Da banda da terra correm algumas ribeiras, junto das quais vivem moradores com suas famílias e índios de serviço; chamam-se pela língua da terra a praia de Itanhaém, ou de Nossa Senhora da Conceição, que é a invocação da Igreja que ali têm, até a qual fazem oito léguas de praia.**

**A esta chamava o Padre José o seu Peru, pelas muitas almas que por ali achava de portugueses e índios, muito necessitadas de socorro espiritual a que dava remédio, e as estimava em mais**

**que barras de ouro nem pedras preciosas; e hoje em dia os padres da casa de Santos, continuam esta empresa com muito proveito espiritual das almas. De quantas pessoas o Padre José por esta praia ajudou a salvar, administrando-lhes os sacramentos, não temos mais notícias que esta em geral, de fazer nela por muitos anos muito serviço a Nosso Senhor.**

## **ÍNDIO VELHO, ADÃO**

**Um só caso acho, nos testemunhos autênticos, não menos devoto que digno de admiração, no qual se vê por quão extraordinário modo executou Deus em uma alma, o efeito de sua predestinação. O mesmo Padre José o contou ao Padre Pero Leitão e foi desta maneira: indo o padre uma vez por esta praia, se desviou do caminho, sem ocasião alguma, mas como levado por outrem, se meteu um pouco pelo mato. Encontrou um índio velho, assentado ao pé de uma árvore, o qual primeiro armou a prática, dizendo: “Acaba já de vir, padre que muito tempo há que aqui te estou aguardando”. Perguntando-lhe o padre pelo nome, terra e aldeia. Respondeu que sua aldeia estava sobre o mar, e outras coisas das quais claramente entendeu que aquele índio não era natural de São Vicente, nem de toda a costa do Brasil, mas que viera ali ter, trazido por braço mais que humano, da parte do Oeste, da contracosta da Província do Brasil.**

**Perguntou-lhe mais a que viera, e que era o que ele queria, pois o estava ali aguardando; respondeu que a vinha ouvir a vida boa (que é frase dos índios com que significam a lei de Deus e o caminho da salvação). Examinou o padre miudamente sua vida e achou que não tivera muitas mulheres, que nunca fizera guerra senão para se defender, pelas quais coisas e outras semelhantes, julgou que nunca pecara mortalmente contra a lei natural, e que tinha muito conhecimento natural das coisas e do autor da natureza.**

**Quando o padre lhe ia declarando os principais mistérios de nossa fé, respondia: “assim entendia no meu coração, mas não no sabia declarar”. Finalmente o padre o instruiu bastante, e batizou com água de chuva, que se conservava nas folhas dos cardos montezinhos, e lhe pôs o nome de Adão, que tanto que se viu regenerado em Jesus Cristo, pelo santo batismo, com as mãos postas e os olhos no céu, deu muitas graças a Deus, com**

semblante mui alegre. Agradeceu também ao padre a caridade que lhe fizera, e como quem não esperava mais que esta ditosa hora, nem tinha mais que negociar na vida, deu sua bendita alma a Deus nas mãos do mesmo padre, e se foi para o céu, cujo corpo enterrou o padre, cobrindo-o com areia. Caso por certo raro e digno de admiração, e matéria para dar muitos louvores ao Criador e Redentor dos homens.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **CAPÍTULO SÉTIMO. DE OUTROS DOIS CASOS QUE NA PRAIA DE NOSSA SENHORA ACONTECERAM**

### **PROFECIAS**

**Antes que saíamos desta praia, apontarei dois casos, um que sucedeu ao Padre José, posto que pertencia mais ao espírito da profecia, o segundo a outros dois padres, e foi uma horrenda visão mui celebrada por toda a costa do Brasil e ainda em Portugal.**

**Quanto ao primeiro: Estevão Ribeiro, morador na vila de São Paulo, vindo um dia pelo campo comigo e com o Padre Manuel de Oliveira, superior que então era das casas de São Vicente e agora reitor deste Colégio da Bahia, nos contou com muita devoção como, sendo ele moço, e acompanhando o Padre José pela praia, lhe perguntou se levava no seu cofo ou cestinho alguma coisa para comer.**

**E respondendo ele que não, lhe disse o padre: “pois Estevão, eu vos direi agora o que há de ser; primeiro havemos de encontrar neste caminho com um peixe que não presta para comer, e depois havemos de encontrar com outro pequeno que nos servirá, que vós metereis nesse cofo, e daí a outro pedaço, dentro no mesmo cestinho o haveis de cozer para comermos” .**

**Tudo assim sucedeu, porque primeiro havemos de encontrar com um baleato, e depois com uma tainha que na baixa mar estava saltando em seco, que o menino meteu no cesto, e indo mais adiante acharam uma índia velha, que estava com um tacho ao fogo, cozinhando água do mar, para a tornar em sal, diminuindo-a até certa quantidade; meteu Estevão o cesto no tacho, e ali o cozinhou. O padre falou com índia coisas de sua salvação, e continuou sua jornada.**

### **VISÃO HORRENDA DE DANADOS**

**O segundo caso me contou na casa de São Paulo, diante dos padres e irmãos dela, o Padre Manuel Viegas, que foi um dos que viram aquela visão. A coisa passou-se desta maneira: no ano de mil quinhentos e setenta e seis, indo uma noite por esta**



praia o Padre José Morinelo, e o Padre Manuel Viegas, viram ao longe, como em distância de três ou quatro léguas, pela praia adiante, um fogo grande, e, afastado dele, outros menores, cuja vista os atemorizou grandemente.

E falando entre si daquela visão, ela se lhe apagou e desapareceu da vista, senão quando de repente a tornam a ver pelo mesmo modo, mas tão perto de si, que claramente a enxergavam ser como um corpo humano que botava grandes chamas de fogo da cabeça, como se cada cabelo fora uma grande tocha, e a luz de cada uma de diversa cor. E posto que esta vista era mui horrenda, muito mais o era quando abria as costas, e pela abertura lançava maior labareda do que a que sai pela boca de uma fornalha de engenho; e isto com tanta claridade, que os padres distintamente enxergavam os ossos e as entranhas do que quer que era, que tal fogo lançava de si.

Da mesma maneira eram, ainda que menores, os fogos que as outras dez ou doze figuras humanas lançavam de si, que eram de menor estatura, que representavam moços de doze até quinze anos. Estes iam em contínuo baile, ora todos diante, ora ao redor do grande amo, que lhes fazia festa.

E esta visão os padres por espaço de três horas ou mais, por muitas vezes, indo sempre caminhando, ora mais perto ora mais longe.

O Padre Manuel Viegas quando estas figuras se chegavam a ele, escondia o rosto detrás das costas do outro padre, o qual foi sempre atento, e dizia depois que os ouvia falar pela língua da terra, mas que os não entendia. Este padre italiano ficou depois tão assombrado, que, quando daí a muitos anos, lhe perguntavam por este caso, a resposta era dar logo em tremer e perder as cores, como homem pasmado; e isto lhe durou toda a vida.

Sabendo-se o caso, houve no povo diversos pareceres, entre os quais uns diziam que eram certas pessoas, que haviam pouco tempo que morreram ali em mau estado. O certo é que semelhantes figuras são mostra das penas do inferno, as quais Deus Nosso Senhor algumas vezes permite que nos apareçam, para que quem as ouvir contar ou vir pintadas, como esta foi a

**Portugal, cobre temor de sua divina justiça, para emenda de sua vida.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **CAPÍTULO OITAVO. DO RESPEITO QUE TINHAM AO PADRE PESSOAS DE AUTORIDADE**

**Bem se cumpriu no Padre José a sentença do Santo Evangelho, Lc 14, qui se humiliat exaltabitur, que quem por amor de Jesus se humilha a abate, por mão do mesmo Senhor é levantado, ainda diante dos homens, porque foi mui grande o respeito e veneração em que foi tido de pessoas de toda a sorte, que com ele tratavam, e em especial das principais em autoridade e governo.**

**O santo mártir Inácio de Azevedo, primeiro visitador desta Província, tinha grande conceito da virtude e santidade do Padre José; o mesmo tinha o Padre Manuel da Nóbrega, sendo provincial, e nos negócios de importância levava-o consigo, nem fazia coisa grave sem seu conselho, ainda antes de ser de missa. E quando o mandou de São Vicente, a tomar ordens a esta Bahia, lhe ordenou que, de caminho, visitasse a casa e aldeias do Espírito Santo, o que fez com muita edificação e consolação de todos.**

**O Bispo do Brasil, Dom Pedro Leitão, dizia do padre que era servo de Deus, e uma luminária que a Companhia tinha nestas partes. E outras vezes usava desta semelhança: “a Companhia no Brasil é um anel de ouro, e a pedra preciosa dele é o Padre José”.**

**E outra testemunha lhe ouviu estas palavras: “mais farei o que me disser este canário, que todos os mais da Companhia, porque é o espelho em que todos eles se podem ver”. Chamou-lhe canário assim por ser o Padre natural das Ilha Canárias, como porque este nome tinha nos estudos de Coimbra, por ser um dos melhores latinos que então havia, e deste tempo o conhecia o Bispo, dizendo mais que já então corria entre os estudantes a fama de sua virtude.**

**O Administrador Bartolomeu Simões Pereira, pregando na nossa casa de Santiago, Capitania do Espírito Santo, as exéquias do padre, lhe chamou Apóstolo do Brasil. O Capitão Jerônimo Leitão, governando a Capitania de São Vicente, por obra de vinte anos, sempre fez muito caso do conselho do**

**Padre José.**

## **DIOGO FLORES DE VALDÊS**

**Mas ninguém, a meu ver, declarou com tão graves palavras a reputação em que tinha ao Padre José, como Diogo Flores de Valdês, General da armada da Espanha, que S.M .El Rei Filipe, segundo de Castela e primeiro de Portugal, mandou ao estreito de Magalhães, e à costa do Brasil, no ano de mil quinhentos e oitenta e um. Estando esta armada no Rio de Janeiro tratou o General muito familiarmente com o Padre José que era então provincial, e o ia buscar em pessoa muitas vezes ao colégio, e alcançou muito de sua virtude.**

**Aqui sucedeu o caso seguinte: mandou o Padre José ao Padre João Batista, fosse pedir ao general, desse liberdade a um inglês que ali prendera; não tomou bem a petição, mostrou-se agastado, e escusou-se de o fazer; o padre João Batista se desculpou dizendo que seu superior, o Padre José, o mandara fazer aquele negócio.**

**Ouvindo o general falar no Padre José, amansou e respondeu: “solte-se logo, e faça-se assim como o padre manda, porque nunca Deus queira que eu deixe de fazer o que ele me mandar. Porque a primeira vez que o vi, nunca pessoa mais dejecta e desprezível se me apresentou, porém depois, olhando bem para ele, nunca em presença de alguma majestade me vi tão apoucado”.**

**Deste respeito e autoridade com os homens se ajudava o servo de Deus, não para se levantar e crescer no conceito e estimação de si mesmo, mas para, por esta via, dar a mão aos que tinham necessidade de sua valia e intercessão.**

**Contra o capitão de uma vila cometeu um morador um caso grave, digno de morte, e de feito estava já para se fazer nele execução de justiça; entendeu no negócio o Padre José, e finalmente acabou com o capitão perdoasse ao delinqüente, e se fizeram amigos.**

**Outro capitão de um forte por S. M. estava para justicar dois soldados do presídio, e muitos homens lhe tinham pedido lhes**

perdoasse, o que nunca quis fazer. Chegou o Padre José para lhe pedir o mesmo, e com sua vista lhe entregou tal temor no coração, (como depois confessou), que logo lh'os entregou, dizendo que fizesse deles o que quisesse.

Estava doente um homem rico e honrado, por nome João Fernandes Brum, o qual tinha querelado de dois homens de certos casos de justiça. Pediram-lhe alguns homens de respeito, e entre eles dois padres da Companhia, lhes perdoasse, o que não quis fazer. Um dia foi o Padre José visitar o enfermo, e entrando pela porta, lhe inspirou Nosso Senhor no coração que fizesse tudo o que o padre lhe pedisse; falou-lhe o padre no perdão, e logo lh'o concedeu de muito boa vontade.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **CAPÍTULO NONO. DAS OCUPAÇÕES DOS PADRES DA COMPANHIA QUE RESIDEM COM OS ÍNDIOS EM SUAS ALDEIAS**

**Não me parece que satisfaço a quem ler este tratado, com dizer em algumas partes dele, que os padres da Companhia ensinam aos índios a doutrina, sem declarar juntamente o trabalho e ocupações que com eles tomam, por amor de Deus, e o fruto que dali se colhe, assim no que toca ao conhecimento de nossa santa fé, como ao melhoramento de seus costumes.**

**E não trato como algumas vezes os vão buscar ao sertão, com cópia de índios das aldeias, daí mais de cem léguas, e ainda mais de duzentas, com imenso trabalho de fomes, sedes, calmas, frios, asperezas do caminho, e perigo de os saltearem, ou de lhes resistirem aqueles que vão buscar, por não conhecer o bem que lhes vão oferecer, com outros muitos descontos e incomodidades.**

**Mas, depois de trazidos e agasalhados em suas casas, o modo ordinário de os conservar e ensinar é o seguinte:**

### **ROSÁRIO DO NOME DE JESUS**

**Todos os dias, em amanhecendo, se tange às Ave Marias de pela manhã e daí a pouco à missa, que acabada se lhes ensina a doutrina na sua língua. E depois vai cada um a seu serviço; em algumas partes, como as aldeias da Capitania do espírito Santo, entre as Ave Marias e a missa, se ajuntam os meninos e meninas na Igreja ou à porta de fora, e repartidos em coros cantam em alta voz pelo português, o rosário do benditíssimo nome de Jesus, desta maneira.**

**Entoam os meninos:**

**“Bento e louvado seja o Santíssimo Nome de Jesus”.**

**E respondem as meninas:**

**“E da Santíssima Virgem Maria, Madre sua, para sempre, Amém”.**

**E no cabo das dez, dizem:**

**“Glória Patri” etc.**

**Desta maneira entoam os meninos e prosseguem até cinqüenta, que parece àquele tempo uma alvorada de anjos.**

**A doutrina que a todos se ensina são as orações e parte do Diálogo que contém a declaração dos artigos da fé, e após isto se recolhem os meninos para a escola, cada um à sua estância, uns a ler, outros a cantar cantochão e canto de órgão, e outros a tanger flautas e charamelas, para oficiarem as missas em dias de festa, e solenizarem as procissões na aldeia e na cidade, e em outros atos públicos, como quando se examinam na sala dos estudantes do curso para bacharéis e licenciados, e quando tomam os graus.**

**Às cinco horas da tarde se torna a tanger o sino à doutrina, a que acode a gente que se acha pela aldeia, e se lhes ensina a doutrina com a outra parte do Diálogo, que contém a declaração dos sacramentos. Finalmente à boca da noite saem os meninos em procissão, da porta da Igreja até à cruz, cantando algumas orações e encomendando as almas do fogo do purgatório.**

### **ADMINISTRAÇÃO DOS SACRAMENTOS – EUCARISTIA – DISCIPLINA DAS ENDOENÇAS**

**Além deste trabalho e ocupação de cada dia, têm os padres outras, a seus tempos, de não menos importância, como são: batizar as crianças, catequizar os adultos para batismo, e instruí-los para receberem o sacramento do matrimônio; procurar sua liberdade; curá-los em suas doenças; administrar-lhes o sacramento da Santa Unção, enterrar os defuntos com tumba e a modo cristãos.**

**E sobretudo – o que dá maior matéria de admiração e amor de Deus – escolhem os padres alguns de melhor vida e mais capacidade, e com práticas espirituais, pouco a pouco os vão dispondo para receberem dignamente o santíssimo sacramento da Eucaristia, assim homens como mulheres, o que eles além da obrigação da Páscoa, continuam algumas festas do ano, quando**

**o confessor julga que convém.**

**À véspera do dia em que hão de comungar, está a aldeia mui quieta, tratando cada um consigo de se aparelhar para a confissão. E no dia recebem o Senhor devotamente, e o restante dele gastam em virem visitar a Igreja muitas vezes, rezando de joelhos um pouco, e outro pouco assentados, sem tratarem aquele dia de outro negócio algum.**

**São mui devotos da paixão de Cristo Nosso Senhor, em memória da qual não perdem disciplina, que todas as sextas-feiras da quaresma tomam. Na Igreja, depois da prática que a este fim lhes faz o padre, e principalmente na procissão das endoenças, se disciplinam cruamente, com muita edificação dos portugueses. E até as crianças seus filhos, com os rostinhos cobertos, vão arremedando os pais.**

**Tão poderosa é a graça de Deus, e tão eficaz sua palavra, que faz de bárbaros devotos cristãos, e de pedras filhos de Abraão, e dá a seus servos paciência e perseverança, para continuarem com alegria estes trabalhos, e deles tira o fruto tão suave.**

**Suavíssimo fruto é a glória de Deus, que sempre daqui se colhe o merecimento dos obreiros desta vinha, a salvação de muitas almas que não tinham outro remédio, o proveito temporal dos portugueses, a mudança dos costumes desta gente bárbara.**

**Têm neles os portugueses fiéis e esforçados companheiros na guerra, cuja flecha muitas vezes experimentaram os estrangeiros, que cometeram de entrar com mão armada algumas vilas deste Estado, e confessaram que mais temiam a flecha destes que o nosso arcabuz. Também têm neles um grande freio contra os negros de Guiné, de cuja multidão é para temer não ponham alguma hora em aperto algumas Capitánias da costa do Brasil. Servem mais aos moradores em suas fazendas; e para isso se põem com eles por soldada, por certos meses, por seu estipêndio, conforme ao regimento de S. M.**

## **VESTIDO DE QUE USAM**

**Vivem os índios por sua lavoura de mantimentos que plantam e semeiam, de caça, de pescaria e criações.**



As mulheres, quando hão de ir à Igreja, ou hão de aparecer diante de gente, vestem-se mui decentemente, convém a saber, com uma camisa ou hábito muito bem feito, cerrado, largo e comprido até o chão; os cabelos que são compridos enastrados com suas fitas, e nas mãos suas contas de rezar. Os homens andam com o vestido que podem, mas na Igreja e pelas festas muitos deles se tratam à portuguesa, como soldados bem pagos, seus chapéus forrados de seda, sapatos, meias e mangas de cores, e vestidos de pano do Reino, que ganham por sua soldada.

Esta é a vida dos índios do Brasil, depois de alumados com a luz do Evangelho e cultivados com os contínuos trabalhos dos padres da Companhia. Este é o fruto que destes trabalhos se recolhe nos celeiros da Igreja, de mais de cinqüenta anos a esta parte.

E assim parece que basta o dito nesta relação, porque tão impertinente trabalho seria querer escrever a cegueira e bárbaros costumes, em que eles e seus maiores tantos mil anos continuaram, quão escusado seria trazermos nós à memória a idolatria e outros desatinos, em que nossos antepassados na Europa viveram tantas centenas de anos, antes que a verdadeira luz do céu lhes amanhecesse.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## LIVRO TERCEIRO

**Do espírito de profecia que parece que teve o**

**Padre José de Anchieta**

### ***CAPÍTULO PRIMEIRO. DE COISAS QUE SUCEDERAM LONGE DONDE O PADRE JOSÉ ESTAVA***

**Mais de quarenta pessoas de crédito e virtude, (fora os padres e irmãos da nossa Religião) juraram em seus testemunhos autênticos, que fora o Padre José um religioso de santa vida e obras, e muitas delas afirmam, que dizia muitas coisas que sucediam em distância de muitas léguas do lugar em que ele estava, e depois se achavam serem certas e verdadeiras.**

**E que outras dizia que estavam por vir, nas quais também não havia falta, e finalmente referem alguns casos, que mostram comunicar Deus a seu servo, o que passava no pensamento e consciência das pessoas com quem tratava, como tudo se verá pelos exemplos seguintes, postos por esta ordem:**

#### **MONOEL DA GAIA. – PROFECIA**

**Manoel da Gaia morador na Capitania do Espírito Santo, fez uma viagem para o Reino, e andou alguns anos ausente de sua casa, pelo que estava sua mulher muito triste; e vendo-a assim, sua mãe aconselhou que se fosse confessar com o Padre José, e que atentasse bem que palavras lhe dizia. Fê-lo assim, e depois da confissão lhe perguntou o padre se tinha novas de seu marido; respondeu que não tinha boas, por que lhe diziam que fora roubado de corsários e era morto.**

**Disse-lhe então o padre que se não agastasse, porque era vivo e, posto que fora tomado e levado à Rochela, depois fora ter à casa de um irmão, aonde estivera doente; disse mais que não havia de vir em direitura àquela Capitania, mas primeiro havia de vir por outras partes, e ainda que viesse roubado, não deixaria de trazer algum remédio.**

O que tudo ela jurou em seu testemunho, e que assim acontecera como o padre dissera; e acrescentou que fazendo seu marido outra viagem para Angola e, tornando à Capitania dos Ilhéus, se perdeu e correu fama que o gentio alevantado o comera. Mas o padre a consolou, afirmando-lhe que era vivo, e que dia de Ano Bom, depois de jantar lhe entraria pela porta, como na verdade entrou no mesmo tempo.

### **ANTÔNIO JORGE – PROFECIA**

Muito semelhante a este foi o caso seguinte: Antônio Jorge, morador na mesma Capitania, foi com o Capitão Miguel de Azevedo à guerra dos Guaitacases, gentio bárbaro e cruel; e por não haver novas do sucesso, estava a mulher muito triste. Foi a visitar o Padre José, que era superior da casa, e achando-a desconsolada, lhe disse que não estivesse triste, porque cedo viriam as novas do que na guerra se passava, ainda que seu marido Antônio Jorge havia de vir ferido de uma flechada no peito esquerdo, mas que não era perigosa, por ser entre a pele e a carne.

Disse mais que, por causa da ferida, era já partido, e que dali a oito dias o fossem buscar à Vila Velha; foi a mulher ao dia sinalado, e achou o marido na dita vila; tudo isto sucedeu sem ser ainda chegada pessoa alguma da guerra. Queixava-se uma mulher, na Capitania de São Vicente, diante do Padre José, que seu marido tardava muito, que era ido à terra dos índios contrários, dali a mais de cem léguas, e não havia novas dele. Respondeu o padre: - “Ainda não sabeis que é morto?”

Depois se achou ser assim.

### **PROFETIZA DUAS VITÓRIAS**

No tempo que o gentio tamoio molestava com a guerra a Capitania de São Vicente, sucedeu profetizar Padre José duas vitórias:

A primeira: sendo Capitão Jorge Ferreira, foram os portugueses fazer guerra aos contrários, dali a vinte léguas, e antes de haver nova alguma do sucesso dela, disse o Padre José na Vila de

**Santos, que naquele dia renderam os nossos a aldeia dos inimigos, sem morrer homem da nossa parte, e que ao outro dia teriam recado na vila, antes da noite, o que tudo assim passou como o padre tinha dito.**

**A Segunda vitória: sendo Capitão Jerônimo Leitão, foi com muita gente fazer guerra ao mesmo gentio, dali a setenta léguas, e andando lá perto de dois meses, não havia recado deles; mas o Padre José, pregando na Vila de Santos, esteve por um espaço sem falar, cobrindo os olhos com a mão, e tornando em si disse: rezemos todos, um Pater Noster e uma Ave Maria, pela vitória que Nosso Senhor no dia de hoje deus aos nossos, contra os tamoios nossos inimigos; e depois de virem da guerra, se achou que naquele dia em que o Padre José mandara dar ao povo graça a Deus pela vitória, esse mesmo dia houveram a vitória.**

**DO PADRE ADÃO GONÇALVES, E DO IRMÃO BARTOLOMEU GONÇALVES – TAMBÉM SOUBE DA MORTE DESTE IRMÃO, NO MESMO DIA QUE SUCEDEU**

**Entraram na Companhia dois homens, pai e filho, e dali a anos, na era de mil quinhentos e setenta e seis, o pai chamado o Padre Adão Gonçalves, veio a ser Superior na casa de São Paulo, e o filho por nome Bartolomeu Gonçalves, estava no Colégio da Bahia.**

**Sucedeu que estando o Padre Adão, em oração em uma varanda, com os olhos no céu, de madrugada, viu passar pelo ar um tropel de gente, mas não divisou que gente era, somente ouviu uma voz clara que lhe disse: “pai, pai, eu sou, rogai por mim a Deus”. Pareceu-lhe que era a voz do filho, e ficou espantado, e muito triste.**

**Sendo manhã clara viu consigo na mesma casa ao Padre José, que vivia na casa de São Vicente, muitas léguas da casa de São Paulo, que parece o não levou lá Deus, mais que para consolar ao velho, o qual sem mais outra palavra lhe perguntou:**

**- “Padre, como está Bartolomeu”?**

**O Padre José lhe respondeu:**

- “Já está bem, não tem V. R. para que se entristecer”.

E mudando logo a prática não falaram mais nisso. Dali a mais de um ano, aconteceu acharem-se ambos estes padres no Colégio do Rio de Janeiro, e indo um navio desta Bahia, levou novas da morte do Irmão Bartolomeu Gonçalves. O que sabendo o Padre Adão pediu ao Padre José dissesse algumas missas pela alma do defunto, mais das que ordinariamente costumamos dizer pelos nossos que falecem. Respondeu o Padre José:

- “Já lhe disse cinco quando logo morreu, bastam-lhe, não há mister mais”.

Sendo assim que não podia saber humanamente da tal morte, logo quando faleceu, porque entre a Bahia e São Paulo há mais de duzentas léguas. Isto contou o Padre Adão Gonçalves no Rio de Janeiro, a um padre que o testemunhou com juramento.

#### QUE UM IRMÃO HAVIA DE ADOECER

O padre reitor do Colégio do Rio de Janeiro, enviou um irmão a negócios fora da cidade, e deu-lhe por companheiro ao irmão Francisco de Lemos; passado ambos por uma aldeia, onde estava o Padre José, disse ao irmão que ia negociar deixasse ficar ali aquele irmão, e ele fosse ao Colégio buscar outro, porque lhe bastava a ele seus trabalhos.

Assim o fez; dali a dois ou três dias, adoeceu este irmão tão gravemente que chegou quase ao ponto da morte, donde se conclui que o Padre José anteviu a doença, que a um havia de sobrevir, e o trabalho do outro se o levava consigo, e tudo atalhou, como se achará no testemunho do Padre Estevão da Grã.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **CAPÍTULO SEGUNDO. PROSSEGUE A MESMA MATÉRIA COM OUTROS EXEMPLOS – UMA FACA PERDIDA**

Darei princípio, a este capítulo por uma coisa bem pequena para que se veja que nem estas se escondiam ao espírito do Padre José.

Antônio de Sousa, morador no Rio de Janeiro, caminhando um dia a pé com o Padre José e outros homens, queixou-se no cabo da jornada que perdera uma faca de preço, e que havia de tornar a buscar. Respondeu-lhe então o padre:

- “Ora já que a quereis ir buscar, a achareis em tal parte”.

Foi e deu com ela no mesmo lugar, que o padre dissera; e vindo depois ao Rio de Janeiro, contava este caso com grande admiração, dizendo que era santo e que Deus lh’o revelava, porque caminhando sempre naquela jornada diante de todos, não podia humanamente saber aonde caíra a faca, ao homem que vinha de trás.

### **QUE ERA MORTA UMA MULHER EM LISBOA – PROFECIA**

Estava um irmão nosso neste Colégio da Bahia, em sua câmara, escrevendo a uma irmã sua que tinha em Lisboa. Entrou o Padre José e disse-lhe: - “Que estais ai agora gastando o tempo em balde”?

- “Escrevendo a minha irmã, disse o irmão.

O padre sorrindo-se disse:

- “Ide-me vós dar de comer, a mim (porque o padre andava mal disposto, e o irmão era enfermeiro), e a vossa irmã mandai-lhe cartas ao céu”. Daí a algum tempo soube o irmão por outra via, ser morta sua irmã, e que morrera no mesmo tempo em que o padre lh’o dissera. Pediu então ao padre dissesse algumas missas pela alma da defunta. Respondeu o padre: - “Já lh’as disse logo quando Deus a levou”.

**Há da Bahia a Lisboa, mais de mil léguas, mas a distância das terras não impede os favores do céu.**

## **PROFECIA**

**Na Vila de Santos, dava uma mulher honrada quatro caixas de marmelada, ao Padre José, para dar a um filho seu que tinha no Rio de Janeiro, para onde o padre então partia em uma canoa. O padre lhe disse que escusasse isso, porque seu filho havia de vir ao dia seguinte jantar com ela em sua casa, e que não tomasse trabalho de lh'as mandar; insistiu ela e o padre lh'as tomou, por lhe fazer a vontade, dizendo:**

**- “Manoel de Oliveira, (que era o filho dela), mas dará, para ajuda da minha matalotagem, hoje às horas da ceia”.**

**O que tudo assim sucedeu, dando todos o que o souberam muitas graças a Nosso Senhor, e tenho a seu servo em maior estima.**

**Estando os moradores do Rio de Janeiro, ainda com poucas forças para poderem resistir aos inimigos, mandaram pedir socorro à Capitania de São Vicente (onde estão morava o Padre José) contra duas naus francesas que estavam na barra.**

**Fez-se a gente prestes para o socorro. O Padre José lhes disse que fossem, embora, mas que não tinham lá que fazer, porque naquele mesmo dia eram as naus partidas da barra, o que assim se achou ser verdade, com haver do Rio de Janeiro a São Vicente quarenta léguas.**

## **QUE AS ÁRVORES HAVIAM DE CAIR SOBRE UMA CHOUPANA**

**Partiram uma vez da casa de São Vicente para São Paulo, o Padre José e o Padre Vicente Rodrigues, e no meio da serra se aposentaram em uma choupana. E na mesma noite uns homens que vinham de São Paulo pela serra abaixo se agasalharam em outra, meia légua antes de chegarem donde os padres estavam.**

**Nisto lhes manda o Padre José recado por um índio, que se viessem logo para onde ele estava, e não dormissem ali, porque aquela noite haviam de cair as árvores (que são altíssimas)**

sobre a choupana, e não os tomassem debaixo. Vieram logo, pelo crédito que lhe tinham, e antes que entrassem na choupana do padre, lhes disse que se confessassem todos com o padre seu companheiro. E fazendo assim todos, disse a um que se tornasse a confessar, como fez. E acrescentou, como por graça: “não entreis vós outros cá com essa mofina que trazeis, não nos abranja também a nós”.

Aquela noite fez grande tormenta e, vinda a manhã, os padres continuando seu caminho, foram dar na choupana daqueles homens, que acharam feita em pedaços, com as grandes árvores que lhe caíram em cima; e deram graças a Deus pelo modo com que livrou aqueles homens da morte.

Este caso contou o Padre Vicente Rodrigues ao Padre Pero Leitão, que assim o depôs em seu testemunho.

#### **OUTRA: QUE A JUSTIÇA VINHA A PRENDER UM HOMEM**

Na Capitania do Espírito Santo, estava um homem homiziado em sua fazenda, com sua família, fora da vila, e o Padre José em uma aldeia, obra de meia légua dele.

Nisto manda o padre um recado à mulher do homiziado, à meia noite, que avisasse ao marido se pusesse em cobro, e ela que se fosse logo para a vila, porque a Justiça lh'o ia prender; fizeram-no ambos conforme ao aviso do padre, e ela no caminho achou a Justiça que lhó ia prender. E da vila à aldeia onde o padre estava havia algumas léguas.

#### **OUTRA: QUE NÃO MORRERIA UM ÍNDIO**

Em uma aldeia da Capitania do Espírito Santo, três ou quatro léguas da vila, estava um índio muito doente havia dias, nem tinha mais que os ossos, ungido já, e chorado pela aldeia, sem nenhum sinal de vida mais que alguma quentura; deu o padre conta do caso ao Padre José que estava na casa da vila, e respondeu:

“Eu o encomendarei a Deus; José (que assim se chamava o índio) não morrerá desta”.



**E assim foi que viveu depois muitos anos.**

### **OUTRA: QUE ERA MORTO OUTRO ÍNDIO**

**Na Capitania de São Vicente, querendo o padre dizer missa, rogou a um homem por nome Pedro Fernandes, lhe ajudasse, e estando com o amito, e vestindo a alva, disse o Pedro Fernandes ao padre que um índio doente se queria confessar a ele. Tirou logo a alva e o amito, e o foi confessar; e tornou a dizer missa, pelo mesmo doente; e estando no meio da missa: - “já lá vaia, já faleceu o índio”. E assim era.**

### **OUTRA**

**A primeira ida que El-Rei Dom Sebastião, que Santa Glória haja, fez à África, se soube na Capitania de São Vicente pelo Padre José; e daí a um mês chegou um navio do Reino que deu as mesmas novas.**

**Estando já o Padre José muito mal na casa do Espírito Santo, acertou de ver um espelho na câmara, que tinha ali o Padre Jerônimo Rodrigues para pôr sobre uma imagem; e era seu enfermeiro. Tomou o padre o espelho na mão e falando consigo disse:**

**Vi-me agora um espelho  
E comecei de dizer  
Crocós, toma bom conselho  
E faze bom aparelho  
Porque cedo hás de morrer.  
Mas, com juntamente ver  
O beijo um pouco vermelho,  
Disse: fraco estás e velho,  
Mas pode ser que Deus quer  
Que vivas, para conselho.**

**E assim aconteceu, porque não tardou muito que fosse do Colégio do Rio de Janeiro ordem ao padre superior da casa do Espírito Santo, que não fizesse nada sem o consentimento do Padre José.**

**Vendo andar um irmão, tão fraco que se não podia Ter, lhe**

disse: - “Essa fraqueza é de fome, porém vós não comais, porque ainda agora começais”. Profetizando-lhe grave doença, que logo lhe veio.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **CAPÍTULO TERCEIRO. DOUTROS EXEMPLOS EM MATÉRIA DE PESCARIA E CHUVA**

### **PESCARIAS – PROFECIAS DAS PESCARIAS**

Houve um dia neste Colégio da Bahia falta de peixe, e os pescadores da rede vieram sem nada. O Padre José chamou ao moço que era mestre da rede, e levou-o a uma janela do Colégio, e dali lhe mostrou certo lugar em distância de légua, na barra chamada Pirajá, dizendo que fosse lá lançar a rede e trouxesse peixe para os padres.

Assim o fez e tomou grande soma de tainhas, e trouxe para casa. E era comum prática entre os índios, que quando o padre se achava nas aldeias, quando queriam fazer boa pescaria, perguntassem primeiro ao padre onde a iriam fazer, porque no lugar onde o padre apontava, ali lhe sucedia bem, ainda que fora da conjunção da maré e tempo.

Um homem português indo deitar uma rede, pediu a bênção ao Padre José, que acertou de encontrar no caminho; e com ele fez um laço extraordinário, o que atribuiu às orações ao Padre.

1. Na cópia do Poema De Beata Virgine Dei Notre Maria, rubricada pelo visitador Padre Cristóvão de Gouveia, que em Portugal teve em seu poder o Padre George Cardoso, liam-se, ‘no fim dela duas quintilhas da letra do Santo Padre, que devia fazer no remate da vida’. São as que acima se lêem. Agiologio Lusitano, t. III, Lisboa, 1666, p.

### **DIZ OS LANÇOS AOS PESCADORES – PROFECIA – AIRES FERNANDES**

O padre reitor do Rio de Janeiro, mandou um irmão com índios a fazer uma pescaria, para provimento do Colégio, a uma lagoa chamada de Maricá, aos quais acompanhou o Padre José, assim para se dar mais a Deus, desocupado de negócios, como para lhes dizer cada dia missa.

Perguntava aos índios pescadores que casta de peixe queriam tomar, e respondendo eles tal ou tal casta, ele os encaminhava a

certos postos, aonde tomavam aquela sorte de peixe, e às vezes em tanta quantidade, que levantavam a rede para que se não rompesse com o grande peso dos peixes; e isto sem nunca até então ter ido àquela lagoa, nem Ter notícias de tais postos. Estando o padre nesta pescaria, um grande amigo seu lhe escreveu, quisesse ir ver a outro seu amigo, por nome Aires Fernandes, que estava muito mal. Esta carta trazia um preto de Guiné, escravo daquele homem, e no caminho correu muito risco de vida, por causa das muitas onças que há naquela paragem.

Antes que o preto chegasse com a carta, estando o padre ceando com seu companheiro, guardou uma posta do peixe que ceavam; pediu-lh'a o companheiro, respondeu:

“Deixai-a guardar para quem o há mister mais que vós”.

E pondo-se em oração, disse:

“Encomendemos a Deus, um pobre que está em perigo”.

E daí a duas horas chega o escravo com a carta, fazendo grande escuro, com muito frio e chuva. O padre lhe deu o peixe que guardara, e sem ler a carta, fazendo grande escuro, com muito frio e chuva. O padre lhe deu o peixe que guardara, e sem ler a carta, nem o preto ter falado, disse o que nela vinha. Acudiu então o irmão:

“Pois, padre, vamos”.

Respondeu o padre:

“Mais o hei-de ajudar de cá que de lá”.

No dia seguinte disse missa pelo doente, a qual acabada perguntou o irmão: “Aires Fernandes, morre ou vive?”

E respondeu o padre:

“Mal há de passar, mas escapa desta”.

E assim foi que viveu depois muitos anos.

## **MANDA PESCAR FORA DE TEMPO**

**Achando-se o padre um dia na aldeia do Espírito Santo, distrito da Bahia, disse aos índios:**

**“Como está tão calada e triste esta aldeia?”**

**Responderam:**

**“Porque não há que comer”.**

**A que o padre acudiu:**

**“Pois vamos todos à praia, a buscá-lo”.**

**Disseram eles:**

**“Não é agora conjunção de tempo, nem de maré”.**

**“Contudo (disse o padre) vamos todos, e não fique ninguém, porque todos virão contentes”.**

**Foi o padre com toda a aldeia, e saindo à praia, acharam a maré quase cheia; disseram então os índios:**

**“Vedes, padre, que não é conjunção para pescar”.**

**Disse então o padre:**

**“Que peixe quereis tomar?”**

**Responderam:**

**“Garamirim”. Xaréos pequenos, que são pouco mais de palmo. E isto diziam zombando, porque este peixe não corre naquele tempo, senão dali alguns meses.**

**Apontou o padre pela praia, adiante, que fossem dali quase a um quarto de légua, e tomassem quanto quisessem; foram, e com suas redinhas e à mão, tomaram com muita facilidade**

**daquela casta de paixe, quanto quiseram; e espantados do caso, deram muitos louvores a Deus.**

## **OS ÍNDIOS SE ENCOMENDAVAM EM SUAS ORAÇÕES**

**Por esta e outras maravilhas, que Nosso Senhor obrava pelo Padre José até os índios lhe tinham tal respeito, que quando falavam nele, falavam como de homem que tinha poder sobrenatural. E assim diziam: “aquele padre que nos dava o peixe que nós queríamos, e nos livrara da morte e dos perigos quando lh’o íamos pedir”.**

**Porque, quando o padre estava em alguma aldeia, os índios havendo de ir à caça, ou a outra parte, primeiro iam ter com ele e lhe diziam: “Padre, eu vou a tal parte, dize que não morra eu lá, e que ache o que vou buscar, e que torne com bem para minha casa, e que me não morda alguma cobra”. E com a resposta do padre iam muito contentes, e se davam por seguros de todo o perigo, e certos de todo bom sucesso.**

## **PROFECIAS – Pe. MANUEL DE COUTO – QUE HAVIA DE CHOVER**

**Acerca de chuva referirei duas profecias, encontradas no efeito de chover, e não chover, que bem mostram como suas palavras de coisas futuras, não eram singelas profecias, mas efeito das eficazes orações do Padre José. Juram em seus testemunhos estes casos, cada um o seu, o Padre Manuel de Couto, e o Padre Pero Leitão.**

**O primeiro: na Capitania do Espírito Santo, onde então estava o santo Padre José, não choveu um ano, da quaresma até o fim do mês de agosto; deu ordem o padre de como se fizesse uma procissão, que se fez um Sábado, véspera de Santo Agostinho, fazendo boa calma.**

**Estava na vila uma bandeira nova da misericórdia, que um homem levava para a Capitania de São Vicente; pediram-lh’a para ir na procissão, e dando-se por seguro que se não molharia, a deu. A que o Padre José disse, como por graça: “vá ela, que boa há de vir!”. Começou a procissão com tempo sereno, e quando chegou à Igreja matriz começou a chover; e, à**

**volta para a nossa casa, foi tanta a chuva que não podiam vir pela rua com água, e a bandeira vinha toda molhada, como o Padre José tinha profetizado.**

## **DO CAMINHO ENXUTO, CHOVENDO**

**A Segunda profecia ou milagre. No ano de mil quinhentos e oitenta e quatro, 1 acabada aquela pescaria de que neste capítulo fiz menção, e ainda em outros faremos, era tempo de se recolherem para o Colégio; mas primeiro haviam de ir à aldeia de São Barnabé que estava dali três léguas; mandou o Padre José se fizessem prestes para o dia seguinte.**

**E vendo seu companheiro que toda aquela tarde chovera muito, e continua por toda a noite, disse ao Padre José:**

**- “Bom tempo escolheu V. R. para a jornada”.**

**Respondeu:**

**- “Assim fôssemos nós bons como Deus tem cuidado de nós, porque não somente nos não há de chover amanhã, mas nem agora chove no caminho por onde havemos de caminhar amanhã”.**

**Partiram ao dia seguinte para a aldeia, e acharam todo o caminho de três léguas, enxuto, sem lhe chegar água em distância de quinze passos por uma banda outros quinze por outra, da qual maravilha deram a Deus muitas graças, com admiração do seu servo.**

**A este lugar pertencia aquela grande maravilha da nuvem carregada de água, que esteve em cima do teatro por espaço de três horas, sem a deitar, enquanto se representava uma obra tão devota que durou mais de três horas; mas já fica escrita no livro primeiro, no fim do capítulo nove.**

**1. Ano de 1583, pelo testemunho do companheiro, Irmão Pero Leitão.**

▪ [\*Anterior\*](#)

▪ [\*Índice\*](#)

▪ [\*Posterior\*](#)





## **CAPÍTULO QUARTO. DE OUTROS MARAVILHOSOS EXEMPLOS.**

### **DA ARMADA DE SUA MAJESTADE. PROFECIA DO IRMÃO FRANCISCO DE ESCALANTE**

Quando a armada de El-Rei Dom Felipe Segundo, de quem era General Diogo Flores de Valdês quis entrar no Rio de Janeiro, esteve surta fora obra de uma légua. Alvorçou-se a cidade e se pôs em armas, cuidando ser de inimigos, porque tinham disso aviso; e também os padres no Colégio começavam de pôr em cobro os ornamentos da Igreja; mas o Padre José, que era provincial, disse que não era isso necessário, dando a entender que a armada era de paz e não de inimigos.

E estando olhando para ela disse estas palavras: “Ali nos traz Deus um carpinteiro, muito bom oficial, para ser nosso irmão, e muito bom religioso”. A qual palavra entendemos se cumpriu no Irmão Francisco de Escalante, que hoje está nesta província, coisa que a todos põe em admiração, pois nenhuma conjetura humana a isto podia chegar.

### **PERIGO DE QUATRO NAUS**

Depois que S. Majestade mandou esta armada ao estreito de Magalhães, enviou a Dom Diogo de Álcega por cabo de outras quatro naus, que traziam mantimentos e socorro. Estas passando o Cabo Frio, se meteram em uma enseada antes de chegarem à barra do Rio de Janeiro, e estiveram mui arriscadas a se perderem ali todas; foi a nova à cidade do perigo que ali correram; o Padre José se pôs logo em oração, na sua câmara.

Daí a pedaço, estando ainda o padre em oração, veio recado que já saíam as naus do perigo; nisto vai o padre Estevão da Grã dar a nova ao Padre José e abrindo a porta o viu alevantado do chão com as mãos postas, e o rosto muito abrasado, e antes que falasse nada, se veio a ele o Padre José com estas palavras: “não é nada, não é nada, já a armada vem à vela, não se perdeu mais que um navio que vinha com ela, e nele se não perdeu pessoa alguma”. O que tudo foi verdade.

## **ESTORAVA UM CASAMENTO. PROFECIAS**

**Andava no Rio de Janeiro um homem em mau estado e pretendia casar com uma filha de um morador, fingindo ser viúvo; o Padre José fez com a Justiça que o deitasse da terra. Queixava-se o morador que o Padre José, descasava sua filha, a que o padre respondeu: “esse homem é casado, e tem mulher viva, e antes que ele chegue a Angola para onde vai, há lá de chegar sua mulher”. E assim foi que vindo a mulher do Reino em busca do marido ao Brasil, o navio em que vinha arribou a Angola, e chegou lá três dias primeiro que este homem, para se cumprir a palavra do servo de Deus.**

## **O PERIGO DO NAVIO**

**Navegou o padre uma vez no navio da Província, do Rio de Janeiro para a Bahia, e saindo de uma ilha das que estão na barra, para dobrar o Cabo Frio, saiu o padre do camarote e disse ao piloto que navegasse para o mar, porque se não fazia assim, não havia de dobrar o Cabo Frio, e se havia de perder. Respondeu o piloto que iam bem navegados, mas tomou o conselho do padre, e com tudo isso ainda se achou junto ao Cabo Frio junto de terra, e prosseguindo a viagem perto de seis léguas, deitaram ferra na Ilha da Âncora, pelo tempo ser contrário.**

**Estando assim torna o padre a sair do camarote, e manda ao piloto levantar âncora com brevidade; e recusando o piloto e marinheiros pelo tempo estar quieto, o padre lhes deu pressa que o fizessem, dizendo que não haviam de Ter tempo para o fazerem bem.**

**E assim foi, porque sobreveio tanto vento sul, que para se acudir às velas foi necessário levar a âncora a rastro um pouco, o que com clara razão pareceu a todos os que iam na embarcação, que o não podia o padre saber, senão revelando-lh’o Nosso Senhor, porque não tinha notícia das coisas do mar, e os que a tinham o não entenderam.**

**O que tudo jurou em seu testemunho Lopo Fernandes, morador no Rio de Janeiro, que vinha no mesmo navio.**

## **DUAS LIMAS ESCONDIDAS**

**Estando o Padre José com o Padre Vicente Rodrigues, assentado na escola dos meninos, na casa de São Paulo, mandou a um menino fosse ao quintal e lhe trouxesse meia dúzia de limas doces; foi e trouxe-as.**

**Nisto chama o padre a outro por nome Domingos, e diz-lhe:**

**“Ide ao quintal e trazei-me uma limas, que estão em tal buraco, que fulano aí escondeu”.**

**Trazidas, lhe disse:**

**“Chamai ao outro menino”.**

**Veio, e o padre lhe deu as limas dizendo:**

**“Tomai e não furtéis”.**

**O que vendo, o menino arrebentou em lágrimas, e as não quis comer de vergonha.**

**Deram muitas graças a Deus o Padre Vicente Rodrigues e os que souberam do caso, vendo que sem se bulir daquele lugar, dera o padre fé do que o menino fizera no quintal. Este caso me referiu o Padre Garcia, que então era o menino Domingos, a quem mandara o padre buscar as limas escondidas no quintal.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **CAPÍTULO QUINTO. DE PROFECIAS DE COISAS QUE ESTAVAM POR VIR**

Bem por vir estava o cargo de provincial em que entrou, quando muito antes o disse, como também que São Jorge Soares o havia de ver depois de sua morte, e que havia de ser enterrado junto do Padre Gregório Serrão, o que tudo assim se cumpriu como no livro segundo fica dito.

### **QUE ESCAPARIA DE UMA CÓLICA O PADRE INÁCIO TOLOZA – PROFECIAS**

Acrescentemos outros exemplos. A muitas pessoas que estavam mal de graves doenças, profetizou a vida e saúde como depois se viu; um deles, foi o Governador Geral Lourenço da Veiga, como me contou Nuno do Amaral que então servia de seu veador.

Vindo do Rio de Janeiro para o Colégio da Bahia, com o Padre Visitador Cristovão de Gouveia, e outros padres, no Cabo Frio adoeceu um deles de tão aguda e apressada cólica, que tratavam já de o enterrarem ali, ou tornarem a levar seu corpo para o Colégio do Rio.

Neste comenos o Padre José chamou um irmão que entendia de cura, e lhe disse que applicasse ao enfermo alguma mezinha dissimuladamente, como de si, e acrescentou: “não há de morrer desta, mas não digais isto a ninguém”. E hoje em dia vive o enfermo da cólica que é o Padre Inácio Toloza.

### **DE OUTRO IRMÃO**

Chegando de São Vicente ao Rio de Janeiro, foi logo visitar ao Irmão João Marinho, que estaca mui mal; e saindo-se foi ao coro visitar ao Santíssimo Sacramento, e descendo disse lhe que não dessem a Santa Unção (que lhe andavam aparelhando), que não havia de morrer daquela. Assim se fez, e o irmão sarou e viveu depois mais de vinte anos.

### **QUE NÃO MORRERIA UMA DOENTE**

Foi o padre um dia confessar fora da cidade uma mulher que estava muito no cabo, cujo marido chamado Domingos Saraiva, muito choroso, saiu a receber ao padre, que vendo-o tão sentido, lhe disse: “não vos desconsoléis, bom velho, que vos não há de morrer desta, vossa companheira”. E isto foi antes de chegar à casa onde a doente estava. O padre o disse e Deus o confirmou, e a doente viveu depois muitos anos.

### **O MESMO DE OUTRA**

Tinha Manuel de Oliveira Gago, uma filha, na vila de Santos, para morrer, e já pranteada de toda a família. Chegou o Padre José, e disse ao pai e mãe que não chorassem, que a enferma não havia de morrer daquela doença, e que havia de casar, mas que eles se aparelhassem, porque primeiro haviam ambos de morrer que não a filha, e o pai não duraria mais que um ano. Deu à doente um pouco de vinho e mandou-a sangrar, e logo tornou em si. E quanto o padre disse tudo foi verdade sem faltar coisa alguma.

### **QUAL HAVIA DE SER O MARIDO DE UMA MOÇA**

A mãe da dita enferma por nome Felipa da Mota, sendo moça em casa de seu pai, estava apalavrada para casar com certo homem honrado; mas desfez-se o casamento, com muito sentimento do pai e mãe.

Foi-os consolar o Padre José, e lhes disse e não desconsolassem, porque não era sua, e seu marido havia de vir de Lisboa, e a capa que trouxesse aos ombros havia de ser sua própria, sem dever nada a ninguém mais que a Deus; e que havia de ter tantos filhos que não saberia quais eram as camisas de uns e de outros. O que tudo assim sucedeu.

### **DA FILHA DE DIOGO DE AMORIM**

Sendo morador na cidade da Bahia, Diogo de Amorim, casado com Andreza Dias, lhe nasceu uma criança de sete meses, por causa de uma queda que deu a mãe, de que correu muito risco de vida e a mãe padeceu muito trabalho. Foi-a ver o Padre José, e por a criança vir muito fraquinha, rogaram ao padre que a batizassem; escusou-se dizendo que não morreria então, e que

**mais honra seria batizá-la na Sé, mas que lhe não tirassem o nome de Maria, pois nascera em dia da Assunção de Nossa Senhora; que a criassem muito bem, porque havia de ser alegria daquela casa, e que morreria em dia de Nossa Senhora dali a onze anos, mas não na Bahia onde nascera.**

**Depois se mudaram seus pais para o Rio de Janeiro, onde a menina faleceu no mesmo dia, ano e idade. Isto referiu a mãe ao Padre Pantaleão dos banhos, dizendo que juraria quando lh'o mandassem.**

## **AIRES FERNANDES**

**No tempo que o Padre José andou entre os tamoios, esteve também com ele um amigo seu, por nome Aires Fernandes, a quem os inimigos tinham retido como preso para o matarem e comerem. Deu conta disso ao padre que lhe respondeu: “não vos gasteis que vos não hão de matar; amanhã a tais horas há de vir um barco a tal porto, e nele vos podeis pôr em salvo”. E assim sucedeu.**

## **DO QUE PEDIA SER RECEBIDO NA COMPANHIA E DEPOIS SE ARREPENDEU**

**Concluirei este capítulo referindo um triste caso que o Padre José prognosticou a um homem, que se não quis aproveitar de seu conselho. A história foi esta: sendo o Padre José provincial, e estando no Rio de Janeiro, um homem viúvo lhe pediu o recebesse na Companhia; o padre lhe deu palavra que sim, mas que seria na Bahia, para onde ambos estavam de caminho, tanto que ele concluísse seus negócios.**

**Veio o homem primeiro com aquela boa intenção, e depois chegou o padre dali alguns dias, e acertaram ambos de se encontrarem na praia; e com o padre, seu companheiro, que notou bem o que ali passaram; perguntou-lhe o padre: “pois, Belchior Gomes, como estais de vossos negócios, não vos acabastes ainda de desembaraçar?” Respondeu: “já, sr. Padre, mas mudei o conselho, porque quero ir morrer a Portugal e lá pedirei a Companhia e morrerei nela”. O padre se chegou a ele, e batendo-lhe com a mão no ombro lhe disse estas palavras, com semblante severo, como que lhe denunciava uma sentença**

divina: “Belchior Gomes, ir a Portugal ireis, mas o morrerdes e acabar, não será lá nem na Companhia, mas cá no Brasil, e de maneira que merece quem vira as costas ao chamamento de Deus”.

Este pobre homem dali a alguns anos se foi a Portugal, e tornou com provisões para fazer uma nova povoação no Cabo Frio, onde, andando pelo mato, se perdeu dos companheiros, e ali acabou sem mais aparecer, senão que dali a um ano o foram achar mirrado, debaixo da lapa de um penedo.

---

▪ *Autorior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **CAPÍTULO SEXTO. PROSSEGUE A MESMA MATÉRIA COM OUTROS EXEMPLOS RAROS**

A um homem que ia do Colégio do Rio de Janeiro para Pernambuco, mandou o padre fazer a matalotagem, de depois de feita chamou o irmão dispenseiro, e lhe mandou que lh'a desse dobrada, dando por razão que aquele homem tinha dobrada jornada para andar do que cuidava. E assim foi, porque arribou às Antilhas, e não tomou Pernambuco.

### **DO PADRE MANUEL DO COUTO**

Sendo provincial, mandava, ao Padre Manuel Couto, que era ainda irmão, do Colégio da Bahia para o do Rio de Janeiro, o qual perguntou ao padre quanto havia lá de estar. O Padre José olhando para outro padre que já estivera no Rio, lhe perguntou: “quantos foram os anos de sua estada”? Disse que três e meio. Respondeu então o padre ao irmão Manuel do Couto, que outro tanto estaria no Rio. Notou o padre o dia e a palavra do Padre José. E quando tornou para a Bahia, achou que se cumpriu pontualmente o dito tempo, sem o padre intervir na tomada do Rio, porque já não era provincial.

### **DE UM PELOURO**

O amigo do Padre José, Aires Fernandes trazia, metido em uma perna, um pelouro de espingarda das guerras passadas, e estando um dia falando com o padre, lhe disse o mesmo padre que o pelouro lhe havia de cair em uma laje, que está na barra do Rio de Janeiro.

Foi assim que, andando folgando, em uma canoa, daí a muito tempo, por aquele lugar, veio um mar que o botou sobre a pedra. E com este movimento e força achou que lhe caíra o pelouro, de que deu muitas graças a Deus, assim por cumpri a palavra de seu servo, como pelo benefício que recebeu de sua divina mão.

### **DO PADRE JOÃO FERNANDES**

Em uma aldeia da Capitania do Espírito Santo, estava o padre



**João Fernandes, a quem o superior da casa mandou chamar, somente por ida e vinda. Mas o Padre José que também se achou na aldeia, lhe disse que não tornaria senão dali a quatro meses, e assim sucedeu sem nenhum deles o pretender nem intervir nisso.**

**Este mesmo padre quando começou a aprender a língua da terra, andava enfadado por se ver com poucas esperanças de sair com a empresa, e significando ao Padre José este seu desgosto, o padre o consolou, dizendo que antes de muitos meses seria língua, e saberia bastantemente para confessar e pregar nela. E assim foi, de que se infere que o ajudou com santas orações para alcançar seu santo intento.**

**Manuel do quintal, filho de Camila Pereira, dona viúva, moradora no Espírito Santo, sendo noviço no Colégio da Bahia, contava aos irmãos algumas coisas que lhe aconteceram com o Padre José, sendo o padre ali superior, e ele trazendo as chaves da portaria; das quais me contou e deu por escrito o Padre Manuel Cardoso estas duas.**

**A primeira: chamou-o o padre com muita pressa, ao seu cubículo, e mandou-lhe fosse à torre a repicar os sinos. Acudiu a gente da vila ao sinal do rebate, e perguntando a causa do repique, respondeu o padre que se pusessem em armas, e aparelhassem a defender a terra, porque ao dia seguinte haviam de vir à barra inimigos corsários. Como de fato aconteceu, mas vendo a gente postas em armas não ousaram acometer a terra.**

**A segunda: estando o padre em seu cubículo, recolhido, abriu a porta e chamando depressa por Manuel, lhe mandou fosse correndo abrir a porta, para entrar um homiziado que vinha fugindo à Justiça. Foi, e achando o homiziado à porta, o recolheu.**

## **DOS FILHOS QUE HAVIA DE TER IRIA BARBOSA**

**Sendo o Padre José provincial, e querendo-se partir do Colégio da Bahia, para visitar as casas do Sul, foi em romaria a Nossa Senhora da Vila Velha, que está desta cidade obra de uma légua, em dia de Nossa Senhora da Vitória, orago da Igreja Matriz. Ali lhe falou Iria Barbosa, mulher de André Rodrigues, que por ter**

**muito conceito da santidade do padre, lhe pediu que rogasse a Deus, lhe desse fruto de bênção.**

**Respondeu o padre: “eu vou agora para baixo, e quando embora tornar, hei de ouvir dizer que vão batizar um filho, ou filha vossa, e o mais certo é que será filha, e chamar-se-á Ana; lográ-la-eis pouco tempo, mas Deus vos dará depois outros”.**

**Chegando o padre de baixo, chegou o navio por perto da Vila Velha; saiu um barco, e perguntaram que navio era, responderam: “é dos padres”. Acudiu então o Padre José: “que gente é aquela que vai por aquele outeiro arriba?” - “É Isabel de Ávila, filha de Garcia de Ávila, pessoa principal nesta terra, que vai com aquele acompanhamento, a ser madrinha de uma criança, que nasceu, a Iria Barbosa”.**

**Disse então o padre que lhe lembrassem que assim lh’o tinha dito, o dia de Nossa Senhora passado. A menina viveu doze anos, e tudo o mais sucedeu assim como o padre tinha dito.**

**Isto me contou uma pessoa digna de fé, diante do Padre Manuel de Sá e de outras pessoas na Pitinga, pelo natal de seiscentos e cinco.**

### **PROMETE AOS BÁRBAROS QUE VIRIA AO DIA SEGUINTE, A TAIS HORAS**

**No tempo que a perseguição dos tamoios andava acesa contra os moradores de São Vicente e o Padre José estava entre eles; tratou do resgate de certos homens que tinham cativos. Afligiam-se daí a dias os presos, e os inimigos também, por lhes parecer que tardava o resgate; e falavam já em os matar. Acudir a isto o padre, e disse aos bárbaros: “esperai até amanhã até o sol ir aqui – apontando com a mão -, e se até não vier aqui Ter fulano, com tal e tal resgate – nomeando as peças, e pessoas que vinham com o resgate – matai-me logo a mim”.**

**Aquietaram-se com a resposta, e muito mais quando ao outro dia, às horas assinaladas, viram cumprida a promessa e profecia, com as pessoas e peças do resgate, assim como o padre profetizara. Ficaram todos espantados, dando graças a Deus, e os portugueses com vida e liberdade.**

## DO VINHO

Também saiu verdade, o que o padre disse haver de acontecer, em outra matéria ainda que menos lustrosa. Um dia, véspera de São Francisco, se queixou ao Padre José um homem honrado que tinha a cargo o engenho dos Erasmos, em São Vicente, que não tinha vida, sem uma gota de vinho, e que havia mais de um ano que não viera navio do Reino, e tanto que se lhe acabasse um pouco que tinha, logo era morto. Respondeu o padre como por desdém: “não vos agasteis que ainda o dia de São Francisco não é passado”. E logo no dia seguinte do seráfico São Francisco veio um navio do Reino, dirigido ao mesmo João Batista Málio, morador na Capitania de Santos, no qual vinha muitas fazenda e também a droga que ele desejava.

Notaram o caso todos os que estavam no engenho, e disseram: aquele padre não podia deixar de ter espírito de Deus, dado por sua boa vida e costumes, conforme a outras coisas que lhe viram fazer e dizer, que todas saíam verdadeiras, pelo que era tido em muita reputação, de todas as pessoas que dele tinham notícia, assim em toda a costa do Brasil, como em Portugal.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **CAPÍTULO SÉTIMO. DO QUE PASSOU COM UM PEDREIRO DESTE COLÉGIO. PROFETIZA A JOÃO FERNANDES QUE HÁ DE SER RELIGIOSO**

Sendo o Padre José provincial, andava neste Colégio da Bahia um pedreiro por nome João Fernandes, casado em Portugal. Sucedeu que trabalhando ele no campanário da nossa Igreja e assentando uns sinos, passou o padre por baixo e falou-lhe em alta voz, dizendo: “João Fernandes, acunhai bem esses sinos, porque vós haveis de ser o primeiro irmão da Companhia, por quem eles se hão de dobrar, nesse lugar”.

Daí a alguns meses os padres da casa persuadiam ao Padre José, que fosse visitar o Colégio de Pernambuco, conforme a obrigação de seu cargo, por se irem acabando as monções; mas ele ia dilatando a jornada sem dizer a ninguém o porquê. Somente a um padre disse estas palavras: “apertam comigo que me vá a Pernambuco, e eles não sabem que quer Deus que me ache eu aqui no dia de Nossa Senhora da Conceição, porque neste dia tenho aqui quer fazer”.

### **DO PADRE LUÍS DA FONSECA**

Finalmente se resolveu em cometer a viagem, e à despedida, abraçando aos padres e irmãos, encontrou com o Padre Luís da Fonseca, e lhe disse: “ficai-vos embora, meu companheiro, que vós haveis de ir comigo a Pernambuco, e do mar vos hei de tornar a buscar”.

Partiu e dali a mais de trinta dias arribou, entrou no Colégio em dia da Conceição da Senhora, e querendo os padres levá-lo aos seu cubículo, eles lhes disse que tinha que fazer em outra parte, e deu a andar para outra casa em que agasalhavam os pedreiros do Colégio, em que estava doente o sobredito João Fernandes, havia já meses, e neste tempo soubera ser falecida sua mulher em Portugal.

Chegou-se o padre à cama e começou de o consolar, dizendo: “João Fernandes, a Virgem Nossa senhora me manda cá, que vos receba na Companhia por irmão nosso, na qual eu vos hei por recebido de hoje para sempre, e vos encarrego que tenhais

**lembrança de mim diante desta Senhora, pelo bem que vos hoje faço, pelo seu amor, diante da qual vos haveis de ver, de hoje a sete dias”.**

**Depois de o ter assim recebido daí a quatro dias, indo-o a visitar o padre, lhe disse com notável alegria: “Irmão João Fernandes, alegrai-vos com uma boa nova que vos trago, que vossa boa companheira está diante de Deus, esperando por vós”. E saindo da casa do enfermo disse aos irmãos que o acompanhavam: “não era possível que mulher de tão bom homem como este, se perdesse”.**

### **FALA O PADRE COM OS NOSSOS**

**No dia em que este irmão faleceu, achando-se o Padre José com os mais padres a seu passamento, em acabando de expirar, se levantou logo o padre em pé, e disse com notável sentimento estas palavras formais: - “Irmãos, a este homem que agora de sua alma nas mãos de Deus, depois de haver sido toda sua vida pedreiro, e a mais dela casado, deu Deus em sete dias o prêmio da Religião e vida religiosa, porque se entregou a Deus de todo seu coração, para com ele no dia do juízo julgar e confundir alguns dos que aqui estão presentes neste cubículo, os quais depois de muitos anos, por não darem seu coração a Deus, não hão justamente de alcançar o prêmio da religião”.**

**E dito isto se saiu logo, deixando a todos atônitos, e com as cores mudadas, sem nenhum falar palavra, mas como se cada um dissera no interior de sua alma, assim mesmo: Nunquid ego sum? 1 E o tempo descobriu bem ser aquela palavra dita por alguns dos que ali estavam, que não perseveraram na Companhia. Este caso bem considerado, contém em si muitas profecias. Das quatro primeiras os homens podiam dar fé serem cumpridas e alcançarem seu efeito, como na verdade se viu, porque o novo irmão faleceu no prazo assinado dos sete dias e por ele se tangeram a primeira vez os sinos naquele lugar; o Padre José de fato arribou e, para que nada ficasse por fazer, achou no Colégio recado de nosso Ver. Padre Geral para que o Padre Luís da Fonseca fosse seu companheiro, e não o padre que levava dantes. Quanto às outras duas palavras, que tocam à salvação dos dois, um dos quais estava já diante de Deus esperando pelo outro, de crer é também se cumpriram, pois seu humilde servo assim o significou. Glória seja ao mesmo Senhor,**

**Qui est mirabilis in sanctis suis. 2**

## **DO IRMÃO FRANCISCO DE ESCALANTE**

O Irmão Francisco de Escalante afirma que a primeira vez que foi à portaria do Colégio do Rio de Janeiro a pedir a Companhia, disse ao porteiro lhe chamasse ao Padre José; e indo o porteiro chamar o padre lhe respondera: “ide embora que já sei quem é, e o que quer”. Sem nunca o ter visto. Diz mais que o mesmo padre lhe profetizou haver de morrer na Companhia, com que viveu muito consolado.

## **DESENTERRA E BATIZA UM MENINO DIFERENTE DO OUTRO**

Diante do Padre Domingos Monteiro, e outros da casa contou o Padre José este caso, que lhe acontecera em São Vicente, sendo irmão, e tendo cuidado de ensinar ao gentio.

Soube o padre que dali a meia légua nascera a uma Índia um menino aleijado; e que pelo ver assim, o enterrara logo, como cega e bruta que era. Tomou logo o chapéu e bordão, e com muita pressa se foi onde o menino estava já enterrado, e o desenterrou, e o batizou, porque ainda o achou com algum sinal de vida, e logo lhe expirou nas mãos; e vindo para casa contou o sucesso com muita alegria.

O mesmo caso aconteceu ao Padre Jerônimo Rodrigues, em outra aldeia, e acontece a outros padre que andam entre o gentio.

## **REPREENDE A UM MANCEBO**

Na casa do Espírito Santo, um Domingo à tarde, mandou o padre chamar a um mancebo para cantar na doutrina; não no acharam em casa, mas tanto que soube do recado veio ter como o padre à sacristia, dizendo: “não me acharam em casa, mas eis-me aqui”.

Respondeu o padre:

“Já vos não quero nada, que quem vem donde vós vindes, não houvera de vir aqui”.

**De que o mancebo ficou pasmado e corrido.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **CAPÍTULO OITAVO. DIZ MISSA POR DOIS DEFUNTOS NOS MESMOS DIAS EM QUE FALECERAM, MUI LONGE DE ONDE ELE ESTAVA**

No tempo da guerra dos tamoios, contra a capitania de São Vicente, viviam nela duas irmãs casadas, uma na vila e outra no campo. Esta foi à casa da irmã ajudar-lhe a fazer uns rolos delgados de cerca da terra, e, entre rolos, fez duas velas mais grossas. E repreendendo-a sua irmã que lhe gastava a cerca, disse ela: “estas velas faço para o Padre José me dizer missa com elas, quando eu for santa”.

Daí a dias deram os inimigos um assalto na capitania, onde levaram algumas pessoas, e a esta mulher entre os mais, que foi entregue a um principal, mas nunca quis consentir com ele, gritando: “sou cristã e sou casada”. E isto por tantas vezes que o bárbaro, dando-se por afrontado, a matou por esta causa em terreiro, que é como em alto público e judicial, com uma morte cruel e afrontosa.

### **UMA MÁRTIR PELA CASTIDADE. DIZ MISSA DELA**

E na mesma manhã, que esta ditosa mulher triunfou do bárbaro cruel e desonesto, foi o Padre José pedir as velas à outra irmã, e disse missa com elas, não de requiem, mas de uma mártir, nomeando-a por seu nome; havendo distância, entre São Vicente onde o padre estava, e o lugar onde ela foi martirizada de setenta léguas.

Soube o padre provincial Manuel da Nóbrega do caso, e perguntou-lhe diante dos padres que mártir era aquela, de que dissera missa. Respondeu que era fulana que em tal hora entrou no céu, mártir pela castidade. E daí a alguns dias, vindo homens que no salto foram tomados com ela, contaram cada um por si esta morte da mesma maneira.

Este caso contou por vezes o Padre José, e o relataram o Padre Vicente Rodrigues, e o Irmão João de Sousa neste Colégio da Bahia, que se achavam na casa de São Vicente, no ano de mil quinhentos e sessenta e oito. De outras duas mártir se fez menção que morreram pela castidade, no livro I, capítulo 6º,



**infine.**

## **DIZ MISSA POR UM NOSSO PADRE QUE AQUELA NOITE FALECEU EM ITÁLIA**

**Na mesma casa de São Vicente, disse o Padre José missa de requiem, dia de São João Evangelista, a Segunda oitava do Natal.**

**Perguntou-lhe o Padre Manuel da Nóbrega, diante de alguns de casa, como deixaria a missa de tão grande Santo por uma de requiem, a fim de que o caso fosse manifesto para glória de Deus. Respondeu que dissera por um padre da Companhia, que fora seu condiscípulo e amigo, sendo estudantes em Coimbra, que aquela madrugada, dera sua alma a Deus no nosso Colégio do Loreto, em Itália. Acudiu o Padre Nóbrega: “que é feito agora dele?” Respondeu: “já saiu do purgatório, quando levantei a Hóstia a Segunda vez”.**

**Este caso contou o Padre Vicente Rodrigues, que estava em São Vicente. Dizem que há, de São Vicente a Lisboa distância de mais de mil léguas, e de Lisboa a Roma mais de quatrocentas, mas entre Deus e seus servos, não há nenhuma.**

## **DO FORTE DA CAPITANIA DO ESPÍRITO SANTO**

**Na Capitania do Espírito Santo, contou ao Padre Jácome Monteiro, (companheiro do padre Visitador Geral desta Província, Manuel de Lima) Maria Alves, dona viúva, que estando ela muito doente e desconfiada de sua vida, de seu pai e mãe, a fora visitar o Padre José, e lhe dissera que não havia de morrer daquela. E ainda hoje é viva.**

**Ao mesmo padre contou um mancebo, por nome Fulano Godinho, que quando se fazia o forte que está da banda vila, dissera o Padre José aos moradores, que não tomassem mal o trabalho de o fazer, porque cedo haviam de vir ingleses, como vieram. E posto que no princípio fizeram algum dano, contudo tanto que chegou o socorro dos índios das aldeias, largaram tudo e se acolheram com as mãos nos cabelos, deixando alguns as armas e muitos a vida.**

**E isto sucedeu governando a Capitania Dona Luisa Grimalda, mulher que fora de Vasco Fernandes Coutinho, com o Capitão Adjunto Miguel de Azeredo.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **CAPÍTULO NONO. PARECE QUE CONHECIA OS PENSAMENTOS DAQUELES COM QUEM TRATAVA. PROFECIAS**

Guardei de propósito para este capítulo, alguns exemplos tirados dos testemunhos da vida do Padre José, que parece que claramente provam valer ele nesta vida, e andar em tão alto grau de privação com Deus Nosso Senhor, que muitas vezes lhe revelava, os segredos e pensamentos e consciências das pessoas com quem tratava, da qual notícia usava o servo de Deus, com as mesmas pessoas, ou para aquietar suas consciências temerosas, ou para atalhar pecados e graves desastres.

E posto que de outros santos se escrevam semelhantes coisas, como raras e em prova de santidade deles, em o Padre José era isto tão certo e ordinário, que alguns dos nossos receiavam de estar na casa onde ele era superior. E um deles diz em seu testemunho estas palavras: “o Padre José me descobria muitas coisas que eu com os de casa pensava, que só Deus e eles podiam saber, e assim andávamos muito sobre nós, por entendermos, que nada se lhe encobria, e que Deus lhe revelava tudo”.

### **INÁCIO TOLOZA – DESCOBRE UM PECADO AO MESMO PENITENTE**

Estava o padre Pero André doente no Colégio da Bahia, sendo provincial o Padre José; entrou um dia pela manhã o enfermeiro e achando que estava em perigo, foi logo sem falar com ninguém em busca do Padre José, pedir-lhe viesse confessar ao enfermo.

Viu ao padre de longe no cabo de um corredor, e antes de lhe dizer nada, nem lhe declara o conceito que levava, lhe disse o Padre José em voz alta: “ide depressa à portaria, e chamai ao Padre Inácio Toloza, que deixe a confissão que está fazendo, e vá em meu lugar confessar ao padre doente”. Assim se fez. Acabada a confissão perdeu logo o juízo, e não no cobrou até a morte. Um homem testemunha de si mesmo este caso: que sendo ele moço, se confessara com o Padre José, e encobria

**certo pecado, mas o padre lh'o disse claramente, o que ele vendo, pelo conceito que tinha da santidade do padre, se rendeu e fez confissão inteira como devia, entendendo que Deus lh'o revelara.**

### **AQUIETA A DOIS, DE SEUS ESCRÚPULOS, SEM OS OUVIR**

**Um padre confessado do Padre José, foi uma vez para se confessar com ele; respondeu-lhe que fosse dizer missa, que não era mais necessário. Replicou que tinha um escrúpulo. Acudiu o padre: “vá embora que esse escrúpulo é de tal matéria (como era na verdade), e nisso mais mereceu do que desmereceu”. Com que o padre se aquietou, sendo assim que por via humana era impossível saber a matéria do escrúpulo, e muito menos se merecera ou não. Da mesma maneira, a um padre que vinha com outro escrúpulo, antes de lhe ouvir palavra alguma da matéria, o aquietou dizendo que não tivera nisso culpa.**

### **LIVRA DO PERIGO A UM PADRE**

**Mandou a um padre que fosse confessar certa pessoa doente, e ele foi dizer missa. O confessor, querendo fazer seu ofício, achou-se lá em um perigo, de que Deus o livrou por orações do Padre José, a quem o mesmo Senhor o revelou na mesma missa. Porque tornando o confessor para casa, entrou na sacristia ao tempo que o Padre José se estava despindo; ao qual antes de falar palavra disse o Padre José, que o ajudara naquele perigo, usando daquelas palavras que o Senhor disse a São Pedro: (Lc 22) Ego rogavi pro te, Petre, ut non deficiat fides tua.**

**Entrou o Padre José em um Colégio, e um irmão que nunca o tinha visto, em o vendo, formou dele fraco conceito, pelo ver de estatura e presença pouco vendável; e disse em seu coração somente: “para que é agora cá isto?” Não se escondeu este pensamento ao humilde padre, por mais secreto que foi, e quando chegou a abraçar este irmão, lhe disse com muita alegria e caridade: “assim é, irmão, como vós cuidais, e só vós me conhecestes; para que sou eu cá?” De que o irmão, ficou não menos confuso pelo conceito que formara, de que espantado de ver que o padre conhecera o que em seu coração**

**passara.**

**Outro irmão, por se achar muito fraco, pediu ao dispenseiro lhe desse alguma coisa para merendar. Respondeu-lhe: “não há licença e logo o padre provincial o há de saber, ainda que ninguém lh’o diga”. Daí a pouco vai o Padre José ao cubículo do enfermeiro, e diz-lhe: “daí ao irmão o que vos pede, porque tem necessidade”.**

### **LIVRA A UM IRMÃO DO ESPÍRITO DA IRA**

**Um irmão andava com uma pesada melancolia na matéria de ira, e sem dizer nada a ninguém acerca dela. Nisto perpassa por ele o Padre José, e diz-lhe assim: “fora, fora com isso que não presta”. E deitando-lhe a bênção, o deixou tão desassombrado, como se tais pensamentos nunca por ele passaram.**

### **LIVRA CERTOS HOMENS DE COMETEREM ALGUNS PECADOS**

**O testemunho autêntico de João Soares, morador em São Paulo, diz assim: perguntado ele, testemunha, do que sabia do Padre José de Anchieta, que está em glória, disse: que era verdade que havia obra de trinta e cinco anos, que conhecia ao dito padre nesta costa do Brasil, e muitas vezes o acompanhara por caminhos e povoações, e se criara ao bafo de sua doutrina. E o tinha por Santo em sua vida, porque muitas vezes ia ele testemunha a cometer brigas e outras coisas de pouco serviço de Deus, sem dar conta a ninguém, e o padre se ia Ter com ele e lhe dizia: “filho não vades fazer o que levais determinado, não vades com tal propósito, porque vos castigará Deus, Nosso Senhor”.**

**E assim me tirava de meus maus intentos com suas santas palavras e exemplos.**

**E disse mais, que um dia foi cometido de um amigo para irem matar um homem, e juntamente a mulher do mesmo seu amigo, que andava já fugida de casa; e que estando eles tratando o como, sem saber do caso viva pessoa, chegou o Padre José e lhes disse: “filhos não façais o que estais determinado”. E lhes deu tão eficazes razões que ficaram fora de si. E não somente os tirara do mau propósito, mais ainda ficou o homem tão**

**mudado, que logo disse: “padre, trazei minha mulher para casa”.**

**E logo ele João Soares a foi buscar, com recado do Padre José, à fazenda onde estava escondida do marido, e a trouxe à vila, onde o padre, e ele testemunha, a entregaram a seu marido. E daí por diante viveram em paz e serviço de Deus, que seja glorificado em seus Santos.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## LIVRO QUARTO

### Dos milagres que Deus obrou pelo Padre José de Anchieta

#### ***CAPÍTULO PRIMEIRO. DE COISAS MARAVILHOSAS TOCANTES À SUA PESSOA***

Nem profecias nem obras maravilhosas, por si só foram nunca prova infalível da santidade de algum servo de Deus, porém sempre ajudaram muito, quando eram feitas ou denunciadas por pessoa de vida exemplar, acompanhada de virtudes evangélicas, caridade com Deus e com o próximo, humildade, mortificação, e outras semelhantes.

Tais foram as virtudes do santo Padre José, pelo que não há o que espantar, de fazer Deus por ele, as obras maravilhosas a que as forças humanas não podiam chegar, as quais, por muitos testemunhos autênticos, se mostra e prova ter Deus por ele feitas em diversos lugares, matérias e ocasiões.

#### **ESTANDO COM OUTROS HOMENS IA E TORNAVA SEM DAREM FÉ DISSO**

Coisa muito rara e privilégio singular é que um homem em carne mortal, cada vez que quer, estando em conversação de outros homens, se faça invisível, e se ausente deles, e torne à conversação sem darem fé quando foi, nem por onde tornou. E outras coisas desta sorte que logo tocaremos. Nem eu pudera escrever, nem imaginar do Padre José, se a autoridade das testemunhas me não assegurara o campo.

#### **MIGUEL DE AZEREDO**

Miguel de Azeredo, capitão da Capitania do Espírito Santo, depôs em seu testemunho que, andando o Padre José com muitos índios, e alguns padres das aldeias, abrindo uma levada para um engenho de uma pessoa de obrigação, dali de entre todos se ausentava, e se ia à sua oração, sem o acharem

menos, e quando cuidavam que tardava, o tornavam achar entre si, do que se espantavam todos, por não saberem quando ia nem quando vinha.

Semelhante caso se tocou no livro segundo, capítulo segundo.

## **LUÍS GOMES**

Luís Gomes, morador na mesma vila, diz que indo em uma galé de que era capitão Belchior de Azeredo, na qual ia também o Padre José, muitas vezes o buscavam para cear, e não o achavam no lugar onde primeiro o buscaram. E perguntando ao mesmo onde se escondia sua R., que o não achavam, respondia que estava ali na proa rezando e que nunca dali se bulira. E conclui que não podia ser estar o padre ali.

O mesmo me contaram os padres acontecer-lhe muitas vezes com ele, assim caminhando e conversando em terra como navegando por mar.

## **NO MESMO TEMPO EM DIVERSAS PARTES**

Estevão Ribeiro, morador na vila de São Paulo, vindo à Capitania do Espírito Santo, e falando com um padre nas coisas do Padre José, lhe disse fora visto, e falaram com ele no mesmo tempo, diversas pessoas, em diferentes partes, em São Vicente e em São Paulo, havendo entre estas vilas obra de quatorze léguas de distância. O qual dito, de Estevão Ribeiro, confirmou o Padre Vicente Rodrigues, companheiro do Padre José em muitas viagens.

## **DO MISSAL**

Contou o mesmo Padre Vicente Rodrigues, no Colégio da Bahia, a um padre, o caso seguinte: ia ele com o Padre José e outros padres, de São Vicente para São Paulo, e no meio da serra se acharam sem missal, sendo dia da Ascensão de Jesus Cristo Nosso Senhor. Ofereceu-se o Padre José para o tornar a buscar, à casa de São Vicente. Tornou e daí a meia hora, vem com um missal debaixo do braço, com que disseram missa.

E continuaram seu caminho, louvando a Deus as maravilhas que



**obrava por seu servo, mas não nas achando por novas no Padre José, sendo dignas de admiração, porque o padre não foi visto na casa de São Vicente, nem dela faltou tal missal. E para desandar e tornar a andar aquelas seis ou sete léguas, escassamente bastara todo um dia a um valente andador; mas são favores, e milagres de Deus Nosso Senhor.**

## **ENXUTO NA CHUVA**

**Andava o Padre José, com muita gente, fazendo um caminho novo pela serra, entre São Vicente e São Paulo, em companhia de Afonso Sardinha, que jura enxugar-se o vestido ao padre ao entrar na choupana, vindo de fora molhado. Disse mais que o padre se deixava estar dentro na casinha, até que lhe parecia que Afonso Sardinha dormia, e logo se saía, e posto ao pé de um pau, com as mãos alevantadas, passava a maior parte da noite em oração.**

**Afonso Gonçalves, morador no Rio de Janeiro, afirma que acompanhando ao Padre José com um cunhado seu, deram ambos fé que, em um dia de muita chuva, pela mesma serra, indo eles ambos ensopados em água, só o padre ia enxuto, e que dizendo isto ao padre, respondera que da sua roupeta por ser boa, logo escorria a água, sendo ela na verdade muito velha.**

## **DO BREVIÁRIO**

**No ano de 1601, Damião da Costa Favela, morador no termo da cidade da Bahia, contou a um padre da Companhia este caso: sendo ele moço e acompanhando ao Padre José pela praia de Nossa Senhora da Conceição, por outro nome Itanhaém, com outro irmão nosso, no meio do caminho perguntou o padre ao irmão pelo seu breviário, e achando que não metera no alforje, o Favela se ofereceu a tornar em busca dele, o que o padre não consentiu. E chegando à Igreja e feita oração, o padre tomou de cima de um altar o breviário, e se pôs a rezar por ele, e acabando de rezar o deu ao irmão, dizendo: "outro dia não vos esqueça de o meter no alforje". E era o mesmo do padre, que, por esquecimento, ficara na casa de São Vicente. Onde entendi, diz este homem, que algum anjo lh'o trouxera ali.**

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **CAPÍTULO SEGUNDO. DE MILAGRES SOBRE ENFERMOS**

### **DOENTE DA GOTA CORAL**

**Camila Pereira, dona viúva, moradora na Vila de Vitória, Capitania do Espírito Santo, estava um dia tão mal da cabeça, que lhe parecia perder a vida e a cabeça com dores, de modo que estavam já para lhe dar a santa unção. Mandou chamar ao padre, que lhe pôs as mãos na cabeça, e lhe disse que não morreria daquela, e lhe prometeu uma missa para o dia seguinte.**

**Dita a missa, tornou à casa da enferma, e lhe disse que se não agastasse que seu mal era de gota coral, que se lhe havia de ir, e não lhe tornaria mais; e assim foi porque sarou e não lhe tornou mais aquela doença.**

### **SARA UM LEPROSO COM O SANTO BATISMO**

**Achando uma vez a um índio gentio e leproso, o catequizou, e bem instruído na fé, o batizou. E com este divino lavatório foi Deus servido limpá-lo na alma e corpo, como aconteceu ao Imperador Constantino Magno, com a mesma água do santo batismo, dado pela mão do Papa São Silvestre.**

### **DA MÃO ESCALDADA**

**Servia um irmão na cozinha neste Colégio da Bahia, e acertou que tirando do fogo uma tigela grande de peixe cozido que estava fervendo, se lhe entornou o caldo sobre as costas da mão direita, e lh'a queimou. Nisto passou acaso pela cozinha o Padre José, viu a mão maltratada, e tomando-a com a sua esquerda, dissimuladamente lhe fez o sinal da cruz com a direita dizendo: "ora basta, não vos doa". E ele mesmo a chegou ao fogo, com que logo sarou, e o irmão tornou a continuar com seu ofício.**

### **DOENTE DE QUARTÃS**

**Neste mesmo colégio andava o Padre Francisco Fernandes, sendo ainda irmão, doente de quartãs havia muitos meses.**

**Neste tempo chegou a festa de Nossa Senhora da Escada, a vinte e um de novembro, e iam alguns da casa a celebrar a festa daqui duas léguas, em uma Igreja do Colégio, da mesma invocação.**

**Encontrou o Padre José, que era provincial, com o irmão e perguntou-lhe porque não ia com os mais. Respondeu que por causa das quartãs. Disse-lhe então o padre: "ora ide, e não as torneis a trazer para casa, deixai-as lá". Foi e deu-lhe lá uma mui rija febre; vai-se então à Igreja e diante do altar da imagem da gloriosa Virgem, pede que lhe dê remédio, alegando que o Padre José lhe mandara não tornasse para o Colégio com elas. Ouviu a Senhora Mãe de Deus as orações de ambos, e o irmão tornou para casa com perfeita saúde, sem lhe tornarem mais as quartãs.**

### **DOENTE DE FASTIO**

**Estava o Padre José doente no seu cubículo, e um irmão na enfermaria muito mal de fastio. Levaram ao padre um frangão consertado, para jantar. Tomou o prato na mão, e assim como estava, o mandou ao irmão enfermo, e que lhe dissessem da sua parte que o comesse e que não tivesse mais fastio. Ouviu o recado, ajudou-se da fé e obediência, comeu o frangão, e logo começou de se achar melhor, e convalesceu em poucos dias. Tanto obrou a oração do padre, e a fé do irmão.**

### **DO LACÃO (1)**

**Outro enfermo, irmão nosso, estava mal, e também o apertava o fastio; visitou-o o Padre José e perguntou-lhe que comeria. Respondeu que comeria um pequeno de lacão; mandou o padre pedi-lo ao dispenseiro, que disse que o não havia em casa. Foi então o padre à dispensa, e de um cesto que estava pendurado com peixe assado, tomou um pedaço, levou-o ao doente, o qual o comeu, e o achou muito bom presunto.**

**Depois perguntou o irmão ao dispenseiro porque não lhe dera da primeira vez o lacão, que o Padre José lhe mandara dar. Foi-se o irmão dispenseiro à dispensa e trouxe uma posta de peixe, da qual o Padre José tomara o que deu ao enfermo feito lacão. Era xaréu assado.**

**(1) Lação, o mesmo que hoje se diz "presunto".**

### **DO MENINO DOENTE**

**João Batista Málio, morador na vila de Santos, tinha um filho, criança de onze meses, tão doente que havia dois ou três dias que não tomava o peito da ama. Pediu ao Padre José o favorecesse com suas orações diante de Deus. Respondeu o padre que se não agastasse, que encomendasse o menino a Nossa Senhora da Conceição, que ela lhe alcançaria a saúde. Feito isto no mesmo dia, a criança começou a mamar, e sarou, tendo-o já por morto.**

### **DO MENINO MUDO**

**Outro menino de quatro ou cinco anos havia, na Capitania do Espírito Santo, mudo que nunca falara, por nome Estevão. Sucedeu que se fez uma grande festa na aldeia de São João, a que acudiu muita gente da vila, e também o Padre José com outros padres. Entre danças e outros jogos houve também correr o pato, e entre dois de cavalo houve diferença sobre qual deles o levaria. Fizeram juiz do caso ao Padre José, o qual olhando para Estevão, lhe mandou que dissesse quem ganhara o pato. O menino, recobrando logo a fala, respondeu desembaraçadamente, dizendo: "é meu, dêem-mo, para o levar a minha mãe".**

**Deram-lhe o pato, que levou, juntamente com a fala restituída, de que todo o povo que presente estava, deu muitos louvores a Deus por tão grande maravilha. De crer é que tinha o Padre José de antemão visto e tratado este negócio com Deus, e alcançado esta mercê com suas orações, para glória do mesmo Senhor.**

### **DE UM INCHAÇO**

**Vindo o Padre José da Capitania de São Vicente para o Colégio do Rio de Janeiro, achou ao Irmão Gonçalo Luís muito doente, com um inchaço debaixo do braço esquerdo, que por mais remédios que lhe punham não abrandava, antes se encruava mais.**

**Chegando o padre a ele lhe disse: "irmão, que é isso que vos**

dói?" E pondo-lhe a mão no inchaço, e fazendo o sinal da cruz, daí a nada por si arrebentou. Veio o médico, e sabendo o que passara, ficou atônito, e os de casa deram a Deus muitas graças.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **CAPÍTULO TERCEIRO. EM QUE SE PROSSEGUE A MESMA MATÉRIA**

### **DOENTE DE CÂMARAS DE SANGUE**

João Soares, morador na Vila de São Paulo, de que se tem feito menção em outros lugares, veio à Capitania do Espírito Santo, onde estava o Padre José, e aí adoeceu mui gravemente de câmaras de sangue; e apertou a doença tanto com ele, que já ninguém fazia caso da sua vida.

Veio um dia o Padre José visitá-lo, e assentando-se na cama, lhe disse: "filho, não vos levanteis mais, porque confio em Deus que sarareis". E correu-lhe a mão pelo corpo, e logo com ajuda de Deus se lhe estancaram as câmaras, e se lhe foi o fastio que também o atribulava, e logo comeu, e bebeu de um frasco de vinho tinto, que o padre lhe mandara com outras coisas.

Ido o padre da casa do enfermo, chegou o Administrador Bartolomeu Simões Pereira a visitá-lo, e perguntando-lhe como estava, respondeu João Soares: "depois que o Padre José aqui chegou, cessou a doença, não me levantei mais, com me levantar a noite passada cento e tantas vezes". Disse então o Administrador: "quem podia alcançar isso de Deus, senão o Padre José?"

### **DE SUAS RELÍQUIAS PARA TODAS AS DOENÇAS, EM ESPECIAL DOR DE CABEÇA**

Pela fama de sentidade do padre José, confirmada com tão notáveis exemplos quotidianos de sua rara virtude e obras milagrosas, que Deus, por este vaso escolhido fazia, muitas pessoas tomavam por devoção de se ajudarem das relíquias do vestido do padre, para suas enfermidades, em especial para dor de cabeça, como algumas pessoas o juram em seus testemunhos, terem-no ouvido e visto em outras, e ainda experimentado em si mesmas.

Uma delas diz que, estando com uma dor mui aguda em uma ilharga, entrou o Padre José a visitá-la, e lhe rogou deixasse por a manga da roupeta donde tinha a dor, com que incontinenti se

**achou bem e livre da pontada.**

## **DOENÇA DE COBRELO**

**Há uma grave doença, que chamam de cobrelo (1), que dando na parte direita, com grandes dores vai cingindo uma pessoa pela cinta, com um vergão de um dedo, e em chegando ponta com ponta, não há ordinariamente remédio de vida. Desta doença ia mal tratado o nosso Irmão Francisco Dias,**

**acompanhando no navio de casa ao Padre José, no ano de mil quinhentos e setenta e sete. E chegando à Capitania de Porto Seguro, por não haver ali remédios humanos, determinou de se entregar só à Divina Providência, e aos remédios espirituais.**

**E assim pediu ao Padre José, lhe fosse o dia seguinte dizer uma missa a Nossa Senhora da Ajuda. Respondeu o padre: "untem-vos primeiro com o azeite do Santíssimo Sacramento, que se não agravará a Mãe de pedirem primeiro socorro ao Filho". E assim se fez, e logo abrandou algum tanto a dor. No dia seguinte foi o padre a Nossa senhora a dizer uma missa, e dita ela se foi o irmão lavar na fonte de Nossa Senhora, e logo se desfez e desapareceu o cobrelo, e cessou a dor, no que se viu ser esta obra de Deus, feita por intercessão da Virgem gloriosa, intervindo a oração do padre e a fé do irmão, que me referiu a mim este caso no ano de seiscentos e cinco.**

**(1) É o que no Brasil, atualmente, se chama "cobreiro". A cópia de Évora acrescenta: "doença a que chamam vulgarmente de cobrelo ou colubre" - anais B.N., XIX, 42.**

## **DOENTE DE ASMA**

**Estando o Padre José na fazenda de Magé, distrito do Rio de Janeiro, veio ter com ele um homem, muito maltratado de asma havia muitos anos; o padre lhe disse que fosse beber em uma fonte, que está na mesma fazenda, junto a um engenho, e que rezasse cinco vezes o Padre Nosso e cinco Ave Marias, à honra das cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo, e que logo seria são. Fê-lo assim, e incontinenti sarou, sem nunca mais lhe tornar o mal. Este homem é morador no Rio de Janeiro, por nome Baltazar Martins Florença.**



## **ALEIJADO QUE ANDAVA EM MULETAS**

**Outro vizinho da mesma cidade, por nome Francisco Domingues, jura em seu testemunho que andando em muletas, por não poder dar um passo sem elas, foi ao Colégio visitar ao Padre José, o qual mandou que deixasse as muletas; e dizendo que não podia andar sem elas, o padre lhe deu um bordão. Deixou as muletas e levou o bordão, e daí por diante se foi achando bem, até que de todo sarou, sem lhe vir mais a dita doença; mas o bordão ainda traz consigo em memória do benefício recebido de Deus, por orações de seu servo José, e o mostrou quando deu este testemunho diante do administrador Mateus da Costa Aborim.**

## **DE UM EXCOMUNGADO**

**Outra vez vindo o padre da Bahia, e querendo entrar na Capitania do Espírito Santo, se levantou uma mui grave tempestade, que não deixou entrar o navio; disse então o padre: "algum excomungado vem aqui, venha a mim que eu o absolverei".**

**Veio logo um homem Ter com o padre, que tinha tomado um livro da mesa do Governador Dom Francisco de Sousa, e publicando-se carta de excomunhão, não quis sair a ela. Deu o livro ao padre e recebeu a absolvição. Cessou a tempestade, e acudiu vento em popa que o meteu pela barra adentro.**

## **AMANSA UM BOI BRAVO**

**Foi o Padre José com o Padre Vicente Rodrigues, a confessar a gente da fazenda e engenho de Magé, que pouco há nomeamos; andavam para meter na moenda um boi muito bravo, e não podiam. Chegou-se o padre ao curral, e deitou uma bênção ao boi, com que ficou tão manso que logo se foi à canga, e um negrinho o meteu nela.**

## **NÃO TOCOU O BICHO NA SUA LETRA**

**Até nos papéis e escritos do Padre José, faz Deus maravilhas. O padre Jerônimo Rodrigues, andando na missão dos Carijós, em**

uma carta que escreve ao Padre Provincial Fernão Cardim, da Lagoa dos Patos, a vinte e seis de novembro de seiscentos e cinco, depois de escrever uma perda que tiveram de cartapácios, breviário e outras coisas necessárias, diz assim: "mas consolamo-nos muito, porque vindo entre estes livros que de todo se perderam, algumas coisinhas do nosso bendito Padre José, nenhuma delas se perdeu, e comendo o bicho um cartapácio, tanto que chegou a uma folha onde estava um hino escrito de letra do padre, não foi mais por diante, deixando atrás muitas comidas: Sit nomen Dei benedictum in sanctis suis".

- 
- *Anterior*
  - *Índice*
  - *Posterior*



## **CAPÍTULO QUARTO. DO BARRIL DE AZEITE E DE DUAS TEMPESTADES**

### **DO BARRIL DE AZEITE**

Coisa muito celebrada foi, nesta Província do Brasil, o barril de azeite da casa de São Vicente, o qual por mais vezes que o esgotavam, sempre achavam que tirar, como fonte de pouca água que, em tempo de grande seca, o povo à noite a deixa sem água, e quando vem pela manhã sempre lhe acham alguma. O caso foi este. Sendo o Padre José superior das casas de São Paulo e de São Vicente, na qual residia, sucedeu haver em toda a Capitania falta de azeite, de modo que somente havia um pouco na casa de São Vicente, em um barril ou quarto de dois em pipa. Do qual se provia a casa para comer, e as lâmpadas das Igrejas de ambas as casas, para se alumiar o Santíssimo Sacramento, e além disto os pobres que o vinham pedir para suas necessidades.

O azeite ia mingando, e o Irmão Antônio Ribeiro, que era dispenseiro, ia cada vez empinando mais o quarto até que de todo o deu por acabado, e pedia ao Padre José lh'o deixasse tirar dali para servir de outra coisa. Mas o padre lhe disse que não tirasse do lugar onde estava empinado, antes gastasse dele, e desse aos pobres, porque Deus era pai de misericórdia e o acrescentaria. O irmão assim o fez, por todo aquele tempo que foi um ano ou dois, que não houve azeite na terra, provendo dele as lâmpadas e pobres de toda a Capitania; e cuidando muitas vezes o irmão que o deixava sem gota de azeite, contudo quando tornava, sempre achava quanto bastava para aquela presente necessidade, entendendo todos os que sabiam do caso, que Deus o acrescentava, por orações do Padre José, como se via claramente.

Estando a terra neste aperto de falta de azeite, chegou a nau dos Erasmos, senhores do engenho de São Jorge, situado na dita Capitania, dos quais em outro lugar se tocou, e nela vinha uma pipa de azeite, que aqueles senhores mandavam de esmola aos padres. E tanto que a pipa entrou na dispensa, logo se acabou de todo o azeite do quarto. Do que todo o povo deu muitas graças a Deus, assim por durar o azeite tanto tempo, como por

**se acabar naquela conjunção.**

## **DE UMA TORMENTA**

**Vindo uma vez o Padre José da Vila de São Paulo, para a de São Vicente, estando no alto da serra para a começar de descer, deixa-se vir uma tão escura cerração, que sendo de dia se não viam uns aos outros, e se armou juntamente tão espantoso chuveiro que, se lhes chegara, corriam todos risco das vidas.**

**Rogou então o padre a Nossa senhora, que lhes valesse em tão grande perigo, e logo de improviso se lhes abriu a cerração pelo meio, e se lhes descobriu um caminho por onde desceram abaixo, e se agasalharam em uma choupana. Nisto sucedeu outro perigo da chuva, o restante daquele dia e noite seguinte, e ao outro dia, que foi necessário ao padre valer-se outra vez da gloriosa Virgem, e pedir-lhe desse tempo para poder chegar a São Vicente, como de feito lh'o alcançou a Mãe de Misericórdia e piedade.**

## **OUTRA TORMENTA**

**No ano de mil quinhentos e oitenta e cinco, vindo do Rio de Janeiro para a Bahia o padre Cristóvão de Gouveia, segundo visitador geral desta Província, e com ele o Padre José e outros religiosos, lhes deu uma tão grande tormenta, que os ia lançar à costa nos arrecifes, e todos, até a gente do mar, se davam já por perdidos, e assim deixavam de marear o navio.**

**Os padres debaixo da tolda, se estavam aparelhando para bem morrer, confessando-se uns aos outros. Porém o Padre José estava em cima da coberta, em pé, pegado às cordas do navio, com os olhos no céu, fazendo seu ofício de rogar a Deus pelo remédio e vidas de todos.**

**Neste comenos chegou a ele um irmão, pedindo-lhe o ouvisse de confissão. Respondeu-lhe: "não é agora necessário". Acudiu o irmão: "Por quê? Não se há de perder o navio?" Respondeu o padre: "Não". Secundou o irmão, para se afirmar mais na resposta: "Havemo-nos de afogar, havemos de morrer?" Aqui o padre então, como agastado, levantou algum tanto a voz, dizendo que não. Ao que o irmão disse: "Pois vou lá abaixo, a**

dizer isso aos padres, que estão mui atribulados" - "Deixai, não vades; que se perde em chamarem a Deus?" Aquietou-se então o irmão e se foi deitar sobre um caixão, bem seguro e descansado pelo que ouvira ao Padre José. E de fato, quebrou a fúria da tormenta e o mar sossegou, e deram todos graças a Deus, por se verem livres da fúria do mar e da garganta da morte.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **CAPÍTULO QUINTO. DA ÁGUA CONVERTIDA EM VINHO E DO ÍNDIO RESSUSCITADO**

O primeiro destes milagres, certificou Antônio de Siqueira, escrivão do público e judicial e da Câmara na Vila de Santos, debaixo de seu juramento e público sinal, por estas palavras:

"É verdade que indo eu, os anos passados, em companhia do Padre José de Anchieta para a Vila de São Paulo, indo mais em nossa companhia três ou quatro homens, levava o padre uma cabaça de vinho de mel, que lhe dera um seu devoto, por nome Nicolau Grilo, que podia ter um quartilho de vinho da medida desta terra, que é muito maior que a de Portugal.

E pusemos no caminho três ou quatro dias; e cada dia, bebíamos do vinho ao almoço, jantar e ceia, cada um três ou quatro vezes de vinho, da dita cabaça de água; e quando tornávamos a comer e beber da cabaça, achávamos ser vinho tão bom e melhor do que o deram ao padre, e todos os que ali íamos, claramente vimos que era milagre.

E outrossim, certifico que nesta Capitania, foi público o dito padre fazer muitos milagres, e o tinham por homem santo."

### **BATIZOU O PADRE UM ÍNDIO RESSUSCITADO**

Segue-se o segundo milagre:

Grácia Rodrigues, mulher casada, jurou diante do padre vigário da Vila de Santos que, falecendo um índio em sua casa, por nome Diogo, depois de o ter amortalhado, e a cova aberta, daí a obra de duas horas o vira bulir. E chegando-se ela ao defunto, lhe falou dizendo: "senhora, desate-me desta mortalha em que estou cozido". O que ela logo fez. E assentando-se junto dele, lhe disse Diogo: " mande, senhora, chamar ao Padre José de Anchieta". Ao que ela disse que o padre não estava na vila, mas daí a duas léguas, na casa de São Vicente. Replicou Diogo: "já é vindo, e eu vim em sua companhia até o ribeiro junto a esta Vila de Santos, e aí o deixei por me dizer que viesse adiante". Mandou logo a senhora buscar o padre, e o acharam como Diogo dissera; deram recado ao padre como o índio

**ressuscitado o mandava buscar; veio logo o padre, e o índio lhe disse: "padre, que é do relicário que me mostrastes, no caminho?"**

**E tirando o padre do seio o relicário, o índio se alegrou muito, e praticando com o padre, lhe disse, entre outras coisas, como fora ao outro mundo, e que lá lhe disseram que não ia bem encaminhado, porque não estava batizado, como na verdade se achou não no estar até aquela hora, cuidando ele que era cristão pelo nome que os brancos lhe puseram, quando foram à sua terra dele, e lhe chamavam Diogo.**

**Pedi o índio ao Padre José que o batizasse logo, porque estava de caminho para a outra vida; instruiu então o padre de propósito e o batizou com muitas lágrimas e consolação sua, dizendo que ainda que não viera ao Brasil, para mais que ganhar aquela alma, tivera por bem empregada sua vinda e todos os trabalhos passados.**

**Despediu-se da senhora e lhe pediu desse o fatinho a algum pobre, e lhe mandasse dizer duas missas, e lhe desse uma vela que lhe meteu na mão acesa. Rogou também ao padre se não fosse dali até ele não dar sua alma a Nosso Senhor, cuja era. O que tudo se fez; e ele deu sua alma a Deus nas mão do padre diante de outras pessoas que ali estavam.**

**Até aqui o testemunho que achei nos papéis autênticos. Caso é este raríssimo, e digníssimo de ser por ele glorificada a divina bondade, e que em si encerra outros mui grandes milagres, e singulares favores, que um gentio adulto, morrendo sem batismo, não seja logo lançado no inferno, e que lhe dêem licença para ir buscar quem o batize, e que a alma venha acompanhando o padre, e que dê fé do seu relicário e que o padre o mande de si a se meter no corpo, antes que seja enterrado.**

**Mas tudo são caminhos para se cumprir a divina predestinação, assim como achar o Padre José na praia ao índio centenário, da terra não sabida, e batizá-lo, ou desenterrar a criança que estava ainda palpitando, e batizá-la e morrer-lhe nas mãos.**

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*





## **CAPÍTULO SEXTO. ALCANÇA AO PADRE FRANCISCO PINTO SÚBITA SAÚDE, E LHE PROFETIZA MORTE VIOLENTA POR MARTÍRIO**

### **PROFECIA**

Estando o Padre Francisco Pinto doente na enfermaria do Colégio da Bahia, e em estado que lhe tinham já aparelhado os sagrados óleos, para lhe darem a santa unção, e partindo-se o Padre José, que era provincial, para Pernambuco, se foi despedir dele e lhe disse: "ficai-vos embora, lá darei novas da vossa saúde a vossa mãe e irmãos. Vós quereis assim entrar no céu a mãos lavadas; não há de ser assim. Longa tibi restat via, e tendes ainda muitos serviços que fazer a Deus na Companhia, e não haveis de entrar no céu por morte folgada. Levantai-vos logo e ide ao coro dar graças ao Santíssimo Sacramento, que vos deu saúde.

E virou-se para o enfermeiro, dizendo: "irmão, dai-lhe logo seu vestido". Deu-lh'o, e foi-se e não tornou mais à enfermaria doente.

Depois disto procedeu este padre com muito exemplo na Companhia, de devoção, virtude e zelo da salvação das almas, por espaço de vinte e quatro anos.

### **JORNADA DOS PADRES FRANCISCO PINTO E LUÍS FIGUEIRA AO RIO DE MARANHÃO**

Até que no ano de seiscentos e sete, concluiu sua vida em santos trabalhos, na missão que fez de Pernambuco ao rio do Maranhão, como refere o Padre Luís Figueira, que foi seu companheiro na jornada, na relação que dela fez, que em suma é a seguinte: "corre de Pernambuco para a parte do norte do rio Maranhão, uma grande costa de perto de duzentas léguas, do mar do Brasil, que pertence à Coroa de Portugal, toda povoada de infinitos índios bárbaros e selvagens.

Desejaram muito os nossos padres, de começar a romper esta mata tão espessa, com o modo mais suave, que é indo fazendo pazes com eles, com dádivas de ferramentas e outras coisas

que eles estimam. Para superior desta empresa foi eleito o Padre Francisco Pinto, homem de cinqüenta e quatro anos de idade, excelente língua e grande experiência das coisas do Brasil, onde tirou muitas mil almas para o rebanho de Jesus Cristo e grêmio de sua Igreja. E, sobretudo, religioso de muita prudência e sofrimento, para poder entrar com esta gente, e pôr o peito às dificuldades e perigos que o estavam ameaçando, e que tinha já feito outras quatro ou cinco jornadas. Era mais de singulares virtudes e dom de oração, tão zeloso do aumento da fé e salvação das almas, que todo o Brasil lhe parecia pouco para trazer a Deus. E como tal ele foi o que se ofereceu para esta jornada, e a pediu aos superiores com muita instância, com esperança de fazer a Deus muitos serviços.

É o rio do Maranhão mui grande e muito afamado, que dista cem léguas de outro maior que chamam Orelhana e das Amazonas." O Padre Luís Figueira, mais mancebo na idade, mas de muitas partes de virtudes e letras, com grande fervor e instância procurou e alcançou dos superiores esta milagrosa missão. Partiram de Pernambuco por ordem do Padre Provincial Fernão Cardim, e com licença e ajuda do Governador Geral Diogo Botelho, em janeiro de seiscentos e sete; foram por mar cento e vinte léguas, até Jaguaribe, daí por diante fizeram seu caminho por terra, a pé, com seus bordões nas mãos, acompanhados por alguns índios cristãos, da mesma Nação daqueles a quem iam buscar; caminharam deste modo mais de cem léguas, a maior parte por lamas e atoleiros, por ser no inverno, e algumas vezes descalços por matos e brenhas, sem mais caminho que quanto os índios iam rompendo, com comerem tão pouco que, muitas vezes, não tinham mais com que passar que umas ervas.

Chegaram à serra chamada Ibiapaba, a cem léguas do rio Maranhão, e vendo que tinham diante de si três nações de gentio bravo, por meio dos quais necessariamente haviam de passar, intentaram fazer pazes com eles. Aos primeiro mandaram recado por duas vezes, com seus presentes; não acudiram; e aos segundos da mesma maneira. Os terceiros deram por resposta matarem a todos os índios que levavam o presente, tirando um moço de dezoito anos que guardaram para lhes ensinar o caminho, quando viessem dar sobre os padres.

## **MORTE DO PADRE FRANCISCO PINTO**

**Passado algum tempo, aos onze de janeiro de seiscentos e oito, se deixou descer da serra uma manada destes bárbaros; começam às flechadas aos nossos índios, e arremetem pela banda da choupana, onde o bom padre estava rezando suas horas.**

**Sai o padre à grita, querendo-os pacificar, e os nossos índios a bradar, que aquele era o Padre Abaré que lhes vinha ensinar as coisas do céu, e da salvação das almas; respondiam que não tinham de haver com isso, que o haviam de matar; finalmente, matando primeiro a um índio que o defendia mui esforçadamente, chegando-se ao padre lhe deram com pau tantas pancadas na cabeça, que lh'a fizeram em pedaços, quebrando-lhe os queixos, e deitaram-lhe os olhos fora.**

**Enquanto a briga durava, foi um mocinho gritando, onde estava apartado dali o Padre Luís Figueira: "apressa-te, pai, apressa-te, pai". Que o ouvindo o padre, se meteu pelo mato onde escapou com a vida, posto que os inimigos o andaram buscando para lh'a tirarem, mas não dando com ele, deram volta sobre a choupana e roubaram todo o fato dos padres e da Igreja.**

**Idos eles, saiu depois o padre e ajuntando os índios, se foi com muitas lágrimas onde estava o corpo do Padre Francisco Pinto, e lavando-lhe o rosto e a cabeça, cheia de sangue, terra e feita pedaços, o compôs em uma rede e o levou a enterrar ao pé da serra, com a dor e sentimento que se deixa entender, dando-lhe a sepultura, a que o tempo deu lugar, no meio daquela cega gentildade que paga com morte cruel, a quem por meio de tantas incomodidades e trabalhos, lhe vinha oferecer a vida, a vida da alma.**

**Tal foi o fim daquela jornada que parece que não quis Deus por ora tirar dela outro fruto, mais que cumprir os desejos de seu servo, que era dar a vida pela obediência, em seu serviço, e salvação das almas.**

**Poderosa é a divina bondade e misericórdia, para em algum tempo criar desta pequena semente uma formosa seara de gente cristã, de que, muitos grãos se venham a recolher, em os celeiros da glória. O pau com que estes gentios mataram este bom padre, com os sinais de seu sangue, trouxe o Padre Luís**

**Figueira, e está guardado neste Colégio da Bahia.**

**E finalmente desta maneira, depois de vinte e cinco anos, se cumpriu a profecia do Padre José: "longa tibi restat via. Não haveis de entrar no céu por morte folgada".**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **CAPÍTULO SÉTIMO. DE COMO OBEDECEM AS AVES AO PADRE JOSÉ**

**Não se contentou a divina bondade, de honrar a seu humilde servo, com o fazer amado e respeitado dos homens, como por tantas vias até aqui se tem mostrado, mas ainda quis que dos mesmos brutos animais tivesse testemunho sua santidade, fazendo que a seu modo o reverenciassem, não somente as aves, posto que por natureza são esquivas, mas também as feras, bravas e montezinhas, que a ninguém guardam cortesia, antes andam buscando ao homem para lhe beberem o sangue, como se com juízo e discurso souberam fazer diferença, entre este servo de Deus e o comum dos outros homens.**

**Porém o certo e verdadeiro é que outro juízo soberano, e braço poderoso, a que ninguém pode resistir, queria por este modo, tão singular e sobrenatural, dar a conhecer ao mundo a virtude do santo Padre José, para que, sendo de muitos invejada e conhecida, pudesse ser de muitos imitada.**

### **DE PASSARINHOS**

**Disse um padre antigo desta Província, que havia mais de trinta anos ouvira sempre dizer a padres e irmãos nossos, e a pessoas de crédito, seculares, que quando o Padre José andava de caminho, algumas vezes chamava com a mão os passarinhos, dizendo: "põe-te aqui e louva a Deus". Obedeciam de davam sua música no dedo. E então os despedia, com dizer: "já louvaste a Nosso Senhor, vai- te embora".**

**Também na casa do Espírito Santo, comumente se dizia que, estando o padre à janela do seu cubículo, lhe faziam a mesma festa as andorinhas. Venhamos agora aos casos e testemunhos particulares.**

### **ROLAS**

**Estêvão Ribeiro, morador na vila de São Paulo, jura ter ouvido dizer que andando umas rolas comendo, no refeitório da casa de São Vicente, os moços as lançaram fora, mas que o padre, pelejando com os moços, as tornara a chamar, que viessem**

comer, e que vieram.

## **CANÁRIO**

O Padre Gaspar de São Pérez, valenciano da nação, diz assim no seu testemunho: "Eu vi com os meus olhos, na Capitania do Espírito Santo, que pregando o Padre José em dia do Espírito Santo, em a nossa casa, veio voando um passarinho como canário, e se lhe assentou sobre o ombro esquerdo, e foi-se depois que o padre o enxotou a segunda vez, mansamente".

"Disse-me também o Padre José (diz este mesmo padre): 'quereis que vos diga, Gaspar? Nesta terra dizem que eu faço milagres e que chamo os pássaros e que vêm a mim. E foi que, vindo eu em um navio, voava sobre ele um pássaro destes do mar. Então estendi o braço e o pássaro pousou nele, fazei de conta como se houvera de assentar em outra parte. Também dizem que me viram levantado no ar...'

E não me lembra que saída me deu a isto. Mas não negou o estar levantado". Até aqui são palavras do Padre Gaspar de São Pérez.

## **UM PASSARINHO PINTADO**

Quando Afonso Sardinha, morador na vila de São Paulo, trata em seu testemunho do voluntário cativo em que Padre José se foi meter, para efeito de fazer as pazes com os tamoios, diz assim: "ensinava a doutrina aos gentios, e depois tomava seu breviário e se ia pelos matos, a rezar, e em rezando lhe vinha um passarinho, muito formoso, pintado de cores, andar por riba dos ombros, braços e livro".

## **CORVOS MARINHOS**

Quando fazia a pescaria de que em outros lugares tratamos, andavam corvos marinhos, gaivotas e outras aves, molestando os índios que salgavam o peixe, com grande sobejidão. O Padre José que ali andava falou com elas na língua brasílica, dizendo: "apartai-vos daqui vós outras aves, e não sejais sobejas (1), que quando nos formos daqui vos deixaremos vosso quinhão".

Dali por diante não enfadaram mais os moços, mas, afastadas e quietas, como se foram capazes de obediência, esperavam que acabasse a gente o serviço, e então acudiam a comer o que achavam.

(1) Sobejas, isto é, “inoportunas”. Sentido obsoleto. Cf. acima: sobejidão, isto é, “excesso, impertinência”.

## GUARAZES FAZEM SOMBRA À CANOA

Ia o padre em uma canoa, atravessando a baía do Rio de Janeiro, para a cidade; o companheiro que ia detrás do Padre José, queixava-se da grande calma. Nisto viu o padre uns três ou quatro guarazes, que são aves como frangas de cor vermelha finíssima, postas em uma árvore, e disse-lhes pela língua: “ide chamar vossas parentas, e vinde-nos aqui fazer sombra”.

E logo estendendo os pescoços deram um grito, como que diziam que sim, e foram-se voando; dali a pouco espaço veio um grande bando delas, e ajuntando-se em uma nuvem, foram fazendo sombra à canoa por obra de uma légua, enquanto a sombra foi necessária. E em entrando a viração, o padre lhes disse que bastava, ao que responderam com grande grita, como que se despediam e se foram.

Em ambos estes casos, foi companheiro do Padre José o Padre Pero Leitão, que o jurou em seu testemunho, diante do Padre Provincial Fernão Cardim e de outros padres, dos quais eu era um.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **CAPÍTULO OITAVO. OBEDECER AO PADRE JOSÉ AS ONÇAS, BUGIOS E VÍBORAS, E DO CASO RARO DA MARÉ**

### **ONÇAS**

Na comarca do Rio de Janeiro, desta banda do Norte sobre o Cabo Frio, há uma praga de onças de diversas castas, mui cruéis, umas pela cinta grossas e ruivas ou pintadas, outras negras pelo meio, e delgadas que são tigres verdadeiros; também dizem que há leopardos, todos mui bravos e ferozes. Passando por esta paragem o Padre José um dia, com alguma gente, depois de feita a choupana e agasalhados todos, se saiu de noite fora da casinha, e se deteve por grande espaço de tempo; tornando a entrar, tomou um cacho de bananas (certa fruta da terra), e partindo-o o lançava fora, e dizia pela língua da terra: “tomais vós outras”. Sem se ver com quem falava.

Perguntando-lhe o irmão, seu companheiro, a quem dava as bananas, disse que àquelas suas companheiras. E quando foi pela manhã viu o rastro de duas onças, que estiveram com ele assentadas no lugar em que o padre estivera em oração, e depois de acabada o acompanharam até à porta da choupana. Outra vez, estando o padre naquela pescaria de que por vezes falamos, apareceram da banda de além, de um braço de água, duas onças, e se puseram a olhar para a gente que estava salgando o peixe. Disse então o irmão que folgara de as ir lá ver; o padre lhe respondeu que acabando o que estava fazendo, as iria ver.

Neste comenos se iam dali as onças, mas o padre lhes bradou, pela língua brasílica, que tornassem dali a pouco para as irem ver. Elas obedecendo, tornaram ao tempo em que os índios tinham acabado o serviço. E as foram ver de perto, em duas canoas, estando elas quedas, e o padre lhes lançou o quinhão de peixe que lhes levava. E assim se foram contentes.

### **BUGIOS**

Acabada a pescaria, se foi o Padre José com seu companheiro e gente, para a aldeia de São Barnabé; e os índios no caminho mataram um bugio grande de barba, com uma flechada; e logo



ao grito que deu, acudiram outros muitos, e os índios começaram a matar neles para comerem. O padre lhes mandou que não matassem mais, mas que se fossem desenfadando com eles de palavra. E aos bugios disse na língua da terra: “vós outros acompanhai vossos defuntos”. O que eles fizeram, gritando e pranteando a seu modo, falando e fazendo momos aos índios, uns pelo chão e outros saltando de árvore em árvore, por espaço de duas léguas até chegarem perto da aldeia. Então lhes tornou a dizer o padre que não fossem mais por diante, porque os não matassem os índios da aldeia, a que logo obedeceram, não passando mais dali.

## DE DUAS VÍBORAS

Indo o padre por um caminho, a pé e descalço, como costumava a caminhar, encontrou com uma víbora, e o companheiro se afastou depressa. Chamou-a o padre, e disse à víbora que esperasse, e esperou; e chegando a ela lhe pôs o pé em cima, dizendo: “morde-me aí esse pé, e vinga as injúrias que tenho feito a teu Criador”. Levantou ela o colo e meneou a cabeça para uma e outra parte, mas não no mordeu. Deixou-a então o padre e disse-lhe: “vai-te embora, não faças mal a ninguém”.

Semelhante caso aconteceu ao padre com outra víbora, como relata em uma certidão Luiza Fernandes, dona viúva, moradora na cidade da Bahia, por este modo.

Estando ela em sua fazenda, se acharam um dia uns índios da aldeia de Santo Antônio e m sua casa, e armando entre si práticas sobre as coisas do Padre José, entre outras coisas contou esta um deles, por nome Cristóvão; vindo, diz ele, com outros muitos, em companhia do Padre José, achamos no caminho uma víbora muito peçonhenta; fugimos dela todos, mas o padre nos disse que não fugíssemos; tornamos.

E o padre chamou a víbora e veí a seu chamado; assentou-se e tomou-a com sua mão, e a pôs no regaço, afagando-a; tomou disto motivo para falar aos índios de Deus e lhes encarecer como todas as coisas, até aquele animal tão feroz, obedeciam a quem obedecia e guardava os mandamentos de Deus. E passado algum tempo nesta prática, deitou uma bênção à cobra, e mandou fosse quietamente, como fez; e os índios continuaram

**seu caminho com o padre, maravilhados do que viram e louvando a Deus nas maravilhas de seu servo.**

## **DO MILAGROSO CASO DA MARÉ**

**Darei fim a este capítulo com uma maravilha maior, e mais digna de se dar por ela muitas graças a Deus Nosso Senhor, que todas as passadas, que à obediência dos brutos animais, porque obedecerem uns homens a outros, convencidos da razão ou maior autoridade, coisa ordinária é; respeitarem os animais bravos ao homem, convencidos de benefícios, algumas vezes se viu. Porém ter acatamento e guardar decoro ao homem, o mar e curso da maré, é milagre singular, pois nunca soube este elemento obedecer mais que a seu Criador, ou a algum homem por seu especial mandado.**

**O caso foi este: estando o padre naquela pescaria, desapareceu um dia, sem darem fé dele, por espaço de três ou quatro horas. Foi-o a buscar o companheiro por diversas partes, até que foi dar com ele assentado na praia, em lugar em que chega a maré de baixa-mar, ou de maré vazia, no qual lugar, segundo mostrava p rastro, tinha o padre passeado.**

**Começou de encher a maré, foi crescendo por espaço de seis braças, pouco mais ou menos, e sendo a praia igual, contudo a água não tocou aquele espaço em que o padre passara, e onde estava assentado, antes fez um modo de parede, assim da banda do mar como das ilhargas.**

**Receiava o companheiro de entrar por aquele boqueirão, cercado com muros de água; bradava de fora, e vendo que o padre não acudia, fazia estrondo com paus para o espertar. E quando viu que nem isto bastava, se animou e entrou pelo boqueirão dentro, pegou do padre e o espertou, dizendo: “padre, vamo-nos que é tarde”.**

**Levantou-se o padre, e começou a caminhar e o irmão detrás, mas, sentindo que a água lhe vinha tocando os calcanhares, se pôs diante do padre, que lhe disse: “não sabeis que os ventos e mares obedecem a Deus?” E tanto que saiu fora, a água encheu o boqueirão vazio, e ficou toda igual.**

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## ***CAPÍTULO NONO. DO RESPLENDOR E MÚSICA DO CÉU***

**A quem por tão diversas maneiras, tantos e tão grandes testemunhos teve na terra, em confirmação de sua virtude e santidade, parece que já não faltava mais que ter algum do céu, e dos celestiais moradores. E até com este regalo divino, a bondade infinita favoreceu ao santo Padre José, que na vida mortal e carne fraca, fez uma vida angélica em seu espírito, e na conversação exterior muito exemplar e digníssima de ser imitada.**

**Estando por vezes em oração no seu cubículo, entrava o porteiro com algum recado; e era tão grande a claridade que dentro via, que ficava espantado. Um dia, como outros muitos costumava fazer, veio o Padre José, com o Padre Manuel Viegas, da casa de São Vicente à fortaleza da Bertioga, situada em uma das barras da Ilha de São Vicente, com ocasião de se ver com o gentio maromomi, cuja língua, diferente da geral de toda a costa, começa de aprender e a queria meter em regras e arte, para por si e por outrem, ajudar a conversão destes pobres, em tudo desamparados.**

**E de fato, alcançou o que pretendia com a graça divina, que era fazer um modo de arte, catecismo e doutrina naquela língua. E muito mais alcançou Deus o que pretendia, que era recolher alguns deles no céu, e deixar o caminho feito para os que haviam de entrar, e facilitar esta empresa, aos que a houvessem de seguir.**

**Mandou o Padre José, ao Padre Manuel Veigas fosse buscar algum daqueles gentios, para continuar com sua doutrina; e andou lá dois dias. Entretanto pediu o padre ao hóspede, o deixasse ir dormir a uma ermida de Nossa Senhora, que estava mui perto da fortaleza, obra de trinta passos de distância. Foram com o padre para o agasalharem, na ermida o hóspede e um genro seu, de nome Afonso Gonçalves, com candeia. E tornando a trazer consigo a candeia, o deixaram só às escuras, e se recolheram na torre, onde viviam com as suas famílias. Sendo já alta noite, e estando todos dormindo, só a mulher de Afonso Gonçalves estava esperta, a qual o acordou dizendo: “senhor, acordai e ouvireis uma coisa maravilhosa”. Acordou,**

**levantou-se, abriu uma janela da fortaleza e viram ambos com os seus olhos a ermida, por entre as telhas e porta, e por cima dos flechais, toda com seu alpendre alumiada, com grande resplendor, que os pôs em admiração.**

**Juntamente ouviram uma música tão suave, que o enlevou a ele e tirou de seu sentido, como em seu testemunho jura. E querendo descer abaixo, para ver onde a música se dava, por lhe parecer que a ouvia de longe, imaginando que seria algum navio que viesse entrando pela barra, àquelas horas da noite, querendo descer como digo, se lhe arrepiaram os cabelos com temor, e lhe pareciam que pegavam e tinham mão dele; e assim não se atreveu a ir ver o que era. Durou a claridade e música por bom espaço de tempo, de que ambos ficaram por extremo consolados. Vinda a manhã fizeram diligência pelos moradores da fortaleza, e por sua gente de serviço, se levava alguém lume à igreja; e acharam que não. Falaram então ao mesmo Padre José, e tratando do resplendor e da música que ambos viram e ouviram, a resposta do padre foi obrigá-los, como filhos seus espirituais que eram, não descobrissem a ninguém, o que viram e ouviram daquela claridade e música enquanto vivessem.**

**O que eles pelo amor e respeito que tinham ao padre, guardaram inteiramente, sem o descobrirem a pessoa viva, até aquele dia que era três de outubro de seiscentos e dois anos, em o qual dia, sendo então morador da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, perguntado juridicamente, pelo Reverendo Padre Martim Fernandes, vigário geral da mesma cidade, se sabia coisa da vida do Padre José de Anchieta, jurou tudo o acima dito.**

**E acrescentou o dito Afonso Gonçalves que lhe parecera aquela música e resplendor coisa do céu, assim pelo grande temor que em si sentira, e juntamente muita consolação, como por se ver atalhado sem poder ir ver o que era; e também como o mesmo padre querendo primeiro encobrir esta maravilha, e vendo que não podia, lhes mandou o tivessem em segredo.**

**Bendito seja Deus em seus Santos, e permita que este bem-aventurado seja com brevidade ilustrado, com a beatificação e canonização da Igreja Santíssima Romana, para glória do mesmo Senhor, e proveito dos cristãos, em especial de seus devotos, como merecem tão heróicas virtudes e milagres.**

# LAUS DEO, ET BENEDICTAE VIRGINI CONCEPTAE SINE PECCATO ORIGINALI.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **DOS GOVERNADORES GERAIS DO ESTADO DO BRASIL**

**Do ano de mil quinhentos e quarenta e nove, até o ano de mil seiscentos e nove**

- 1. Tomé  
de Sousa**
- 2. Dom  
Duarte  
da Costa**
- 3. Mem  
de Sá**
- 4. Luís  
de Brito  
e Almeida**
- 5.  
Lourenço  
da Veiga**
- 6.  
Manoel  
Teles  
Barreto**
- 7. A  
mesa do  
Governo  
– o  
Bispo  
Dom  
Antônio  
Barreiros,  
o  
Ouvidor  
Geral  
Martim  
Leitão, e  
o  
Provedor-  
mor  
Cristóvão  
de Barros**
- 8. Dom**

**Francisco  
de Sousa.  
9. Diogo  
Botelho  
10. Dom  
Diogo de  
Menezes**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*





## **PROVINCIAIS DA PROVÍNCIA DO BRASIL**

**Do ano de mil quinhentos e quarenta e nove, até o ano de mil seiscentos e nove**

- 1. Padre  
Manuel  
da  
Nóbrega**
- 2. Padre  
Luís da  
Grã**
- 3. Padre  
Inácio de  
Azevedo,  
mártir**
- 4. Padre  
Inácio  
Toloza**
- 5. Padre  
José de  
Anchieta**
- 6. Padre  
Marçal  
Beliarte**
- 7. Padre  
Pero  
Rodrigues**
- 8. Padre  
Fernão  
Cardim**
- 9. Padre  
Manuel  
de Lima**

---

▪ [\*Anterior\*](#)

▪ [\*Índice\*](#)

▪ [\*Posterior\*](#)



## VISITADORES GERAIS DESTA PROVÍNCIA

1. Padre  
Inácio  
de  
Azevedo,  
mártir
2. Padre  
Cristóvão  
de  
Gouveia
3. Padre  
Manuel  
de Lima

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*